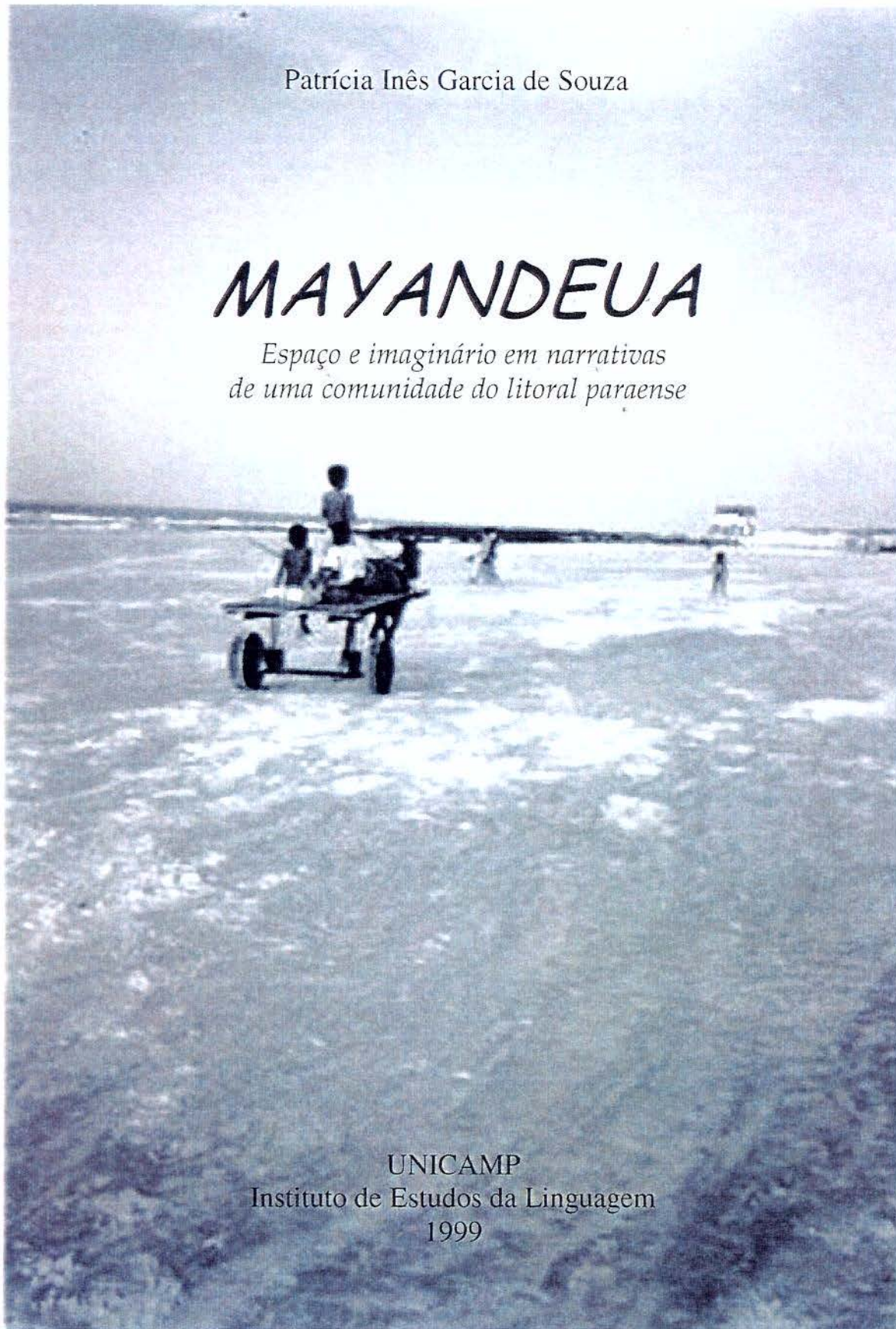


Patrícia Inês Garcia de Souza

# MAYANDEUA

*Espaço e imaginário em narrativas  
de uma comunidade do litoral paraense*



UNICAMP  
Instituto de Estudos da Linguagem  
1999

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

Patrícia Inês Garcia de Souza

**MAYANDEUA:**  
Espaço e imaginário em narrativas  
de uma comunidade do litoral paraense

Dissertação apresentada ao Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teoria Literária

Orientador: Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

Unicamp  
Instituto de Estudos da Linguagem  
1999

UNIDADE	BC		
N.º CHAMADA:	T/UNICAMP		
	So 85m		
V.	Ex.		
TOMBO BC/	40372		
PROC.	278/2000		
C	<input type="checkbox"/>	D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00		
DATA	15/02/2000		
N.º CPD.			

CM-00133195-5

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

So89m

Souza, Patrícia Inês Garcia de

Mayandeuá: espaço e imaginário em narrativas de uma comunidade do litoral paraense / Patrícia Inês Garcia de Souza. - - Campinas, SP: [s.n.], 1999.

Orientador: Francisco Foot Hardman

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Imaginário. 2. Cultura. 3. Tradição oral. 4. Modernidade. 5. Antropologia - Amazonia I. Hardman, Francisco Foot. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Dissertação defendida em 30 / 11 / 1999

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Francisco Foot Hardman – Orientador

---

Profa. Dra. Tânia Alkmin

---

Profa. Dra. Nádia Farage

Este exemplar é a redação final da tese  
defendida por Patricia Inês

Garcia de Souza  
e aprovada pela Comissão Julgadora em  
30 / 11 / 99.

Dr. Francisco Foot Hardman

  
Prof. Dra. EDMÚCES MARIA MORATO  
Coordenadora Geral de Pós-Graduação  
IEL / UNICAMP  
Matr. 26004-5

## Resumo

*Imaginário, tradição, cultura e modernidade* são temas que perspassam esse trabalho para dar o tom e a perspectiva de análise de narrativas gravadas entre habitantes de uma ilha, chamada de *Mayandeuá*, localizada na Amazônia, no litoral paraense. As narrativas selecionadas e analisadas foram antes transcritas e fazem parte de um *corpus* maior de aproximadamente 590 horas de gravação. Elas foram realizadas entre os nativos dessa ilha, durante os anos de 1994-5. Procura-se ler a relação que esses narradores orais possuem com seu meio-ambiente e o espaço-tempo, e, da mesma forma, o sentido dos motivos mais freqüentes nas narrativas, como o da Princesa, com o intuito de se traduzir um aspecto de seu imaginário. O evento, nessa tradução cultural, é um elemento importante para a leitura da temática trabalhada: ele revela a presença do maravilhoso e da surpresa no conteúdo das narrativas. Entretanto, mesmo com a presença do evento no ato da narração e no interior das narrativas, a criação dos narradores não se faz do nada, ela se inspira nos vertígios deixados pela tradição, a qual é, a todo instante, inventada. A historicidade desse imaginário é também nuançada: descrevemos a presença da ilha nos arquivos escritos, revelando o diálogo entre escritores e narradores orais desde uma crônica sobre a ilha de 1886. Além do mais, ler um aspecto do imaginário de *Mayandeuá*, a saber: o motivo da Princesa e dos “encantados” coloca em evidência o senso estético dos narradores ligado a uma ética: a preocupação com a preservação de seu espaço. Esta inquietude se revela no olhar do narrador como uma crise entre o que podemos chamar de *tradição* e de *modernidade*.

*A todos os narradores da Ilha,  
Que me abriram portas, corações e mentes.*

## Agradecimentos

Essa tese é filha do caos. Muitos presenciaram esse parto difícil e foram de inestimável apoio nas turbulentas horas difíceis. São muitos aqueles a quem devo agradecer e espero não ser traída pela memória.

Agradeço à Universidade Federal do Pará (UFPA) e à CAPES pela concessão da bolsa do Programa Institucional de Capacitação de Docentes e Técnica (PICDT), sem a qual não teria sido possível a realização desta dissertação.

Da UFPA, ainda, devo agradecer o valioso incentivo da Profª. Zélia Amador de Deus, minha orientadora de Iniciação Científica que, desde o início dessa pesquisa, me encorajou sinceramente a prosseguir com o estudo das narrativas no Mestrado. Da mesma maneira, meus agradecimentos à Profª. Dra. Socorro Simões, Coordenadora do Programa de Pesquisa *O Imaginário nas Formas Narrativas Orais Populares da Amazônia Paraense*, pelo apoio incontestável.

Agradeço ainda a atenciosa orientação prestada pelo Prof. Dr. Francisco Foot Hardman, que, mesmo tendo se declarado a princípio estrangeiro ao tema, contribuiu sobremaneira para a consecução desta, com indicações bibliográficas precisas e sempre atento aos aspectos mais práticos e realistas do tema, não permitindo que o vôo se perdesse no espaço.

Gostaria ainda de agradecer à Profª. Dra. Jeruza Pires Ferreira pelo forte apoio, e também pelo convite que me permitiu participar do Núcleo de Poéticas da Oralidade da PUC/SP, que me possibilitou a descoberta de novos horizontes na interpretação de *Mayandeua*. E também pelas oportunidades desafiadoras.

Prof. Vicente Salles é outro nome que merece ser lembrado. Sem ele, nada de pistas referentes à escritura de nosso primeiro capítulo, em relação à presença da ilha nas formas narrativas escritas. Agradeço sinceramente suas valiosas indicações e seu apoio a este trabalho.

*“O pássaro, um ninho. A aranha, uma teia. O homem, amizade”* – é assim Blake? Como ninguém é uma ilha, sem meus queridos amigos eu não teria suportado essa batalha: de Belém, Elvira do Valle & Cia., vibrando positivamente; Juscelen, com sua força; Bene

Martins, pelas preciosas dicas; da França, Natalie Rossi, velha companheira de aventuras pelo litoral paraense; e em Campinas, “*só os carregados com uma aflição comum se compreendem reciprocamente. Graças a essa aflição eles formam um círculo e se apoiam mutuamente.*” (do *Diário Íntimo de Kafka*): não posso esquecer do “núcleo Pará-Bahia-Paraíba”, com suas festas memoráveis e papos inesquecíveis. Meu muito obrigada à Irê, Sílvia, Lula, Sandra Luna, Jacqueline, Ronaldo, Renato, Ravel, América, Ana Cláudia Bastos, Valéria, Danilo, Celdon e outros companheiros de guerra e de sala de micros. Agradeço em especial às amigas Valdeci Batista e Marli Furtado, presenças fundamentais nesse processo e ao valioso amigo Acir Dias, pelas conversas e sonhos delirantes. Rita, pelos debates proveitosos; Ricardo, por ter ido até Mefisto; Paco, figura singular, que tem Che Guevara e a liberdade no coração; Marywell, pela leitura de alguns “embriões” de capítulos e pelo incentivo, e Valéria Rachid, pelo apoio final e pelo “odissi”. E também do “núcleo campineiro” agradeço em especial ao pessoal da Vila São João: Cidinha (100! Uma mulher a quem se deve tirar o chapéu!) e Luciano do Amarante, pelo inestimável apoio em minha última mudança: elas, que foram tantas...e de um nomadismo radical e inevitável. E também – não posso esquecer – Vital Alves, querido amigo de horas até bizarras e também cabeleireiro. Me ajudou a não perder a cabeça, só alguns fios...

E já que se falou em “sala de micros”, agradeço o apoio e a paciência do pessoal da informática, em especial, Carlos Bastos e Wilson, que me salvaram inúmeros arquivos e me ensinaram vários truques dessa área. Da mesma forma, o pessoal da publicação, pela ajuda com o *lay-out* do sumário, Zezé, pelas chaves, e Wellington que fez o *scaneamento* das fotos. Helton, da xerox, também ficará na minha memória como alguém importante na execução dessa tarefa: sem cópias, nada de tese. A simpatia e a atenção das bibliotecárias do IEL é para mim inesquecível. E da Biblioteca do IFCH, Luciano foi quem me ajudou em vários achados.

E em Belém do Pará, nenhuma pesquisa teria sido possível sem a dedicação e atenção dos bibliotecários do 3º andar do Centur, sessão de Obras do Pará. Do mesmo modo, a atenção da equipe da Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi me foi decisiva. Quero agradecer especialmente o importante e emocionante depoimento prestado pela geógrafa desse mesmo museu, e coordenadora do projeto *Mayã-Deuá*, em Fortalezinha, Graça Santana, a respeito de Mayandeuá, bem como o livro sobre o Município de Maracanã, de autoria de



Elizel Paixão, ofertado por ela. Da mesma forma, agradeço a atenção dispensada pelo Prof. Romero Ximenes, antropólogo da UFPA, que muito me esclareceu em algumas questões antropológicas, e também da mesma instituição, Prof. Dr. Raymundo Heraldo Maués e, do IFCH da Unicamp, a Profa. Dra. Nádia Farage, também pelo *insight* de uma frase na qualificação que “batizou” um capítulo: “Além no espaço; aquém do tempo”; e também o incentivo e a colaboração da Profa. Tânia Alkmin.

E ainda, a todos aqueles que se prontificaram, sem muita resistência, a relatar seus universos mitológicos: agradeço aos narradores da Ilha de Mayandeua que me revelaram sua versão de mundo para a realização de uma pesquisa de Iniciação Científica, que acabou depois se transformando em objeto de tese. E diga-se de passagem, uma tese feita com o maior prazer e consideração pelo Outro. Sem esse “Outro” esse trabalho não existiria. E também não existiria sem meus pais, Wilson e Rocimar e sem o apoio de minha irmã Sandra Sueli Garcia de Sousa, fundamental em momentos de perigo.

Enfim, agradeço a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente na realização desse trabalho. Agradeço até mesmo as marés e aos bons ventos que me levaram à Mayandeua e que me trouxeram até aqui, e (por que não?) aos deuses todos que continuam conspirando a meu favor!

## Sumário

<b>O caminho.....</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo 1</b>	
<b>Cartografias</b>	
1.1. A ilha no mapa.....	23
1.2. Seguindo pegadas: Mayandeua em notícia.....	35
1.2.1. Sganarello e a descoberta de um “novo mundo”.....	35
1.2.2. Clóvis de Gusmão e <i>Mayandeua!</i> .....	49
1.2.3. Mayandeua e os folcloristas.....	51
1.2.4. Mayandeua no teatro.....	52
<b>Capítulo 2</b>	
<b>Outras fronteiras</b>	
2.1. Imaginário. Cultura. Tradição.....	61
<b>Capítulo 3</b>	
<b>Terra incógnita: “além no espaço, aquém do tempo”. O imaginário de Mayandeua</b>	
3.1. O espaço encantado da ilha, uma topografia da fantástica.....	86
3.2. Reunindo fragmentos: O universo de Mayandeua.....	91
3.3. Os motivos. As imagens simbólicas.....	97
3.3.1. O cavalo-marinho.....	99
3.3.2. O navio.....	103
3.3.3. A princesa.....	106
3.4. Não há palavras para os <i>encantados</i> , <i>caruanas</i> , nem para a <i>gente do fundo</i> .....	114
3.5. <i>Mundiado</i> porque <i>encantado</i> .....	118
3.6. Transgressão nas narrativas.....	122
3.7. Sob o signo do “mau tempo”: “tradição” <i>versus</i> “modernidade”.....	126
<b>Capítulo 4</b>	
<b>Travessia</b>	
4.1. Apresentação.....	139
4.2. Corpus de análise.....	146

<b>Conclusão.....</b>	<b>226</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>229</b>
<b>Apêndices:</b>	
<i>1. Concertos do tempo: vozes da memória.....</i>	<i>237</i>
<i>2. Mapa.....</i>	<i>245</i>
<b>Resumé/Abstract.....</b>	<b>246</b>

## Índice de Ilustrações

1. Turistas na Rua Magalhães Barata, em Algodual.....	22
2. Em Fortalezinha, às margens do tradicional olho d'água.....	60
3. Em Algodual, um vendedor de peixe na lida diária.....	85
4. Rumo à ilha: o encontro.....	135
5. Barco.....	145
6. D. Magah.....	150
7. S. Zinho.....	152
8. S. Chiquinho e esposa.....	157
9. As Senhoras.....	159
10. Os amigos Hermínio e João.....	164
11. Pôr do Sol em Algodual.....	172
12. S. Manduca, tecendo a rede e a narrativa.....	175
13. S. Lauro e D. Coló.....	176
14. Seu Do Reis e sua filha.....	188
15. Em Fortalezinha: pescadores tecendo rede.....	194
16. Vista de Fortalezinha.....	200
17. Caminhos de Fortalezinha.....	205
18. D. Filomena.....	209
19. Transporte típico na Praia da Princesa.....	212
20. Morro do Canta-Galo, na Praia da Princesa.....	215
21. Seu Montana na janela.....	216
22. O cantor e compositor Chico Braga.....	220
23. Lago da Princesa.....	222

**“...Sem Fronteiras. A aventura da liberdade perigosa”.**

**(Helena Jobim in *Trilogia do Assombro*)**

## O caminho

Sou levada pelo pescador até à casa onde mora a velha senhora. Ele é seu neto. Acabara de me contar tudo que sua avó lhe transmitira através dos tempos e das vozes transpassadas pela memória. Ele diz que ela sabe mais do que ele...e é com muito respeito que sou apresentada à velha parteira que não olha mais, mas que vê com muita intensidade o passado da comunidade. A princípio sou estrangeira, ela nada me diz. Pouco a pouco, no entanto, ela começa a abrir seu amplo repertório. Mas o tom ainda é um pouco agressivo: fale-me de bruxaria, de matintaspereiras...seu rosto sulcado pelas muitas narrativas de vida, tensiona. Mas tudo isso passa. E não é preciso muito. Vejo o furor abrandar-se, sendo substituído por uma espécie de tranquilidade, de nostalgia do paraíso, quando lhe pergunto pela Princesa da ilha. O tom de voz agora já é outro, mais suave e, até mesmo, carinhoso. *“A Princesa? Ela vive no reino dela. Eu nunca vi. Não. Muitos viam...agora o caso que a minha mãe contava...que eu sempre ouvia, a princesa, ela estava mudada, quando se vivia no silêncio...ela estava nos banhos, de madrugada, tomando banho, muito bonita, bonita, que quando ela notava que tinha gente...”* As mãos cansadas de D. Magah regem o relato, e de repente, visualizo a narrativa, transportada pelo seu gesto: a Princesa mergulha repentinamente na água cristalina do antigo lago. Fonte da Juventude? Pareceu-me. *“...ela se enfiava dentro da água e não saía mais. É sim. Então é encantado! Minha senhora. O encantado, eu vou lhe dizer, não tem ninguém que diga, isso é da parte...é da parte...é um mistério de Deus que ninguém pode.”* Segue-se um longo silêncio...e acabo achando que nesse vazio inscreve-se também uma história oculta, quase murmurada...

1994 não foi só o ano da implantação do falido Plano Real no Brasil, foi também o ano em que iniciamos nossa pesquisa sobre o imaginário da ilha de Mayandeuá, e presenciamos vários momentos como o acima desenhado. Fazíamos parte então do Programa de Pesquisa Integrado da Universidade Federal do Pará, “O Imaginário nas Formas narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense”, vinculado ao Centro de Letras e Artes dessa mesma Universidade. Este Programa teve seu surgimento em 1993 e prossegue suas atividades até então. Na época, participamos de sua fundação e enquanto bolsista de iniciação científica participamos de momentos fundamentais na história desse Programa, coordenado

principalmente pela Profa. Dra. Socorro Simões. Nossa pesquisa teve início na ilha de Mosqueiro, em maio de 1993, quando então gravamos a primeira fita cassette para os arquivos do “Imaginário...” com narrativas recolhidas entre os nativos da própria ilha, localizada às proximidades da cidade de Belém do Pará, e à beira da Baía do Guajará, sendo constituída de praias de água doce. A seguir, gravamos na cidade de Belém mesmo e depois passamos para a região do Salgado, no município de Vigia, até que em fevereiro de 1994, chegamos até à ilha de Mayandeuá, também na região do Salgado, litoral paraense. “O Imaginário...” tinha por objetivo inicial formar um grande acervo de narrativas, gravadas e transcritas, entre as pessoas da região, e posteriormente, publicar essas mesmas narrativas na Série “Pará Conta”. Desse projeto de publicação constam já três obras: “Belém Conta”; “Santarém Conta” e “Abaetetuba Conta...” e também o livro de contos “Criaturas fantásticas da Amazônia”.

A importância de nos reportarmos aqui ao histórico do Programa “O Imaginário...” é que nossa pesquisa sobre a Ilha de Mayandeuá foi realizada principalmente nesse período, quando fazíamos parte desse quadro. Assim, gravamos entre os moradores de Algodoal e Fortalezinha em fevereiro e em julho de 1994, depois voltamos à localidade em 1995, e ainda continuamos sua frequência, de modo esporádico, até 1997. O *corpus* presente nessa tese de Mestrado foi, dessa forma, recolhido em dois anos de pesquisa (1994-5) e a transcrição do material foi finalizada apenas no início deste ano de 1999: foram 10 fitas que totalizaram cerca de 590 horas de gravação. Das narrativas presentes no *Corpus* recortamos principalmente (e não exclusivamente) aquelas que se referiam ao tema do encantamento da ilha e ao motivo da Princesa. Com isso, pretendemos demonstrar a relação que o narrador da ilha possui com o seu espaço e a função do motivo da Princesa nesse cenário.

É válido nos determos um pouco no perfil desse narrador: tradicional? Moderno? Rótulos são difíceis quando nossos personagens são reais e a realidade dinâmica...Walter Benjamin comenta o tema. Para esse frankfurtiano, houve um momento histórico no início do século XIX, com o surgimento da imprensa e do romance: o fim da narração tradicional. A informação teria destronado o nosso velho conhecido contador de histórias. Seu monopólio teria sido quebrado pela informação, que já vinha toda explicada, destituída da experiência (*Erfahrung*), e marcada pela superficial vivência diária do choque (*Erlebnis*). Narrar com fins

utilitários, para ensinar? Para quê? A imprensa dava tudo isso, desacreditando nosso narrador oral. Além do mais, o surgimento do romance, veio mudar o enfoque coletivo das narrações em grande escala, para a solidão e o isolamento do leitor, um leitor burguês, alfabetizado. Contudo, se uma coisa acarreta outra, de súbito denunciemos as aparências. De fato, isso aconteceu, mas como não há uma só história para todos os povos, podemos dizer que tais constatações não são exatamente como narra o célebre filósofo. Talvez essa transformação histórica revele muito mais sobre o que aconteceu na Europa, do que em países do terceiro mundo, como a África e o Brasil, que possuem, ambos grandes diferenças (culturais, sociais, econômicas, etc.) internas. Mas, sem dúvida, novos rostos vindos da mídia (televisão, rádio, cinema) vieram para destronar o tradicional contador de histórias. Na era da reprodutibilidade técnica e do capitalismo desorganizado, esse narrador não é mais de modo algum o centro das atenções. Tornou-se parte das minorias. Está deslocado, marginalizado, diante de contadores de histórias mais hipnóticos, como a televisão, por exemplo. O efeito disso é que, nos discursos, ele procura sempre se referendar, para ter um mínimo que seja de credibilidade. Suas operações retóricas se tornaram, com isso, mais complexas. Ou seja, nosso narrador “tradicional” não é mais o mesmo do século XIX, é um narrador multifacetado de fins do século XX, que encena seu discurso, nas poucas horas que algumas pessoas lhe dão atenção. Encena um texto que, por sua vez, não é mais original, ele próprio, pode-se dizer, é tradução de um fragmento. O narrador se torna o tradutor de uma “tradição”, que também é móvel, inventada a todo momento. O passado é indissociado do presente. A evocação de um costume, crença, dança, texto ou motivos passados dialoga com sentidos diferentes no presente. Não há, assim, essência ou pureza de determinada tradição, mas historicidade. E, nesse momento performático, para esse narrador não há problema algum em gravar sua voz no gravador ou em ser fotografado, pois agora os valores são outros. Nenhuma visão de mundo permanece no tempo. Quando o folclore ou outros costumes são invocados por algum tipo de grupo como herança passada, têm sua pureza e a-historicidade inventadas. Os valores são *negociados*<sup>1</sup> entre o que poder-se-ia chamar de “tradição” (inventada) e “modernidade” (as inovações, as tecnologias, etc). Essa *negociação* acontece, por vezes, de forma até inconsciente, sem necessitar de grandes esforços; ou não, às vezes, por trás do conceito apaziguador de

---

<sup>1</sup> BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.



*negociação* se esconde a “agonia de povos inteiros, causada pela doença, violência, escravidão, expulsão do território tradicional e outras misérias que a “civilização” ocidental disseminou pelo planeta<sup>2</sup>.” Algo que não podemos deixar de levar em consideração, sobretudo quando os próprios atores sociais se reclamam disso. E temos aí, de fato, dois olhares: o olhar do narrador entrevistado, em geral, lamenta as transformações ocorridas na ilha, para eles, há a decadência dos costumes. Os “encantados” partiram. Em seu enfoque há uma certa nostalgia de um paraíso perdido. É um narrador que se encontra em crise, temendo que seu mundo se transforme em ruína, como se partilhasse de uma leitura que vê a tradição como algo imóvel, uma matriz original. Já o olhar do analista têm consciência da invenção da tradição e da construção dinâmica da cultura, de modo que o jogo que se percebe entre o que poder-se-ia chamar, por purificação, de “arcaico” e “moderno” só tem sentido enquanto polêmica se passarmos para o terreno sócio-político, quando o conceito de “negociação” ganha ares de neo-liberalismo, acobertando as injustiças sociais e as conseqüências nefastas da globalização. O mundo “sem fronteiras” tornou-se menor, mas ninguém encontrou o paraíso. Se a modernidade trouxe alguns benefícios, trouxe também problemas. Esse “encontro” produziu novos híbridos, novos paradigmas culturais convivendo com as antigas tradições que, quando reinvocadas ganhavam outras versões. A cultura não morreu, nem está desaparecendo, se transforma a todo momento, apesar de todo romantismo que deseja que o tempo pare. Como diz Latour:

“As culturas supostamente em desaparecimento estão, ao contrário, muito presentes, ativas, vibrantes, inventivas, proliferando em todas as direções, reinventando seu passado, subvertendo seu próprio exotismo, transformando a antropologia tão repudiada pela crítica pós-moderna em algo favorável a elas, ‘reantropologizando’, se me permitem o termo, regiões inteiras da Terra que se pensava fadadas à homogeneidade monótona de um mercado global e de um capitalismo desterritorializado [...] Essas culturas, tomadas de um novo ímpeto, são fortes demais para que nos demoremos sobre nossas infâmias passadas ou nosso atual

---

<sup>2</sup> SAHLINS. “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção” (parte I) in *Revista Mana*, 1997, p. 53.

desalento. O que se carece é de uma antropologia disposta a assumir seu formidável patrimônio e a levar adiante suas muitas e valiosas intuições<sup>3</sup>

É válido ressaltar que os dois campos (“arcaico” e “moderno”) se misturam a toda hora no cotidiano do habitante da ilha: ele pode, por exemplo, descarregar de um barco a motor grades de Coca-Cola, diretamente para a sua carroça e depois para o bar, sem se dar conta de que está associando o velho (carroça, barco) ao novo (a multinacional da coca-cola). E, à “boca da noite”, pode relatar “causos” sobre a Princesa encantada da ilha, utilizando-se de um léxico que pode incluir carros e prédios assombrando o lugar.

Quanto ao tema da modernidade, Bruno Latour veio nos mostrar o quanto “ser moderno” foi prejudicial para a crítica e para as outras culturas. O autor observa com propriedade que, durante esses anos, enquanto a crítica se preocupava em *purificar* seus objetos de análise, os híbridos se proliferavam. Para comprovar tal fato, ler o jornal é o bastante:

“Multiplicam-se os artigos híbridos que delineiam tramas de ciência, política, economia, direito, religião, técnica, ficção. Se a leitura do jornal diário é a reza do homem modemo, quão estranho é o homem que hoje reza lendo estes assuntos confusos. Toda a cultura e toda a natureza são diariamente reviradas aí.”<sup>4</sup>

Mas, ainda assim, a mágica da crítica purista consiste em ignorar isso tudo, tentando separar a multiplicidade do real, preferindo não tomar conhecimento de nossa natural polifonia, e fechando olhos e ouvidos para os setores que fogem de sua especialização e que fazem parte inevitavelmente de seus objetos de análise: “*que sejam como se não existissem*”, respondem os analistas, *que romperam o nó górdio com uma espada bem afiada*<sup>5</sup>”, ironiza Latour. E mais: é óbvio que, a cada vez, tanto o contexto, quanto a pessoa humana são constantemente redefinidos, por razões várias, que vão desde a contingência, até fatores socio-econômico-culturais, que as obrigam à transformação. Tendo ciência dos híbridos do real, Bruno Latour propõe como passaporte de análise para essa constatação, até muito óbvia, a noção de *tradução* ou de *redes*:

---

<sup>3</sup> LATOUR, 1996:5 apud SAHLINS, *Op. Cit.*, p. 52.

<sup>4</sup> LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. P. 08.

<sup>5</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 08.

"Mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade, a rede é o fio de Ariadne destas histórias confusas<sup>6</sup>."

As redes são "*ao mesmo tempo reais como a natureza, narradas como o discurso, coletivas como a sociedade*"<sup>7</sup>, diz o doutor em filosofia, procurando abarcar os diversos aspectos do real. Latour sublinha ainda que a hipótese de seu ensaio é que a palavra "moderno" se tornou ineficaz. Isso porque criou-se um conjunto de práticas envolvendo essa noção que precisa ser reexaminada. Se aderimos ao projeto da modernidade, de purificação crítica, continuamos sendo "modernos", a despeito da proliferação dos híbridos. Se decidimos encarar os fatos, notando que a hibridização é a via, deixamos instantaneamente de ser "modernos". Nosso futuro começa a mudar. Nosso passado também, pois o imperialismo, a dominação, a má-fé, por exemplo, seriam todos explicados de outra forma, não como a crítica nos narrou. Com isso, os outros deixam de ser exóticos, pois aí teríamos descido do pedestal falido da modernidade. O problema todo foi o de termos acreditado nessa modernidade e na separação entre humanos e não-humanos. O autor explica os dois conjuntos de práticas:

"O primeiro conjunto de práticas cria, por "tradução", misturas entre gêneros de seres completamente novos, híbridos de natureza e cultura. O segundo cria, por "purificação", duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos, de um lado, e a dos não-humanos, de outro. Sem o primeiro conjunto, as práticas de purificação seriam vazias ou supérfluas. Sem o segundo, o trabalho da tradução seria freado, limitado ou mesmo interdito. O primeiro conjunto corresponde àquilo que chamei de redes, o segundo ao que chamei de crítica. O primeiro, por exemplo, conectaria em uma cadeia contínua a química da alta atmosfera, as estratégias científicas e industriais, as preocupações dos chefes de Estado, a angústia dos ecologistas; o segundo estabeleceria uma partição entre um mundo natural que sempre esteve aqui, uma sociedade com interesses e questões previsíveis e estáveis, e um discurso independente tanto da referência quanto da sociedade<sup>8</sup>."

---

<sup>6</sup> *Id., Ibid.*, p. 09.

<sup>7</sup> *Id., Ibid.*, p. 12.

<sup>8</sup> *Id., Ibid.*, p. 16.

Nosso objeto de análise também é híbrido. Não um narrador imaculado, paralisado por uma tradição imóvel e por uma cultura perpétua, como que “recebida”, mas um narrador oral de final de século, pertencente a uma minoria. Assim, nossa crítica aqui também se deseja plural, utilizando a noção de *tradução* ou *mediação* para refletir sobre narradores, narrativas e imaginário de uma comunidade de pescadores não-isolada de uma ilha na Amazônia. Esse trabalho é concebido, assim, de modo interdisciplinar, conjugando diversas áreas do saber, na tentativa de abarcar esse micro-universo de Mayandeua. E também de questionar as próprias fronteiras da teoria literária: nossa proposta é que não haja fronteiras. A teoria literária deve dialogar com outras disciplinas, já que ela se propõe a ler um texto, que terá sempre o eco do contexto.

Se nossa tradução falhar, não foi por falta de ciência do hibridismo reinante. Esse *hibridismo* reflete diversas questões: não buscaremos nenhuma pureza perdida na cultura, por exemplo, ela será refletida principalmente como *criação* (mas não uma criação do nada) e como *negociação* constante entre valores, como em um movimento de jogo e transformação. Da mesma forma, a tradição, pois como disse Homi Bhabha:

“O “direito” de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever através das condições de contingência e contraditoriedade que presidem sobre as vidas dos que estão “na minoria”. O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição ‘recebida’”.<sup>9</sup>

A cultura não é, assim, um depósito que se acumula e, incólume, se transporta através do tempo e das eras. É transformação constante. Vive somente por ser capaz de se transformar, sendo principalmente compreendida como criação e negociação: Greenblatt, em seu livro *Possessões Maravilhosas*, observa com refinado humor como não foi preciso grande gasto de

---

<sup>9</sup> BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*, p. 21.

energia para que os balineses assimilassem o outro<sup>10</sup>, sendo notável o poder de adaptação das comunidades nos contatos culturais. No capítulo “Outras fronteiras” comentaremos mais detidamente a questão. E, da mesma forma, o tema do imaginário, lido pela ótica do sócio-histórico e da psique-soma de Cornelius Castoriadis<sup>11</sup>. O imaginário também se constitui como a autotransformação constante do instituído, como experiência de evidência, ele precisa de outros discursos para ser ativado, tal como nos mostra Wolfgang Iser<sup>12</sup>. No caso de Castoriadis, o imaginário é ativado pela sociedade e também pela psique. Além disso, sendo uma experiência de evidência, o imaginário se constitui também como a experiência do maravilhoso. Essa *Erfahrung*, no caso de Mayandeu, deixa-se revelar na percepção que o narrador possui de seu próprio espaço. A ilha de Mayandeu, na visão de seus narradores é encantada. A importância dada nas narrativas ao espaço é superior ao tempo, que fica como que “aquém” em seu olhar. O motivo da Princesa corrobora para essa visão da ilha como encantada: a Princesa parece possuir uma função ecológica, de protetora do lugar, revelando uma ética e uma estética na perspectiva dos narradores orais.

O impulso para esse tipo de narração, com a construção completa de uma versão de mundo, parece partir de uma pulsão que todo ser possui de se propor questões filosóficas, para tentar atar o início e o fim enquanto incertezas da vida humana. Castoriadis é quem comenta a capacidade que o homem tem de se colocar questões filosóficas e de respondê-las de modo poético. A resposta, para os narradores de Mayandeu, podemos dizê-lo, constituir-se-á em uma mitopoética. Sendo poética, será por vezes metafórica. Daí que não vamos nos abster de nos impregnarmos dessa poética algumas vezes, para que nossa tradução seja a mais fiel possível.

Feitas essas considerações preliminares, podemos agora levantar a âncora. Inicialmente levaremos o leitor para o *locus* do trabalho: trata-se do capítulo “Cartografias” quando mapearemos a ilha, tanto de seu ponto de vista geográfico, quanto do histórico. Contaremos aí também com o relato de alguns moradores. Essa caminhada servirá para constatar que as míticas histórias sobre *Mayandeu* não são realmente novas.

---

<sup>10</sup> GREENBLATT, Stephen. *Possessões Maravilhosas*, p. 21.

<sup>11</sup> CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição imaginária da sociedade*, 1982.

<sup>12</sup> ISER, Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*, 1996.

Investigando esse item tivemos uma grata surpresa: a ilha não está fora da *litter*-atura. A mais antiga crônica encontrada foi a de 1886, escrita pelo romântico Sganarello, pseudônimo de Pádua Carvalho, jovem jornalista do *Diário de Notícias*. Depois, deparamo-nos com *Mayandeua* em 1929, sob a inspiração antropofágica de Clóvis de Gusmão, que publicou um poema de nome *Mayandeua!* (assim mesmo, com exclamação) Há também os folcloristas: Osvaldo Orico, em 1937, publica o seu *Credices Amazônicas*, e em 1951, é a vez de José Coutinho de Oliveira citar a ilha em seu *Folclore amazônico: lendas*. E uma aparição no teatro de Lévi Hall de Moura também acontece: é a premiada peça *Maiandeua*, escrita em 1944, publicada em 1955 e encenada somente nos anos 70. Vamos nos deter muito mais no primeiro texto (o de Sganarello) e no último (a peça de teatro) pois eles fazem excelente contraponto com as narrativas recolhidas. Os outros textos serão apenas comentados de forma resumida, pois analisá-los com mais acuidade, nos desviaria de nosso objeto principal de estudo que são os textos recolhidos de viva voz e não os escritos.

O capítulo seguinte intitula-se “Outras fronteiras”, nele pretendemos delinear melhor questões como o do imaginário, da tradição e da cultura, mas, como diz Latour: como um banho frio, entrando e saindo dele rapidamente. A seguir, em “Terra incógnita: além no espaço; aquém do tempo. O imaginário de Mayandeua” pretendemos mergulhar no *corpus* das narrativas, comentando seus aspectos principais, referente à questão espaço-tempo e ao imaginário como um todo. Aplicaremos aí as noções abordadas no capítulo anterior. “Travessia” é a segunda parte desse trabalho. Constitui-se da apresentação e das transcrições das narrativas, que é o *corpus* que foi selecionado para a análise.

Nessa viagem rumo à Mayandeua, procuramos diminuir as distâncias. Daí a presença durante todo o trabalho de inúmeras fotografias da ilha, fruto de muitos anos de encantamento pessoal pelo lugar. E, assumindo essa experiência particular de maravilhamento pela sua mitopoética, tomamos a liberdade de deixar como apêndice o pequeno memorial “Concertos do tempo: vozes da memória”, que se constitui em um relato pessoal e literário sobre o percurso que nos trouxe até aqui. É também uma forma de o leitor conhecer um pouco mais sobre a intérprete do imaginário dessa ilha, afinal, quem olha? Quem é visto? Mas sem

grandes pretensões, já que, como disse Bhabha: “talvez não seja este o lugar de terminar, mas pode ser o lugar de começar<sup>13</sup>.”

---

<sup>13</sup> BHABHA. *Op. Cit.*, p. 104.

## Capítulo 1



### ***Cartografias***

Turistas na Rua Magalhães  
Barata, em Algodão.

\*Todas as Fotos: Patrícia Garcia



## 1.1. A Ilha no mapa

Nada de novo sob o sol do Equador, diria o compositor. Chegamos de barco, pisamos em uma fina areia branca e muito quente, como toda praia litorânea. O aspecto paradisíaco lembra também muitas paragens. São coqueiros, dunas, casas de palha, redes atadas à sombra das mangueiras... Mas a idéia de que se trata de apenas mais uma Ilha na linha do Equador é ledão engano. Talvez o desavisado viajante não saiba que em cada ponto de Mayandeuá<sup>14</sup> esconde-se uma história, numa espécie de “topologia fantástica<sup>15</sup>”, narrada pelos seus habitantes.

Situada ao Norte do País, região amazônica, no Estado do Pará, a Ilha de Mayandeuá vincula-se à prefeitura municipal de Maracanã. Este município localiza-se na mesorregião do Nordeste Paraense, microrregião do Salgado, possuindo uma área de 752 km<sup>2</sup>. e distando de Belém 147 km, em linha reta<sup>16</sup>. Sua população foi estimada em 1996 em 25.329 habitantes. Segundo o IBGE, este município está inserido numa das mesorregiões paraenses de maior densidade demográfica do Estado: 14,77 habs./km<sup>2</sup>.<sup>17</sup> E em um total de 5.510.849 habitantes em todo o Estado, de acordo com a contagem populacional realizada pelo IBGE em 1996.

Há controvérsias sobre a data de fundação do município: alguns afirmam que o mesmo teria sido criado em 1833, com o nome de Cintra, tendo mudado o nome para Maracanã em 1897<sup>18</sup>. Outros apontam a data de 06 de junho de 1755 para a fundação do município.<sup>19</sup>

O poeta e contista Elizel Paixão é quem vai mais fundo na pesquisa da história do município<sup>20</sup>, e, para isso, o mesmo acaba por adentrar a história de toda região amazônica, com especial destaque para a microrregião do Salgado. Segundo o autor, a ocupação humana

---

<sup>14</sup> O leitor notará que ora escrevemos Mayandeuá, com *y*, e ora com *i*. É que a escrita mais antiga do termo se dava com *y*, depois com a reforma ortográfica, todos os *y* passaram a ser escritos como *i*. Optamos pela escrita mais antiga, pois, a nosso ver, isso mostra a antiguidade histórica do termo.

<sup>15</sup> O termo é de Gilbert Durand, citado em *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, p. 413.

<sup>16</sup> Conferir a informação em Violeta Loureiro [et alii.], *Inventário Cultural e Turístico do Salgado*, p.8.

<sup>17</sup> Dados sobre o Nordeste Paraense constam também no Jornal “*A Província do Pará*”, suplemento especial com a “*História dos Municípios do Pará*”, Belém, 27 e 28 de março de 1994.

<sup>18</sup> Como Loureiro [et alii.], op. cit., p. 8.

<sup>19</sup> Cf. Jornal *A Província do Pará*, op. cit., p. 124.

<sup>20</sup> Cf. PAIXÃO, Elizel. *Maracanã: meu encanto*, 1994. Embora o autor não seja conhecido, consideramos sua contribuição fundamental para o estudo do Município de Maracanã, e preferimos não ignorar sua obra já que não há outros estudos direcionados exclusivamente para esse Município.

na Amazônia data de oito mil anos, fato comprovado pelas pesquisas em arqueologia. Afirma ele:

Nos levantamentos surge a região da costa-mar do Pará com seus sítios arqueológicos costeiros, formados por depósitos desambaquis (cernambi), comprovando a ocupação de uma civilização muito antiga. Num recente trabalho de pesquisa desenvolvido pelo Centro de Geociências da Universidade Federal do Pará, conclui-se que “o sítio arqueológico encontrado às proximidades do Mota, na praia do marco-Marieta indica que a região foi habitada há mais de cinco mil anos atrás.”<sup>21</sup>

Poder-se-ia até dizer que tal afirmação é muito óbvia, mas truísmos às vezes são fundamentais. Pois o fato é que ainda há quem afirme que a região que se convencionou chamar de “Amazônia”, não teria história e viveria em um imenso vazio de significados. O próprio Lévi-Strauss admite que, desde o século XIX, quando as pesquisas de campo na região foram iniciadas, *habitou-se a ver, em cada pequena sociedade amazônica, um domínio de estudo separado*,<sup>22</sup>afinal, tudo levava para este tipo de leitura: *a diversidade de línguas, a fraca taxa demográfica, o isolamento em que viviam a maior parte destas sociedades, as relações de inimizade entre as tribos mais afastadas. Tinha-se por certo que o modo de vida, a organização social, as crenças, cada uma destas sociedades ilustrava ainda, à sua maneira, condições que prevaleceram na época da descoberta ou na chegada dos primeiros colonos*, afirma o antropólogo.<sup>23</sup>

Felizmente esta atitude começa a mudar. A Arqueologia, a Antropologia e uma outra visão de História, que olha para os vencidos, vêm nos mostrar que, afinal, esse tipo de interpretação mutila a realidade dos fatos; e a preocupação com as datas de fundações são apenas mais um desvio de leitura, fruto de uma concepção errônea de história. Afinal, a história dos povos amazônicos não começa com a chegada dos primeiros colonizadores.

---

<sup>21</sup> Id., Ibid., p. 17.

<sup>22</sup>Cf. LÉVI-STRAUSS, Claude. “Un Autre Regard”, *Revista L’Homme: La Remontée de l’Amazone, Anthropologie et histoire des sociétés amazoniennes*, pp. 8-10.

<sup>23</sup> Id., Ibid., p. 8.

Claude Lévi-Strauss, explorando este “outro olhar”<sup>24</sup> sobre a região, acaba por confirmar a abordagem de Elizel Paixão. De fato, em seus estudos sobre os mitos de algumas tribos amazônicas, o antropólogo já suspeitava que a realidade era outra: ele percebeu, por exemplo, que

A ocorrência de versões próximas de um mesmo mito em distâncias freqüentemente consideráveis implicava, do norte ao sul e do sul ao norte, um remanejamento de pessoas e de idéias que nós ignoramos totalmente ou quase que totalmente. Por outro lado, os mitos recolhidos na Amazônia por Stradelli, Couto de Magalhães, Amorim e outros, provêm de um gênero inteligente, obra provavelmente de confrarias de sábios, tal como pôde existir nas cidades que os primeiros viajantes observaram ao longo do rio.<sup>25</sup>

Mas para que os estudos em relação à Amazônia pudessem decolar era preciso mais do que apenas intuições sem segmento. Primeiramente, afirma o antropólogo, foi necessária a exploração metódica dos arquivos. Eles demonstram que *“movimentos consideráveis de populações e de transformações políticas foram provocadas, mesmo à distância, pela chegada dos Europeus. O período que abrangia o século XVI ao século XIX, sob o qual os etnógrafos de campo se encontravam em impasse, reencontra, assim, sua espessura.”*<sup>26</sup>

Em segundo lugar, a Arqueologia entrou em cena para confirmar a longa história amazônica. Diz o antropólogo:

A fotografia aérea já havia revelado, nos *llanos* do Orenoco, da Bolívia e da Guiana, imensas obras cobrindo dezenas de milhões de hectares, formadas de longos barrancos construídos pela mão do homem e que permitem cultivar a terra ao abrigo das inundações. Aos recursos alimentares juntavam-se os da pesca nos canais que cruzavam os barrancos. Este dispositivo poderia responder às necessidades alimentares da população muito densa, requerida para executar tais trabalhos.<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> Alusão ao artigo já citado do antropólogo, “Un Autre Regard”.

<sup>25</sup> LÉVI-STRAUSS, op. cit., p. 8. Tradução nossa do original francês.

<sup>26</sup> Id., Ibid., p. 8.

<sup>27</sup> Id., Ibid., p. 8.

O antropólogo comenta, ainda, sobre os trabalhos arqueológicos de Anna Roosevelt, que puderam lançar novas luzes sobre a origem das culturas da ilha do Marajó e dos rios da Amazônia, acreditava-se em longínquas influências andinas, mas é bem o contrário, segundo o antropólogo, *ao menos em um sítio, a cerâmica precede de dois milênios. No Marajó e ao longo do Amazonas, os arqueólogos descobrem aterramentos, restos de construções, traços manifestos de trocas comerciais à longa distância, que atestam a existência de agrupamentos que reuniam milhares senão mesmo dezenas de milhares de indivíduos.*<sup>28</sup> Assim, quando se acreditava encontrar na Amazônia os últimos sobreviventes de gêneros de vida e de modos de pensamento arcaicos, encontrou-se, na verdade, sobreviventes de *sociedades complexas e potentes, há milênios engajadas num devir histórico, e que decompôs, no lapso de dois ou três séculos, este trágico acidente, ele também histórico, que foi para estas sociedades a descoberta do Novo Mundo.*<sup>29</sup>

Enfim, após anos de marginalidade científica, a Amazônia e seus habitantes acabaram por reencontrar afinal sua memória, com um redimensionamento histórico dado às diversas culturas que nela se encontram, tanto do ponto de vista etnográfico, quanto do ponto de vista geográfico, já que está provado que a Amazônia dos geógrafos não é a mesma dos etnógrafos.

Desta forma, Mayandeuá também está inserida no contexto histórico do “trágico acidente” a que se referiu Lévi-Strauss, e esse olhar para trás leva-nos até Maracanã<sup>30</sup>, este município que era, nos primórdios, uma aldeia indígena, que, como todas as outras, sofreu o terrível choque do encontro com o colonizador. Segundo Elizel Paixão:

---

<sup>28</sup> Cf. LÉVI-STRAUSS, op. cit., p. 9.

<sup>29</sup> Id., Ibid., p. 9.

<sup>30</sup> “**Maracanã:** ave psitacíforme da família dos Psitacídeos. Cerca de meia dúzia de espécies de maracanãs são conhecidas no Brasil. São aves muito parecidas com as araras, embora de cauda menos longa. De porte médio, todas elas tem coloração verde e manchas vermelhas, azuis ou amarelas. As maracanãs são bastante barulhentas, porém não emitem o característico som onomatopaico das araras. Quando em número elevado, causam estragos às roças de milho. Apesar de viverem bem em cativeiro não são muito apreciadas, devido ao barulho que fazem e pôr não aprenderem a emitir palavras, como os papagaios. (Enciclopédia Barsa). **Maracanã:** Os habitantes do lugar recebem o nome de “maracanaenses”. Maracanã é topônimo indígena e lembra o nome de um pássaro - pequeno papagaio de voz berrante. Daí o nome maracá (chocalho), nã=nana, com o 1º. “n” eufônico=falso”. (Enciclopédia dos Municípios Brasileiros-IBGE)” apud Paixão, op. cit., p. 15.

À margem esquerda do rio Maracanã, a três léguas do Atlântico estava assentada uma aldeia da família tupinambá, cuja denominação significa: “Pequeno papagaio de voz berrante”.

Os Maracanãs apresentavam um estágio progressivo de cultura inter-tribal, segundo estudos preliminares sobre uma ocasional descoberta arqueológica às proximidades do Igarapé Angica, bairro da liberdade, sede do município.

O objeto tinha a forma de uma antropomorfa em cerâmica, decorada internamente com branco, vermelho e preto, guardando um crânio humano de sepultamento secundário. Segundo o Prof. Daniel, do Departamento de Arqueologia do Museu Emilio Goeldi, para onde foram remetidos fragmentos desse material, a datação está em torno de 900 anos. Numa exposição de objetos ceramistas no mesmo museu, onde estivemos pesquisando, encontramos um exemplar similar ao de Maracanã doado por um morador das margens do rio Peixe-Boi, demonstrando um deslocamento geográfico dessa tribo, considerando que Peixe-Boi é afluente do rio Maracanã”.<sup>31</sup>

Ainda segundo as pesquisas de Elizel Paixão, os primeiros colonizadores foram os franceses, que vieram em 1613, provenientes do Maranhão, fato que o autor pôde comprovar pela obra de Ives D’vreux, que escreveu a *Histoire des choses Advenues en Maracanã, ès années 1613 et 1615*. As relações com os Maracanãs pareciam ser amistosas pois, de acordo com Elizel, havia o relato de grandes canoas que embarcavam muitos franceses e *selvagens* (termo utilizado pelo autor). No entanto, em 1615, Jerônimo de Albuquerque reconquista o território ocupado pelos franceses, e expulsa-os da região. Mais tarde, em 1622, os espanhóis chegam a Maracanã, quando a Coroa Portuguesa pertencia à Espanha, por ocasião da doação da então Capitania do Caeté a Gaspar de Souza. A próxima agressão ficou por conta dos Jesuítas: “a Aldeia dos Maracanãs estava incluída nas missões catequéticas”, declara Elizel Paixão. Foi então que sob o comando de Pe. Vieira, aportaram em Belém, em 5 de dezembro de 1652, os jesuítas João do Souto Maior e Gaspar Frago. Em Maracanã, segundo Paixão, “Vieira erigiu uma capela de palma e batizou o primeiro índio (Chefe) Copaubá, o qual recebeu o nome de Lopo de Souza.” No entanto, Copaubá não se mostrou muito dócil ao

---

ideário jesuíta, cometendo muitos excessos, e casando com sua cunhada, o que a igreja dos Colonizadores não lhe permitia. Em 1730, ainda segundo Paixão, Maracanã contava com 1.042 índios, com 11 catecúmenos, sinal de que era antiga com poucos índios novos. Em 1700, foi concedida à localidade a categoria de vila, mas esta só foi instalada em 1757, quando a denominação primitiva foi substituída pelo topônimo de São Miguel de Cintra, que se tornou o santo padroeiro da cidade. Após a expulsão dos jesuítas, Cintra entrara em decadência. Mais tarde, voltou a ser chamada de Maracanã, por decisão do Marquês de Pombal (Maracanã-Cintra).

O Município foi dividido em nove distritos, dentre eles, a ilha de Mayandeuá, que compreende as vilas de Algodal (talvez a vila mais importante, por ter se desenvolvido mais do que as outras e contar com uma população maior); Fortalezinha, que possui este nome por causa de uma Fortaleza construída lá, à época dos Jesuítas, para evitar a invasão estrangeira, Mocooca e Camboinha.

Em 1980, Algodal-Mayandeuá possuía 505 habitantes, tendo se originado em 1653 também de uma aldeia indígena, segundo Elizel Paixão. O distrito fazia parte então das missões dos jesuítas na região.

Segundo a Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia e Meio-Ambiente (Sectam), hoje toda a ilha conta com 1.225 habitantes<sup>32</sup> e pertence à APA (Área de Preservação Ambiental) através da Lei Estadual 5.621 de 27 de novembro de 1990, e reconhecida como Estância Turística, de acordo com a Lei 5.770 de 17 de novembro de 1993<sup>33</sup>. A Ilha é citada inclusive em guias internacionais como: *Lonely Planet* (Estados Unidos) e *Guide du Routard* (França). Algodal-Mayandeuá conta ainda com um plano de desenvolvimento do ecoturismo, com a ajuda das comunidades locais, o chamado “Plano de Desenvolvimento Ecoturístico da Área de Proteção Ambiental de Algodal-Maiandeuá”, concluído em dezembro de 1998, pela Sectam. Se conseguir sair do papel, o plano trará novidades para a ilha, tais como: água encanada, luz elétrica e até mesmo normas que limitarão as edificações na ilha. As construções deverão seguir o exemplo nativo, constituído principalmente de palhoça, taipa e madeira<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> Fonte: Jornal *A Província do Pará*, Belém, 22 de Janeiro de 1999. Sessão “Cidades”.

<sup>33</sup> Cf. PAIXÃO, Elizel. “Algodal de todas as lendas”, *O Liberal*, Belém, 13 Jul 1997, caderno de atualidades.

<sup>34</sup> Fonte: Jornal *O Liberal*, “Paraíso espera por preservação”, Belém, 21 Fev. 1999.

Algodoal-Mayandeuá conta com quatro ecossistemas: praias, grandes áreas com dunas, zonas de terra firme, manguezal e restingas<sup>35</sup>. As principais atividades econômicas do lugar, além do turismo<sup>36</sup> são, segundo a socióloga Violeta Loureiro, as culturas agrícolas, do arroz, da mandioca e do milho, e a pescaria, onde se inclui a pesca do caranguejo e do mexilhão<sup>37</sup>.

Algodoal-Mayandeuá pode ser alcançado saindo de barco a motor, do porto de Maracanã, mas esta opção é a menos utilizada pelos visitantes. A opção mais usada é a travessia realizada via Marudá, município de Marapanim, onde se apanha o barco no trapiche do Bar Maré-Mansa, no bairro do Alegre.<sup>38</sup> A travessia dura 40 minutos e complementa o trajeto feito pela BR-316 e PA-136. Se o plano da Sectam chegar realmente a ser implantado, o acesso à ilha passará a ser feito pela vila do Quarenta, vilarejo que fica em frente aos 2.378 hectares do conglomerado de terras denominado Mayandeuá, sendo 385 hectares da Vila de algodoal e 1.993 dos outros vilarejos. A travessia durará então 7 minutos a remo, ou conforme o Plano elaborado pela Sectam, uma ponte de madeira atravessará o furo do Mocooca, que divide Algodoal dos outros vilarejos da ilha, possibilitando a passagem de pedestres e somente carroças.

Com o decorrer do tempo, talvez por Algodoal ter-se destacado mais, os próprios moradores passaram a dividir a Ilha, chamando de “Algodoal” para a Vila, e de “Mayandeuá” para o conjunto de terras que são separadas apenas pelo furo do “Mocooca”<sup>39</sup>. Alguns nativos prontificaram-se a responder à questão “onde fica Mayandeuá?” para esta pesquisadora. A seguir, alguns depoimentos:

“Aqui é Algodoal. Mayandeuá é do outro lado da Ilha. Entendeu? Aqui mesmo é Algodoal.”<sup>40</sup>

---

<sup>35</sup> Id., Ibid.

<sup>36</sup> Alguns pescadores largaram a profissão para viverem do lucro de Pousadas, principalmente durante a temporada.

<sup>37</sup> LOUREIRO, Violeta [et. Alii], op. cit., p.11.

<sup>38</sup> PAIXÃO, Elizel. *Maracanã: meu encanto*. Op. Cit, 1994.

<sup>39</sup> Sobre esta questão geográfica, cf. a matéria “Paraíso espera por preservação”, *O Liberal*, Belém, 21 Fev. 1999, caderno de “Atualidades”.

<sup>40</sup> José Costa Teixeira; “Zé Mingau”; *Corpus de análise*.

"Pois é...Porque aqui, Mayandeua, é praulá!<sup>41</sup> Acima da Camboinha, que se chama "Igarapé de Mayandeua". É lá que é Mayandeua mesmo!  
(-Mas é ali aquela praia da Princesa? É Mayandeua ali?)  
-É, ali é Mayandeua, de lá daquelas pedras pra lá!"<sup>42</sup>

"É, Mayandeua. É tudo né? A Ilha do Mayandeua é essa inteira tudinho. Agora, aí botaram o nome...botaram o nome aqui, Algodoal, aqui como tem algodão né? Botaram Algodoal. Botaram a Fortaleza. Botaram a Fortaleza né? Sim, botaram aqui, "Rocinha" foi a primeira de Algodoal, "Algodoal-Rocinha", Fortaleza, Mocooca é o fim, o...Camaleão, Camboinha, tudo é aqui... daqui, tudo é a ilha."<sup>43</sup>

O informante mais antigo da ilha, hoje já falecido, senhor Lauro Teixeira, contou-nos que seu pai teve influências na escolha do nome de Algodoal. Consta, segundo esta fonte oral, que no princípio a ilha seria vendida para um senhor de nome Manoel Martins. Ele viera até Algodoal, vira a terra abandonada e resolvera ir até à Marinha para arrendá-la. Depois o intendente fora até o pai do Sr. Lauro (Sr. Murilo era o "chefe político" da ilha) e acabara descobrindo que, caso não houvesse moradores na ilha, ela seria arrendada pelo Sr. Manoel Martins. A resposta de *Seu* Murilo ao intendente fora, segundo *Seu* Lauro, imediata: "*não tem! Mas nós vamos arrumar!*"<sup>44</sup>. O informante recorda que, quando era ainda pequeno acompanhara o pai, recolhendo assinaturas em toda Mayandeua. Seu pai conseguira reunir 55 assinaturas e partira diretamente para Belém embarcando "numa canoa grande chamada 'Barbarela'", e dirigindo-se logo à Marinha. Foi então que um "chefe da Marinha" declarou:

"Sendo assim, não pode arrendar um lugar desses, uma ilha dessas, quarenta pessoas neste lugar, mas é preciso, *Seu* Murilo, arrendar essa praia, essa ilha! Não é praia, é ilha! Pra dá habitação, pra dá.., [pra fazer o que quiser] Se o Sr. quiser arrendar..."<sup>45</sup>

---

<sup>41</sup> Para lá.

<sup>42</sup> João Costa da Silva Filho; "Seu Zinho"; *Corpus de análise*.

<sup>43</sup> Hermínio Alves dos Santos; morador de Algodoal; participou da medição da ilha pela Marinha; *Corpus de análise*.

<sup>44</sup> Lauro Teixeira de Souza, *Corpus de análise*.

<sup>45</sup> *Idem*, *Corpus de análise*.



O intendente da Marinha acabou achando melhor, diante das circunstâncias, arrendar as terras para os próprios moradores, sob a jurisdição, contudo, do Município de Maracanã. Conta *Seu Lauro*:

Assim que foi, aí o intendente lavrou o plano de arrendar, o Ministro da marinha arrendou pra ele, então depois de estar pronto todos os documentos, o capitão da marinha, disse: *"Ih! Qual o nome desse lugar? Dessa ilha lá, pra poder ficar registrado?"*<sup>46</sup>

Foi assim que surgira o nome "Algadoal", segundo o respeitável ancião. Narrando com dificuldades, com sua voz rouca, *Seu Lauro* relata a cena:

"...Tinha muito algodão de seda aqui dentro da praia, sabe? (...) Meu pai se lembrou-se e disse: *"Capitão, Algadoal!"*. *"Tem muito algodão, lá?"* Ele disse: *"tem, nasceu lá na praia, lá dentro da praia, muito algodão"* Aí botaram o nome: "Algadoal", mas é "Algadoal", não é "Gu-duá", o nome não é "Guduá", é "Algadoal!" né? Um nome claro, um nome alegre, e ficou, aí, tá registrado esse nome "Algadoal", assim que foi registrado.

Lauro Teixeira de Souza, mais conhecido como "*Seu Laurinho*", tinha 79 anos na data desta gravação, em Julho de 1994. Na ocasião, falou-nos também da passagem dos jesuítas pela região:

"...é uma ilha aqui. Uma entrada de rio de Marapanim, do lado esquerdo, o Rio de Marapanim é esse aí, o Rio de Maracanã é aquele acolá. Isso aqui, ham! Quando o pessoal vieram, os antigos né? No tempo dos escravos, dos jesuítas, dos...dessas pessoas antigamente isso aqui tudo foi civilizado [por eles], aqui na ponta eles fizeram uma camboa de pedra pra pegar peixe, pra comer, mas a camboa era pequena, eles foram embora daqui pra sempre, mas ali em cima tinha um lugar chamado..."Coruja"! Lá tinha umas freiras bonitas. Lá eles fizeram uma camboa

---

<sup>46</sup> Ibid., p. 50.

muito bonita, os jesuítas, frades né? Essa gente ativa! Porque, nesse tempo, ainda não tinha como pegar peixe, não tinha curral, não tinha canoa, não tinha pesca, não tinha linha, não tinha anzol, não tinha nada”.

Lauro Teixeira contou-nos ainda que quando era garoto, tinha medo de ir em “Mayandeua”. Ele morava em Algodual. O informante pareceu, como alguns outros informantes, fazer também a divisão Algodual-Mayandeua. “Mayandeua”, contudo, não perdeu em seu relato, uma certa aura de mistério, como se fosse uma terra “au-délà”, temida:

Quando eu cheguei lá, que eu era garoto, mas eu tinha medo né? Tava aí no Mayandeua, pessoal do Mayandeua que morava, vinha os filhos desses homens tarrafejar na praia, e nessa noite caiu um grande tempo, chuva e muito né? Muita escuridão, muito relâmpago, muita chuva! Os homens que ficaram no Mayandeua ficaram, não saíam pra canto nenhum, [era inútil] né? Imaginando [os meus filhos] que tavam, que tinham ido pra praia, naquelas barracas [que se acampa], quando foi uma meia-noite, ouviram um grito de vaqueiro, de gado, tocando boi né? Eles tinham muito boi, esse pessoal aqui do Mayandeua....

O historiador e antropólogo Vicente Salles, afirmou-nos ter recolhido uma versão em Janeiro de 1953, que dizia ser “Mayandeua”, a cidade encantada que ficava no fundo do lago, hoje conhecido como “Lago da Princesa”. Esta conotação de “lugar encantado”, esteve sempre presente nos depoimentos, principalmente no do Sr. Zinho, já citado em algumas páginas anteriores.

Elizel Paixão afirma que o nome *Mayandeua* vem do *nheengatu*, palavra tupi que significa “Língua Boa”. Foi a língua da colonização portuguesa na Amazônia. Corresponde, segundo o autor, à língua tupinambá modificada pelo processo de colonização, pois era preciso que o colonizador conseguisse se comunicar com os índios. Misturou-se assim, termos portugueses com indígenas. A palavra “mãe”, por exemplo, foi traduzida para “Mãya”, adicionando-se a isso outros sufixos tubinambás. Nesta estratégia do branco colonizador, segundo Elizel, *“encontramos termos lingüísticos que evidenciam esse aspecto cultural: Mãyaduva, ou Mãyaduba, onde “Duva” ou “Duba” significam “cheio”. Ou ainda*

“Deua”=muitos. Na época das Sesmarias muitos colonos pleiteavam terras na Ilha de Mayanduva, depois Mãyadeua - lugar de muitas mães”<sup>47</sup>.

“Porque toda praia tem mãe, que a minha avó dizia...” disse-me um nativo em Fortalezinha. Talvez ele até concordasse com a interpretação de Elizel Paixão. A idéia de que *Mayandeua* significa “lugar de muitas mães”, é uma interpretação até coerente para a denominação de *Mayandeua*, pois são muitas as narrativas que falam da mãe-do-mato, da mãe-d’água, da mãe-do-Rio, embora, em Algodual-Maiandeua, haja o predomínio da crença na Princesa.

Contudo, a questão fica em aberto. Não podemos afirmar que essa leitura da etimologia da palavra esteja realmente correta. Pois o fato é que ninguém conseguiu desvendar definitivamente o sentido do vocábulo. A questão não chega a ser consensual entre os pesquisadores. O historiador Carlos Roque, por exemplo, afirma que *Mayandeua* é uma “Linda praia cheia de dunas, existente nos limites dos municípios paraenses de Marapanim e Maracanã. O vocábulo significa Lugar dos Maias, o que leva a supor que por ali andaram em emigração, os indígenas Maias. Existe uma lenda que lá há uma cidade submersa, cheia de riquezas sem conta.”<sup>48</sup>

*Mayandeua* guarda a ambiguidade de ser, ao mesmo tempo, uma representação geográfica-histórica única e um lugar plural de misteriosos acontecimentos.

É válido ressaltar assim que, à idéia de ilha (isolamento, vazio, periculosidade) preferimos a idéia de arquipélago. Portanto, não há uma *Mayandeua*, misteriosa, isolada, mas várias. Além do mais, há várias ilhas na Amazônia que possuem um lendário bastante semelhante ao de *Mayandeua*. Em *Padres, Pajés, Santos e festas*, por exemplo, Heraldo Maués, antropólogo da Universidade Federal do Pará, investiga sobre as crenças e representações dos habitantes da ilha de Itapuá, em Vigia, no Pará, uma ilha também considerada “encantada”. Todas elas perfazem “ilhas de história”, como as ilhas do Pacífico de Marshall Sahlins, em seu livro *Islands of History*. E citamos aqui Sahlins para lembrar também que, nesta mesma obra, o autor relaciona história e cultura, demonstrando como a história é ordenada culturalmente de diferentes modos e nas diversas sociedades, e o contrário

---

<sup>47</sup> Cf. PAIXÃO, Op. Cit., p. 64.

também sendo verdadeiro, com a cultura sendo historicamente reproduzida, repensada e modificada na ação de sujeitos criativos. Mas voltaremos ao tema mais tarde.

Na Amazônia, circunscrita etnograficamente, isto é, um território que abrange, segundo Descola & Taylor, uma vasta Região<sup>49</sup>, há vários relatos sobre cidades encantadas no fundo do rio. Várias “Mayandeuas”. A grosso modo, “*os habitantes deste continente etnográfico apresentam sobretudo evidentes traços em comum em sua organização social, seus modos de representação da identidade coletiva e nos sistemas sociais que eles colocam em destaque para daí assegurarem a reprodução simbólica*”,<sup>50</sup> afirmam Descola & Taylor. Há, por exemplo, um “Lago da Princesa”, no Estado do Mato Grosso. No entanto, a comunhão não exclui a diversidade de cada um destes povos. Talvez a história cultural de cada povo é que faça a diferença.

Verificando os arquivos escritos, encontramos a ilha também em notícias de antigos jornais, em poemas e em verbetes de diversos autores folcloristas e em uma peça teatral. Passemos, assim, à documentação da ilha e de seu imaginário nas fontes escritas, que surgem aqui para demonstrar que o imaginário da ilha tem historicidade: não sendo nenhuma criação arbitrária, assenta-se sim na recriação, sob a forma narrativa, de motivos já existentes na história cultural e ancestral da comunidade. Mas motivos esses migratórios, móveis, e constantemente reinterpretados a cada narração.

---

<sup>48</sup> Cf. ROCQUE, Carlos. “Maiandeua” in *Grande Enciclopédia da Amazônia*. p. 1033. O autor segue, neste caso, a opinião de Osvaldo Orico, que afirmou o mesmo em 1937, conforme veremos.

<sup>49</sup> A Amazônia etnográfica “ultrapassa a Bacia Amazônica, ou mesmo a floresta equatorial, para englobar as Guianas, o Orenoco, os *Llanos* da Colômbia e da Venezuela, o Mato Grosso do Planalto Brasileiro e mesmo as terras baixas úmidas da Costa do Pacífico”. Descola&Taylor, “Introduction”, *Revista L’Homme*, op. cit., p. 14. Tradução nossa.

<sup>50</sup> Id., *Ibid.*, p. 14.

## 1.2. Seguindo Pegadas: *Mayandeuá* em notícia.

### 1.2.1. Sganarello e a Descoberta de um “Novo Mundo”

1886. Estamos em plena Província de Belém do Grão-Pará, da *Belle-Époque*. Importante pólo cultural do país, passagem obrigatória de Companhias teatrais européias, Belém do Pará da “*Belle Époque*” estava diretamente ligada ao que ocorria na Europa. Havia bastante poder econômico para isso, graças ao comércio e exportação da borracha. Nem se suspeitava que tal Era pudesse se acabar.<sup>51</sup>

Romantismo. Estamos no auge. Ao menos na cidade de Belém. Pela cidade, ecoava-se também estes ventos, soprado pelas cortes européias, quando ainda não havia soado o *liberté-égalité-fraternité* (e nem nunca chegou a soar de fato). A época clamava por uma identidade, pelo fortalecimento da nação e pela procura de um herói. Floresce então a história, acentua-se o interesse pelo passado e pelo retorno às origens, o culto à língua nativa e ao folclore<sup>52</sup>. Este era, segundo Bosi, “o momento da grande afirmação cultural”. Como não tínhamos uma idade média para fugirmos, buscávamos (e inventávamos) no Índio, a imagem de uma “brasilidade”. Mas, sabe-se, este era um índio europeizado. Como os europeus, os românticos brasileiros buscavam a evasão, escapando dos conflitos com a sociedade para o culto à mãe-natureza, ao Bom Selvagem, a preferência por ermas paragens, o exotismo, o sonho e a imaginação excessiva.

E foi neste clima que, em uma Belém equatorial, plena ainda de mangueiras e açazeiros, que o leitor abriu, num domingo, 14 de novembro de 1886, o *Diário de Notícias*, de propriedade de J. Campbell, deparando-se com uma coluna intitulada “*Folhetim: lendas e superstições - Mayandeuá*”, assinada por alguém de pseudônimo Sganarello. O Folhetim também obedecia aos gostos da época. De acordo com Bosi, “o fato é que o novo público menos favorecido busca algum tipo de entretenimento sendo o folhetim o que melhor responde

---

<sup>51</sup> Sobre a Belém Imperial, e a expansão das atividades artísticas na capital devido ao Ciclo da Borracha, cf. SALLES, Vicente. *Épocas do Teatro no grão-Pará: ou apresentação do teatro de época*, 1994.

<sup>52</sup> Cf. BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*, p. 103.

à demanda e melhor se estrutura no seu nível.”<sup>53</sup> E esse folhetim, sobre lendas e supertições, circulava semanalmente. Desta vez, tínhamos *Mayandeua*.

*Sganarello* era o pseudônimo de Antônio Pádua Carvalho<sup>54</sup>, jovem literato, republicano e abolicionista de 26 anos de idade, que atuava na redação do *Diário de Notícias*, e que realizava pesquisa sobre o folclore.

A distância entre o letrado Pádua de Carvalho e os pajés de *Mayandeua* é grande. Na crônica, descrevendo sua viagem à ilha, o jornalista não deixa de demarcar bem a diferença que o separa do “povo rústico” da região do Salgado. Cedendo à moda da época, que consistia em buscar a originalidade do “popular”, via o povo como o “bom selvagem”, espontâneo e ingênuo. A mitologia da ilha revelava-se-lhe como um dos últimos redutos de uma pureza original que convinha resguardar. Tal visão acabava por revelar uma concepção elitista de cultura, fazendo a enganosa separação entre cultura “popular” e “erudita”, com a emoção do autor surgida da própria distância que o separa dos narradores, como se esses fossem crianças que estivessem numa fase pré-moderna do pensamento: ainda iriam evoluir.

Um texto de linguagem rebuscada como o de Pádua, e pleno de alusões à mitologia, cumpria diversas finalidades não somente estéticas, mas também éticas. À estética romântica correspondia a idéia de se colocar a Província, o Estado, a nação rumo à civilização, conforme a ideologia positivista-evolucionista vigente. O registro do folclore de um povo enfatizava que a nação estava evoluindo, mas tinha também seu passado mítico-lendário, em vias de desaparecimento, como o do Velho Mundo. A Amazônia estava, portanto, no eixo de evolução das civilizações modernas. E o folclore abordado e apropriado desta forma cumpria seu objetivo, tentando verticalizar e matar produções orais que, conforme veremos, estão ainda em plena forma, em plena horizontalidade da criação, já que a cultura é transformação. O morto, portanto, de que fala Michel de Certeau, que os folcloristas do século XIX pretendiam ressuscitar, nunca morreu.

O Folhetim sobre a lenda de *Mayandeua* divide-se em quatro partes. A primeira parte como que ambienta a história. O “eu lírico” da narrativa, *Sganarello*, reconstrói de maneira

---

<sup>53</sup> Cf. BOSI, op. cit., p. 112.

<sup>54</sup> Cf. FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *A Cidade dos Encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia. A constituição de um campo de estudo - 1870-1950*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IFCH-UNICAMP, 1996.

extremamente romântica a jornada que o leva à ilha. Assim, a lua remonta “aos píncaros do céu”, enquanto “as ondas agitadas do Mayandeuá” sulcam o “barco feiticeiro” do viajante. “O frio norte” sibila na Cordoalha, e faz “gemer a mastreação do alígero barquinho”. Ao longe, Sganarello, consegue entrever um ponto branco destacando-se pouco a pouco à medida em que o barco se aproxima da ilha. “Alta noute” se fazia. “As tristes alcyones despendiam” sobre os viajantes “o grito de alerta que ecoava n’aquella immenda solidão”.<sup>55</sup> O narrador constrói, portanto, o clima para o encontro que acontecerá em Mayandeuá com o “primitivo”, equacionando sensações sonoras, como “o concerto do mar” e visuais: “remontava a lua aos píncaros do céu.” A atmosfera de mistério, solidão e até de melancolia está formada. Como se esta barca fosse a mítica Barca de Caronte, levando Sganarello para uma terra desconhecida.

Na parte seguinte, os devaneios do narrador são interrompidos pelo “grito do Mayandeuá dado pelo piloto”. É então que ele avista ao longe a ilha: “*vi que o ponto branco que apparecia ao longe, pequena cirro a surgir das ondas, era um pedaço de ilha de areia branca, onde o luar escorria, dando áquillo tudo um aspecto phantastico.*” O barco lança âncora. O narrador escuta do piloto a “*famosa lenda do Mayandeuá.*”. A visão que se tem é completamente a do exótico, diga-se, o que é tão estranho que não se consegue compreender. A alteridade, assim, é enfatizada: Ele, civilizado, poeta, o Outro, selvagem, primitivo.

“*É crença popular que ahi existe uma cidade encantada*”, afirma Sganarello, na terceira parte do artigo. Os encantados, habitantes dessa cidade, seriam pessoas aparentadas aos humanos, só que sempre brancos, de feições européias. Segundo o estudo já citado de Heraldo Maués, os “encantados” dividem-se em “bichos do fundo”, “Oiaras”, e “caruanas”. Os primeiros seriam diversos animais aquáticos, tais como: cobras, peixes, botos, sapos, jacarés etc., habitando rios e igarapés; as Oiaras assumiriam a forma humana, de modo visível ou através de vozes, manifestando-se mais em mangues; e os caruanas seriam espécies de guias dos pajés, incorporando-se neles e manifestando-se em seus locais de trabalho<sup>56</sup>.

Tudo isso, na crônica, advindo do universo “popular”. O “popular”, diga-se de passagem, ressalta também a fratura que existe entre o autor do artigo e os outros “selvagens”,

---

<sup>55</sup> Cf. CARVALHO, Pádua de. “Folhetim. Lendas e Superstições – Mayandeuá” in *Diário de Notícias*, 14 de novembro de 1886. Arquivo de Microfilmes do Centur, Belém-PA.

<sup>56</sup> Cf. MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia*, p. 190.

traço revelador de um purismo enganoso, como se a classe alta e alfabetizada, e até o clero não participasse de cerimônias “populares” e acreditasse em algumas crenças surgidas entre o povo iletrado, como na idade média. A crônica fala ainda de uma cidade encantada que possui também uma Princesa:

Quantos pescadores, que ahi aportam em busca de tainhas, não têm encontrado pelas praias os rastros de um pequeno, elegante e mimoso pé de moça, que chamam as pégadas da princeza do Mayandeua.

Quantas não tem ouvido dizer que ahi sobre uma rocha branca apparecia sentada em completo estado de nudez, uma moça mais alva do que a areia, com cabellos mais dourados que o sol da manhã, e mais famosa que as madonas de Raphael.

Segundo a pesquisa do antropólogo Raymundo Heraldo Maués<sup>57</sup>, a Princesa encantada do Mayandeua seria filha de Dom Sebastião e teria certa vez aparecido a três pescadores pedindo para ser desencantada, um deles teria de voltar à noite e deveria cortar e retirar o sangue de uma imensa cobra. A cobra seria a Princesa, filha do Rei Sebastião, só que o pescador, na hora em que teria visto a cobra não tivera coragem de cortá-la e fugira. Durante a fuga, teria ouvido uma voz exclamando: “íngrato, redobraste meus encantos!”. O pescador acabara morrendo logo depois, com febre alta. Se a Princesa chegasse a ser desencantada, ocorreria uma inversão: a cidade dos encantados viria à tona e outras cidades, como Belém do Pará afundariam. Trata-se de uma idéia messiânica claramente associada ao sebastianismo português, de acordo com Maués.

Mas voltemos à Sganarello. O autor prossegue sua narração neste mesmo tom, enfatizando o que o povo do Salgado lhe contara: viam moças de cabelos louros próximas a uma rocha; o cantar do galo à meia-noite; o bater de tambor no fundo do rio; e um grande lago de água doce no meio das colinas, que ainda hoje é conhecido como “Lago da Princesa”. Tudo *encantado*, conforme o que lhe contaram.

---

<sup>57</sup> Id., *Ibid.*, pp. 197-8.



Na última parte do artigo notamos novamente a questão da alteridade, com o povo sendo retratado como “rústico”; “humilde”; “submisso”; “supersticioso” e “ignorante”; enfim, como figuras infantilizadas: “os servos da Princesa [que são] n’aquellas imaginaçõesinhas como a santa protectora contra a *mãe d’água*...” Vejamos também o seguinte trecho:

Ahi está na rusticidade da sua vida, longe do boliço de nossa terra, o cantar suave do índio que adora Tupá e o vê manifestado no retumbar dos mares e no silêncio das florestas assombrosas.

Segundo Sganarello, tais crenças são de herança indígena, de pajés, que outrora eram predestinados a viajarem ao “fundo”, passando sete anos para aprenderem as artes da cura, e sob a proteção da Princesa. Isto porque,

O Mayandeua é a cidade encantada dos Caruanas<sup>58</sup>, o encanto dos viajantes, uma paisagem grandiosa de nossa provincia.

Mayandeua e o ritual indígena da pajelança estão assim, intimamente associados, sendo a ilha local de inúmeros rituais:

Os pagés, que tocam maracá e soltam aos ventos as suas canções attrahentes, para chamar as almas dos seus mysteriosos companheiros de alem-tumulo, vivendo na solidão das selvas onde se perdem aos olhos profanos do mundo, são entes respeitados como simi-deuses, espiritos superiores que arrastam a veneração dos patricios.

Entes predestinados a viver sete annos no fundo das aguas, em paizes encantados, tendo por companhia nesse deserto ignorado as sereias, as *ayaras*, as *boiunas* que lhes fallam, têm a propriedade de conversar com os mortos, spiritos videntes, e de

---

<sup>58</sup> CARUANA – “Divindade benéfica e secundária, invocada para obstar malefícios ou desgraças. Os pagés, quando trabalham nos seus ritos e têm de desfazer qualquer feitiçaria, agitam o maracá, fumam o cigarro de tauari, e chamam em seu auxílio os caruanas. Lembram os deuses lares da mitologia romana. São propiciatórios tidos como patronos da família.

“Disque a Chica do Paraná vive botando berundugas no café do compadre Anastácio?...  
É tempo perdido. Nossos caruanas já foram avisados e andam alerta com aquela tipa.”

R. Morais. *O meu dicionário de Coisas da Amazônia*. Apud ROCQUE, Carlos. “Caruana” in *Grande Enciclopédia da Amazônia*. Vol. II, p. 450

ver quando querem a rainha d'essas plagas, a princeza encantada do Mayandeua  
que respeitam e estimam como se estima uma amante fiel e dedicada.

Desta forma, Sganarello em sua narrativa, teria recolhido entre o povo de Mayandeua, uma toada “celígena” que retomava alguns temas ouvidos entre a gente do Salgado e relatados em sua crônica:

Nas aguas do Mayandeua  
Minha barca naufragou:  
Vivi da terra distante  
Onde o bicho me levou.

Vi casas e vi palacios  
Que na terra nunca vi:  
Há cousas nunca sonhadas,  
Há mais bellezas que aqui.

O “bicho” de que fala a cantiga, é o chamado “bicho do fundo”, citado por Eduardo Galvão, em *Santos e Visagens*, de 1955, como “*entidades sobrenaturais que habitam o fundo dos rios e igarapés (...) São descritos à semelhança de seres humanos, e o seu “reino”, uma cidade onde tudo reluz como se coberto de ouro.*” Toda a cantiga, aliás, remete ao mito do tipo Atlântida: alguém é raptado para uma *terra distante*, e lá encontra maravilhas e todo tipo de riquezas, vendo *coisas nunca sonhadas*. Uma terra *au-délà* que se localizaria no fundo do mar, mas não de qualquer mar, *nas águas do Mayandeua*.

Dessa forma, a crônica de Pádua Carvalho inscreve-se no contexto do movimento cultural romântico vindo já um pouco tardiamente da Europa. O romantismo vai se contrapor à uma estética clássica, que pressupunha a oposição entre civilizado e “bárbaro”. A imensa maioria da população era desprezada por seus gestos grosseiros. A cultura das pessoas incultas era considerada uma sub-cultura, indignas de pessoas *comme il faut*, segundo Gusdorf<sup>59</sup>. No romantismo, em tese, pretende-se mudar essa atitude: a literatura do povo (*Volk*) passa a ser valorizada, com a descoberta do pluralismo e da diversidade das nacionalidades em matéria de

---

<sup>59</sup> Gusdorf, *Le Romantisme, Op. Cit.*, p. 300.

arte e de literatura. Na Europa, os irmãos Grimm e outros saem à cata de contos populares, mas sempre com a postura romântica de que era preciso “resgatar” o que estava perdido entre o povo. Segundo Gusdorf, “o espírito nacional e popular (Volksgeist) é um dos suportes da inspiração dos escritores e artistas, poetas e músicos. Nenhum membro da comunidade nacional deve ser considerado excluído da participação a um tesouro da humanidade tão antigo quanto às formas desenvolvidas pelas elites que inventaram as formas refinadas da civilização”. Sganarello também assume essa postura e, ainda tributário de um certo classicismo rebuscado, escreve *Mayandeua*, sem conseguir, contudo, diminuir as distâncias.

Assim, Pádua Carvalho, buscava na lenda “a história dos tempos primitivos da pátria”, pois era preciso *resgatar* (como pregavam os folcloristas do XIX) esses “contos perdidos na imaginação do povo do salgado”. O folclore, nessa época, era lido como algo que pretendia salvar *a beleza do morto*<sup>60</sup>, isto é, registrar as lendas, pois elas estavam em vias de desaparecimento, como as do Velho Mundo. Registrar significava cristalizá-las colaborando, por outro lado, com a morte delas, e enterrando-se, assim, produções vivas. Segundo Certeau, o interesse dos intelectuais pelo assunto, na “*belle époque* do folclore”, no século XIX, traduzia, na verdade, uma vontade de dominação do povo, encarando-o, mas domesticando-o, e afastando, desse modo, uma possível ameaça popular<sup>61</sup>. Além do mais, ao buscar a *cultura popular*, afirma Certeau, “a curiosidade científica não [sabia] mais que [repetia] suas origens e que [procurava], assim, não reencontrar o povo.”<sup>62</sup> Essa origem consiste justamente no gesto que retira a literatura ou a cultura do povo, reservando-a ao interesse de letrados e amadores, e, julgando-a “em via de extinção”, dedicam-se assim, a preservar as ruínas, vendo com tranquilidade o aquém da história, “o horizonte de uma natureza ou de um paraíso perdido”, segundo Certeau.<sup>63</sup>

O termo *folclore* surgiu na época do folhetim de Sganarello. Durante o século XIX, era de positivismo e evolucionismo. Mais exatamente, em 1846, criado por W.J. Thomas<sup>64</sup>. Etimologicamente *Folklore* vem de *folk*, “povo”, e *lore*, “saber”, referia-se, segundo Zumthor, a um conjunto de costumes. Acreditava-se então que a humanidade possuía uma infância

<sup>60</sup> Cf. CERTEAU Michel de, “a beleza do morto” in *A Cultura no plural*, p. 55.

<sup>61</sup> Id., Ibid., p. 69.

<sup>62</sup> Id., Ibid., p. 56.

<sup>63</sup> Id., Ibid., p. 56.

mental. Os povos denominados “primitivos” estariam em evolução, em uma fase ingênua do pensamento. Como as “raças” iriam evoluir, muitas “lendas” se perderiam, daí que era preciso “salvar o que estava para morrer”. Muitas produções artísticas vivas, foram, assim, sepultadas sob o nome de folclore, ocorrendo assim, um movimento de verticalização da chamada “cultura popular”, ou do que Antônio Risério chamou de “texto criativo”<sup>65</sup>.

Este aspecto do conceito de *folclore* acabou, assim, gerando muitos preconceitos que é preciso enfaticamente superar. Pois, como afirma Risério:

São mais do que estreitos os vínculos entre o conceito de “folclore” e a discriminação social. Aquele nasceu quando intelectuais europeus, acreditando numa evolução gradual e linear da sociedade, montaram em suas cabeças uma sequência de estágios desse processo evolutivo, geralmente em analogia com as etapas do desenvolvimento biológico dos seres humanos. Dividiu-se a história em fases, com a identificação de traços característicos de cada uma delas. Mas acontecia que, no movimento concreto de sua vida, uma sociedade que alcançara um estágio “x” de evolução, seguia apresentando fenômenos culturais típicos de um estágio anterior. Para resolver a dificuldade, esses fenômenos foram definidos como resquícios arcaicos (reminiscências de estágios ultrapassados; coisas setoriais que não haviam acompanhado a evolução geral da sociedade) e agrupados sob o título geral de “folclore”. Por trás desta especificação, vamos encontrar o preconceito. “Folclore” é coisa de gente inculta, de “primitivos contemporâneos”, historicamente atrasados.<sup>66</sup>

O olhar folclorizante vê o outro até como um ser inferior, ingênuo. É o exótico que, segundo Risério, “vem do grego, *exotikós*, fora do campo de visão...”<sup>67</sup> Até então olhou-se para os textos de cultura, com desdém, como se essa fosse uma produção inferior. Ou mesmo nem se viu, fingiu-se ignorar sua existência. Diz o irônico Risério:

---

<sup>64</sup> Cf. ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*, p. 22.

<sup>65</sup> Cf. RISÉRIO, Antônio. *Textos e Tribos: poéticas extraocidentais nos trópicos brasileiros*, p. 21.

<sup>66</sup> Id., *Ibid.*, pp. 98-9.

<sup>67</sup> Id., *Ibid.*, p. 71.

...por mais que possa ser contemplado com “amor”, o texto estranho jamais deixará de pertencer ao reino da curiosidade, da extravagância, da sobrevivência ‘arqueológica’, do exotismo. Pode até ser considerado belo (como era bela, *apesar de morena*, a personagem do cântico de Salomão) e incorporável vantajosamente a uma obra que se esteja erguendo no bem demarcado sítio da “arte superior”, mas permanecerá essencialmente “pterodáctilo”, carregando em sua substância uma rudeza ingênua, coisa de pedra áspera orvalhada *in illo tempore*..<sup>68</sup>

Por outro lado, não se pode simplesmente descartar a importante contribuição dos folcloristas para os estudos da oralidade. Pois se assim fosse, estaríamos nós também sendo preconceituosos e parciais. Estamos no final do século, atualmente o conceito se desdobrou. O Dicionário de Leach, em 1949, segundo Zumthor, “dava pelo menos trinta e três definições diferentes de *folclore*!”

A compreensão que os estudiosos têm do termo varia “segundo eles limitem o seu emprego a fatos da língua (...) ou o façam abarcar toda espécie de comportamentos e atividades” de acordo com Paul Zumthor. Ainda segundo o medievalista, atualmente atribui-se ao folclore a perspectiva de um “folclore-em-situação”, considerando-o um “processo de comunicação”, em sua acepção mais ampla. Procura-se, desta forma, superar a verticalidade da visão folclorista, e o preconceito decorrente desta posição. Peter Burke reforça a posição quanto ao “folclore” e à “cultura popular”:

Temos uma enorme dívida para com os homens que tiraram tudo o que conseguiram da casa em chamas, coletando, editando e descrevendo. Somos os seus herdeiros. No entanto precisamos encarar criticamente essa herança, que inclui, além de bons textos e idéias fecundas, corruptelas e interpretações errôneas. É muito fácil continuar a ver a cultura popular através das lentes românticas e nacionalistas do início do século XIX.<sup>69</sup>

---

<sup>68</sup> Cf. RISÉRIO, Op. Cit., p. 98.

<sup>69</sup> Cf. BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*, p. 44.

Felizmente estávamos no século XIX. O sentido da palavra *folclore* se multiplicou, e a atitude dos pesquisadores, de modo geral, também, com outro tipo de leitura dado ao objeto: não mais produção exótica, inferior, ao menos em nosso trabalho, apenas narrativa, sem julgamentos de valor nem dicotomias entre oral e escrito. Conforme nossa própria pesquisa, o que Sganarello narrou como ‘em vias de desaparecimento’, como nos trechos:

Pude assim contemplar a magestade do Mayandeuá tão diferente do que foi outr’ora. (...)

N’aquelle tempo em que os pagés ahi iam buscar a virtude de curar, em que as crianças que passassem pela ilha ficavam encantadas e sumiam-se das mães, algumas para sempre, outras para serem encontradas mysteriosamente nas costas do Mayandeuá; n’aquelle tempo ainda as trepadeiras, ajuruseiros; cajueiros, que sobre o cume das collinas areentas formam soberbos caramanchões, não haviam tomado a ilha e deixavam n’a limpa para encanto dos que avistavam-n’a de longe.

continua em plena atividade, com as constantes transformações culturais, é claro; e a gravação de narrativas – está provado – não é uma ceifeira e sim uma importante aliada no estudo dos traços culturais de um povo.

Mas detemô-nos um pouco mais no texto de Sganarello. Escrito em moldes românticos (e aqui nos referimos ao movimento cultural romântico, sem nos restringirmos à escola), o próprio signo da viagem (real ou imaginada?) feita pelo narrador já é indício desse romantismo. As viagens românticas são indícios de uma procura, com o exterior servindo somente para justificar um estado de alma interior. Pois, como diz Gusdorf, “*as viagens, reais ou imaginárias, são procuras de uma verdade dispensadas no espaço, peregrinações simbólicas cujo destino final não é o centro do mundo, nem muito menos o fim do mundo, mas o centro da personalidade do viajante (...) o amator de viagens escritas ou vividas sonha estar alhures para estar de outra forma*”<sup>70</sup>.

---

<sup>70</sup> “les voyages, réels ou imaginaires, sont des recherches d’une vérité dispersée dans l’espace, pèlerinages symboliques dont la destination finale n’est pas le centre du monde, ni non plus le bout du monde, mais le centre de la personnalité du voyageur (...) L’amateur de voyages écrits ou vécus rêve d’être ailleurs pour être autrement” in GUSDORF, Georges. *Le Romantisme I*, p. 388.

*Ailleurs ce sera toujours mieux*, diz Rimbaud. Sganarello, assim, mostra-se um narrador distraído, enlevado pela paisagem, que, numa viagem noturna, navega rumo à Mayandeuá, um *ailleurs*, para o leitor da época da borracha. O narrador aportará numa ilha misteriosa, desconhecida e, por isso, a narrativa prepara o leitor para essa descoberta. O “barco feiticeiro” de Sganarello chega até a voar nas vagas, para que esse efeito se produza:

Ao longe, muito ao longe, na esteira das ondas peregrinas, lá no cabo do horizonte que demandávamos, pequeno, quase imperceptível como uma fumacenta vela longinqua ou uma aza de garça roçando nas maretas distantes, divisávamos um ponto branco que avultava pouco a pouco á proporção que a barquinha voava ás sopapadas das vagas de revez ao soprar gigante da ventania.

Sua crônica prossegue ressaltando que, outrora, no tempo dos pajés e antes das transformações ocorridas com a paisagem, crianças sumiam-se de suas mães para sempre, ou não: ressurgiam misteriosamente “nas costas do Mayandeuá”. Descreve a paisagem comparando-a com elementos das arquiteturas clássica e egípcia: “colunas de mármore”; “pyramides ponteagudas”. Mas é na herança indígena, diz Sganarello, que o povo se inspira para contar as lendas da ilha, sonhando “com a vida de além-túmulo”. O narrador encontra na ilha uma comunidade que acredita que existe uma rica cidade no fundo do mar, crê na existência da Princesa do Mayandeuá, na feitiçaria, na mãe d’água, no poder do mau olhado, e na pajelança dos “fumantes de *tauari* e tocadores de *maracá*.”. Tudo isso é visto à distância, como algo fantástico, exótico, como superstição, fruto da ignorância de um povo rústico, que vive “longe do buliço de nossa terra”, como diz o narrador. O próprio rebuscamento da linguagem do narrador já demarca a diferença e o juízo de valor entre ele e o Outro.

O texto possui, como já dissemos, um tom de viagem de descoberta. Aliás, o narrador, nessa crônica, repete o olhar e a atitude, diante do diferente, dos primeiros viajantes e cronistas do “Novo mundo” que se maravilhavam diante do exótico. A expectativa na narrativa, e seu tom assemelham-se a tantos relatos que falam sobre descobertas e sobre o encontro fascinado com um *paraíso perdido* como o de Milton:

E qual explorador  
Que andou a noite toda em meio de perigos,

Por escuros, desertos caminhos  
E, ao romper da aurora, enfim chegado  
Ao cumeiro de escarpada e alta colina,  
Descobre de repente ante seus olhos  
A aprazível visão de uma terra estranha  
Vista pela primeira vez, ou de alguma metrópole famosa,  
Ornada com pirâmides e torres cintilantes  
Que o sol nascente doura agora com seus raios;  
Grande assombro se apossa do espírito maligno,  
Embora ele já tenha visto o céu,  
Mas muito mais o empolga a inveja  
À vista desse mundo tido por tão belo.

(*Paraíso Perdido*, 3.542-54)

Essa passagem de Milton relata, segundo Greenblatt, a visão de Satã que, do degrau mais baixo do céu, “*olha para baixo maravilhado da súbita visão/ De todo esse mundo*”<sup>71</sup> Dessa forma, o encontro do “Eu” com o “Outro” pressupõe, no caso também da crônica de Sganarello, o maravilhamento: o mesmo dos europeus na descoberta do novo mundo. E o mesmo do poeta John Milton ao falar sobre o paraíso perdido. A *mirabilia* é a energia nervosa que percorre todos esses discursos. Sganarello reproduz nessa crônica a mesma experiência de maravilhamento que os Europeus tanto expressaram em suas crônicas de viagem sobre o achamento das novas terras. “Maravilha” era a figura central da primeira impressão dos europeus na América, tal experiência revelava-se-lhes como decisiva, emocional e intelectualmente, diante da diferença radical. O Maravilhamento diante da terra recentemente achada também marca Caminha:

Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa. Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, umas vermelhas, e outras brancas; e a terra

---

<sup>71</sup> Apud GREENBLATT, Stephen. *Possessões Maravilhosas*, pp. 38-9.



de cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia...muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos – terra que nos parecia muito extensa.<sup>72</sup>

Maravilhar-se é algo tão antigo quanto o primeiro homem que perguntou “por que?”. A filosofia, já dizia Sócrates, nasce do espanto. E inúmeros poetas já disseram que o fim da poesia é produzir o maravilhoso. Ficar sem palavras, maravilhar-se é uma faculdade humana, uma experiência de evidência. De súbito, algo me provoca *pathos*. Pode ser até mesmo algo que é muito comum para os outros, mas que naquele momento torna-se um evento para mim, porque vi algo diferente que alterou meu estado interior e anterior: “*uma espécie de paralisia, uma cessação da inquietação associativa normal da mente*”<sup>73</sup>, diz Greenblatt. O discurso maravilhado é consequência, assim, de um evento – uma experiência de evidência:

As experiências de evidência são sempre inesperadas, simplesmente ocorrem, envolvendo-nos. Mas a experiência desperta o desejo de olhar o que ocorreu, de modo que a evidência explode em alternativas (...) as experiências de evidência são de natureza afetiva, de modo que a encenação resulta da tentativa de domar o impacto dos próprios afetos<sup>74</sup>.

Tudo me parece revestido de novidade, aureolado pelo brilho da descoberta. Tentar compreender o que me aconteceu através da criação de uma forma literária é uma das alternativas. Produz-se, assim, a encenação no discurso: Sganarello encena sua crônica e o faz de modo a produzir no leitor os efeitos do maravilhamento que o próprio sentiu ou fingiu sentir (“o poeta e um fingidor...” já dizia Pessoa) ao se deparar com o diferente, o novo. Essa crônica torna-se assim representativa do próprio fazer literário: uma tentativa infinda do homem de querer estar presente para si mesmo. Como tal é tarefa impossível, a literatura caminha em direção à utopia, tornando-se sempre uma busca de um momento que já foi. Ou de um “eu” que já não é o mesmo no instante seguinte. Mas ele quer contar como foi, sempre.

---

<sup>72</sup> trecho de *A Carta de Pero Vaz de caminha*.

<sup>73</sup> GREENBLATT, *Op. Cit.*, p. 37.

<sup>74</sup> Cf. ISER, Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário*, pp. 359-60.

Pádua Carvalho mascara-se de Sganarello, personagem de Molière, para nos contar sua viagem, real ou imaginária, de descoberta da Ilha de Mayandeuá – uma ilha bem real, como já vimos.

O maravilhamento é, ainda, um evento útil, pois nesse “primeiro encontro” reconhece-se instintivamente a diferença. Sobre essa experiência diz o professor de literatura inglesa, Stephen Greenblatt, analisando os relatos fantasiosos sobre o “Novo Mundo”:

O maravilhamento – excitante, potencialmente perigoso, momentaneamente paralisante, carregado ao mesmo tempo de desejo, ignorância e medo – é a resposta humana quintessencial àquilo que Descartes chama um “primeiro encontro” (p.358). Tais termos, que perpassam a filosofia desde Aristóteles até o século XVII, fazem do maravilhamento um componente quase inevitável do discurso da descoberta, pois, por definição, ele é um reconhecimento instintivo da diferença, o indício de uma atenção altamente concentrada, “uma surpresa súbita da alma”, como diz Descartes (p.362), ao conspecto do novo. A expressão do maravilhamento representa tudo o que não pode ser conhecido, em que mal se pode acreditar. Ela chama a atenção para o problema da credibilidade e, ao mesmo tempo, insiste em sua inegabilidade, a exigência da experiência.<sup>75</sup>

Eis então um trecho *maravilhado* do encontro de Sganarello:

Deitado junto ao gurupé de prôa, fitando a abobada estrelada, cheguei a esquecer o caminho que percorríamos, e quando levantei-me ao ouvir o grito do Mayandeuá dado pelo piloto, vi que o ponto branco que aparecia ao longe, pequena cirro a surgir das ondas, era um pedaço de ilha de areia branca, onde o luar escorria, dando àquilo tudo um aspecto phantastico.

Pude assim contemplar a magestade do Mayandeuá tão diferente do que foi outr’ora.

É válido ressaltar que, nessa crônica, os temas abordados – da alteridade, do maravilhoso, e também o momento histórico em que a mesma se insere – nos mostram toda uma ideologia da época a respeito desses temas, que convém lembrar para bem entendermos

---

<sup>75</sup> GREENBLATT, *Op. Cit.*, p. 38.

texto e contexto da crônica pioneira sobre Mayandeuá, e posteriormente, suas relações com as narrativas contadas, em fins de século XX, pelos próprios habitantes da ilha.

Em 1889, ano da Proclamação da República, Frederico José de Santa-Anna Nery, o “Barão de Sant’Anna Nery”, publica em Paris o seu “Folk-Lore Brésilien”<sup>76</sup>, retomando alguns estudos de Pádua Carvalho, (então já falecido) inclusive o relato sobre “Maiandeuá – A cidade encantada”<sup>77</sup>. O Barão reproduz a cantiga recolhida por Pádua, que consta do final do artigo publicado no *Diário de Notícias* em 1886, e explica de modo sucinto a lenda, baseando-se também nos registros de Carvalho. Mas essa ilha tão real e tão rica em seu imaginário não termina seu percurso literário nas páginas de *O Diário*, voltando a ser citada no século XX, com o “antropófago” Clóvis de Gusmão.

### 1.2.2. Clóvis de Gusmão e *Mayandeuá!*

*Mayandeuá* volta a ser notícia depois de 1889. Passado o interesse romântico de consolidar a nação, e de encontrar um herói, procurando ligar o país à civilização européia, no século seguinte, ocorre outra forma de apropriação. Em 1929, o paraense Clóvis de Gusmão publica, na *Revista de Antropofagia*, um poema intitulado “Mayandeuá!”. Temos aqui outros objetivos.

Tratava-se de “circunscrever o Brasil noutra contexto, o latino-americano, com raízes indígenas e africanas.”<sup>78</sup> Procurava-se, assim, acentuar a diferença e destacar o “caráter” genuinamente brasileiro através dos mitos da ilha. Buscava-se a fala autêntica do “popular”. Pois como havia dito Gusmão: “os escritores realmente brasileiros chegaram à conclusão de que nós precisamos formar uma fala muito nossa. Formar uma arte toda nossa. Tudo nosso. Pau Brasil!”<sup>79</sup> Assim foi que Gusmão escrevera os seguintes versos:

A Cidade se chamando Mayandeuá!  
É toda feita de prata  
Fica no fundo de um lagoão tão comprido

<sup>76</sup> Obra reeditada sob o nome de *Folclore Brasileiro*, traduzida por Vicente Salles, 1992.

<sup>77</sup> Título do capítulo do livro de Sant’Anna Nery. Op. cit., p. 161.

<sup>78</sup> Cf. FIGUEIREDO, Aldrin. “Letras insulares...”, op. cit., p. 309.

<sup>79</sup> Apud FIGUEIREDO, Id., ibid., p. 309.

Cumprido que a gente até pensa que é um rio.

Pedrarias relumeam nas paredes  
que os curimatás construíram num tempo muito de dantes  
(e o pai da noite inda nem tinha nascido  
pra inventar a preguiça dos peixes!)

E os telhados são de lodo misturados com brasas  
E há uma cobra invisível em cada uma das portas.

-Quem que sabe dos causos da cidade por nome Mayandeua?

Quem que sabe?

Mas na boca da noite quando as folhas crianças estão  
com sono, os canoieiros que andam n'água medrosa  
escutam barulhos de festa  
subindo

subindo

subindo

(Porque Mayandeua é uma cidade encantada  
que o Bicho do Fundo  
botou de castigo na lama do rio!)<sup>80</sup>

O autor destes versos de 1929, já era, nesta época, integrante respeitável do Clube e da *Revista de Antropofagia*, segundo Aldrin Figueiredo. Ainda no Pará, fizera parte do grupo “Os Novos”, que vinculava idéias modernistas na revista *Belém Nova*. Mudando-se para o Rio de Janeiro, passa a fazer parceria com Oswald de Andrade e Raul Bopp no comando da *Revista de Antropofagia*<sup>81</sup>. Aliás, Gusmão considerava Oswald “o nosso maior cérebro criador”<sup>82</sup>. Esses modernistas buscavam incessantemente uma “brasilidade” nas inúmeras “manifestações populares, festas religiosas, lendas interioranas, crenças indígenas e africanas”<sup>83</sup>, daí a

<sup>80</sup> GUSMÃO Clóvis de. “Mayandeua”. *Revista de Antropofagia*. 2ª. Dentição. São Paulo, 31 mar 1929.

<sup>81</sup> Cf. as informações em Figueiredo, “Letras Insulares...”, *op. cit.*, p. 307-8.

<sup>82</sup> GUSMÃO, Clóvis de. “Antropofagia”, *op. cit.*, p. 309.

<sup>83</sup> Cf. FIGUEIREDO, *op. cit.*, p. 309.

incorporação de *Mayandeua* nesse repertório “antropofágico”, com “curimatãs”, repetições bem típicas da oralidade, “preguiça” e “bicho do fundo” – mas sem Princesa.

### 1.2.3. Mayandeua e os Folcloristas

Em nosso breve histórico sobre a ilha, encontramos-nos já em 1937. Osvaldo Orico publica *Crendices Amazônicas*<sup>84</sup>. Nesta obra, este autor compara a lenda do Mayandeua à “formosa lenda de Is”, que Renan evocou em seu prefácio no livro *Souvenirs d'enfance et de jeunesse*, e às duas cidades submersas, que Selma Lagerlöf indica em *A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersson através da Suécia*. Conta-nos Orico:

“A cidade encantada, que os pescadores da Bretanha acreditam existir no fundo das águas, e da qual ainda ouvem os possantes carrilhões, aparece à imaginação dos nossos praianos com o mesmo fascínio e a mesma galanteria”<sup>85</sup>.

Era preocupação do autor encontrar semelhanças entre os diversos “motivos folclóricos”. Dizia que a lenda de Mayandeua não era exclusividade da Amazônia. Tratava-se de um fenômeno brasileiro. Preocupava-se, ainda, em provar a passagem dos Maias pela região, através dos vocábulos que batizavam aquelas paragens.

1951. José Coutinho de Oliveira publica: *Folclore Amazônico: lendas*. Segundo Aldrin, “o literato começa por situar Mayandeua e o ‘lagozinho risonho’ que existia por trás das belas praias da ilha. A diferença de teor aparece quando o autor começa a narrar o epicentro do fabulário local. Dizia ele que, desta feita, a “imaginativa cabocla se deixou influenciar pela corrente exótica, produzindo um mito de natureza européia (...) Coutinho de Oliveira perguntava-se sobre o paradeiro da “nossa mãe-d’água”, com sua imagem tradicional de “caboclinha delicada e cheia de encantos roceiros, dengosamente a pentear-se com seu primitivo ‘pente de macaco’. Em seu lugar, os habitantes da ilha haviam criado “uma princesa ‘Made in Germany’, loura de uma beleza de Gretchen distinguida com o título de ‘Miss Europa’. A imagem era desconcertante para qualquer folclorista - uma princesa

<sup>84</sup> Obra reeditada em 1975, sob o título *Mitos Ameríndios e Crendices Amazônicas*.

<sup>85</sup> ORICO Apud FIGUEIREDO, *op. cit.*, p. 313.

*'toda vestida de branco, passeando, todas as noites, o seu porte senhoril às margens da lagoa e inculindo à caboclada um sentimento misto de respeito e admiração.'*<sup>86</sup>

Coutinho de Oliveira indignava-se com o mito da Princesa, um mito alienígena, segundo ele, não condizente com a nossa “brasilidade”. Afirmava o folclorista:

Não consta que alguém se haja enamorado da princesa, mergulhando para sempre nas águas tentadoras para ir gozar no palácio encantado as carícias que sabem fazer as nossas iaras caboclas e pelas quais se deixam seduzir valentes latagões das selvas. Nada disso: a princesa aparece à meia-noite, envergando o seu vestido branco, passeia vagarosamente pela beira do lago e desaparece sem dizer fum-nem-fom.

Ninguém sabe quem é, ao que vem. Chamam-lhe a “Princesa do Lago”. O caboclo espia por trás das moitas de canarana, dá de ombros, volta para a cabana e mete-se displincentemente na rede.

Não sente dor de cabeça, nem o acomete a febre como no caso da lara.

Não vale a pena perder tempo, tinta e papel com a “Princesa do Lago”.

Os ‘Contos de Grimm’ devem ser responsáveis por ela.<sup>87</sup>

#### 1.2.4. Mayandeua no teatro

E *Mayandeua* vai também para o teatro<sup>88</sup>. Em 1955, Lévi Hall de Moura publica a peça de mesmo nome, pela *Revista da Academia Paraense de Letras*. A linguagem agora é outra, o foco narrativo volta-se para o tema da ilha afortunada, paraíso perdido, reino da abundância e da felicidade, como nos mitos de tipo Atlântida. A premiada peça foi escrita em 1944, e encenada apenas nos anos 70, de acordo com o discurso de agradecimento de seu autor, *LeviHall*, publicado também na *Revista da Academia Paraense de Letras* em 1978.

A peça se divide em três atos. No primeiro ato, Comadre Noca (40 anos. Magra e clara) e Comadre Coló (50 anos. Magra e escura), conversam sobre Joana, filha de Comadre Noca e também personagem principal. O cenário é o interior de uma barraca de madeira na Vila da Barca, subúrbio de Belém do Pará. A vila teve sua origem numa barçaça, e fora

<sup>86</sup> Apud FIGUEIREDO, op. Cit., p. 20.

<sup>87</sup> Apud FIGUEIREDO, op. Cit., p. 21.

improvisada pelos próprios moradores. O ambiente é paupérrimo. Ao fundo, avista-se o mangue pela porta aberta, açazeiros e pontes sobre a lama, que ligam as casas. Durante todo o ato ouve-se o som das ondas se encontrando nos paus que apoiam as casas, dando a estas aparência de “habitações lacustres”. As ondas batem forte nas casas, pois “é tempo das marés grandes, das chamadas marés do equinócio”. O ano: 1944.<sup>89</sup>

Assim é que, na primeira cena, as duas comadres conversam sobre as marés que, naquele momento, estão perigosas, e a seguir sobre a então criança Joana, que passeia com o menino Pedro, sobrinho de Comadre Coló. Joana corre perigo andando naquele tempo: desde pequena o pajé “Manduca” afirmara que ela não pertencia àquele mundo. Havia sido prometida à “gente do fundo”. Sua mãe sofreu muito com isso. A menina trazia um sinal roxo entre os olhos, e, segundo os pajés talvez nem se criasse. Sofrera de várias doenças: sarampo, catapora, papeira. E quando criança tinha o péssimo hábito de “escutar no chão, feito índio”, aos sete anos, passou a ter uns ataques e ficava feito morta. Comadre Noca, sua mãe, se orgulha da inteligência da filha, mas, preocupa-se com um fato novo: “no outro dia saiu-se com essa história de Maiandeuá”. Vale a pena reproduzir um trecho da cena:

COMADRE COLÓ – Maiandeuá, comadre?

COMADRE NÓCA – Sim. Diz-que uma terra encantada que fica entre Marapanim e Maracanã, onde há muitas praias. A senhora nunca ouviu falar nessa terra, comadre? Eu, me parece que tenho uma idéia. Si não me engano minha mãe falava nela.

COMADRE COLÓ: Eu também já ouvi falar. É cousa do Fundo<sup>90</sup>, comadre. Me lembro agora que mana Lorianá tinha um compadre que quando se “atoava” a “toada” que ele “tirava” falava nessa Maiandeuá. Falava num cavalo Alazeua correndo na areia de Maiandeuá!<sup>91</sup>

---

<sup>88</sup> Agradeço a indicação fornecida por Vicente Salles.

<sup>89</sup> Cf. MOURA, Levi Hall de. “Maiandeuá”, in *Revista da Academia Paraense de Letras*, p. 89.

<sup>90</sup> Os grifos são do autor. No mesmo ano de publicação desta peça, Eduardo Galvão publica “Santos e Visagens” analisando a vida religiosa da fictícia Itá, no Amazonas, e dedicando um capítulo à pajelança e aos “companheiros do fundo”, estes considerados por Galvão como “*entidades sobrenaturais que habitam o fundo dos rios e igarapés. Algumas vezes identificados aos “botos”. Funcionam como espíritos familiares dos pajés. São descritos à semelhança de seres humanos, e o seu “reino”, uma cidade onde tudo reluz como se coberto de ouro.*” Cf. Galvão, “Glossário” in *Santos e Visagens*, p. 197.

<sup>91</sup> Id., *Ibid.*, p. 91.

Segundo a mãe de Joana, conversando com o pajé “Manduca”, Joana acabou declarando que queria ir para Maiandeuá, pois naquela terra não se passava fome. Depois da conversa com o pajé, Joana passou a sonhar de olhos abertos com a ilha. A conversa é interrompida de repente: ouvem-se gritos, primeiro um de criança, depois o de mulheres. Era Joana que havia caído na água, e sido levada pela correnteza. As duas outras cenas mostram o drama do desaparecimento de Joana: primeiro, a confirmação por Pedro de que tinha sido mesmo Joana que havia caído na água. E, a seguir, Comadre Nóca, mãe de Joana, lamentando a perda definitiva de sua filha.

Passam-se sete anos. No segundo ato, as duas Comadres conversam novamente sobre Joana. Desta vez, relembram seu desaparecimento, que havia ocorrido num dia de “maré grande” como aquele. Na cena é ressaltada a diferença entre ricos e pobres. Comadre Coló afirma veementemente que a vida é triste somente para os pobres: “...*porque o povo pobre é desamparado! Mas a gente rica, a gente do govêrno, essa que manda levantar prédios e tem automóvel, essa não sofre, comadre! Essa vive à custa do nosso desamparo e da nossa fome!* O marido de D. Coló, *Seu Benedito*, vivia pedindo emprego a “gente graúda”, no dia em que ele conseguiu, Joana desapareceu. D. Coló prefere usar o termo “desapareceu”, pois não acreditava na morte de Joana. O próprio pajé, *Seu Manduca*, havia dito que Joana não havia morrido: havia partido para o fundo. E tal fato se confirma nas cenas seguintes: Matilde, filha de D. Coló, invade a casa de D. Nóca, com um jornal que noticia a volta de Joana:

MATILDE (agitando um jornal) – Mamãe! Mamãe! Mamãe! Madrinha Nóca! A “Vespertina” traz aqui que uns pescadores de Marapanim acharam uma mocinha, despida, dentro de uma montaria, próximo de uma praia, e que disse chamar-se Joana, e morar em Belém, na Vila da Barca! Foi o “seu” Zéca Taberneiro que me chamou para mostrar! É a Joana, madrinha Nóca! Só pode ser a Joana! Diz a “Vespertina” que os pescadores trouxeram a mocinha aqui para Belém, e que ela está na Polícia.<sup>92</sup>

---

<sup>92</sup> *Id., Ibid.*, p. 94.



Na V Cena, todos cercam Joana para que ela conte o que havia lhe ocorrido durante seus sete anos de desaparecimento, e a moça fala emocionada sobre “Maiandeuá”. Principalmente com Pedro, seu amor de infância, que fica vivamente interessado no caso. Reproduzamos a importante cena:

PEDRO (colocando-se diante de Joana) – Joana! (Joana estende-lhe a mão).

COMADRE NÓCA (temendo que ela já o não reconheça) – É o Pedro, minha filha!

JOANA – Sim. É o Pedro. Como vais, Pedro?

PEDRO – E o que foi isso, Joana? Que foi que te aconteceu?

JOANA (com singular veemência; todos se aproximam para ouvi-la) – Aconteceu-me a felicidade suprema! Eu fui para Maiandeuá!

PEDRO (vivamente interessado) – Para Maiandeuá, Joana?

COMADRE NÓCA (consternada) – Minha pobre filha!

JOANA – Sim. E estou aqui para levar comigo, de regresso, a todos vocês!

PEDRO – A todos nós?

JOANA (com singular veemência) – a todos os que têm fome e querem ser alimentados; os que sofrem e querem ser aliviados; esperançados, os desesperados; curados os adoecidos. Enfim, os infelizes que vivem em busca da felicidade.

PEDRO – E Maiandeuá é a felicidade?

JOANA – Maiandeuá é a felicidade?

PEDRO (veemente) – E o amor, Joana! E o amor?

JOANA – Maiandeuá é o amor.

PEDRO (num êxtase) – Maiandeuá! A Felicidade! O Amor!

JOANA – Eu queria para vocês a maravilha que me aconteceu! Maiandeuá é a felicidade suprema! Eu queria que vocês experimentassem a felicidade que eu consegui. Eu queria que fosse concedida a vocês, como o foi para mim, essa alta e divina graça: Maiandeuá! É por isso que eu estou aqui! Eu venho apontar a vocês o caminho da bem-aventurança, por mim encontrado...

PEDRO (em êxtase) – oh! Joana! Se isso fôsse verdade! Amar! Ser feliz! Maiandeuá! A Felicidade! O Amor! (todos apertam cada vez mais o cerco em torno de Joana, calados, intrigados, surpresos, suspensos...)

No terceiro e último ato, o caso de Joana é discutido por três Doutores: Pinto Lobo, Xavier Vale e Luiz Vale. Dr. Pinto Lobo acaba por considerar Joana “louca, mística delirante, enferma da imaginação”, e pedir seu internamento, pois, segundo o médico legista, ela pratica atividade subversiva pregando o suicídio coletivo, e se não fosse louca, poderia ser enquadrada na Lei de Segurança Nacional.

Não deixa de ser irônico ver três intelectuais discutindo o evento “Joana”. É como se tivéssemos vindo do universo “popular”, com suas crenças e seus mitos, e passado ao universo “erudito”, com seu discurso científico aos extremos, sua descrença, e seu enorme distanciamento da cultura dita “popular”. O mito positivo da Ciência. Tudo é explicado. A menina simplesmente fora salva de um afogamento por pescadores, e fora criada por eles. Só que enlouquecera, tornando-se uma “enferma da imaginação”, segundo Dr. Pinto Lobo. Mas, ironiza Dr. Luiz Raul: *“enfermo da imaginação você também o é, como o brilhante intelectual que todos nós admiramos. E é o médico!”* Lembra um pouco a discussão sobre a loucura em *O Alienista* de Machado de Assis. A leitura é preconceituosa, pois coloca claramente a divisão *nós*, *sãos*, *civilizados*, *eles*, *loucos*, *selvagens*, mas a intenção do autor é justamente denunciar o preconceito, como bem demonstra a fala irônica de Dr. Luiz Raul, no seguinte trecho:

DR. PINTO LOBO – (...) Mas é que aqui não se trata de religião. Observe bem.

Trata-se aqui, pelo contrário, até de interessantíssima ausência de religião!

DR. LUIZ RAUL – Pois é isso mesmo Religião é só a nossa! A dos outros, em regra, não é religião!<sup>93</sup>

Os doutores tentam interrogar a dita “enferma da imaginação”, mas ela se mantém irredutível quanto à Maiandeuá: para ela este lugar é o reino da abundância e da felicidade, e fica localizado no fundo do rio-mar Amazônico. Eles acabam por fim perdendo Joana (interpretada na época pela atriz, conhecida pelos paraenses, Natal Silva) enquanto eles discutem seu destino, ela se atira novamente à água, levando consigo Pedro. A cortina se

---

<sup>93</sup> Id., Ibid., p. 97.

fecha com o lamento da mãe de Pedro, que exclama em desespero a perda do filho: “*O Pedro! O Pedro foi também! Aquela desgraçada levou meu filho!*”<sup>94</sup>

E é isso mesmo: por muito tempo a imaginação foi, segundo Gilbert Durand, considerada a “*folle du logis*” (a louca da casa). A reabilitação do imaginário, enquanto “*imagens ou conjunto de imagens que constituem o capital do homo sapiens*”<sup>95</sup> teve início, de acordo com esse antropólogo e filósofo francês, com o movimento cultural romântico, atingindo ênfase com a obra dos surrealistas e depois com Jung e Bachelard. O racionalismo cartesiano, com seu pretense e exacerbado autodomínio do sujeito (“Penso, logo existo”) considerava o imaginário como algo enganador. Nunca, através dele, poderíamos aprender alguma coisa. A imaginação era considerada a mestra de todos os erros. No entanto, essa leitura discriminatória foi pouco a pouco perdendo espaço para uma crescente valorização do tema, e para uma crise cada vez maior desse sujeito, que se julgava – como os doutores de Joana, a “*enferma da imaginação*” – em pleno domínio racional de suas faculdades.

Adiantamo-nos um pouco na exploração do tema e denunciemos logo as aparências: o próprio Descartes “*experimentou sua primeira intuição metodológica como uma espécie de revelação divina ocorrida na noite de 9 para 10 de novembro de 1619 por intermédio de três sonhos reveladores*” conta-nos René Barbier<sup>96</sup>. E, quantos fabulosos sonhos de descoberta não acompanham, diluem e amplificam a narração de astronautas, de cineastas, e de tantos adeptos da ficção científica para cada sonda lançada ao espaço? A imaginação não está no poder. Ela é o poder: “*aquele que pode distribuir, difundir, impor imagens, este é o governante dos homens, por conseguinte, das coisas*” afirma Durand<sup>97</sup>. O racionalismo e o positivismo comtiano não puderam deter o avanço da imagem. Ela acabou por se tornar o déspota da civilização triunfante, com sua hipocrisia da “*fantástica*” se proliferando pelas formas narrativas midiáticas, hipnotizando e apassivando pessoas. Nosso humanismo entrou em crise.

Por outro lado, o tema do imaginário pôde ser revisto e reexaminado. E, nessa guerra de sonhos, há espaço não só para a “*civilização tecnológica*”, com sua criação constante de novos mitos publicitários, há também espaço para o imaginário ancestral, esse que se move

---

<sup>94</sup> Id., *Ibid.*, p. 100.

<sup>95</sup> Cf. DURAND, Gilbert. “Exploração do Imaginário” in *O Imaginário e a Simbologia da Passagem*, p. 12.

<sup>96</sup> Cf. BARBIER, René. “Sobre o Imaginário” in *Em Aberto*, Brasília, ano 14, no. 61, jan./mar.1994.

<sup>97</sup> Cf. DURAND, Gilbert. “Exploração do Imaginário”, *Op. Cit.*, p. 12.

por muitas eras transformando-se continuamente, e, com o advento da técnica, com um acréscimo paradoxal de novas imagens, reafirmando sua reprodução. E nesse trabalho voltamos nossa atenção para esse imaginário e para aqueles que podemos denominar de “não-modernos” – pessoas a quem a palavra “tecnologia” não parece dizer muita coisa, pois às vezes nem sequer têm contato com a escrita. Pessoas que bebem *Coca-Cola*, lavam a roupa com o sabão *Omo* e não se incomodariam se a luz elétrica chegasse na Vila. Ao mesmo tempo, falam de suas crenças com a mesma facilidade com que a personagem Joana falava das suas.

A encenação de *LeviHall*, assim, deixa entrever os conflitos em torno do tema da imaginação/imaginário. Para os doutores, *Maiandeuá* não seria senão invenção de uma paciente em surto – *imaginação*. Vista de outro ângulo, porém, a re-presentação (algo que é sempre apresentado) da cidade encantada dos “bichos do fundo” faz parte do imaginário coletivo e ancestral da comunidade de pescadores da ilha, os quais são bem reais, ainda que nessa peça o mundo deles esteja colocado entre parênteses, até pela própria linguagem que se apropriou do tema. Há que se ter em mente as diferenças entre a narração direta de uma voz em presença e a sua recriação na linguagem da ficção teatral: essa última se torna aspeada, sob o signo do “como se”. Na *performance*, podemos dizer que há um predomínio do imaginário, e na recriação teatral passamos para um mundo em que há um acordo tácito entre atores e público de que aquilo se trata de ficção – o que não ocorre com as narrações das crenças dos habitantes da ilha, pois para eles o narrado não é engodo; ficção; e nem tampouco eles gostariam de ser chamados de loucos ou mentirosos. Trata-se aí de *imaginário* e não pura e simplesmente de *imaginação*. O imaginário de *Maiandeuá* (um passado reencenado sempre pelos narradores na *performance* do contar e na invenção da tradição) torna-se assim a causa possibilitadora do texto ficcional e teatral desse autor paraense.

Em *Maiandeuá*, Levi-Hall reúne todos os elementos da representação que os nativos da ilha fazem da cidade dos encantados, com exceção da figura da Princesa, que não aparece na peça. Segundo seu discurso de agradecimento, *Maiandeuá* foi a sua primeira peça de teatro a ser encenada. De acordo com Carlos Rocque, o autor “publicou largamente nos jornais e revistas de Belém do Pará e do sul do país trabalhos de ficção, poesias, crônicas, ensaios, críticas literárias, estudos de Folclore, Política e Economia, Estilo e Linguística. Em 1957, publicou o livro “Esquema da Origem e da Evolução da Sociedade Paraense”, ensaio de

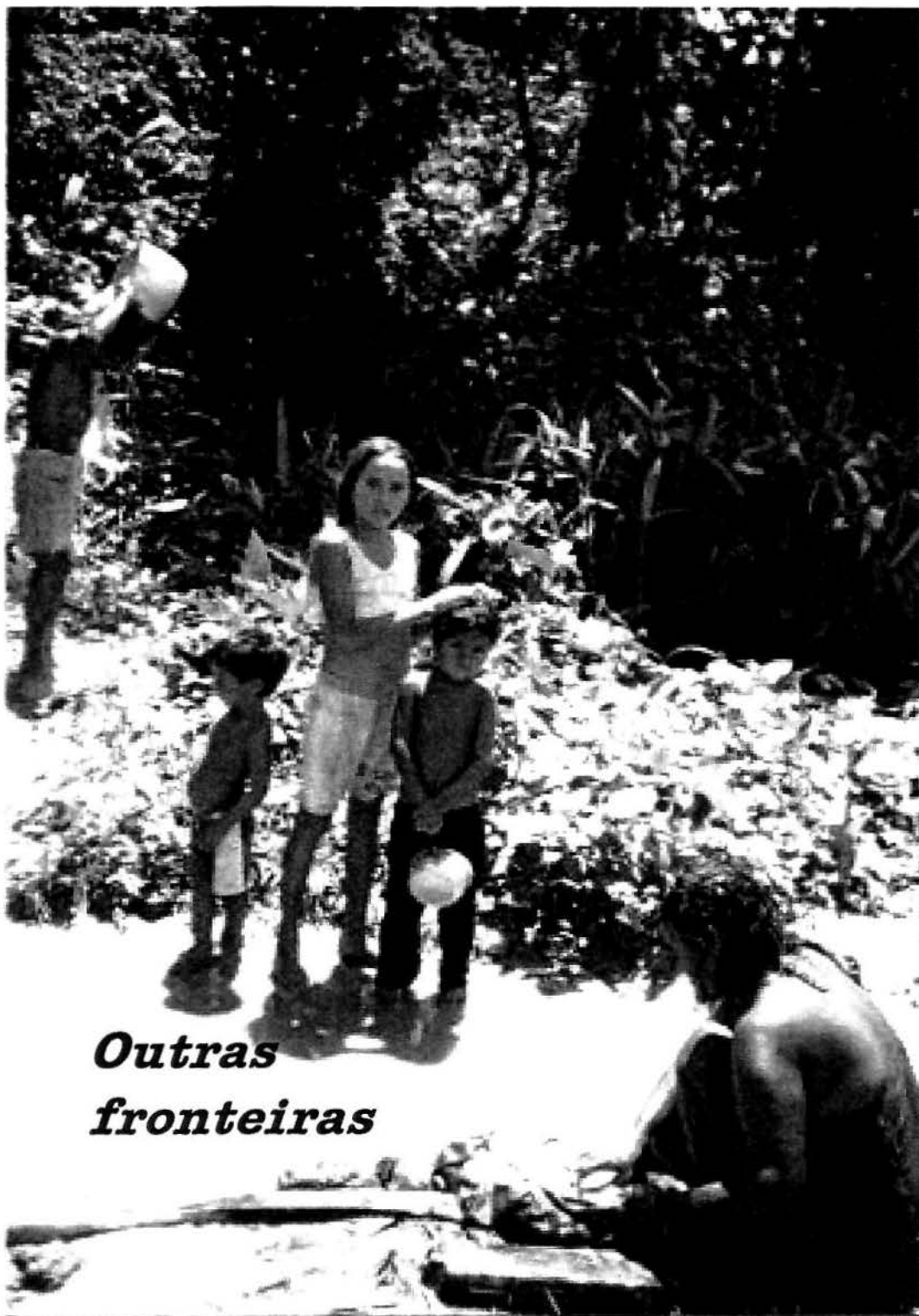
História, Sociologia, Etnologia, Religião, Filosofia, Política, Lingüística.”<sup>98</sup> Era ainda jornalista profissional e advogado formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Pará, tendo atuado em vários ramos do Direito, e lecionado disciplinas como Português e História. Provavelmente “Maiandeuá” fora sua única experiência teatral.

Assim, *Mayandeuá* percorre séculos. Sendo lida através de diversas óticas: folcloristas, positivistas, modernistas antropofágicos, não importa. O importante é que, quaisquer que seja a origem do tema da Cidade Encantada e de sua Princesa, a tradição continuou viva, a despeito do “canto de morte” dos folcloristas. Os estudiosos iam buscar nas fontes orais o motivo de suas escrituras. No entanto, o trânsito entre estes mundos se realizou de tal forma, que uma distinção “erudito” / “popular” tornou-se impossível. Afinal, mais do que uma qualidade, a distinção parece opor um ponto de vista, purismo confuso para o mundo atual. Quem se apropria de quem? Ora, já na idade moderna, Peter Burke demonstrou como as classes altas e o clero participavam da cultura dita “popular” e vice-versa. Assim, não há e nem nunca houve de fato uma cultura que não se deixasse afetar mutuamente. Algodual-Maiandeuá não é uma ilha isolada do resto da Amazônia. Seus habitantes intercambiam-se em inúmeras viagens, e, como bem demonstram suas narrativas, a troca de idéias é constante, sendo grande também a freqüência de turistas no lugar. Não se trata, no entanto, de dizer que o imaginário de Mayandeuá seja algo imposto de fora, pelo olhar do estrangeiro, que busca freqüentemente o caráter exótico da Amazônia. Esse imaginário que enfocamos parece surgir da fusão e do choque entre as etnias e suas respectivas culturas. Mayandeuá e sua Princesa estão encravadas na história do narrador da ilha. Tudo isso circulando pelos ventos moventes da tradição oral. Mas tradição não significa imobilidade e nem a cultura, que se constrói no *fazer*, deixa de dialogar com a história. O imaginário é espaço de jogo e a cultura, negociação. As fronteiras conceituais não estão exatamente demarcadas, e, por isso, refletiremos um pouco sobre elas no próximo capítulo.

---

<sup>98</sup> Cf. ROCQUE, Carlos. *Antologia da Cultura Amazônica*, p. 1156.

## Capítulo 2



### ***Outras fronteiras***

Em Fortalezinha, às margens do tradicional olho d'água.

## 2.1. Imaginário. Cultura. Tradição.

Sempre que se fala no termo *imaginário*, costuma-se lembrar de sua conceituação mais corrente, conforme o trecho de Castoriadis:

"Nós falamos do imaginário quando queremos falar de algo inventado, ou quer se trate de uma invenção 'absoluta' (uma história onde todas as peças são imaginadas) ou de um deslizamento, ou de um deslocamento de sentido, onde símbolos já disponíveis são investidos de outras significações distintas de suas significações 'normais' ou canônicas. Nos dois casos, fica claro que o imaginário se separa do real, que ele pretende se colocar em seu lugar (uma mentira) ou que ele não o pretende (um romance)."<sup>99</sup>

Mas será assim tão simples a definição do termo? Acreditamos que não. Já que podemos questionar até o termo "real" (que realidade? Que verdade? Há várias formas de se ler o mundo e vários sentimentos de verdade...) podemos, da mesma forma refletir sobre o imaginário. Para alguns, o conceito faz parte da tríade: real, simbólico e imaginário; para outros, como Wolfgang Iser, o imaginário merece ser refletido como um dos integrantes de análise de um texto literário, uma designação relativamente neutra, componente da tríade do real, do fictício e do imaginário. De qualquer modo, definir adequadamente o conceito não é uma operação dicotômica simplória, como se vê constantemente nos dicionários, quando o imaginário é usado como sinônimo de imaginação, logo, pura invenção e fantasia. A aparente simplicidade do conceito esconde uma complexidade que convém examinar.

René Barbier<sup>100</sup>, analisando o conceito, faz um histórico do mesmo dividindo o uso que se fez do imaginário em três fases desde a antigüidade grega: uma fase de sucessão; uma fase de subversão; e uma fase contemporânea de autorização.

Na fase de sucessão, ocorre a divisão entre real e imaginação, como dois pólos sem interação, sobretudo a partir do século V a. c., quando se considerava de um lado, a sensação,

---

<sup>99</sup> CASTORIADIS. "O simbólico e o imaginário" in *A Instituição imaginária da sociedade*, p. 154.

<sup>100</sup> René Barbier é Professor de Ciências da educação na Universidade de Paris VIII. Seu artigo foi publicado originalmente em: *Revue Pratiques de Formation. Imaginaire et Éducation (I) : Formation permanente*, Paris: Université de Paris VIII, n 8, p. 33-42, 1984. Apud Barbier, "Sobre o Imaginário" in Revista *Em aberto*, trad. Marcia Costa [et al.] Brasília, ano 14, n. 61, jan./ mar. 1994.

a percepção e as condutas relacionadas à realidade; e, de outro, a fantasia, o sonho, a arte. Havia, assim, dois domínios separados radicalmente: o inteligível e o sensível. Contudo, mesmo com essa pretensa separação, a própria filosofia continuará a fazer apelo ao mito, mas com grande rigor de raciocínio diante de concepções místicas ou religiosas. Nesse momento, falar-se de mitos como realidade incontestável passou a ser um problema, como diz Veyne:

"Xenófanes não quer que, nos banquetes, os convivas se envolvam em altercações ou digam besteiras e, conseqüentemente, proíbe de falar de "titãs, gigantes, centauros, tudo invenções dos antigos". A lição foi ouvida; no final das *Vespas* de Aristófanes, um filho que tenta inculcar um pouco de distinção a seu pai, cujas idéias são vulgares, ensina-lhe que na mesa não convém contar mitos: à mesa é preciso falar de coisas humanas; assim é, conclui, a conversação de pessoas distintas. Não acreditar em tudo era uma qualidade grega por excelência; "não é de data recente, diz Heródoto, que os gregos se têm distinguido das populações bárbaras por estarem mais atentos e mais livres de uma tola credulidade."<sup>101</sup>

Anteriormente, quando ainda não havia sido realizada essa separação, (a famosa passagem do *mythos* ao *logos*) os historiadores antigos não citavam as fontes, pois eles mesmos eram as fontes e apresentavam a tradição como um texto constituído de autoridade. O mito era simplesmente aceito. Não se duvidava dele. Os ouvintes aceitavam tudo que lhes era contado. Mas, como observa Veyne, os mitos eram narrados sempre como algo ocorrido num tempo de "antes": "*um grego colocava os deuses "no céu", mas teria ficado atônito se os percebesse no céu.*"<sup>102</sup> Mito aí consistia em se recontar anonimamente o que ter-se-ia escutado dos deuses; era informação que se difundia; não havia autoria; daí a utilização, pelos historiadores, do discurso indireto: "diz-se que..."; "a musa canta que..." Mas esse estado não perdurou, pois, segundo Veyne,

"o campo do saber teve sua configuração transformada pela formação de novos poderes de afirmação (a pesquisa histórica, a física especulativa) que concorriam com o mito e, diferentemente dele, colocavam expressamente a alternativa do verdadeiro e do falso."<sup>103</sup>

---

<sup>101</sup> VEYNE. *Acreditavam os gregos em seus mitos?* P. 44

<sup>102</sup> *Id., Ibid.,* p. 28.

<sup>103</sup> *Id., Ibid.,* p. 34.



Então o gosto pelo maravilhoso passou a ser criticado por todo historiador, que passou a tomá-lo como mera historiografia. Além disso, os ouvintes pararam de escutar docilmente as narrações, até pelo surgimento de outros “centros profissionais de verdade”<sup>104</sup> Diante disso, a aristocracia passou a tomar dois tipos de atitude: ou partilhavam das credences populares, “*pois o povo acredita tão docilmente como obedece*”<sup>105</sup> ou então recusavam esse tipo de submissão, efeito de ingenuidade, pois as luzes eram o primeiro dos privilégios. No primeiro caso a aristocracia acabava ganhando com isso; no segundo caso, fazia-se questão de se distanciar da plebe, ostentando esclarecimento. E Veyne observa que o mesmo, nesse aspecto, se sucederá no iluminismo do século XVIII, como se a história se revesasse entre períodos de crença e de descrença, sendo a insubmissão à palavra de outrem, consequência das épocas de ceticismo, já que acreditar é obedecer.

O mito tornou-se útil. Nunca mais foi possível ao grego médio falar de mitos com a mesma ingenuidade anterior. Como diz Paul Veyne, analisando a crença dos antigos nos mitos gregos:

“É demasiado pouco dizer, com Platão, que os mitos podem ser educativos, quando bem escolhidos: Estrabão julga que todo mito tem uma intenção instrutiva e que o poeta não escrevia a *Odisséia* para divertir, mas para ensinar geografia. À condenação racionalista do imaginário como falso, responde a apologia do imaginário como adequado a uma razão encoberta.”<sup>106</sup>

Assim, a “fase de sucessão” é marcada pela leitura da imaginação e da fantasia (que eram usadas como palavras sinônimas) como uma faculdade subordinada à razão. Descartes, como fundador do racionalismo moderno, inclui-se nesse grupo. Admitia-se o poder da imaginação, mas esse era um poder prejudicial se não estivesse dominado pela lógica do *cogito*. A obra de Freud (que se assemelha, segundo Veyne, à narração dos historiadores antigos, sem citação de fontes, como a voz de uma autoridade) também, pois aí a imaginação, o sonho, é algo como que “um depósito de lixos morais”, uma “errata do consciente”<sup>107</sup>

---

<sup>104</sup> *Id., Ibid.*, p. 43.

<sup>105</sup> *Id., Ibid.*, p. 43.

<sup>106</sup> *Id., Ibid.*, p. 74.

<sup>107</sup> Apud DURAND. *Exploração do Imaginário*, pp. 19-20.

quando o recalcado pode se liberar. Seu intérprete Lacan, que lê o imaginário como o fracasso do simbólico, participa da mesma forma da dita “fase de sucessão”, conforme explica Barbier:

“O corte é agora aquele do imaginário e do simbólico. Se fica algo do imaginário é que alguma coisa não funcionou na ascensão ao simbólico e é o caminho do delírio. Ligado à imagem visual, o imaginário é o signo de um fracasso da função simbólica do ser humano. O imaginário lacaniano é essencialmente destinado ao engodo, ao desconhecimento, à ilusão.”<sup>108</sup>

Sartre será outro que conceberá o imaginário como um entrave à criação, segundo Barbier, pois toda ato criador se analisaria unicamente em função do real. Nega-se momentaneamente o real e postula-se pela consciência uma idéia, vejo-a, mas ela é apenas uma atividade da consciência. O imaginário seria, assim, “o Outro da consciência, que só como negação é capaz de se tornar presente na consciência”<sup>109</sup>. O imaginário seria dessa forma, uma criação do nada. Mantendo o dualismo entre real e imaginação, Sartre participa também da “fase de sucessão” das leituras do conceito de imaginário.

Na fase seguinte, de “subversão”, segundo Barbier, ocorre uma inversão: como se chega à conclusão de que é impossível se desfazer do imaginário, passa-se a valorizá-lo positivamente. Observar-se-á tal fato sobretudo com o movimento romântico do século XIX: “o imaginário torna-se o único real, e a imaginação, o caminho da realização”<sup>110</sup> Será preciso passar pelo imaginário para que se compreenda o real. A divisão entre real e imaginação continua, mas há uma espécie de esperança de se unir os dois pólos. O sonho é valorizado. A imaginação passa a reinar. Os herdeiros dos românticos, com o movimento surrealista também incluem-se nessa fase de subversão, tal como diz Breton:

“tudo nos leva a crer que existe um certo ponto do espírito de onde a vida e a morte, o real e o imaginário, o passado e o futuro, o comunicável e o incommunicável, o alto e o baixo deixam de ser percebidos contraditoriamente. Foi em vão que se procuraria para a atividade surrealista outro motivo que não fosse a esperança de determinação deste ponto”.<sup>111</sup>

---

<sup>108</sup> BARBIER. *Op. Cit.*, p. 17.

<sup>109</sup> ISER. *O Fictício e o Imaginário*, p. 239.

<sup>110</sup> BARBIER. *Op. Cit.*, p. 17.

<sup>111</sup> Apud BARBIER. *Op. Cit.*, p. 18.

Assim, o imaginário passará a ser visto como uma força potencialmente subversiva, mantendo-se, ao mesmo tempo, oculta e voluntariamente ignorada, segundo Barbier. A visão sobre o conceito será mesmo modificada na “fase de autorização”, quando se assiste a um reequilíbrio da atualização e da potencialização dos pólos do imaginário e do real/racional, de acordo com Barbier. Gaston Bachelard foi um pioneiro dessa fase, quando não era ainda de bom-tom se valorizar a poética do devaneio. Inspirado por Jung, nota que a função do irreal é psiquicamente tão útil quanto a função do real. O homem constrói o real durante o dia, purgando todo seu imaginário em proveito da abstração, e durante sua atividade noturna, o homem sonha o imaginário. Imaginar torna-se vital, e tornamo-nos nós mesmos autores desse imaginário:

“A imagem só pode ser estudada pela imagem, sonhando as imagens tal qual elas se reúnem no devaneio. É absurdo se pretender estudar objetivamente a imaginação, visto que só recebemos realmente a imagem quando a admiramos.”<sup>112</sup>

Bachelard, contudo, não supera a dualidade, pois entre o conceito e a imagem nenhuma síntese é possível. O homem deve viver assim dividido entre esses dois pólos. Outro autor que participa da chamada “fase de autorização” é Gilbert Durand, seguidor de Bachelard que fundou o Centro de Pesquisa sobre o Imaginário, em Grenoble, em 1966. Durand procura “*recensear, fazer um repertório, classificar e situar as imagens para fixar o imaginário concebido como ‘conjunto das imagens e das relações de imagens que constituem o capital do homo sapiens’ (...)* De sua coleta de imagens ele retira uma série de conjuntos constituídos em torno de núcleos organizadores (constelações e arquétipos).”<sup>113</sup> A crítica que costuma ser lhe imposta é o fato de ele ter acabado com o “horizonte dos possíveis” (nos dizeres de Zumthor), pondo um fim em possíveis outras leituras dessas imagens, e de ter retirado o potencial subversivo do imaginário, reivindicado por poetas e artistas. Ora, toda imagem considerada arquetípica está devidamente classificada em seu *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Segundo Barbier, com certeza uma certa normalização do imaginário assustou, com seu “*imaginário coletado, recenseado, classificado, do qual se*

---

<sup>112</sup> BACHELARD apud BARBIER, *Op. Cit.*, p. 19.

*pretende conhecer as leis, determinar as variações possíveis a partir de um fundo comum*<sup>114</sup>”, mas a pesquisa de Durand tem dado numerosos frutos nos laboratórios de ciências humanas. Seria o imaginário apenas o reflexo do simbólico? Com inúmeras imagens ancestrais que viajam pelas eras e que se transformam, mas que possuem um fundo comum? Núcleo comum da criação onde o imaginário buscaria inspiração?

Cornelius Castoriadis é o filósofo que oferece plena realização para essa “fase de autorização” segundo Barbier. Castoriadis parte da conceituação tradicional do imaginário (algo inventado; oposto ao real) para, a seguir, afirmar que o imaginário depende do simbólico. Sua abordagem parece ser, a nosso ver, mais completa do que a dos outros autores, pois o autor não ignora a dimensão simbólica do conceito, adicionando a ele o sócio-histórico. Em contrapartida, ressalta que uma análise de uma dada sociedade não deve se reduzir ao simbólico, já que as instituições, diz o autor, “*formam uma rede simbólica, mas essa rede, por definição, remete a algo que não o simbolismo*”<sup>115</sup>. Voltaremos depois e mais detalhadamente a esse autor. Wolfgang Iser também faz um histórico do termo, reportando-se aos primeiros filósofos, e analisando as vertentes principais de uso do conceito. Destacam-se em sua leitura autores como: Coleridge, Sartre e novamente Castoriadis.

Iser propõe que o imaginário seja entendido como um termo relativamente neutro, espaço onde transitam o real e o fictício, pois o imaginário precisa de um “discurso fundante” para se definir e tomar forma. Não tem dúvidas de que o imaginário é uma experiência de evidência, um evento, mas ele não consegue se definir por si mesmo, precisando de outros discursos para ser ativado. Assim, diz o autor:

“Cabe perguntar se ela [a imaginação] é uma experiência de evidência, diante da qual fracassa o discurso ou se é, em princípio, o discurso que a torna ambígua, devido ao fato dela transbordar seus limites.”<sup>116</sup>

---

<sup>113</sup> DURAND apud BARBIER, *Op. Cit.*, pp. 18-9.

<sup>114</sup> Apud BARBIER, *Op. Cit.*, p. 19.

<sup>115</sup> CASTORIADIS. “As significações imaginárias sociais” in *A instituição imaginária da Sociedade*, p. 165.

<sup>116</sup> ISER. “O Imaginário” in *O Fictício e o Imaginário*, p. 214.

O autor tenta, assim, balizar as diversas concepções sobre o imaginário seguindo uma seqüência histórica, que vai da imaginação enquanto *faculdade*, preconizada por Coleridge, passando pela importante contribuição de Sartre, com o imaginário enquanto *ato* da consciência, até *o imaginário radical* de Cornelius Castoriadis. Para não nos alongarmos tanto, passemos à concepção que mais luzes lançou sobre nosso objeto: o imaginário radical de Castoriadis, já que lidamos com uma pequena sociedade do litoral paraense.

Para Castoriadis, o imaginário não deve se reduzir ao simbólico. O imaginário enquanto “ilusão” é produzido pela sociedade e as instituições só podem existir no simbólico, sejam elas um sistema de direito ou uma religião. Tais instituições encontram sua origem no imaginário social. Dessa forma, o próprio ato real de um carrasco torna-se simbólico. E mesmo o trabalho também real de alguém pode ser percorrido por operações simbólicas, como o pensamento daquele que trabalha, as instruções que recebe, etc. Assim, o próprio “real” pode ser questionado, visto ser ele percorrido pelo imaginário. Deus é sentido como “real” entre seus crentes. A Princesa do Mayandeuá também o é. Daí afirmar-se que o imaginário é investido de mais realidade do que a própria realidade. Em nome do Senhor, pessoas já foram apedrejadas por não terem respeitado a sua Lei. Pela Princesa do Mayandeuá, os nativos de Algodual instituíram restrições ao irem para a pesca ou para a caça, condenando abusos cometidos contra a ilha encantada. Ou seja, para que dada sociedade “reúna-se” é necessário o entrecruzamento do imaginário com o simbólico, e a observância de aspectos econômicos-funcionais, caso contrário ela não teria podido sobreviver. Mas Castoriadis nota que o efeito do imaginário ultrapassa sua mera função.

O autor rejeita, assim, de imediato, a visão funcionalista. Pois o homem não se constitui somente de necessidades biológicas. Chega a aceitá-la somente no fato de que as instituições preenchem funções vitais para uma sociedade, sem a qual ela não existiria. Mas essa visão é muito estreita para se explicar os fatos sociais, como o imaginário. Ora, diz o autor,

“uma sociedade só pode existir se uma série de funções são constantemente preenchidas (produção, gestação e educação, gestão da coletividade, resolução dos litígios, etc.), mas ela não se reduz só a isso, nem suas maneiras de encarar seus problemas são ditadas uma vez por todas por sua “natureza”; ela inventa e define

para si mesma tanto novas maneiras de responder às suas necessidades, como novas necessidades.”<sup>117</sup>

Essa sociedade, é válido notar, não constrói livremente seu simbolismo. Conforme o filósofo:

“Todo simbolismo se edifica sobre as ruínas dos edifícios simbólicos precedentes, utilizando seus materiais – mesmo que seja só para preencher as fundações de novos templos, como o fizeram os atenienses após as guerras médicas.”<sup>118</sup>

A liberdade de criação de uma sociedade em relação ao seu simbolismo é, desse modo, limitada. O autor a compara com a manipulação que fazemos da linguagem: uma liberdade que se deixa agir dentro de certos limites, para que haja comunicação. A linguagem do imaginário se

“Crava no natural e se crava no histórico (ao que já estava lá); participa, enfim, do racional. Tudo isto faz com que surjam encadeamentos de significantes, relações entre significantes e significados, conexões e conseqüências, que não eram nem visadas, nem previstas. Nem livremente escolhido, nem imposto à sociedade considerada, nem simples instrumento neutro e medium transparente, nem opacidade impenetrável e adversidade irreduzível, nem senhor da sociedade, nem escravo flexível da funcionalidade, nem meio de participação direta e completa em uma ordem racional, o simbolismo determina aspectos da vida da sociedade (e não somente os que era suposto determinar) estando ao mesmo tempo, cheio de interstícios e de graus de liberdade”<sup>119</sup>

Há criação, mas não uma criação *ex-nihilo*, advinda do nada. Assim, o imaginário deve se utilizar do simbólico para se exprimir, e mesmo para existir, “*para passar do virtual a qualquer coisa a mais. O delírio mais elaborado bem como a fantasia mais secreta e mais vaga são feitos de “imagens”, mas estas “imagens” lá estão como representando outra coisa;*

---

<sup>117</sup> CASTORIADIS. “A Instituição e o Imaginário” in *A instituição imaginária da sociedade*, p. 141.

<sup>118</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 147.

<sup>119</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 152.

*possuem, portanto, uma função simbólica*"<sup>120</sup> afirma o filósofo. E, por outro lado, o simbolismo pressuporá uma capacidade imaginária:

"Pois pressupõe a capacidade de ver em uma coisa o que ela não é, de vê-la diferente do que é. Entretanto, na medida em que o imaginário se reduz finalmente à faculdade originária de pôr ou de dar-se, sob a forma de representação, uma coisa e uma relação que não são (que não são dadas na percepção ou nunca o foram), falaremos de um imaginário último ou radical, como raiz comum do imaginário efetivo e do simbólico. É finalmente a capacidade elementar e irreduzível de evocar uma imagem<sup>121</sup>."

Assim, o filósofo preconiza um imaginário radical, como raiz dos próprios produtos da imaginação, do imaginado:

"O Imaginário radical existe como sócio-histórico e como psique-soma. Enquanto sócio-histórico, é o fluxo aberto do coletivo anônimo; enquanto psique-soma, é o fluxo representativo/afetivo/intencional."<sup>122</sup>

Wolfgang Iser observa que o imaginário radical de Castoriadis "*toma o lugar do fundamento primário mítico - não apenas para com isso enfatizar que a sociedade é algo feito, mas também para tornar acessíveis à análise os estádios atuais da própria produção. Como possibilitador da automodificação da sociedade, o 'imaginário radical' se torna algo último, que necessita da sociedade como meio para seu aparecimento, da mesma maneira que a sociedade enquanto instituição se constitui, em princípio, através do imaginário*"<sup>123</sup>.

No âmbito da psique, o imaginário se revela como o impulso de busca por algo perdido. Aquele desejo impossível de ser realizado, o 'estado original' anterior a qualquer forma de separação e diferenciação, um desejo que não encontra palavras que possam expressá-lo. Pois *a psique é seu próprio objeto perdido* grifa Iser. Castoriadis aborda o imaginário como alteridade do que não é determinado, pois está sempre se transformando em outro, mas não no sentido de Lacan, quando o imaginário seria uma *imagem de*, resíduo

---

<sup>120</sup> *Id., Ibid.*, p. 154.

<sup>121</sup> *Id., Ibid.*, p. 154.

<sup>122</sup> CASTORIADIS apud ISER. *O fictício e o Imaginário*, p. 248.

<sup>123</sup> ISER. *Op. Cit.*, p. 246.

platônico que o filósofo condena, pois o imaginário não é *em si*, ele necessita ser ativado, ora pela sociedade, ora pela psique, num eterno movimento de jogo, quando as várias instâncias se intercambiam, tornando o imaginário a autotransformação constante do instituído. Iser observa ainda que a “*psique-soma é mortal e apenas pode sobreviver nas significações imaginárias de institucionalizações sociais*”<sup>124</sup> O imaginário radical, dessa forma, se manifesta na sociedade “*como a dimensão referencial de significações imaginárias;[e] no caso da psique, como o contramovimento da idéia do inimaginável*”<sup>125</sup>. O imaginário, dessa maneira, somente tornar-se-á manifesto através da “idéia” (plano psíquico) e/ ou através das “significações imaginárias” instituídas por uma dada sociedade (plano sócio histórico). O próprio indivíduo será socialmente instituído, daí que o conceito de criação em Castoriadis, é fruto do movimento de jogo entre o instituído e o desejo irrealizável. Lembrando sempre que toda criação se edifica em cima das ruínas do simbolismo, transformando constantemente as significações do imaginário, como o caráter dialógico da palavra (que nunca terá sido a primeira, será sempre o eco de várias outras) em Bakhtin; significação que Cornelius compara a um magma, isto é, como variedade e constante “transformar-se-em outro” do que foi instituído e representado.

Assim, o impulso primeiro, de unificação, da psique é que faz o homem narrar um imaginário, que se expressa pelo simbólico e pelo sócio-histórico, quando significações são atribuídas e logo a seguir modificadas em cada dizer. Esse homem mesmo é mutante, pois define-se a cada vez, ultrapassando sempre todas as definições, e criando permanentemente novas necessidades e objetos: “*Ele faz fazendo e se fazendo, e nenhuma definição racional, natural ou histórica permite fixá-las em definitivo.*”<sup>126</sup> Ora, diz Castoriadis:

“O homem é um animal inconscientemente filosófico, que fez a si mesmo as perguntas da filosofia nos fatos, muito tempo antes de que a filosofia existisse como reflexão explícita; e é um animal poético, que forneceu no imaginário respostas a essas perguntas.”<sup>127</sup>

---

<sup>124</sup> *Id., Ibid.*, p. 259.

<sup>125</sup> *Id., Ibid.*, p. 255.

<sup>126</sup> CASTORIADIS. *Op. Cit.*, p. 164.

<sup>127</sup> *Id., Ibid.*, p. 178.



Com isso, desejando atar começo e fim enquanto incertezas da vida humana, e vencendo a angústia existencial da morte, os narradores da ilha de Mayandeua também responderam a essas questões, fornecendo respostas racionais (pois cada sociedade constitui seu real) no imaginário por meios simbólicos. Castoriadis finaliza seu capítulo enfatizando que a sociedade ocidental tem por ambição constituir uma história total, “*de compreensão e de explicação exaustiva das sociedades de outros lugares e de outras épocas*”<sup>128</sup>. Mas o problema é que “*a história é sempre história para nós*”<sup>129</sup>. Um projeto especulativo de uma história total, para Castoriadis, possui o mesmo efeito de um experimento da microfísica; quando “*se fixa a partícula em sua posição, ela ‘desaparece’ como quantidade de movimento definida*”<sup>130</sup>. Isto é, uma tradução total de outra cultura é impossível. Haverá sempre uma margem de intraduzibilidade. Mas busquemos as aproximações, mesmo com a traição (traduttore, traditore) tendo em mente “*os outros possíveis do homem em sua singularidade absoluta*” – a alteridade autêntica.

Refletindo também sobre a história e sobre a imaginação instituinte, Paul Veyne é outro autor que ressalta o caráter de autor-transformação do instituído, como Castoriadis. Mas sua posição é ainda mais radical: a história é inventada pelos homens, mas fruto de acontecimentos aleatórios, pelo evento. A própria imaginação será um evento, tal como Iser, que não duvida do caráter de experiência de evidência da imaginação. Nossa história se torna, assim, uma sucessão de eventos. O acaso constituiu a história e não as relações de causa e efeito, como na dialética. Todo acontecimento toma, desse modo, a forma de uma invenção mais ou menos imprevisível. Ora, afirma Veyne:

“Tem-se o costume de explicar os acontecimentos por uma causa que impulse o móvel passivo numa direção previsível (“Guardas, obedçam-me!”); mas, uma vez que o porvir permanece imprevisível, resignamo-nos à solução bastarda de ornar a inteligibilidade com a contingência. Uma pequena pedra pode bloquear ou desviar o móvel, a guarda pode não mais obedecer (e se ela tivesse obedecido, escreve Trotski, não teria havido revolução em Leningrado em fevereiro de 1917) e a revolução pode não eclodir (e, escreve também Trotski, se tivesse havido uma

---

<sup>128</sup> *Id., Ibid.*, p. 196.

<sup>129</sup> *Id., Ibid.*, p. 196.

<sup>130</sup> *Id., Ibid.*, p. 196.

pedrinha na bexiga de Lenine, a revolução de outubro de 1917 não teria estourado). Pedrinhas tão minúsculas que não têm nem a dignidade de esquemas inteligíveis, nem a de desqualificar tais esquemas<sup>131</sup>."

As pedrinhas que produzem a contingência, no entanto, não são frutos de uma imaginação arbitrária; elas se constituem em cima das ruínas do simbolismo que, como quer Castoriadis, se autotransforma para se adequar a um homem que se cria constantemente e que produz com frequência novas necessidades e que, por isso, faz a sua história. Essas pequenas pedras são, como diz Veyne, migrantes, intrahistóricas, e não transhistóricas. Motivos esses constantemente reinventados em cima dos cacos legados pela linguagem simbólica. A Princesa (apresentada ao leitor, desde uma crônica de 1886) foi narrada várias vezes e, sempre, de um outro ângulo de olhar, a cada *événement*, a cada história que recebia em seu rio uma pedrinha transformadora, seja no discurso, seja na versão recontada. As histórias da ilha foram reinventadas. E, a esse propósito, podemos falar em várias crenças. Em vários sentimentos de verdade. Vários olhares.

Paul Veyne, aliás, propõe que se mude o eixo de análise para o imaginário: ao invés de falarmos de crenças, poderíamos falar simplesmente de verdades. Pois as próprias verdades já são imaginações, sendo constituídas através dos séculos. Para o autor, a imaginação é uma faculdade que forma nosso mundo, e é histórica, composta por culturas que não se sucedem, nem se assemelham. O homem, dessa forma, não possui uma verdade: ele a constrói, como constrói a sua história<sup>132</sup>. Para esse historiador, a imaginação não seria o fermento ou o demônio do mundo, ela é o mundo. Ela está no poder desde sempre (como também afirma Gilbert Durand).

Em resumo, vimos que, com Iser, o imaginário foi tomado como um termo relativamente neutro e que, inicialmente, a fantasia ou a imaginação eram realmente vistas como algo que deveria ser domado. O imaginário precisava, assim, de um discurso fundante para se firmar, pois ele, por si só, não conseguiria se firmar, precisando de outros discursos para ser *ativado*, como um fermento mesmo. Além disso, Iser perguntava-se se a imaginação se constituiria como experiência de evidência diante da qual fracassaria o discurso, ou se seria

---

<sup>131</sup> VEYNE. *Op. Cit.*, pp. 51-2.

<sup>132</sup> Cf. VEYNE. *Op. Cit.*, pp. 9-10.

o próprio discurso que a tornaria ambígua, *devido ao fato dela transbordar seus limites*<sup>133</sup>. Diante de tantos autores que refletem o imaginário como algo a ser ativado pelo sujeito, pela consciência ou pela sociedade, Veyne radicaliza, considerando-o como substancial ao mundo, e encarando-o simplesmente como a verdade do outro. Diz o autor:

“O que quer dizer imaginário? O imaginário é a realidade dos outros, da mesma forma que, conforme uma expressão de Raymond Aron, as ideologias são as idéias dos outros. “Imaginário” não é um termo de psicólogo ou de antropólogo, diferentemente de “imagem”, mas um julgamento dogmático sobre certas crenças de outrem. Ora, se nosso propósito não é o de dogmatizar sobre a existência de Deus ou dos deuses, deveremos nos limitar a constatar que os gregos consideravam seus deuses como verdadeiros, embora esses deuses tenham existido para eles num espaço-tempo secretamente diferente daquele em que viviam seus fiéis. Esta crença dos gregos não nos obriga a acreditar em seus deuses, mas ela diz muito sobre o que é a verdade para os homens. (...) o imaginário é o nome que damos a certas verdades e (...) todas as verdades são analógicas entre si. Estes diferentes mundos de verdade são eles próprios objetos históricos e não constantes da psique<sup>134</sup>.”

De fato, a versão de mundo contada pelos habitantes de Mayandeua é a verdade deles. Verdade que pertence às pessoas da região, pois são elas que estão melhor situadas para saberem as verdades sobre si mesmas e, como diz Veyne, *“sobretudo esta verdade sobre a cidade [deles] lhes pertence com o mesmo direito que a cidade à qual [eles] se [referem]. É uma espécie de princípio de não ingerência nas verdades públicas de outrem”*<sup>135</sup>. E, sem dúvida nenhuma o autor tem razão. Mas, por outro lado, tal abordagem não descarta a teoria proposta por Castoriadis. Esse imaginário não deixa de ser um *magma* ativado pelo coletivo anônimo e pela psique, pois o homem é um animal que se propôs inconscientemente questões filosóficas, e as respondeu de modo poético. E como nos propõe Iser, o imaginário é “experiência de evidência”, um evento, sem dúvida, que *assume feições diferentes, em função do fato de ser ativado pelo sujeito (faculdade), pela consciência (ato) ou pela institucionalização social (imaginário radical)*<sup>136</sup>. Pois o maravilhoso constituiu o homem

<sup>133</sup> Cf. ISER. *Op. Cit.*, p. 214.

<sup>134</sup> VEYNE. *Op. Cit.*, pp. 103-04.

<sup>135</sup> VEYNE. *Op. Cit.*, p. 112.

<sup>136</sup> ISER. *Op. Cit.*, p. 223.

que, por necessidades antropológicas, cria constantemente tais *concord-fictions* (a ocupação imaginativa da incerteza) pois ele sente necessidade de atar o início e o fim enquanto indefinição da vida. Há um princípio existencial que o impulsiona a narrar: vencer a morte. Preencher as lacunas, e existir para além do Tempo.

“*Concords-fictions*” é um termo utilizado por Kermode, citado por Iser, para falar das “ficções-concordantes” que os homens criam, visando a uma totalidade, como anseio de superação das incertezas, principalmente a da Morte. É por causa da angústia diante da Morte que a humanidade, em determinado momento de sua história, inventou grandes paradigmas, como o *Apocalipse*, “*que harmoniza um tempo humano, caracterizado por seu fim, com uma situação que resulta desse fim*”<sup>137</sup>; e o *Millenium*, “*que liga a impenetrabilidade do começo com a certeza do cumprimento*”<sup>138</sup>. Iser observa que a certeza do fim age como móvel propulsor para a liberação de idéias que buscam superar essa fatalidade. As *concords-fictions* mostram, assim, “*que as incertezas as incitam a emprestar um sentido à realidade da vida; tal sentido transforma no final a realidade naquilo que consideramos como real*”<sup>139</sup> Mas é evidente que considerar o Apocalipse ou o Milenarismo como ficções faz parte de uma interpretação moderna desses paradigmas, fruto da desvalorização porque passaram os mesmos nos pescalços da história. Sem dúvida, eles não eram considerados ficções para as pessoas que os incorporaram como certezas coletivas, conforme ressalta Wolfgang Iser:

“A ocupação imaginativa do que é incerto se torna ficção quando a solução por ela esboçada já não é aceitável (...) O descrédito dessas *concord-fictions* demonstra que o que fora uma experiência coletiva não é mais partilhado. O desgaste de seu conteúdo de verdade as expõe como ficções, em um processo que é experimentado por cada indivíduo, pois a convicção de uma pessoa será para o outro apenas uma ficção.”<sup>140</sup>

Seriam *ficções concordantes* as narrações da comunidade da ilha de Mayandeua? De nosso ponto de vista sim. Pois o impulso inicial do próprio contar, como tentativa de se preencher as lacunas da existência, nos parecem um exemplo de *concord-fictions*. Além do mais, o que essa comunidade conta a respeito de si mesma? Conforme veremos, há uma

<sup>137</sup> ISER. *O fictício e o imaginário*, p.115.

<sup>138</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 116.

<sup>139</sup> ISER. *Op. Cit.*, p. 116.

espécie de “*topografia da fantástica*” narrada sobre a ilha, que funciona como se fossem vários portais para um mundo de seres especiais, encantados; e para um lugar pleno de riquezas e de fartura. Por conseguinte, os nativos da ilha, buscando por uma identidade, talvez se identifiquem como “os protegidos da Princesa” e por analogia (por que não?) como “os eleitos”, “o povo escolhido” que iria se salvar após o Fim, já que, como disseram vários informantes, se a Princesa fosse desencantada, a capital do Estado, Belém do Pará, afundaria, e a Cidade dos Encantados, que fica localizada e oculta nas profundezas do mar, viria à tona, uma afirmação que nos faz recordar da famosa frase: “...e o Sertão vai virar mar, e o mar vai virar sertão...” Essa inversão representaria um resquício do Milenarismo cristão? E, assim, mais um paradigma de uma *concord-fictions*? Mil anos de felicidade seria, assim, a recompensa para esses Justos – os nativos da ilha de Mayandeuá. Mas nenhum informante foi assim tão longe nesse tipo de conjectura e não pretendemos restringir a interpretação dessa versão de mundo com a chave óbvia do etnocentrismo, comum a todos os povos.

Podemos dizer que essa comunidade é impulsionada psiquicamente a buscar a Origem, em seu sentido psíquico, impulso esse também, é claro, sócio-histórico, que parece revelar uma “*quête*” por aquela caverna famosa, a saber: *a loucura da unificação*, como diz Iser.<sup>141</sup> Já que, como já foi dito, a psique se revela como a própria busca de um objeto perdido. Essa comunidade busca superar o efêmero, “*tocando o futuro em seu lado de cá*”<sup>142</sup>, através da pintura dos motivos ancestrais, adaptados ao presente, relatados na e sobre a ilha, que revelam uma concepção peculiar de imaginário espacial: “*um além no espaço e um alguém no tempo*” que pretendemos examinar. Enfim, uma versão de mundo que preenche o vazio da existência e que produz Esperança – uma eufemização diante das incertezas.

Gilbert Durand é outro que ressalta o quanto a construção de um imaginário, como o de Mayandeuá, parte do desejo inconsciente de vencer a angústia existencial diante da finitude, do Tempo e da Morte. Assim, a imaginação representa o triunfo sobre o Fim. Diante disso, o homem cria imagens de vida, sendo o desejo fundamental de sua imaginação, a redução da angústia existencial, ligada às experiências “negativas” do Tempo, tais como: “a

---

<sup>140</sup> *Id., Ibid.*, p. 116.

<sup>141</sup> CASTORIADIS apud ISER. *Op. Cit.*, p. 250.

<sup>142</sup> BHABHA. *Op. Cit.*, p. 27.

*agressividade devoradora, a noite, a água terrificante e a queda catastrófica*<sup>143</sup>.” Assim, deparando-se com um Tempo Mortal, o homem criaria um espaço eterno, pois o espaço desperta o sentimento de infinitude, ao contrário do tempo, que consome. Durand é um autor que busca o mito pessoal por trás de cada discurso. Pela redundância de imagens, procura identificar o núcleo do discurso, o Ser, onde está investida uma crença, composta do arranjo de símbolos e arquétipos, e instauradoras de outras realidades. Para ele o imaginário representa “*a imagem ou a constelação de imagens que constitui o capital do homo sapiens*”, conforme já foi dito. E, é válido notar, recebendo influências de Bachelard, Durand vê nessas imagens, imagens de felicidade, e até mesmo de cura dos temores do indivíduo, tal como já comprovou o Teste Arquétipo dos Nove Elementos, o AT-9, de autoria do psicólogo Yves Durand, inspirado na obra do antropólogo.

Mas isso não é tudo. A despeito das questões psíquicas e existenciais, na própria história, como na época das Grandes navegações, podemos comprovar que o imaginário teve participação fundamental: o maravilhoso (mas claro que não só ele) incitou Portugueses e Espanhóis a partirem em busca das terras do “Novo-Mundo”. E, a partir daí, novos imaginários foram constituídos. Novas verdades, porque as antigas já não serviam. Ou se preferirem, podemos dizer com Veyne que novas imaginações passaram a constituir o imaginário europeu. Foi o momento da expansão das fronteiras. Tomar posse do “Novo Mundo” significou, para os viajantes, um alargamento de horizontes, e uma correção da geografia do mundo, que estava erroneamente concebida, desde a Idade Média. Porém, como observa Greenblatt, o encontro com a alteridade radical não significou nenhum tipo de identificação, *mas uma vontade implacável de possuir*<sup>144</sup>. O maravilhamento era apenas uma impressão inicial, depois vinha a necessidade de se apossar do que eles viam e, em seguida, a nomeação do “achado”. Com isso, foram sendo instituídas novas fronteiras e, para consolidá-las, foi preciso que se implantasse as tradições do Velho Mundo no Novo, e também, que se criassem novas. Bem mais tarde, para conservar a “independência”, a idéia de nação e nacionalismo foi também sendo transplantada, compondo verdadeiras “comunidades

<sup>143</sup> DURAND apud MELLO, *Em Aberto*, Brasília, ano 14, no. 61, jan./ mar. 1994, p. 49.

<sup>144</sup> GREENBLATT, *Op. Cit.*, p. 138.

imaginárias” (nos termos de Benedict Anderson<sup>145</sup>) e cultivando sentimentos tais como o de “patriotismo” e de “soberania” no intuito de ajudar a preservar as fronteiras conquistadas (e imaginadas). Porém, sabe-se que entre colônias de exploração e de povoamento, como o foram respectivamente os países da América Latina e os da América do Norte, há grandes diferenças de trajetória. Diferenças essas que resultaram hoje no que se denomina comumente de “países do Terceiro Mundo” e do “Primeiro Mundo”. Mas isso já é outra história...o que importa aqui é notar como o imaginário foi sendo constituído com o tempo, e como as culturas atuaram nesse confronto de diferenças: primeiro o encontro maravilhado; depois a negociação e os embates culturais.

E nesse confronto histórico uma cultura teria se perdido? Não. Pois tal como afirma Marc Augé:

“Qual é, então, o lugar da cultura nessa história feita de negociações e violências? Antes de mais nada, muito evidentemente, a cultura não provoca por si só nenhuma rejeição ou incompatibilidade, na medida em que continua a ser cultura, isto é, criação. Uma cultura que se reproduz de maneira idêntica (uma cultura de reserva ou de gueto) é um câncer sociológico, uma condenação à morte, assim como uma língua que não se fala mais, que não inventa mais, que não se deixa contaminar por outras línguas, é uma língua morta. Portanto, há sempre um certo perigo em querer defender ou proteger as culturas e uma certa ilusão em querer buscar sua pureza perdida. Elas só viveram por serem capazes de se transformar<sup>146</sup>.”

Diante disso, o antropólogo se pergunta como ocorreram as condições dessas transformações. De certa forma, todas as culturas foram culturas de contato, sendo permeáveis às influências externas. Deve-se assim, perguntar o que essas culturas fazem dessas influências. Comumente, costuma-se ligar a noção de cultura com a de etnia, como se a intocabilidade de uma fosse a condição de existência da outra. Nessa perspectiva, observa Augé, todo contato e influência externa é visto como desculturação, e toda desculturação, como perda de identidade. É válido notar que o conceito de *folclore* nasce desse tipo de leitura: o mito da cultura pura que é preciso *resgatar*. Essa perspectiva se desfaz se considerarmos, com o autor,

---

<sup>145</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*, ed. Ática, 1989.

<sup>146</sup> AUGÉ, Marc. *A Guerra dos Sonhos: exercícios de etnoficção*, pp. 24-5.

"...que toda cultura é viva, o contato com outra cultura, o fato de passar por essa prova, possibilitam, ao contrário, uma verificação: quais são as reações da cultura em contato? Ela dá sinais de vida ou sinais de fraqueza? Muitas vezes a resposta é ambigua<sup>147</sup>."

Augé exemplifica sua assertiva com o caso dos *pumés*. Esse grupo vive próximo à fronteira colombiana, na Venezuela. Levam uma vida miserável, relegados e em grande isolamento, tendo resistido à pregação cristã. Ainda hoje, segundo o autor, praticam com intensidade atividades rituais e oníricas, como o xamanismo. O imaginário e os sonhos desse povo são constantemente alimentados por elementos da modernidade, como um simples rastro de avião no céu, ou os ecos de um rádio de pilha, por exemplo. Justamente por isso é que, segundo Augé, pode-se dizer que a mitologia desse grupo está viva: "*é claro que as mitologias falam das origens, mas elas são citadas, utilizadas, exploradas e reimaginadas para responder às questões do presente*<sup>148</sup>," afirma o antropólogo. Assim, é sinal de sensibilidade ao ambiente global, a capacidade que os *pumés* tem de integrar diversos elementos díspares em sua mitologia. Esta constitui ainda, segundo o autor, somente uma parte da cultura. A mitologia dos *pumés* tem resistido bem aos contatos, embora tal não impeça que eles estejam desaparecendo enquanto grupo. A demografia deles é frágil:

"Alguns partem para a periferia das cidades, onde descobrem uma outra miséria. Os que ficam têm consciência da ameaça de desaparecimento e experimentam-na à sua maneira, na linguagem da mitologia, constatando que os deuses se afastam e descem com menos frequência para visitá-los<sup>149</sup>."

Dessa forma, segundo Augé, pode-se dizer que a cultura dos *pumés* está viva, mas, simultaneamente, ao menos sob o aspecto do mito e do ritual, a identidade deles desfez-se, já que eles têm cada vez menos interlocutores no plano cultural, e já nenhum no plano social. Uma identidade que era definida por eles como cultural e social. O autor procura demonstrar a falta de ligação obrigatória entre transformação cultural e afirmação identitária. Com o exemplo do catolicismo que se desenvolveu perto do México, como uma criação

---

<sup>147</sup> *Id., Ibid.*, p. 25.

<sup>148</sup> *Id., Ibid.*, p. 26.

<sup>149</sup> *Id., Ibid.*, p. 27.



extremamente original e, por isso, como uma reafirmação de identidade, Augé procura comprovar como “*modificações culturais importantes não são incompatíveis com uma forte afirmação identitária*”<sup>150</sup>. Diz ainda que:

“Se ainda assim não há uma correlação necessária entre mudança cultural e afirmação identitária, é preciso lembrar, mais uma vez (contra uma representação substancialista e imóvel da identidade e da cultura, que só permitiria torná-la totalmente transparente), que ambas são construções, processos. Não existe afirmação identitária sem redefinição das relações de alteridade, como não há cultura viva sem criação cultural. A própria referência ao passado é um ato de criação e, pode-se dizer, de mobilização”<sup>151</sup>.”

Dessa forma, nos embates culturais o que se perde por vezes é a identidade de um grupo, simplesmente porque estes podem ter sido dizimados, devido à baixa taxa demográfica por exemplo, não havendo mais interlocutores para a contagem dos mitos e a realização dos rituais. Há várias situações. Em outro confronto, pode acontecer de o grupo reafirmar sua identidade diante da alteridade, e, ao mesmo tempo, se transformar inevitavelmente no contato, e, até, enriquecer sua mitologia com as narrativas do Outro – o que aconteceu na constituição do imaginário das colônias.

O crítico indo-britânico Homi Bhabha nota, com acuidade, que há toda uma gama de críticos que consideram que a experiência afetiva da marginalidade social subverte nossas estratégias críticas, ou seja, acabamos aprendendo mais com aqueles que sofreram o “*sentenciamento da história*”: *subjugação, dominação, diáspora, deslocamento*”<sup>152</sup>. O efeito disso é que passamos a encarar a cultura de outra forma: não apenas notando seus produtos finais, seus *objets d’art*, como diz Bhabha, mas lendo-a para além da “*canonização da ‘idéia’ de estética*”<sup>153</sup>, e lidando com ela como uma “*produção irregular e incompleta de sentido e valor, freqüentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis, produzidas no ato da sobrevivência social*”<sup>154</sup>. A cultura procura, assim, dar um sentido ao cotidiano, criando

---

<sup>150</sup> *Id., Ibid.*, p. 28.

<sup>151</sup> *Id., Ibid.*, p. 28.

<sup>152</sup> BHABHA, *O Local da Cultura*, p. 240.

<sup>153</sup> *Id., Ibid.*, p. 240.

<sup>154</sup> *Id., Ibid.*, p. 240.

uma espécie de “textualidade simbólica<sup>155</sup>”, dando ao dia a dia uma “aura de individualidade, uma promessa de prazer<sup>156</sup>”. Atualmente, é como se realmente vivêssemos no limite, nas fronteiras, como se a cultura atuasse nessa fronteira vertiginosa que é sobreviver no presente. Há uma sensação de desorientação. Um distúrbio. A noção de cultura interpretada pelo crítico indo-britânico, nasce dessa visão dos marginalizados, das minorias, dos momentos intersticiais e monádicos que explodem como o “presente” de Walter Benjamin. Afirma ainda Bhabha:

“A transmissão de *culturas de sobrevivência* não ocorre no organizado *musée imaginaire* das culturas nacionais com seus apelos pela continuidade de um “passado” autêntico e um “presente” vivo – seja essa escala de valor preservada nas tradições “nacionais” organicistas do romantismo ou dentro das proporções mais universais do classicismo<sup>157</sup>”

A cultura torna-se vista assim como uma estratégia de sobrevivência, e um assunto bastante complexo diante da multiplicidade atual, sendo *transnacional* e *tradutória*. Explica o autor:

“Ela é transnacional porque os discursos pós-coloniais contemporâneos estão enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural, seja como “meia-passagem” da escravidão e servidão, como “viagem para fora” da missão civilizatória, a acomodação maciça da migração do Terceiro Mundo para o Ocidente após a Segunda Guerra Mundial, ou o trânsito de refugiados econômicos e políticos dentro e fora do Terceiro Mundo. A cultura é tradutória porque essas histórias espaciais de deslocamento – agora acompanhadas pelas ambições territoriais das tecnologias “globais” de mídia – tomam a questão de como a cultura significa, ou o que é significado por *cultura*, um assunto bastante complexo<sup>158</sup>.”

Tal visada do autor torna realmente a cultura uma prática extremamente perturbadora, desconfortável, “*de sobrevivência e suplementaridade*”, em um espaço “em entre”, ou seja, “*entre a arte e a política, o passado e o presente, o público e o privado, na mesma medida em que seu ser resplandecente é um momento de prazer, esclarecimento ou libertação*”. A

---

<sup>155</sup> *Id., Ibid.*, p. 240.

<sup>156</sup> *Id., Ibid.*, p. 240.

<sup>157</sup> *Id., Ibid.*, pp. 240-1.

<sup>158</sup> *Id., Ibid.*, p. 241.

complexidade do tema demonstrada pelo autor (inclusive pela sua sintaxe elaborada e difícil) nos torna cada vez mais ciente da “construção da cultura e da invenção da tradição”, como Bhabha confirma:

“A dimensão transnacional da transformação cultural – migração, diáspora, deslocamento, relocação – toma o processo de tradução cultural uma forma complexa de significação. O discurso natural (izado) unificador, da “nação”, dos “povos” ou da tradição “popular” autêntica, esses mitos incrustados da particularidade da cultura, não pode ter referências imediatas. A grande, embora desestabilizadora, vantagem dessa posição é que ela nos torna progressivamente conscientes da construção da cultura e da invenção da tradição<sup>159</sup>.”

Eric Hobsbawm é outro autor que nos fala a respeito das “tradições inventadas”: elas podem ser simplesmente implantadas em determinado momento histórico, com interesses políticos e econômicos, ao contrário daqueles que pensam que elas se perdem nos tempos. No entanto, o termo se refere tanto às tradições “*realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo*<sup>160</sup>.” A idéia de tradição implica automaticamente numa idéia de continuidade em relação ao passado, diferenciando-se do “costume”:

“O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O “costume”, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história. (...) “Costume” é o que fazem os juizes; “tradição” (no caso, tradição inventada) é a peruca, a toga e outros acessórios e rituais formais que cercam a substância, que é a ação do magistrado. A

---

<sup>159</sup> *Id., Ibid.*, p. 241.

<sup>160</sup> HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*, p. 09.

decadência do “costume” inevitavelmente modifica a “tradição” à qual ele geralmente está associado<sup>161</sup>.”

Hobsbawm, nesse artigo introdutório, demonstra como foi importante a invenção de tradições para fortificar a idéia de nação e de povo, e, conseqüentemente, a de nacionalismo e de tudo que ele pode acarretar, como a formação das “comunidades imaginadas” ou até mesmo, as guerras pela expansão das fronteiras.

Em relação ao nosso tema, podemos dizer que a tradição é constantemente reatualizada a cada performance do contador de histórias, ou seja, inventada. A evocação de textos passados dialogam com sentidos diferentes no presente. Os motivos a cada vez recontados são sempre trazidos ao texto com vestimentas novas, de acordo com a necessidade, a contingência, o desejo do narrador. Assim, a narrativa da Tradição não tem essência ou pureza, mas historicidade. E, além do mais, não podemos falar de conteúdos transportados pelo tempo, mas sim de invenção constante, ou, conforme Lyotard:

“A tradição é aquilo que diz respeito ao tempo, não ao conteúdo. Por outro lado, o que o Ocidente deseja da autonomia, da invenção, da novidade, da autodeterminação, é o oposto – esquecer o tempo e preservar, acumular conteúdos; transformá-los no que chamamos história e pensar que ela progride porque acumula. Ao contrário, no caso das tradições populares...nada se acumula, ou seja, as narrativas devem ser repetidas o tempo todo porque são esquecidas todo o tempo. Mas o que não é esquecido é o ritmo temporal que não pára de enviar as narrativas para o esquecimento.

...

Esta é uma situação de constante encaixe, que torna impossível encontrar um primeiro enunciador.<sup>162</sup>”

A comunidade, assim, precisa, como no poema de Drummond, “esquecer para lembrar”. A memória, já nos ensinava Bergson, é fragmentária. Pois ninguém lembra-se totalmente, ressuscitamos trechos do passado, apenas. Faz-se a seleção e rejeita-se outros

---

<sup>161</sup> *Id., Ibid.*, p. 10.

<sup>162</sup> LYOTARD apud BHABHA, *Op. Cit.*, p. 93.

temas. Captura-se fragmentos que se sente importantes ou úteis. Os temas evocados possuem valor para a comunidade, e são sempre acompanhados por uma vontade de esquecimento; esquecimento que rejeita não para anular determinados temas da memória, mas para clarificá-los melhor para a mente. A memória é poder de organização a partir de um fragmento vivo, como as madeleines de Proust. Um fragmento que pode simbolizar a totalidade do tempo reencontrado. Uma re-presentação de elementos distintos que ilumina lados da percepção antiga a ponto de torná-la um resíduo, como um quadro. Ilumina-se alguns pontos, obscurecem-se outros. Há a escolha, pois quando lembramos, diminuimos, recordamos, recortamos. Há elementos intrínsecos a esta escolha, lembramos de certas imagens que se recortam e se costuram. A memória não trabalha com a percepção de finitude, cria-se um tempo que não corresponde ao tempo real. Ela é uma falsificação no sentido de que ela retoma uma percepção, sendo por isso representação. Algumas memórias chegam com um grau de nitidez e outras se perdem, pois há a questão do valor e da utilidade e também de algo que é escolhido afetivamente. Mas a percepção das coisas antigas são sempre novas. E, na memória da comunidade, há, segundo Paul Zumthor, uma adesão à

“...formas de pensamento, de sensibilidade, de ação e de discurso graças às quais ela “funciona”, não somente porque ela os tem à sua disposição, mas por causa dos valores de que elas são carregadas – valores a dispor ao mesmo tempo entre as causas e os efeitos de uma seleção inicial, isto é, de uma vontade de esquecimento. Mas este esquecimento implica um desejo latente. É dinâmico: rejeita, mas em vista de. Ele não anula, ele pole, apaga, e, por isto, clarifica o que deixa à lembrança, transformando-a em tipo, extraindo daquilo que foi sua fragilidade temporal, sua incômoda primeira fugacidade.<sup>163</sup>”

Além disso, longe de estar ao lado do tempo, a memória, da mesma forma que o imaginário ergue-se contra o tempo cronológico e existencial. A partir de pequenas “experiências mortas<sup>164</sup>” ressuscitamos nossa “esperança essencial<sup>165</sup>” pela eufemização do tempo e da morte. *Eufemização* que perfaz a função da fantástica e da qual a memória participa pois organiza esteticamente a recordação. Assim, o narrador executa sua narração

---

<sup>163</sup> ZUMTHOR. *Tradição e esquecimento*, pp. 15-6.

<sup>164</sup> DURAND. *Op. Cit.*, p. 403.

<sup>165</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 403.

sobre ruínas, demonstrando ser a tradição dinâmica, e não uma lápide fixa e imóvel. Os próprios budistas já o sabem quando destroem de tempo em tempo mandalas lindamente desenhadas, numa representação das mudanças inevitáveis que ocorrem com as culturas, como nos mostra algumas cenas do filme *Kundun*, de Bertolucci. Ou, tal como nos disse Marx:

“Quem é Zeus hoje no tempo dos pára-raios?”

Diante disso, podemos verificar no próximo capítulo como as noções moveáveis do imaginário, da tradição e da cultura são colocadas em jogo na criação dos narradores de Mayandeua.

### Capítulo 3



***Terra incógnita:  
“além no espaço,  
aquém do tempo”.  
O imaginário de  
Mayandeua.***

Em Algodual, um vendedor de peixe na lida diária.

### 3.1. O Espaço encantado da ilha, uma topografia da fantástica

*“Não percebo nada, minha cabeça roda, onde estou?”*

*(Personagem de Marivaux)*

Um ser sem espaço é um ser em vertigem, atormentado, sem orientação. Não sabe onde está, porque por algum motivo perdeu o contato com o mundo. Com o seu mundo. “*O ser privado de lugar encontra-se sem universo, sem lar, sem eira nem beira.*” Comenta Georges Poulet<sup>166</sup>. Se não sabe onde está, este ser não sabe aonde ir, está perdido, “*mundiado*”, como se diz na Amazônia. Pleno de mundo, andarilho, um louco sem horizonte. Portanto, para cada ser, diz o físico, postula-se para ele também um espaço. Ora, toda pessoa tem necessidade de situar-se no mundo, no lugar. Há uma exigência de ordem. E, por isso, nomeia-se a paisagem: ruas, avenidas, montes, ilhas...há que se saber aonde ir.

Segundo Del Pino, dois grandes espaços geográficos fundaram a “*primitiva orientação do homem no espaço cósmico: os lugares onde o sol nasce e morre (...) mantêm as marcas dessas primeiras percepções do espaço enquanto cosmos, ou seja, como entidade ordenada a partir de um ponto-de-vista perceptivo; quer dizer, com base em um dado cuja elaboração intimamente se vincula à relação entre o sujeito e seu mundo, relação sempre mediada pela sensorialidade; no caso, a visão.*”<sup>167</sup>

Assim, o espaço no qual vivem os homens é uma realidade adjetivada, que eles ordenam segundo sua visão de mundo. Organiza-se o universo, ao mesmo tempo que a sociedade. Qual seria então a visão do narrador da Ilha de Mayandeua a respeito de seu próprio espaço?

1994. *Seu Zinho*, pescador, 79 anos, fala-me da Ilha: “*isso aqui tudo é encantado!*”, afirma, enfático. E vai me orientando sobre os pontos “encantados” de Mayandeua: Morro do Canta-Galo; Praia da Princesa; o Lago da Princesa; a Rua Magalhães Barata, por onde passava o “cavalo-Marinho” da Princesa. É isso. A Ilha é encantada. Manoel Lopes, canoieiro e pescador, confirma: “*Tudo é encantado aí, aí pra dentro, tudo é encantado aí em diante...vê navio, navio mundiado, aí no meio, cantava galo.*” E me conta isso apontando para os referidos lugares, fazendo gestos, tecendo o relato e nomeando a paisagem, durante um

<sup>166</sup> POULET, George, *O Espaço Proustiano*, p. 19.

<sup>167</sup> PINO, Dino Del, *Espaço e Textualidade*, p. 12.



passeio que fizemos por um igarapé<sup>168</sup>. Há mais: na crença do nativo (como os mesmos se denominam) a Ilha é encantada por causa da Princesa que lá ficou. Pergunto à D. Magah, 67 anos, pela Princesa, ela me responde num tom de voz, misto de respeito e carinho pela deusa:

“A Princesa? Ela vive no reino dela. Eu nunca vi. Não. Muitos viam...agora o caso que a minha mãe contava...que eu sempre ouvia a princesa, ela estava mudada, quando se vivia no silêncio...ela estava nos banhos, de madrugada, tomando banho, muito bonita, bonita, que quando ela notava que tinha gente (gesto) ela se enfiava dentro da água e não saía mais. É sim. Então é encantado! Minha senhora. O encantado, eu vou lhe dizer, não tem ninguém que diga, isso é da parte...é da parte...é um mistério de Deus que ninguém pode.”

A imaginação caminha para onde vai a alegria ou, ao menos, uma alegria diria Bachelard<sup>169</sup>. A felicidade do narrador oral de Algodal relaciona-se com estas portas para o imaginário, que são estes “pontos encantados” da ilha, e a própria ilha como um todo. Com os seus brilhantes olhos azuis, Herculana Teixeira, mais conhecida como *Tia Princesa*, lavadeira, 53 anos, conta-me o que se via dentro do Lago, antigamente:

“a gente enxergava anéis, feijão, cordão, era sim, se a gente pegasse e não fosse levar aí ela, não sei como é, ela envolvia de noite, ela perturbava a noite inteira a pessoa...”

Isso porque o espaço para o habitante de Algodal, funciona como um elemento apriorístico para o acontecimento fantástico e/ou maravilhoso. Declara o neto de D. Magah, conhecido como Zé Mingau, pescador, 23 anos:

“lá na ‘Pedra do Boiador’, perto das dunas, aparece um navio, “um navio muito lindo”. E, no mesmo lugar, os pescadores “antigamente”, “escutavam galo cantar, boi hurrar, cavalo relinchar, no fundo assim, no fundo sabe? Que era incrível (...) tu ouvias...não tinha nada lá fora pô!(...) eu acho que isso é que a ilha é encantada mesmo...”

---

<sup>168</sup> Caminho de Rio. Este Igarapé desagua no Lago da Princesa.

Gilbert Durand, aliás, considera o espaço o “*ser sensorium*”<sup>170</sup> da função fantástica. Na linha Bachelardiana, comenta o autor: “*a imaginação voa imediatamente no espaço e a flecha imaginada por Zenão perpetua-se para além da contagem do tempo existencial*”<sup>171</sup>. A duração de que fala Bergson está, não no tempo, mas no espaço, segundo o antropólogo. “*O espaço é nosso amigo, nossa atmosfera espiritual, enquanto o tempo consome*”, afirma.<sup>172</sup>

Nas narrativas contadas em Mayandeuá, notamos exatamente isso: um espaço-tempo que só é real no começo, depois o sentimento do real se apaga. O tempo cronológico perde a importância, se espacializando. O espaço torna-se uma espécie de “superespaço subjetivo”- lugar de uma imaginação, de uma alegria, onde se ressuscita uma Esperança de eternidade. Como se cada narrador buscasse o Éden, o Paraíso Perdido. O espaço percebido ou recordado é, nessa busca, uma das condições do transporte narrativo.

É contemplando a Rua Magalhães Barata, rua de terra (a única que tem nome em Algodual) que Dona Margarida Carrilho, 63 anos, fala-me impressionada: “*E vinha um cavalo toda noite, era encantado esse cavalo...*” Sua voz pareceu-me dizer muito mais que a simples frase: era como se houvesse a nostalgia de um tempo perdido.

Neste contar das memórias afetivas há também lugar para um espaço perdido, comenta Zé Mingau: “*antigamente aqui não tinha essa multidão de casas que tem agora né, era caminhos assim, tipo você vai andando numa mata...e tem aqueles caminhos pra você andar, era assim, né?*”. E Maria de Lourdes, 35 anos, no final de uma narração: “*...mas faz muito tempo, muitos anos, não tinha essas casas ainda aqui em Algodual...só era mata!*”

Transformado ou não, é no espaço que reinos encantados são projetados. Maria Dolores do Nordeste, em julho de 1994, 64 anos, é quem nos conta:

“...[Naquela ilha de lá ainda aparece]...ainda aparece a Cidade...porque quando eu tinha um bar lá, eu...foi...Quinta-feira santa, foi Quinta-feira santa! Estava eu, estava a minha filha, tinha outra senhora lá de Belém e tal, estava sentado aqui, faltava quinze minutos pra meia-noite, aí...**nós olhamos lá pra fora, naquela ilha que canta galo, mas era uma cidade!** Estava tudo iluminado, tudo! Tudo! Tudo! Tudo! Parece

---

<sup>169</sup> BACHELARD, Gaston, *A Água e os Sonhos*, p. 2.

<sup>170</sup> DURAND, Gilbert, *As estruturas antropológicas do imaginário*, p. 406

<sup>171</sup> Id., *Ibid.*, p. 398.

<sup>172</sup> Id., *Ibid.*, p. 408.

mesmo...cidade mesmo! Ai ...aonde tinha...um príncipe, sentado. Numa cadeira. Muito lindo. Quando... faltava quinze minutos pra uma hora...desapareceu! [ ] Me contavam! Quando eu cheguei aqui me contavam isso, mas eu nunca acreditei, aí quando foi nessa noite eu acreditei porque eu vi com meus olhos que a terra tem que comer! Né?"<sup>173</sup>

Durand atribui propriedades para o espaço. A “**ocularidade**”: “há em nós uma aptidão para traduzir qualquer sensação e qualquer rastro perceptivo em temas visuais”. A contemplação do mundo é já transformação do objeto<sup>174</sup>. A “objetiva” da máquina fotográfica não é nunca “objetiva”, pois ela já pressupõe um ponto de vista. A visualidade surge, assim, como um elemento apriorístico para o surgimento do espaço maravilhoso. Dona Maria Dolores, por exemplo, precisa *olhar lá pra fora* para ter essa visão do maravilhoso: uma cidade iluminada. Um príncipe em uma cadeira.

Outra propriedade do espaço fantástico é a sua **profundidade**<sup>175</sup>. O espaço é um convite à “viagem longínqua”, tridimensional<sup>176</sup>. Basta lembrarmos aí de uma piscina, com sua largura, altura e fundura, explica o físico. Estar “mundiado” (voltemos ao início) talvez signifique ter uma consciência súbita dessa tridimensionalidade do espaço. O espaço físico que se torna fantástico é o espaço pleno do imaginário, de alguém que se “mundiou”, isto é, que experimentou as três dimensões do mundo, subitamente.

A terceira característica é a **ubiquidade**<sup>177</sup>. Trata-se de um “espaço euclidiano”<sup>178</sup>, isto é, de um espaço homogêneo, lugar de figurações, de perfeição, aqui, as deformações físicas do tempo estão afastadas. *Os objetos se deslocam livremente sem sofrer o constrangimento perspectivo*<sup>179</sup>. Todo objeto se torna mágico dentro de uma narrativa. A imagem aí não é afetada “pela situação física ou geográfica: o lugar do símbolo é pleno”, afirma Durand<sup>180</sup>. Em questão de segundos surge uma cidade encantada no meio do mar, em frente ao “Morro do

<sup>173</sup> Narrativa coletada no momento da abordagem, no espaço doméstico.

<sup>174</sup> Durand, op. cit., p. 409.

<sup>175</sup> Id., Ibid., p. 409.

<sup>176</sup> Id., Ibid., p. 410.

<sup>177</sup> Id., Ibid., p. 411.

<sup>178</sup> Id., Ibid., p. 411.

<sup>179</sup> Id., Ibid., p. 408.

<sup>180</sup> Id., Ibid., p. 411.

Canta-Galo”, com toda sua eternidade, como se o tempo, naqueles minutos, fosse abolido de sua finitude. *Dona Maria Dolores* projeta no espaço da Ilha o seu desejo de eternidade e felicidade. Ela também não quer morrer. Em sua visão, nada de acidentes geográficos, de imperfeições (o Príncipe é “muito lindo”). Ora, no reino da imaginação e do maravilhoso, palácios podem surgir e desaparecer ao toque da varinha. Não há conflitos em Pasárgada. O lugar da imaginação é o da plenitude.

O tema da ilha encantada, é sabido, não é exclusividade das narrativas concebidas em Mayandeuá Os motivos e temas migram, (segundo Paul Zumthor, pelo nomadismo da voz) entre as diversas literaturas e tradições culturais de diversos lugares. Tal como a linguagem do mito que, nos diz Lévi-Strauss, atua por “bricolage”, isto é, por “resíduos e fragmentos de acontecimentos”<sup>181</sup>, construindo “palácios ideológicos com os restos de uma antiga linguagem social”<sup>182</sup>, o tema da ilha encantada surge em várias tradições orais e mitologias, como “as ilhas bem-aventuradas” da mitologia grega, e a “ilha essencial”, *dourada e redonda, cujas margens estão repletas de jóias pulverizadas*, de que fala a doutrina hindu, ou mesmo a mítica ilha de Avalon, na mitologia céltica, ou na literatura, Camões e sua encantada “Ilha dos Amores”...

No entanto, como afirma Vittorio Santoli<sup>183</sup>, citado por Ítalo Calvino, a comunhão “*não exclui a diversidade*” que se manifesta “*mediante a adoção ou recusa de certos motivos, a predileção por certas espécies, a criação de certas personagens, a atmosfera que envolve a narrativa, as características de estilo que refletem determinada cultura formal*”. As narrativas, quaisquer que seja a origem, estão sujeitas “*a absorver alguma coisa do lugar onde [são] narradas — uma paisagem, um costume, uma moralidade, ou então apenas um vago sotaque ou sabor daquela região.*”<sup>184</sup> A informante Maria Dolores, assim, deixa-se envolver pela paisagem da ilha, e toda sua performance torna aquele momento único.

Penso que os narradores de Mayandeuá não discordariam disso: seus atos, idéias, criações, são únicos, mas ao mesmo tempo, ancestrais. A subjetividade, a voz de *Zé Mingau* não pode se confundir com os gestos, a narração e a subjetividade de *Seu Zinho*. Ambos são

---

<sup>181</sup> LÉVI-STRAUSS. *O Pensamento Selvagem*, p. 47.

<sup>182</sup> Id., *Ibid.*, p. 47.

<sup>183</sup> Apud CALVINO, Ítalo. *Fábulas Italianas*, p. 17.

<sup>184</sup> Id., *Ibid.*, p. 18.

muito diferentes. Os habitantes de Algodual dizem que tocam um carimbó melhor do que os de Fortalezinha, e vice-versa. Seu Gerôncio, enquanto tece uma rede de pesca, conta-me sobre sua visita a uma praia, também considerada encantada, no Maranhão. Há várias ilhas, praias e encantamentos, mas não importa, para o narrador de Maiandeua, a sua ilha é o Centro Cósmico do universo, pois, como disse enfaticamente D. Magah:

“Porque a melhor cidade, a melhor capital que tem é daqui da Ilha de Maiandeua! Praia de Maiandeua! É isto.”

### 3.2. Reunindo fragmentos: o universo de Mayandeua.

“Elle est retrouvée.  
Quoi? L'Éternité.  
C'est la mer mêlée au Soleil.”  
(Arthur Rimbaud)

Em Mayandeua, das várias vozes escutadas e que continuam ecoando na memória, solicito apenas uma, virtual, simbólica. Ela reúne em só tom todos os fragmentos narrados, em um único fio condutor. Essa voz corporifica quase todos os temas abordados na composição.

É então que ele se faz presente, *O Narrador*, senta-se na velha cadeira, acende um cigarro de palha e, de súbito, começa a nos contar tudo que ocorreu nos tempos de outrora:

*“Vou começar por aqui. Primeiro veio a enchente. Segunda-feira Santa, arrastou todas as casas da beira e obrigou todo mundo a se mudar. Arrastou tudo. Terminou só na Sexta-feira Santa. Foi a partir daí que nós fomos morar nessa praia aqui. Juntamos palha e construímos a casa nessa ponta. Desde então, já estou com 64 anos na palma da minha mão! Das famílias que contam essa história só tem cinco aqui! Eu sei, porque ainda não sou caduco, ainda falo muito bem, sei explicar minhas palavras, ainda faço tudo direitinho. E daqui você olhava assim era encanto como não se via! Quando nós chegamos aqui não tinha tantas casas como agora. Era só mata! Tinha uma casa aqui, outra acolá, bem longe! Nós cansamos de ver um cavalo correndo por aqui, nesse tempo não tinha cavalo aqui, nem carroça! E ele aparecia, vinha de lá o cavalo-marinho, branco que nem um algodão! De madrugada ele corria nessa rua, Magalhães Barata, mas nesse tempo ela era só um*

*capoeirão, um caminho né? Ele corria de lá do morro, ganhava essa rua e vinha embora correndo, um camarada vinha em cima dele, trepado, meia-noite, uma hora, ele aparecia. A gente via! Ele vinha de lá pra cá, espalhava brasa pra tudo quanto era canto, mas não era fogo né? Só era até naquela hora quando ele batia na madeira e sumia! Descia na praia vinha embora! Mas vinha certo nesse tronco e sumia! A gente via porque a gente tinha Curral aqui pra baixo, eu, o Cassiano, todo mundo tinha. Isso aqui era muito bonito de primeiro! Mas no início eu só ouvia falar, não acreditava. Quando foi um dia, eu tinha também uma casa lá perto da praia. Noite de luar. Muita linda a noite, sabe? Aí eu ouvi aquele tripé de cavalo, aí eu fui olhar, porque nesse tempo não tinha cavalo aqui em Algodual, quando eu vi, me assustei, um cavalo branco! Parecia o cavalo de São Jorge, com um cavaleiro montado nele! Ganhou a rua na carreira e foi se bater lá no pau, um pau grosso que tinha ali! Tinha vezes que ele dava duas voltas e depois se sumia! Aí nessa noite foi que eu vi a misura do cavalo! Muito lindo! Uma vez o Mestre da D. Julieta tava fazendo uma canoa ali no Porto, meio-dia, e de repente ele desmaiou! A irmã dele foi chamar ele pra almoçar e encontrou ele caído, desmaiado. Ela chamou todo mundo e aí só três horas depois é que ele veio tornar: foi o susto do cavalo. Ele disse que viu o cavalo-marinho, igualzinho um São Jorge, não aguentou, desmaiou, é... ele passava correndo...muito lindo..."*

O Narrador se cala momentaneamente. Toma um café, acende outro cigarro, e continua:

*"E tinha também o navio. Uma vez eu fui pescar, eu mais o compadre Bruno, a gente tava pescando ali no igarapé, de repente a gente viu aquele foco: era um navio muito bonito!!!Lindo mesmo!!! Cheio de luz o navio! Agora tinha galinha, pato, peru, tudo quanto era bicho cantava naquele navio! Aí a gente ficou olhando assim, aí aquilo foi se sumindo na nossa frente. Aí, olha! Corremos, viemos embora com medo! Deixamos rede, deixamos tudo! Mas faz muito tempo...Não tinha essas casas ainda aqui..."*

*Contam aí que, antigamente, toda Quarta-feira de madrugada, tempo de inverno, tempo fechado, o navio aparecia ali naquela ponta de pedras, ali pra frente do Canta-Galo, um pesqueiro, naviosão, entupido de gente! Clareado que era uma beleza! E com banda de música! Uma vez meus filhos foram pro curral, eles disseram que foram andando e aqui e acolá eles escutavam uma música acompanhando eles, uma hora tava na frente, outra hora*

tava atrás. Na mesma noite, tinha um carimbó na D. Magah, e a gente escutava mesmo barulho de música, de instrumento, mas a gente pensava que fosse do Carimbó, vinha lá da praça, quando o galo cantou e o Carimbó tava findando aquela misura terminou. É menina, é encantado! Tudo isso aqui é encantado!”[ ]<sup>185</sup>

Você já conhece o morro do Canta-Galo? Pois é pra lá. É pra lá que ainda aparece a cidade. A minha filha tinha um Bar lá, o Miramar, aí quando foi uma noite, Quinta-feira Santa! Estava eu, a minha filha, e outra senhora lá de Belém. A gente tava sentado lá, faltava quinze minutos pra meia-noite, aí nós olhamos lá pra fora, lá no meio do rio que dizem que canta galo, tem uma ilha lá que quando a maré seca a gente enxerga, aí nós vimos uma cidade lá! Era uma cidade mesmo! Tava toda iluminada! Aí tinha até um príncipe, sentado numa cadeira... o navio, aparece tudo assim parece casa! Assim, envolto parece que numa nuvem né? Lembra um campo, assim, vindo de baixo, muito lindo, muito claro! É a cidade dos encantados, com banda de música e tudo, quando deu..faltava quinze minutos pra uma hora, desapareceu! Porque aqui era uma terra encantada mesmo, era e é! Porque ainda não acabou! Só que quando tem muita gente assim, tempo de feriado, eles não aparecem. Tem gente que diz que eles se mudaram lá pro Canta-Galo. Tem gente que diz que a Princesa se mudou porque a ilha tá ficando muito suja, muito abandonada. É ela quem zela pela ilha! Aqui era tudo limpo! Quem era que limpava isso? Só pode ser os donos! Do fundo n'era? Os encantados! Aqui a gente escutava cantiga de galo, batida de tambor vindo do fundo do mar, a gente via o navio defronte, o cavalo corria aí! Agora não...tem muita agitação, muito barulho, e essas coisas só aparecem no caso que tenha o silêncio, aí aparece pra gente! Tem muita destruição agora na praia, tem erosão...A Princesa? Ela vive lá no reino dela. Eu nunca vi. O Lauro é que conta, pode lhe dar uma ajuda.

Uma vez ele me contou sobre ela. Ele era criança. Saiu com o pai dele pra pegar uns peixes lá na Cunharana, Magalhães Barata. Aí ele disse pro pai dele ir andando na frente que ele ia fazer uma piscina né? Aí ele ficou pra trás. Quando ele foi andando, ali perto da praia, daquela caixa d'água, ele viu uma moça. Ela veio, veio andando, ele ia pra lá, ela vinha pra cá, aí ela olhou pra ele e achou graça, deu um riso né? Era uma moça muito bonita, muito aborrecida né? Aí ele ficou perturbado e esqueceu da viagem do pai dele, ele devia ter uns

---

<sup>185</sup> Uma representação para o silêncio.

oito anos, ficou lá, mundiado. Aí o pai dele chamou ele, e perguntou o que é que ele tava fazendo assim, esquecido da vida. Ele perguntou pro pai dele quem era aquela moça, mas o pai dele não tinha visto nenhuma moça, branca, bonita, chega os cabelos dela brilhavam! Aí o pai dele perguntou pra todo mundo se tinham visto uma moça assim, assado. Ninguém tinha visto, aí ele disse: “então meu filho viu a Princesa”. No outro dia, mais quem perguntava pro pobre do Lauro sobre a Princesa...

A outra foi o Orlando que me contou. Eu mesmo nunca vi. A Princesa. A Senhora quer ouvir?

As águas tavam bem cheia, a maré escorreu da praia e tinha a rede dele lá, amarrada no toco. Era noite de luar. Aí ele chegou lá com a maré grande. A rede tava lá e ele se sentou na rede. Ele acendeu um cigarro e foi pro barraco dele. A porta não queria fechar. Aí ele escutou um barulho de passos e foi ver: era uma mulher, branca, cabelos bem compridos, grisalhos, e ondulados né? Vinha subindo a escada. Aí ele ficou olhando pra ela, ela disse: “sou eu”. Mas naquela hora não devia ter movimento ali, ainda mais de mulher. Aí ele ficou com medo e pensou: “pronto. Essa mulher veio me matar ou me encantar?” Às vezes a gente ouve uns barulhos ali na praia, tipo risada, assobios, chamados, mas vê assim é difícil. Aí ela veio e ficou conversando com ele, mas ela quis logo saber o que ele tava fazendo ali na praia sozinho. Geralmente a gente fica pescando mesmo né? O Orlando tava esperando a maré baixar pra pegar a rede e ir pescar, daí depois ele ia trocar a linha e amanhecer lá no barraco. Ela disse pra ele que era melhor ele evitar ficar lá sozinho. Foi aí que ele fez um Carimbó bacana e contou a história pra gente.

Tem muita história sobre a Princesa aqui. Lá no Miramar, da minha filha, entrou uma mulher uma vez, pediu cerveja, era branca também. Ninguém nunca tinha visto essa mulher. O negócio é que eles tinham acabado de ver o navio, aquela claridade, o navio sumiu, entrou aquela mulher! Branca, toda loura, os olhos dela eram um pedaço de azul! Entrou, pediu uma cerveja, quando a minha filha entrou pra buscar o copo e voltou, ela não tava mais! Tinha tomado toda a cerveja e saído sem pagar! A minha filha foi atrás e nada! Ninguém tinha visto a mulher! Ela passou a noite sem dormir pensando nisso.

Uma vez a Magah foi fazer um parto lá em Fortalezinha. Veio ela e a sobrinha atravessando a praia. Chegou lá pela metade, mundiou. Se perdeu. Aí ela pediu pro Gudengo



*pra ela ficar um pouco no Bar dele. Ela se sentou-se lá, aí ficou espiando uma criação lá na beira da praia. Ela perguntou pro Gudengo se aquelas galinhas, aqueles patos eram dele. Ele disse que não tava vendo nada. Só ela que via. Aí o Gudengo disse pra ela não ligar que era tudo criação da Princesa. Ele ficou olhando, aí ele viu uma mulher bonita, toda loura. Ele viu aquela mulher ir andando com passos leves, mas ele não conhecia ela. Aí ele resolveu ir atrás pra ver quem era. Mas não conseguia alcançar ela de jeito nenhum. Ela parecia andar devagar, mas ele nunca pegava ela. Aí ele voltou e desistiu. Era a Princesa”.*

O Narrador faz uma pequena pausa, olha para o nada, respira fundo e, entre uma baforada e outra, nos conta mais:

*“A Princesa não gosta é que peguem as coisas dela. A mulher do Do Reis contou que uma vez ela foi buscar caju, ali na beira do lago. Do verdadeiro Lago da Princesa. Não esse aí, esse aí é o “Lago dos Paus”! O verdadeiro Lago da Princesa secou! Dizem que ele se mudou pra lá, mas é mentira! Nós construímos aquele lago! Era cheio de pau lá, nós limpamos e tiramos tudo. O Lago da Princesa verdadeiro era ali perto do morro. Era limpo! Tinha um monte de cajueiro, de árvores ao redor! A mulherada acabou com o lago, iam pra lá, lavavam roupa e ainda iam doente! Os encantados não gostam disso. Aí o lago secou. Eles se mudaram. Dizem que eles se mudaram lá pro Canta-Galo. Os macumbeiros acabaram também com o lago. Vinham, faziam despacho, emporcalhavam tudo! Aí foi sumindo! O povo não respeita, foram sujando, jogando lata! Bom, aí a mulher do Do Reis tava lá na beira do lago. Nesse tempo era tudo deserto, tinha muito peixinho, ela começou a comer ajiru e jogar no lago. Aí o peixe vinha e comia aquele ajiru sabe? Aí ela ficou sentada lá comendo e jogando ajiru no dito lago, no verdadeiro. Aí a Princesa apareceu pra ela. Brigou com ela, disse: “olha, outra vez que tu vieres aqui no meu banheiro sujar, eu vou te matar!” Desde esse dia ela não foi mais no lago. Ela morou um tempão aqui e não foi mais lá no lago.*

*Uma vez vieram umas moças lá de Belém tomar banho no Lago da Princesa. Aí, uma que era mais esperta foi na frente das outras e mergulhou primeiro. Aí ela achou um cordão de ouro no fundo do lago. Ela guardou e as outras não viram. Ela voltou pra Belém e foi almoçar com o pai. Ele disse pra ela guardar o cordão, que ela tinha tido era sorte. Mas quando foi à noite, sacudiram a rede dela e derrubaram a menina da rede. Na outra noite, de novo. Então apareceu pro pai dela um homem e uma mulher, a mulher disse pra ele que a*

*filha dele deveria ir devolver o cordão ao lago, senão ela ia morrer. Aí ele, mais que depressa, pagou a passagem da filha, e ela foi devolver o cordão de ouro. Nesse primeiro lago né? Outra vez foi um maracá. Aconteceu a mesma coisa, com outra garota daqui mesmo, só que não queriam devolver o maracá, aí por pouco ela não vai: era dor de cabeça e febre direto! Quase que matam ela. O pajé foi que salvou. Rezou a menina, curou. Pois é, então...mata? Ah! Sim, claro. A mata também é encantada.*

*O Visagem foi lá no mangal uma vez tirar caranguejo, aí de repente ele ouviu uma voz, dizendo pra ele não tirar caranguejo ali, que tirasse mais a frente. Ele obedeceu, foi lá onde a voz disse pra ele ir e ele conseguiu uma fartura de caranguejo! E tem história de gente que se perde lá pro mangal, o Chico Braga foi um: diz que ele viu duas mulheres com uma cesta de frutas, brancas, chamando ele. Aí ele se perdeu. Encontraram ele, ele tava mundiado! Teve um dia que estavam jogando bola aqui, aí o meu irmão saiu pra pegar caranguejo, daqui a pouco aparece a mulher dele dizendo pra gente ir procurar o marido dela, que fazia tempo que ele tinha ido pro mangue e não tinha voltado. Aí nós largamos o jogo e fomos tudinho. Procuramos, procuramos e nada! Ele saiu às duas da tarde, a gente tava procurando, seis horas e nada! Pronto. Morreu afogado. Mas aí quando deu sete horas ele apareceu, lá perto do morro! Não se esfolou, não apanhou, não sofreu nada! Ele ia pra cá, ia pra lá e não acertava sair! É encantada! Porque no mangal tem Curupira né? Ela mundia a pessoa...a pessoa roda, roda, e não sabe por onde caminha! Teve um menino aí que sumiu mesmo, uns três dias. Acharam que ele tivesse se afogado. Mas que nada! Depois de três dias acharam ele no mangal, o pai dele perguntou onde ele tava, ele disse que tinha ido com duas meninas pro fundo, ficou lá, era muito bonito, tinha um castelo. Ficou lá, daí ele disse que não se lembrava de mais nada, aí trouxeram ele, aí pronto [                    ].*

*Eu vou te contar uma coisa: eu tenho devoção é pela Curupira do mato! Antes de ir caçar, quando eu entro no mato, eu sempre faço uma oração de devoção pra ela. Coisa mais fácil do Brasil! É assim: “vovó, minha vovó, Curupira do mato vou deixar um cigarro pra ti aqui...(Em cima duma folha limpa, o tabaco lá) ...pra você fumar uma cachimbada, pra me dar uma caça...(É meu controle antes de caçar) e me defender dos maus.” Pronto. É isto. Meu sistema é este um né? Da minha caçada, eu caço, só eu e Deus. De primeiro eu me perdia, mas depois que eu aprendi isso...*

Já o Chiquinho, ia tarrafeiar e via umas coisas pra lá. Uma vez ele viu um cara pegando muito peixe num lugar, negro. Chegou perto dele, ele sumiu. Mas depois disso ele pegou foi muito peixe, só tainha grande! No mesmo lugar que o homem tava tarrafeando. Pois é isso. Hoje já tô aposentado, meus filhos é que pescam e também andam caçando por aí, vão também no mangal...mas daqui a pouco vou lá no Curral dar uma ajuda, bater um encontro na maré, pois é... aparecia é muita coisa, hoje em dia já tá mais sossegado, dizem que eles se mudaram pro Canta-Galo...Sim! Foi porque antigamente a gente passava lá pelo morro e ouvia o cantar do galo lá, galinha tá piando, boi hurrando, o maior barulho! Por isso que colocaram o nome de "Canta-Galo". Pois é. E o que eu sei, é isso.

O velho pescador ainda se mostra disposto. Mas deve partir. Amanhece. Sombras avermelhadas entram pelas frestras da barraca. O Narrador pega seu chapéu de palha da mesa, coloca-o na cabeça, agradece a atenção da platéia e sai. Lá fora, na praia, ainda ouvimos o eco de sua voz: "Acorda Graça! Que a barra do dia já vem anunciando. O peixe já bateu na rede e a mulher nem me chamou!"<sup>186</sup> Seu caminho ainda é longo enquanto houverem ouvidos para ouvir.

### 3.3. Os motivos. As imagens simbólicas.

"Todo texto se constrói como mosaico de citações,  
todo texto é absorção e transformação de um outro texto."

(M. Bakhtine)

No estudo sobre o imaginário de Mayandeua podemos notar a presença de diversos motivos, eles todos migratórios, nômades, históricos, isto é, aparecem na crônica de Sganarello em 1889 ou nas narrações dos nativos da ilha nos anos 90.

De acordo com Meletinski, motivos são "microenredos que contêm um predicado (ação), o agente, o paciente e que veiculam um sentido mais ou menos independente e bastante profundo"<sup>187</sup>. Ao tecer o relato, o narrador não cria do nada suas narrações, apóia-se em elementos simbólicos já pré-existentes em sua tradição oral. Pela voz, ele reatualiza tudo

<sup>186</sup> Citado pela geógrafa Graça Santana, do museu Paraense Emílio Goeldi, em entrevista em 20/02/98.

<sup>187</sup> MELETINSKI. *Os Arquétipos Literários*, p. 125.

que está jazendo nessa tradição, que, como vimos, também é móvel e pode ser constantemente reinventada. Mas recriada a partir de algo já existente: as ruínas dos elementos simbólicos, nesse caso, os motivos, que também acabam por exercer essa função. Eles se transformam, mas continuam atuando no imaginário. As narrativas são múltiplas e cada uma é única, mas os motivos principais da mesma, correm invariavelmente, e de modo quase independente, de narração para narração, servindo como inspiração para inúmeras narrativas.

O Cavalo-Marinho, por exemplo, é um motivo mobilizado constantemente entre os narradores. Surge também, como vimos, na peça de teatro de *LeviHall*, publicada em 1955, quando se fala de um cavalo chamado *Alazeua* correndo pelas areias de Mayandeuá. Entre os narradores entrevistados esse cavalo não é nomeado, é simplesmente lembrado como o “cavalo-marinho”. Assim, *Seu Zinho*, Margarida Carrilho, Hermínio dos Santos, Lauro Teixeira de Souza, *Seu Do Reis*, Filomena Ferreira, Seu Pelé e tantos outros, citam esse motivo como parte importante do imaginário da ilha. Os modos de narrá-lo variam, mas há uma imagem que é constante: o cavalo-marinho correndo, com um cavaleiro montado, (que alguns comparam a S.Jorge) pela atual rua Magalhães Barata, em Algodual.

Analisemos, dessa forma, esses “microenredos”, essas imagens fundamentais para a imaginação desses narradores. Imagens que, como diz Bachelard, possuem um peso, são um coração. Assim, também com Gilbert Durand, procuremos um semantismo dessas imagens, suas vocações, partindo do psíquico para se chegar ao cultural. Seguiremos, nesse caso, também as pesquisas do antropólogo, que foi buscar em Sartre e em outros o termo genérico de “esquema” (*schème*) para se referir à:

“Generalização dinâmica e afetiva da imagem, [que] constitui a factividade e a não-substantividade geral do imaginário. O esquema aparenta-se ao que Piaget, na esteira de Silberer, chama de “símbolo funcional” e ao que Bachelard chama de “símbolo-motor”. Faz a junção já não como Kant pretendia, entre a imagem e o conceito, mas sim entre os gestos inconscientes da sensório-motricidade, entre as dominantes reflexas e as representações. São estes esquemas que formam o esqueleto dinâmico, o esboço funcional da imaginação<sup>188</sup>.”

---

<sup>188</sup> DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, p. 60.

Conforme foi visto, o imaginário precisa ser ativado por outros temas para que ele possa se manifestar. Em Castoriadis, ele é ativado pela sociedade e pela psique. Sendo ativado pela psique, ele precisa do simbólico para se manifestar. Podemos dizer que há um diálogo entre Gilbert Durand e Castoriadis quando o primeiro afirma:

“É um acordo entre as pulsões reflexas do sujeito e o seu meio que enraiza de maneira tão imperativa as grandes imagens na representação e as carrega de uma felicidade suficiente para perpetuá-las<sup>189</sup>.”

O que será esse “acordo” senão o jogo entre o coletivo e o individual proposto por Cornelius Castoriadis? Dessa maneira, enraizados no simbólico, podemos pensar num semantismo das imagens imaginadas em Mayandeua, indo também, na esteira de Bachelard, à raiz das consciências imaginantes. Começemos assim pelo primeiro dos começos: o motivo do cavalo-marinho.

### 3.3.1. O Cavalo-Marinho.

*“O tempo trota a toda ligeireza”*

*(Gregório de Matos Guerra)*

Esse motivo é marcante e recorrente entre as narrações da Vila de Algodual. Um cavaleiro montado em um cavalo branco, que surge às proximidades da praia, vindo do mar (daí o nome de “cavalo-marinho”) em uma espécie de cavalgada fantástica, já que ele é apenas um fantasma a mais do fabulário local: surge inesperadamente e some da mesma forma. Tal como disse Hermínio dos Santos:

“ O cavalo-marinho corria nessa rua (...) Ele corria de lá, ele ganhava essa rua lá, né? Ele vinha embora correndo. A gente via ele correr, o camarada trepado lá em cima dele, bem no meio do corpo dele, na corcunda, um cavalo né? Passava, aí correndo, descia na praia vinha embora (...) era a volta do cavalo-marinho (...) Aí era hora dele vir...meia-noite, uma hora (...) ele vinha de lá pra cá “ah! Pei!” Aí espalhava brasa pra tudo quanto é canto! Aí pronto. Nada.”<sup>190</sup>

---

<sup>189</sup> *Id., Ibid., p. 52..*

<sup>190</sup> Cf. as narrativas de Hermínio dos Santos no *Corpus* de narrativas.

Analisando, assim, as profundezas desse imaginário, notamos que o Cavalo é um símbolo do tempo. O esquema do animado revela uma inquietação provocada pelo próprio movimento rápido e indisciplinado do animal. Bem a propósito, Durand observa que:

"esse esquema da animação acelerada (...) parece ser uma projeção assimiladora da angústia diante da mudança, e a adaptação animal não faz mais, com a fuga, que compensar uma mudança brusca por outra mudança brusca. Ora, a mudança e a adaptação ou a assimilação que ela motiva é a primeira experiência do tempo. As primeiras experiências dolorosas da infância são experiências de mudança<sup>191</sup>."

O tema da errância é inevitavelmente ligado ao simbolismo do cavalo. Durand observa que esse esquema vem revelar uma fuga diante do Destino. A cavalgada infernal estrutura moralmente a fuga, dando-lhe certo ar catastrófico. O cavalo-marinho, mesmo vindo do mar e sendo branco não consegue se livrar do símbolo do cavalo infernal, ainda mais quando surge acompanhado pelo elemento fogo, caso da narração de *Seu Hermínio*, ou sempre em alta velocidade, como na maioria dos relatos. Há, nas imagens narradas, um mesmo tema afetivo: "*o medo diante da fuga do tempo simbolizada pela mudança e pelo ruído*<sup>192</sup>." A visada de Durand é oportuna. A cavalgada veloz do Cavalo-Marinho no imaginário coletivo do habitante de Algodoal parece, de fato, revelar uma angústia diante da mudança, a partida sem retorno ou a Morte. Lembrando também que, no *Apocalipse*, a Morte cavalga um Cavalo esverdeado.

Sem dúvida nenhuma, as mudanças incomodam o narrador de Mayandeuá, ele se vê atordoado, tendo de talvez mudar um estilo de vida. Com o desenvolvimento do turismo na ilha, por exemplo, muitos pescadores largaram a profissão para viverem do lucro das pousadas. Mesmo porque começou-se a praticar a pesca de arrasto nas proximidades da ilha, dificultando a pesca artesanal dos nativos. As mudanças que chegam à ilha deixam transparecer um rastro de inquietação nos rostos desses narradores, afinal eles têm de sobreviver. Podemos também observar em várias narrativas que o barulho, os ruídos não são bem vindos pela população mais antiga do lugar. É unânime a afirmação de que, com o barulho, os "encantados" não aparecem mais. Observa-se a tristeza em vários dos semblantes.

---

<sup>191</sup> *Id., Ibid.*, p. 74.

Afinal, fala-se de um tempo perdido. Mas, se o simbolismo do cavalo possui uma conotação inevitavelmente nefasta, à primeira vista, não é isso que se nota nos tons dados aos relatos, quando o Cavalo era invocado com alegria, como se ele revelasse uma liberdade, uma rebeldia (a juventude?) já perdida para sempre. Podemos dizer aí com Bachelard e Durand, que a imaginação se torna fonte de libertação, e não um modo envergonhado de se driblar a censura. Aliás, Durand nota como na eufemização, da representação do cavalo, “*encontramos um típico exemplo da vida do símbolo que, debaixo das pressões culturais, transmigra e carrega-se de significações diferentes*”<sup>193</sup>. Uma outra possibilidade de leitura é que pode ser que a mudança (a cavalgada fantástica) seja temida, porém desejada: que um cavaleiro e seu cavalo branco surja de repente e mude todas as condições de vida da ilha, trazendo o novo, o “moderno”. Tal como deixa entrever o canto de *Seu Montana*: “*A Vila de Algodual está ficando adiantada/ Só falta motor de luz, e um cartório e um mercado...*”

Gilbert Durand comenta que, mesmo os cavalos solares (como o de Algodual) deixam-se assimilar facilmente aos “cavalos ctônicos”. O cavalo branco é ligado ao solar, como diz o autor: “*Leucipo é um cavalo branco, antigo deus solar, e os habitantes de Rodes sacrificam cavalos a Hélio*”<sup>194</sup>. Mas como o sol não é um arquétipo estável, com suas intimações climáticas dando-lhe muitas vezes um sentido pejorativo, como no Surya védico (quando o sol destruidor é representado por um corcel) os cavalos solares não são necessariamente considerados positivos. Eles são relacionados ao sol em seu sentido pejorativo, como “temível movimento temporal”. Daí o autor dizer que o cavalo é um “*símbolo do tempo, já que se liga aos grandes relógios naturais*”<sup>195</sup>. Dessa forma, segundo Durand, “*o cavalo é o símbolo da fuga do tempo, ligado ao Sol Negro (...) Pode-se, por isso, em geral, assimilar o semantismo do cavalo solar ao cavalo ctônico. O corcel de Apolo não é mais que trevas domadas.*”<sup>196</sup>

O Cavalo misterioso de Mayandeuá é branco (solar) e aquático (marinho), e faz um percurso marítimo e terrestre, e, pela cavalgada rápida, levanta brasas pelo caminho (fogo). Não há como não assimilá-lo ao simbolismo do cavalo infernal, mesmo porque o cavalo aquático lembra o esquema de movimento sugerido pela água corrente. Água abismal. Durand

---

<sup>192</sup> *Id., Ibid.*, p. 75.

<sup>193</sup> *Id., Ibid.*, p. 78.

<sup>194</sup> *Id., Ibid.*, p. 77.

<sup>195</sup> *Id., Ibid.*, p. 78.

lembra que o tema da cavalgada fantástica e aquática é comum no folclore francês, alemão e anglo-saxônico. Além do mais, “o “*Cavalo Branco*”, o cavalo sagrado dos germanos que hoje em dia na Baixa Saxônia é confundido com o “*Shimmel Reiter*” [é] símbolo da catástrofe marinha, que se manifesta pela inundação e pela ruptura dos diques<sup>197</sup>.”

O simbolismo eqüestre, dessa maneira, delineia uma angústia diante das modificações, da fuga do tempo, e também a preocupação com o “mau tempo” meteorológico. Uma angústia que é também consequência de todos os perigos acidentais: morte, guerra, inundações, fuga dos dias, o ribombar do trovão...Não é à toa que uma informante conta ter sabido de uma história de uma pessoa que teria desmaiado ao ter tido uma visão do Cavalo-Marinho. É curioso também que, no caso de Algodual, a figura do Cavalo se sobreponha ao do Cavaleiro, como se os dois fossem um só, como os Centauros– as divindades dos ventos rápidos. Frequentemente, mas nem sempre, o Cavalo-Marinho é comparado ao santo católico, S.Jorge, aquele que era guerreiro e que derrotou os dragões, tal fato só vem acentuar a aura de movimento, de mudança, que cerca o cavalo-marinho de Mayandeua. Além disso, o nomadismo invocado pela representação do cavalo, só vem acentuar um traço constante das populações da Amazônia: as cheias de alguns rios as obrigam à mudança constante. E em Algodual, há um relato sobre uma enchente aparentada ao dilúvio que teria acometido os primeiros moradores, tal como conta *Seu Zinho*.

Assim, o semantismo das imagens relatadas sobre o cavalo-marinho só vem nos confirmar a premissa: narra-se para superar a certeza da finitude. O tempo é implacável e ele trota com ligeireza. Busca-se dessa forma eufemizar esse Fim. Utilizando-se da função fantástica, o homem ergue-se contra o destino mortal, criando uma imagem que supera a finitude; transformando o mundo da morte com a assimilação de imagens de vida.

---

<sup>196</sup> *Id., Ibid.*, p. 78.

<sup>197</sup> *Id., Ibid.*, p. 80.



### 3.3.2. O Navio.

"Até que um dia, o Homem freta o seu navio, e, de madrugada parte..."

(Clarice Lispector)

"...era um navio lindo, lindo, lindo, cheio de luz o navio! Agora diz que tinha galo cantando, galinha, peru, tudo quanto era bicho cantava dentro daquele navio! Daí diz que eles ficaram olhando assim...que quando eles olharam o navio não tava mais, tinha assim desaparecido aí na frente deles!"

(Maria de Lourdes Gomes e Silva, in *Corpus de análise*)

O navio-fantasma é um tema bastante recorrente no imaginário coletivo. Mas, nesse caso, o navio ganha um qualificativo a mais: é o "navio da Princesa", como os habitantes de Mayandeuá costumam se referir a esse navio em particular. Surge às proximidades do Morro do Canta-Galo, no meio do mar. Inclusive há quem conte que o navio chega a aparecer cheio de tripulantes e com banda de música. A claridade advinda do navio, segundo a *verdade* (lembramos Veyne, que diz ser o imaginário a verdade de outrem) desses narradores, é imensa, chegando a emocioná-los. A imagem faz parte da aparição da "cidade dos encantados": surge o navio e, com ele, sempre uma grande claridade. O navio parece estar em festa, com animais diversos e/ ou pessoas e banda de música. Não se sabe quando esse motivo apareceu pela primeira vez, já que nas narrativas anteriores, de fontes escritas, ele não é citado nenhuma vez.

O navio invocado pelo imaginário dos habitantes de Mayandeuá sugere imagens de repouso, como se fosse um berço redescoberto. Ele simplesmente surge, sem estar em movimento. Aliás, Gilbert Durand observa o quanto é luxuriante para a imaginação "*a morada sobre a água, a barca, a nau ou a arca*<sup>198</sup>". E, ainda, segundo Chevalier<sup>199</sup>, a imagem da barca é um símbolo de segurança. A vida presente é vista como plena de perigos; a barca salvaria aqueles que estão correndo riscos, como a Arca de Noé. Lembrando também que esse navio faz sua aparição, em algumas versões, carregado de animais cantantes, como se fosse mesmo a Barca de Noé. Mas a presença do navio na imaginação do "povo da Praia" em si não chega a surpreender: na ilha, se fabricam barcos e canoas. Além disso, o principal meio de

---

<sup>198</sup> *Id., Ibid.*, p. 249.

transporte na região Amazônica também se faz através de embarcações. Rui Barata não disse à toa que o rio era a rua do ribeirão. É navegando que os ilhéus realizam inúmeras tarefas e passam boa parte de suas vidas.

A barca foi, segundo Durand, o primeiro meio de transporte: “*Ísis e Osíris viajam numa barca fúnebre, enquanto Ishtar, Sin, o Noé bíblico ou o polinésio (...) o Prometeu hindu Matariçva (...) todos constroem uma arca para transportar a alma dos mortos ou para conservar a vida e as criaturas ameaçadas pelo cataclismo*”<sup>200</sup>. O próprio Bachelard chega a se perguntar se a morte não teria sido arquetipicamente o primeiro navegador. A primeira barca teria sido talvez o caixão:

“Si la Mort fut le premier navigateur...le cercueil, dans cette hypothèse mythologique, ne serait pas la dernière barque. Il serait la première barque. La mort ne serait pas le dernier voyage. Elle serait le premier voyage. Elle sera pour quelques rêveurs profonds le premier vrai voyage.”<sup>201</sup>

O “complexo de Caronte” estaria na raiz de toda aventura marítima e o “velho capitão” apaixonaria a navegação dos vivos<sup>202</sup>. Assim, pela incidência fúnebre, toda barca seria um pouco uma espécie de “navio-fantasma”.

O Navio da Princesa é de fato um “navio-fantasma”, mas não surge na imaginação dos ilhéus em movimento. Surge estático, iluminado e em festa, e apenas quando o tempo meteorológico está ruim e à noite, segundo alguns informantes. Para Bachelard, a barca ociosa daria “*uma das mais misteriosas volúpias da natureza*”<sup>203</sup>, uma espécie de “lugar fechado, ilha em miniatura onde o tempo *suspende o curso*”<sup>204</sup>.

Assim, o surgimento do Navio da Princesa, e de tudo que o acompanha (claridade, música, tripulantes), representaria um momento em que o tempo mortal cessaria seu movimento. O sentido do espaço aí predominaria sobre o do tempo, pois o tempo é finito, enquanto o espaço lembra imagens de repouso e de refúgio eternos. A visão do navio é sempre narrada com alegria (até a música é reveladora nesse sentido) como se ela despertasse uma

---

<sup>199</sup> Cf. CHEVALIER & GHEERBRAN. *Dictionnaire des Symboles*, p. 109.

<sup>200</sup> DURAND, *op. Cit.*, p. 250.

<sup>201</sup> Apud CHEVALIER & GHEERBRAN. *Op. Cit.*, p. 109.

<sup>202</sup> Apud DURAND, *Op. Cit.*, p. 251.

<sup>203</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 251.

<sup>204</sup> DURAND. *Op. Cit.*, p. 251.

Esperança essencial de triunfo sobre o efêmero. Como se os narradores dissessem: “há uma ilha ali, além, no meio do mar, lá aparece um navio, ele mostra que o eterno existe...” Dessa forma, o Navio da Princesa torna-se uma espécie de *trans-porte* para um mundo *au-délà*, fora de qualquer horizonte da possibilidade concreta. Deixa transparecer uma *quête* pela imortalidade: “*além desse Oceano de dores que é a vida nesse mundo e a sua ligação com ela.*”<sup>205</sup> Mas o que significará esse navio para o imaginário do narrador de Mayandeuá? Quem responde é *Seu Zinho*:

“Às vezes via aquela claridade que tinha! Via aquela claridade lá, via que era um navio, quando demora, não era navio, não era nada! (...) Era o encantado!”<sup>206</sup>

“*Encantado?*” A visão que envolve o Navio parece ser apenas parte de um todo que é a visão da ‘cidade dos encantados’. Tal visão é narrada como ofuscante: a claridade é tanta que lembra o *fiat lux* do Gênesis. O raiar da luz relaciona-se com o ordenamento do caos, segundo Chevalier. E também com a felicidade e com a vida. A luz é, ainda de acordo com Chevalier, o símbolo patrístico do mundo celeste e da eternidade. As Almas separadas do corpo serão, segundo São Bernardo, *mergulhadas em um oceano imenso de luz eterna e de eternidade luminosa*<sup>207</sup>. Simboliza também, sem dúvida, a intervenção dos deuses celestes. No entanto, esse céu, em Mayandeuá, abre-se para baixo: a cidade iluminada emerge das águas em uma luxuriante visão:

“...ainda aparece, a cidade, ainda aparece, porque quando eu tinha um bar lá, foi quinta-feira santa, (...) foi Quinta-feira santa! Estava eu, estava a minha filha, tinha outra senhora lá de Belém e tal, estava sentado aqui, faltava quinze minutos pra meia-noite, aí...nós olhamos lá pra fora, naquela ilha que canta galo, mas era uma cidade! Estava tudo iluminado, tudo! Tudo! Tudo! Tudo! Parece mesmo...cidade mesmo! Aí ...aonde tinha...um príncipe, sentado. Numa cadeira. Muito lindo. Quando... faltava quinze minutos pra uma hora...desapareceu! [ ] Isso...me contavam! Quando eu cheguei aqui me contavam isso, mas eu nunca acreditei, aí

<sup>205</sup> CHEVALIER & GHEERBRAN. *Op. Cit.*, p. 109: “*au delà de l’Océan des douleurs, que sont la vie en ce monde et l’attachement à cette vie.*”

<sup>206</sup> João Costa da Silva Filho (*Seu Zinho*), *Corpus de Análise*.

<sup>207</sup> CHEVALIER & GHEERBRAN. *Op. Cit.*, p. 588.

quando foi nessa noite eu acreditei porque eu vi com meus olhos que a terra tem que comer! Né?<sup>208</sup>

Em um espaço “além”, num tempo que se espacializa tamanha a importância do espaço, o narrador de Mayandeuá deixa, assim, transparecer sua resposta poética ao tempo que se esvai.

### 3.3.3. A Princesa

A Princesa do Mayandeuá é, sem dúvida nenhuma, o motivo principal da ilha. Ela possui diversas facetas: às vezes, simplesmente aparece, sem dizer ao que veio; outras vezes é rigorosa e ameaçadora com quem começa a destruir a natureza. Vejamos os diversos aspectos desse motivo por partes.

Na narrativa relatada pelo informante José da Costa Teixeira, vulgo *Zé Mingau*, a Princesa é descrita como uma moça branca e loura. Há dúvidas se se trata realmente da Princesa. O pescador Gudengo, ao vê-la, sai em seu encalço, mas não consegue atingi-la:

“...Ele só viu uma mulher com o cabelo bem louro assim, bem louro mesmo, que era luar à noite, ele viu aquela mulher ir andando assim, de passo leve, entendeu? E aqui e acolá, ela juntava uma coisa, ele via que ela juntava uma coisa, então ele...ele disse assim: “*égua, eu vou ver quem é essa mulher! Nunca vi essa mulher, eu vou ver ela!*” E desceu pra ir atrás dela, sabe? (...) Ele disse assim que uns 20 metros longe dele assim, ele não se aproximava mais dela, e aqui e acolá ela juntava uma coisa! E ele andando rápido mesmo, ele quase correndo assim atrás dela, e ela assim naquele passo, ele não conseguia se aproximar dela, ele foi quase na ponta da Praia da Princesa, sabe? (...) Pra ver se alcançava ela mas não conseguiu. Ele voltou de novo pra lá, chegou lá, disse pra mãe dele que não conseguiu mesmo...se decifrar quem era, mas que era uma mulher muito bonita era! Né? Aí ele ficou assim...ele pensou em dizer que era...e era uma mulher...aí ele não sabia dizer se era a Princesa mesmo ou...<sup>209</sup>”

<sup>208</sup> Narrativa coletada no momento da abordagem, no espaço doméstico.

<sup>209</sup> José da Costa Teixeira, *Corpus de Análise*.

Dáí podemos deprender um traço dessa deidade: ela se mostra inatingível, como os deuses da mitologia. Essa mulher estrangeira é idealizada como uma deusa, facilmente associada à Princesa. Nas narrativas contada pelo performático Francisco Pereira da Silva, mais conhecido em Fortalezinha como *Seu Chiquinho*, há dois exemplos da mesma linha, isto é, sobre “estrangeiras”:

“Tinha uma casa lá, que eu dormia lá...sabe? Aí uma noite, eu saí com um rapaz, umas onze horas da noite, tava jogando dominó, aí nós fomos passando...(...) nós fomos assim aí a mulher foi saindo da água assim, “*rapaz, olha aquilo...*” Aí a mulher saiu da água toda enxuta, uma roupa meia-branca, vestido assim comprido, cabelo assim...grande, passou rumo aí, como tá o Jabuti aí perto de nós, mas não deu a presença pra nós, (...) ela passou de um jeito que não deu a presença, nós só vimos só um lado do ombro dela assim...depois passou...Quando ela percorreu assim uns 10 metros, eu (...) disse...era o Chiquinho, lá de Igarapé-Açu, “*rapaz eu vou já conhecer quem é esta fêmea, vou já saber pelo vestido dela!*” E corro! Quando eu chego lá, desapareceu! Na hora! Na hora! Na hora mesmo desapareceu!<sup>210</sup>”

Na outra narrativa *Seu Chiquinho* descreve a estranha mulher como uma “grega”. Mas sua conclusão sobre quem era a mulher é inusitada. Toda a platéia jurava que ele ia dizer que era a Princesa, mas o contador surpreende:

“Perigoso que ele chegou da rede, né? Pescar rede...que ele tava fazendo fogo, fazendo café, quando...ele viu, aquela mulher bateu, lá no barraco dele mesmo! Naquele barraco, aí...ele olhou era, era uma mulherona, uma grega! Né? Ele disse: “ei! Ei!” (quem então que será...) ele fez o café, fez né? “Quer tomar café?”. “Não”. Ficou lá conversando...Aí ele assou o peixe, “a Sra. não quer comer?”. Ela disse: “não, não quero...”. Aí, tudo bem...aí terminou, comeu, subiu o jirau lá de peixe né? (...) Ele subiu, ela subiu sentou assim, sentou e...aí fez lá um [bom pedaço], ele fumando um cigarro também...e ela por lá, ofereceu pra ela, ela não quis...aí o camarão ia dando preamar...aí ela desceu! Ela desceu a escada assim, aí ele desceu assim aí ficou olhando, quando ele viu, ela só fez pular na água assim: “Tchôô!!”. Ele disse: “era uma Bôta!” (risos)<sup>211</sup>.

---

<sup>210</sup> Francisco Pereira da Silva, *Corpus de Análise*.

<sup>211</sup> *Id., Ibid.*

A preferência das descrições sobre a Princesa recai sobre o tipo europeu: uma mulher loura e branca. Fato que indignou, como vimos, o folclorista José Coutinho de Oliveira, que se perguntava sobre o paradeiro da morena *mãe d'água*. No seu lugar, disse o autor, os praianos haviam criado uma Princesa *made in Germany*, não condizente com nossa “brasilidade”. Mas, ao contrário da *mãe d'água*:

“não consta que alguém se haja enamorado da princesa, mergulhando para sempre nas águas tentadoras para ir gozar no palácio encantado as carícias que sabem fazer as nossas iaras caboclas e pelas quais se deixam seduzir valentes latagões das selvas. Nada disso: a princesa aparece à meia-noite, envergando seu vestido branco, passeia vagarosamente pela beira do lago e desaparece sem dizer fum-nem-fom<sup>212</sup>.”

Para Coutinho de Oliveira, os Contos de Grimm deviam ser responsáveis por esse “mito alienígena<sup>213</sup>”. O fato é que não se sabe como esse motivo foi incorporado à tradição oral da ilha. E aí podemos falar de tradição inventada que possui historicidade: o motivo da Princesa possui já uma idade extensa, conforme pudemos conferir primeiramente pela narrativa de 1886, de Pádua de Carvalho. E um outro fato é que a Princesa é descrita à européia.

Entre os Antigos, deuses, deusas e heróis sempre foram descritos como louros. Essa cor, simbolicamente, é considerada solar; sendo também uma manifestação de calor e maturidade. O louro simboliza as forças psíquicas emanadas da divindade. A Bíblia confirma essa tradição: o Rei Davi é louro avermelhado, como o será Cristo em inúmeras obras de arte<sup>214</sup>. Entre os Celtas é um símbolo de pureza real. O louro (ouro) é verdadeiramente privilegiado em diversas culturas, assimilado à divindade, da mesma forma que o branco – cor da pureza.

A Princesa é vista com respeito e admiração entre seus narradores, como se ela fosse realmente a guardiã da ilha. Vejamos os seguintes fragmentos:

“...ela andava...em cima de um cavalo, o cavalo dela era branco, branco, branco branco! Andava daqui, dacolá, quando dava fé, ela tava em pé bem aqui, neste

<sup>212</sup> Apud FIGUEIREDO, *Op. Cit.*, p. 21.

<sup>213</sup> Apud FIGUEIREDO, *Op. Cit.*, p. 20.

<sup>214</sup> CHEVALIER & GHEERBRAN. *Op. Cit.*, p. 132.

canto, neste canto, aí olhando, olhava pra um lado, olhava pra outro, aí ela quando se aborrecia de olhar, ela ia s'embora para o lugar dela, chegava lá, pegava o barco dela, e olha, (gesto) saía aí pra fora, é...bonita, bonita a princesa, cabelo cumprido, uma beleza, bem loura, alva, rosada, bonita mesmo! Que eu já vi! Com os meus olhos que essa terra tem de comer eu já vi!

(-E ela mora assim onde?)

-Tem a cidade dela, tem a cidade dela lá fora, daí da praia a gente vê, já vi navio, embarcação, pega peixe ali, menina, pega cada uma pescada grande! Que ali é uma beleza, se pega! Eu já vi, graças a Deus.

(-Como foi, o Sr. tava andando pela rua...)

-Era meia-noite! Eu vinha da pesca! Tava pescando, vinha da tarrafeação, tarrafeava...peixe! Aqui, a gente batia o pé assim ó, (gesto) pros peixe se afastar da beira pra...senão levava a tarrafa da gente, era sim! Deus os livre! Eu já fui longe... Eu já fui longe é bom, pra mim é bom.

(-Aí o Sr. foi pescar...?)

-Pescava pra fora, peixe brabo, esse negócio de tubarão...

(...)

-Eu fui pescar! Aí subindo vi a Princesa! Fui pescar!

(-Ela apareceu lá no Lago da Princesa?)

-Não! Ela apareceu é aqui nesse canto! Aqui nesse canto, ela andava aqui, era a cidade dela, era e é! Ela ainda não morreu. Era a cidade dela aqui<sup>215</sup>.

Ver a Princesa é como ser abençoado. Mas sua aparição nem sempre se dá de forma tão tranqüila, por vezes, como “governante” do lugar, ela parece ameaçadora, e aí não surge apenas como uma passante charmosa e muda como nas outras narrativas:

“As águas tavam bem cheia, a maré escorreu da praia e tinha minha rede lá, colocava lá no...lá fora, nos toco (...) aí quando eu cheguei lá a maré tava grande, a minha rede tava lá e eu me sentei na minha rede, acendi um cigarro (...) E quando eu cheguei no barraco, bati a porta, a porta, a porta não tava fechando, deixei tá, eu ia passando assim malmente eu ouvi o barulho lá no assoalho debaixo aí né? Eu levantei aquela mulher, vinha subindo a escada e aí geralmente eu fiquei ali olhando pra ela e ela disse: “sou eu.” Aí pensei assim: “sou eu...ih, rapaz, será que essa

---

<sup>215</sup> Manuel Dos Reis da Costa, *Corpus de Análise*.

mulher vai me matar na encosta? Ou me encantar?" (...) Aí ela chegou e começou a conversa da seguinte maneira que ela perguntou pra mim o que que eu tava fazendo ali sozinho. E geralmente que tava pescando né? Tava esperando a hora da maré pra pegar a minha rede pra mim pescar e ia quando havia tirado a rede que desse o peixe que desse lá, na rede, eu ia trocar a linha e ia amanhecer ali no barraco, ela perguntou assim pra mim: "só tu que mora aqui é?" Eu disse: "é. Sou eu e Deus né? Só eu e Deus, nas viagens só eu e Deus, lá de Fortalezinha até aqui, daqui eu vou ver a minha rede de pesca e dá preguiça pra voltar, porque já vim de lá e fico cansado, ainda vou lá na rede e volto o peixe que dá eu conserto a rede aqui e pra mim ir aqui de novo pra casa, numa noite escura, ainda mais que não tenho lanterna. Fico aqui que tem uma lamparinazinha, e coloco um palito aqui na caixa e acendo lá, ela fica acesa o resto da madrugada, o resto da noite." Ela disse que era bom também evitar isso. (...) e geralmente ela não tava muito consentindo ficar ali só eu, não sei se ela ia me encantar ou se ela ia fazer alguma coisa comigo, mas aquela mulher, mas, digo assim, é, atiei a minha rede, ia levar pra consertar e passar mais uns dez dias ou quinze dias lá em terra lá no povoado pra depois eu voltar novamente, pra ver se eu esquecia aquilo..."<sup>216</sup>

Ou na narrativa contada por D. Maria Dolores, quando a Princesa ocupa claramente uma função ecológica:

"Ela foi buscar caju. Lá, ali na beira do lago, aí ela viu...naquele tempo era tudo deserto, tinha muito peixinho, aí ela comeu ajiru e jogava, aí o peixe vinha e comia aquele ajiru, sabe? Aí ela sentou-se lá, e começou a comer e a jogar pra dentro do lago né? Aí quando foi seis...aí ela veio de lá, veio, quando foi 6 horas da tarde, nós morava ainda ali naquela casa, aí ela tava deitada, e ela foi lá, e disse: "olha, outra vez que tu for lá, no meu banheiro, sujar, eu vou te matar" E ela ficou com medo e olha ela morou tantos anos aqui, todo esse tempo, ela não botou mais os pés lá naquele lago, ela ficou com medo, é sim. Porque a Princesa era pra estar...mas é que o cara, o rapaz, ela disse que era pra ele desencantar ela, ele não teve coragem, e ela matou o rapaz"<sup>217</sup>.

Como se pode notar, desrespeitar as leis da natureza pode ser fatal no imaginário dos praianos. A Princesa parece assim personificar a própria natureza: bela, se intocada pelo

---

<sup>216</sup> Orlando Teixeira, *Corpus de Análise*.



homem; rigorosa e selvagem, se lhe provocam danos. Todas as interdições parecem apontar para esse tema único: a preocupação ecológica, com a preservação do meio-ambiente. O motivo da Princesa possui, dessa forma, uma função estética e outra ética. Aliás, essa “mãe-natureza” serve de inspiração para inúmeras canções de Carimbó, do sistema passional da ilha:

Eu tava na beira da praia  
E ouvi uma voz me chamar  
Eu olhei pra todo lado  
E vi a Princesa sentada  
(...)  
Eu vou embora  
Eu vou pra lá  
Vou sair daqui  
Pode a Princesa me encantar  
(...)  
A Princesa é uma moça  
Bonita  
E vive sozinha  
Ela mora em Mayandeua  
Na Praia de Fortalezinha<sup>218</sup>

Ou ainda:

Lá na Praia do Farol  
Ela é também beleza  
Lá fora tem o Canta-Galo  
Aonde mora a Princesa  
Lá na Praia do Farol  
Ela é também beleza  
Lá fora tem o Canta-Galo  
Aonde mora a Princesa  
Os antigos contavam  
E hoje eu já ouvi contar  
Que viam os navios ancorados  
E ouviam o galo cantar  
Os antigos contavam  
E hoje eu já ouvi contar  
Que viam os navios ancorados  
E ouviam o galo cantar<sup>219</sup>

Surge também no badalado Carimbó artesanal cantado por *Seu Montana*:

"A praia de Algodal é limpa e tem riqueza  
No farol do Mayandeua

---

<sup>217</sup> Maria Dolores do Nordeste, *Corpus de Análise*.

<sup>218</sup> Orlando Teixeira, *Corpus de Análise*.

<sup>219</sup> Orlando Teixeira, *Corpus de Análise*.

Aonde mora a Princesa  
(...)  
Eu já vi a Princesa falar  
Eu já vi a Princesa cantar  
No morro do Mayandeua  
Na Praia de Algodual.<sup>220</sup>

Como se pode observar, no senso estético dos narradores de Mayandeua, o belo é indissociável do bem: a praia “*é limpa e tem riqueza*”. O belo é associado ao “encanto”, e também à limpeza. Ética e estética andam juntas. Não acompanhamos Kant aqui, para quem o belo não possui utilidade: a bela Princesa de Algodual possui sim uma utilidade, uma função. O feio é associado ao desencanto, à partida da Princesa que deixou a ilha e se mudou, conforme nos foi relatado por Timóteo Teixeira. Depois disso, segundo esse narrador, tudo começou a se modificar, com a paisagem se transformando de modo negativo: lixo, sujeira nas praias, barulho de turistas, confusão, poluição nos mangues e nos rios. Tal fato se expressa pela linguagem peculiar do grupo, por meio da mitologia, no caso, através do motivo da Princesa. *Seu Pelé* também é enfático em relação à questão: para ele a Princesa e os encantados também se mudaram, porque eram eles que zelavam pela ilha. De repente, tudo mudou: chegou o movimento (a “modernização”?) tão desejado e ao mesmo tempo tão temido, conforme notamos anteriormente analisando o simbolismo do Cavalo-Marinho. A comunidade reage: ela deseja manter o seu espaço. O ensinamento útil aí é o respeito à natureza, contado e cantado de modo belo. E também relatado de modo irônico pelo velho pescador Gerôncio Teixeira:

“...Até hoje desapareceu! As coisas que apareciam de grande valor na praia sabe? Você andava daqui pra lá, você encontrava tudo quanto era tipo de objeto! Viu? De valor! Aquilo tudo dourado! Tipo ouro sabe? Agora ninguém podia tocar...naquilo...tinha que ver e deixar ali! Viu?

Aí...chegou um estudioso aí...sempre tem no meio né? Disse: *Ah isso aqui é da natureza! Isso foi a natureza que deixou! Então nós temos o direito a levar!*<sup>221</sup> Viu? Agarrou, pegou...umas...louças...de valor né? Das melhores que achou que deveria levar...quando ele chegou na casa dele, meu amigo, deu uma baita dor de cabeça

<sup>220</sup> Manuel da Costa Santos, *Corpus de Análise*. Citado também por Gerôncio Teixeira.

<sup>221</sup> O tom de voz do narrador é extremamente irônico.

nele, que quase ele vai, aí ele ficou meio...baratinado...aí o pessoal foi...da família né? Isso foi devidamente a esses objetos. Aí foram pro Mentiroso sabe? Daí ele foi olhar, disse: *eh você não deveria ter levado, o que você viu lá na beira da praia...aquilo 'tava na beira do lixo, mas a dona 'tava lá olhando...então você não deveria ter metido no bolso, estes cordão grande que você viu bonito, na beira da praia né?* [ ] E de hoje no presente que nós temos, nós temos lendas assim, desse tipo assim, coisa bem normal, isso aqui de primeiro aqui, era um igarapé, passava embarcação daqui...

— O rapaz me contou que isso aqui era uma praia linda...<sup>222</sup>

— Ela emenda com Fortaleza...viu? E ela é uma praia encantada aonde mora uma princesa né? [ ] Aí a resposta: *eu vi, eu vi/ A princesa falar/ Na Ilha de Mayandeu/ Na praia de Algodal...*

- (É sua?)

-É. *A praia de Algodal/ emenda com fortaleza/ É uma praia encantada/ Aonde mora uma princesa. Aí o povo, o que tão ajudando a cantar, aí responde né? eu vi, eu vi a princesa falar/ Na Ilha de Mayandeu/ Na praia de Algodal*<sup>223</sup>.

Maracás, cordões de ouro, e outros instrumentos são invariavelmente relatados pelos contadores como se pertencessem à Princesa, ou seja, à natureza. Não se pode, por isso, levar tais objetos, com risco de ser penalizado pela morte. Não são poucas as narrativas que se concentram sobre esse tema: sempre um objeto raptado da ilha; depois a doença sobre o transgressor e a seguir, a morte ou a salvação pelas mãos de um pajé. A mensagem é assim nitidamente ecológica: os narradores temem a perda da beleza da ilha e da tranquilidade com as transformações advindas do exterior. O tema da transgressão em algumas narrativas será retomado mais adiante.

A ilha encantada tem assim um rosto: a Princesa. Facilmente poderíamos, por analogia, ligá-la aos cultos da Grande-Mãe: Géia, Gaia, Rhéa, Deméter, a Ísis egípcia, ou a Ishtar babilônica – todas representantes universais da Grande Mãe. Aliás, Durand nota como em todas as culturas e em todas as épocas, os homens sempre imaginaram *uma mulher materna*

<sup>222</sup> Comenta um rapaz que assistia à gravação.

<sup>223</sup> Gerônimo Teixeira, *Corpus de análise*.

*para a qual regressam os desejos da humanidade*<sup>224</sup>. Mas por hora nos basta o que os narradores de Mayandeua querem transmitir como mensagem aos “estudiosos”: o intuito de preservação. É válido retomarmos, nesse ponto, um tema caro a esses narradores: o tema dos encantados, ou do encantamento, outrora presente na ilha, e que ainda se manifesta nos inúmeros relatos.

### 3.4. Não há palavras para os *encantados*, *caruanas*, nem para a *gente do fundo*.

*“Porque Mayandeua é uma cidade encantada  
que o Bicho do Fundo  
botou de castigo na lama do rio!”  
(Clóvis de Gusmão)*

Há somente o silêncio como resposta. Diante do maravilhoso, o discurso parece fracassar. O imaginário seria de fato uma experiência de evidência diante da qual fracassaria a narração, como quer Iser? As narrativas parecem confirmar essa hipótese, pois quando se pede para explicar o que é o encantado, recebemos por vezes apenas o silêncio como reação à pergunta. Conforme vimos com Greenblatt, maravilhar-se é ter de fato uma experiência de suspensão da inquietação associativa normal da mente, uma espécie de paralisia<sup>225</sup>, de modo que fico sem palavras para descrever o ocorrido: é o registro do inesperado, do encontro, o que acontece na singularidade da contingência. Sem palavras para as fortes imagens que descreve, o narrador fica atônito. Pois retomar pela narração esse *pathos*, desperta-lhe afeto. O narrador maravilha-se. O mistério é a resposta:

“Então é encantado! Minha senhora. O encantado, eu vou lhe dizer, não tem ninguém que diga, isso é da parte...é da parte...é um mistério de Deus que ninguém pode<sup>226</sup>.”

O encontro com o inenarrável podia acontecer subitamente:

---

<sup>224</sup> DURAND. *Op. Cit.*, p. 235.

<sup>225</sup> GREENBLATT. *Op. Cit.*, p. 37.

<sup>226</sup> Margarida Menezes (D. Magah), *Corpus de Análise*.

“Às vezes a gente ia lá pescar, ia por aí, não ia aqui pelo meio, quando chegava assim, pronto, pra gente voltar, a gente via o galo cantar lá na pedra, lá perto do morro. Aí apelidaram, “Canta Galo”! Às vezes, via aquela claridade que tinha! Via aquela claridade lá, via que era um navio, quando demora não era navio, não era nada.

(-O que era?)

-Era o encantado!”<sup>227</sup>

Questionado depois se a ilha não era mais “encantada”, o narrador não responde. Diz apenas que só tinha visto esse “encantado”. Ficamos sem resposta. O silêncio também pontua a narrativa de D. Margarida Carrilho, sobre o Cavalo-Marinho:

“E vinha um cavalo toda noite, duas vezes na noite, na semana, vinha o cavalo de lá do morro, até lá no fim. De lá ele voltava e ia mais ou menos pra lá, e o cavalo era muito bonito...e o cavaleiro ainda mais! [ ] (...)Era! Era encantado! Era encantado esse cavalo.<sup>228</sup> Porque aqui não tinha cavalo né? Só esse que aparecia, então era encantado! (...) Nessa época não tinha cavalo. [ ]<sup>229</sup>”

O silêncio e o mistério parecem predominar também na fala de *Seu Lauro*:

“Lá eu pesquei, adonde que botaram, aonde cantava galo de madrugada, o pescador tava perto lá, porque o galo cantava no fundo, e batizaram: “Canta Galo”, é um pesqueiro, agora ele tá [difícil de ser visto] Aqui tempo de inverno né? Tempo de inverno aqui, quando o tempo tava fechado, aparecia um grande navio aí na praia, bem ali no morro, naviosão, entupido de gente! Clareado que era uma beleza, naviosão aí! (...) fazia aquele tempo assim, que era chuva, né? Trovão, aí aparecia né? Era pro pessoal não ir ver né? Tempo péssimo, o encantado aí, ninguém podia ver seu nome né?<sup>230</sup>”

Procurando um sentido para a palavra perguntamos ao informante desde quando a ilha é considerada “encantada”. Ele nos responde:

<sup>227</sup> João Costa da Silva Filho (S. Zinho), *Corpus de Análise*.

<sup>228</sup> A informante afirma tal crença em um tom de voz baixo, o que revela o respeito pelo que ela acabou de dizer.

<sup>229</sup> Margarida Carrilho, *Corpus de Análise*. Os colchetes indicam o silêncio que se fez ao término da narração.

<sup>230</sup> Lauro Teixeira, *Corpus de Análise*.

“É aqui nessa ilha, isso é muito tempo, tem muitas almas na ilha, tem muitas almas...esse mundo é velho, é arte do Dilúvio, quatro mil anos passados, o Dilúvio [chega pra acabar] porque tudo que tem princípio tem que ter fim<sup>231</sup>”.

Sem resposta. Mas os narradores em geral davam exemplos dos feitos dos “encantados”. Seu Lauro nos conta como, certa vez, saiu com seu pai para visitar uma casa em que uma menina teria caído doente, por ter saído à noite. Ninguém conseguia dormir na casa, pois:

“...era muito prego, era muito pau, era muita pedra, que dava na sala, aí nós fomos pra lá né? Meu pai me levou lá, era criança, pequena também, não sabia se o som vinha da beira do mar, da maré é? Ou da sala do homem e nós ia lá na beira da praia não via ninguém, aí meu pai disse que era pra mandar curar a menina, e ele não quis mandar e ela morreu. E era som de fogo, era pau, *era o encantado né?* Mataram a menina, sabe lá o que era...toda hora tá andando gente aí nessa praia, embora eles queiram se apresentar, mas não pode, porque é muita gente né?”

Ficar maravilhado é a resposta humana quintessencial ao reconhecimento de algo que não se consegue explicar. Diz Iser: “*na impotência da compreensão está presente a experiência de evidência de que o imaginário é pura ausência de vida que contém toda a vida.*”<sup>232</sup> O “*nada*” pronunciado por Seu Zinho é repleto de vida, de esperança em um *au-delà*. A reação dos narradores é poética. Uma poética do silêncio em relação à questão dos encantados. O mistério é belo. “O encantado”, assim, parece ser realmente a “Terra incógnita<sup>233</sup>” do habitante da ilha. É o campo do desconhecido, do indecifrável, inominável, um momento de ruptura, que faz com que o sentido do espaço predomine sobre o do tempo. Maria Dolores do Nordeste, na narrativa de no. 46 (“a cidade, ainda aparece”) nos mostra como isso acontece.

Primeiramente temos uma situação normal, equilibrada:

- Um grupo de pessoas está sentado em frente a um bar, na Praia da Princesa. Contemplam a natureza.

<sup>231</sup> Lauro Teixeira, *Corpus de Análise*.

<sup>232</sup> Iser. *Op. Cit.*, p. 281.

<sup>233</sup> Citado por Iser. *Op. Cit.*, p. 123.

- A transgressão: estão lá em um dia Santo e em uma hora imprópria: Quinta-feira Santa. “Faltava quinze minutos para meia-noite”.
- A situação equilibrada é rompida:
- O grupo olha para o horizonte, em direção à ilha que aparece somente quando a maré está seca. Esse local é assombrado por ruídos: é a ilha do “canta-galo”. É então que eles têm uma visão: “*era uma cidade, estava tudo iluminado, tudo! (...) Tinha um príncipe sentado, numa cadeira. Muito lindo!*”

A visão dura uma hora, segundo a narradora: “*quando faltava quinze minutos pra uma hora, desapareceu!*” A impressão é de maravilhamento (“*Muito lindo!*”). Durante a descrição da imagem, não percebemos nenhuma inquietação com o tempo. *Seu Didi* também fala sobre o tema, e do mesmo modo fica extasiado:

“Sim!<sup>234</sup> Aqui, nós já vimos, aqui na...na...na...aqui fora né? Mas muito lindo! Aparecia assim...aparece a praia assim, e aparecia tudo assim parece casa! Assim, transformado assim...parece uma...a nuvem né? Mas muito lindo! Aparecia assim essas casas. E aparecia assim parece um campo! Assim, por baixo né? Mas muito lindo! Muito claro! E a claridade aparecia aqui na praia daqui, a claridade desse, que nós vimos né? Mas muito lindo! Muito lindo mesmo! Nós tava lá na beira assim...muito lindo! Lindo mesmo!<sup>235</sup>”

Com certeza, tais narradores não se arrependem da transgressão de estar na praia em hora imprópria, próximos às chamadas “horas mortas” (segundo D. Magah) quando coisas estranhas podem ocorrer no momento em que os mundos paralelos se encontram: seis horas da tarde; meio-dia; meia-noite. Os curiosos não são punidos, sentem-se até mesmo agraciados. A situação equilibrada é quebrada, mas em favor de um *événement*, algo que provoca *pathos* e em seguida afeto, pois não há palavras para se descrever o evento. O que resta são expressões do tipo “muito lindo mesmo! Muito lindo”. Ou seja, o sentimento do belo, diante de um hiato no tempo, com o espaço se tornando uma promessa de eternidade.

Todavia, esse belo não se dissocia do bem: ao encantamento da ilha se associa também sua limpeza, por exemplo, pois uma ilha bela deve estar limpa, conforme pode-se observar na

<sup>234</sup> Este “sim” enfático pode ser traduzido por um “lembrei!” vitorioso.

conversa entre as Carrilho (narrativa de no. 18) quando elas comentam sobre o antigo Lago da Princesa que era verdadeiramente “encantado”: bonito e de águas límpidas. Ou no discurso inflamado de *Seu Pelé* (narrativa no. 64) que afirma que a ilha tinha “zeladores” – os “encantados”, que teriam se mudado agora que o espaço da comunidade começava a ser poluído.

“Caruanas” seria um sinônimo para os “encantados”. Esses “encantados”, segundo *Seu Hermínio*, e outros, morariam no fundo do mar. Vez por outra viriam à tona em forma de gente e atrairiam pescadores para o fundo (narrativas 25 e 26). Ou se apanhassem alguém maltratando a natureza ou simplesmente gostassem da pessoa, esses “Caruanas” passariam “quebranto” (basicamente, febre e dor de cabeça constante) para o incauto, que só poderia ser salvo pela reza de um pajé, conforma nos conta *Seu Hermínio* na narrativa 20, ele próprio um “benzedor”.

Assim, a presença dos “encantados” na imagística de Mayandeuá deixa revelar mais uma vez por um lado, uma vontade humana de deter a corrida do tempo e de durar, e, por outro, uma preocupação ecológica, com a consciência de que a falta de leis que regulem a preservação ambiental pode ser nefasta para a ilha. “Os encantados” ocupam também a função de reguladores desse meio-ambiente, impondo restrições para a exploração da natureza: horário de pesca, caça, limite de captura de peixes, etc. Seus habitantes conhecem essas restrições, mas se não há mais lei, porque não há mais o “encantado”, como preservar? Essa parece ser a crise desses narradores. Há ainda possibilidade de se ficar *mundiado* comprovando a presença dos encantados? Ficar *mundiado* parece ser um signo de que a natureza continua viva e que pode reagir às agressões.

### 3.5. *Mundiado* porque encantado...

“O encantado? Porque ninguém podia dizer seu nome né?” (Lauro Teixeira)

“Será que essa mulher veio me encantar?” – inquietou-se Orlando Teixeira ao ter sido visitado por uma estranha mulher, que mais tarde ele identificou como sendo a Princesa. Estar

---

<sup>235</sup> Raimundo Cabral Filho (*Seu Didi*), *Corpus de Análise*.



*mundiado* parece ser consequência da presença dos *encantados*. Verifiquemos, por exemplo, as narrativas de no. 04 e 05, relatadas por José da Costa Teixeira:

Em princípio, a situação é rotineira, encontra-se equilibrada: D. Magah caminha pela praia em direção à Vila de Fortalezinha, pois iria fazer um parto lá. Subitamente, ela se perde: *mundia-se*. O equilíbrio é rompido, mas não há razão, D. Magah não fez nada de errado. Procura então abrigo no Bar de Gudengo. Está se refazendo do sentimento de desorientação quando, de repente, avista uma criação de aves (galinhas, patos, perus, etc.) na beira da praia. Conforme nos conta *Zé Mingau*:

“...aí quando ela chegou assim na praia, ela se perdeu mesmo, mundiou mesmo assim...ela não sabia até pra onde ela ia, aí quando ela se achou ela olhou assim pra beira da praia, era muita galinha, muito pato, muita criação né?<sup>236</sup>”

A reação de D. Magah ao evento é perguntar ao pescador Gudengo, dono do bar, se era dele a criação. Mas ele olha para a beira da praia e não vê nenhum tipo de criação. A partir daí, o foco narrativo volta-se para Gudengo que vê, ao invés dos animais, uma moça loura caminhando pela praia. É o início de outra narrativa. D. Magah perde a importância no relato, e tudo volta-se para a tentativa do pescador de alcançar a Princesa. Dessa forma, mundiar-se aí, tem mesmo um sentido de ficar desorientado, devido à presença próxima dos encantados.

*Seu Lauro*, ao contar ter visto uma bela mulher, que depois seu pai afirmara ter sido a Princesa, também fica *mundiado*, na narrativa de no. 41. O comentário se dá depois do encontro:

“Virgem, era uma beleza! Diz o meu pai, né? “você nem chegou a tomar rumo?”

Disse: “não!”

“Então meu filho viu a Princesa<sup>237</sup>.”

Há, dessa forma, no termo, um sentido de desorientação. O narrador fica paralisado ou se anda, se perde, e não sabe para onde deve ir. Na narrativa de no. 26, contada por Maria de Lourdes Gomes e Silva, *mundiado* parece ser sinônimo de *encantado*.

A situação tem como personagem principal o compositor Chico Braga: ele estava tomando banho, provavelmente no Lago da Princesa, quando ele viu duas moças bonitas lhe chamando. Até aí a situação não parece ter nada de extraordinário. Mas na visão da narradora

---

<sup>236</sup> José da Costa Teixeira, *Corpus de Análise*.

tem: “*ele foi embora e sumiu lá pra dentro do mangal! Daí quando ele queria voltar não dava mais, ele tava já longe, a gente ouvia a voz dele muito longe!*”<sup>238</sup>” A comunidade percebeu que Chico Braga havia se perdido. Todos partiram a sua procura. Quando o mesmo foi encontrado, não quis acompanhar os amigos, e foi obrigado a voltar para a Vila: ele não queria vir porque disse estar acompanhado por duas moças. A comunidade achou que ele estava era *mundiado*, isto é, encantado por uma visão, enlouquecido pelo sobrenatural.

Quem *mundia*? Segundo essa informante, o Curupira também pode mundiar, quando se está na mata ou no mangue. Na mesma narrativa ela conta que *Seu Do Reis* havia passado 11 horas perdido no mato, quando havia saído para tirar caranguejo no mangue: “mundiado com negócio de Curupira!”

Aliás, é por essa razão que *Seu Hermínio*, na narrativa de no. 24, diz fazer uma oração antes de ir caçar: é preciso que se peça licença aos donos antes de entrar em um território que não lhe pertence, e para ter sucesso em uma profissão perigosa e cheia de riscos óbvios e outros ocultos, como é considerada a caça. Abusos e falta de respeito à natureza são punidos. Mas tudo pode ser negociado se houver um acordo prévio com a entidade, e o caçador não se exceder em seus limites. Como reza *Seu Hermínio*:

“*vovó, minha vovó, Curupira do mato vou deixar um cigarro pra ti aqui...*” Em cima duma folha limpa, o tabaco lá. “*...Aqui pra aqui você fumar uma cachimbada, pra me dar uma caça...*”. Meu controle. “*...E me defender dos maus.*” Pronto. É isto. Meu sistema é este um né? Da minha caçada, eu caço, só eu e Deus<sup>239</sup>”.

Francisco Pereira da Silva é outro que nos conta como quase ia sendo “mundiado” por um bichinho que havia saído do mato. Estava o carismático contador de “causos” sentado tranqüilamente na frente de sua casa, por volta das 11 horas da noite, numa noite de luar, fumando um cigarro, quando, de repente, saiu um bichinho do meio do mato. Ele achou o bichinho muito bonito e ficou olhando, admirando os contornos desse animal tão singular. Naquele momento, o maravilhamento foi tanto, que ele nem conseguira acender o cigarro que lhe caíra, depois, da mão. Que *Seu Chiquinho* conclua o relato:

---

<sup>237</sup> Lauro Teixeira, *Corpus de análise*.

<sup>238</sup> Maria De Lourdes Silva, *Corpus de Análise*.

<sup>239</sup> Hermínio Alves dos Santos, *Corpus de Análise*.

“...Que aquele bicho já tinha me *mundiado* aquele bicho! Aí passou aqui pra dentro! Aí depois ele voltou, de novo, já mais maiorzinho...viu? Aí depois ele voltou pra cá de novo, já com um outro! Com um outro bichinho já do lado dele! (ri) Rapaz, aí esses dois bicho passaram assim, que eu fiquei assim olhando que quando eles voltaram, todos dois, já todos dois grandão assim, assim do tamanho de um bicho assim, de um bicho [do meu corpo assim], passaram pra cá, eu também já pra cima do jirau, (risos) vou me embora! Que quando eles vierem maior podem quererem me comer! (Risos)

O animal já estava hipnotizando *Seu Chiquinho*, que ficou com medo de se tornar sua vítima. O sentido, assim, do vocábulo, é do ficar desorientado, perdido, ou fora de si, sem nenhum autodomínio, de forma que, por isso, tudo pode acontecer, e daí podemos entender a inquietação de Orlando Teixeira, descrito no início desse tópico. O narrador se depara sempre com algo que ele acha belo, se vê maravilhado, pode se “mundiar” antes do evento, como D. Magah, ou durante, e pode ser, por isso, raptado pelo elemento de sua visão, como o enamorado Chico Braga, que seguiu a loucura de uma fantasia. Como nas experiências de evidência já tão comentadas.

Podemos dizer assim que o narrador de *Mayandeuá* possui constantemente experiências estéticas, e sobre o estético, vale acrescentar aqui também o comentário de David Wellbery:

“O estético – seja na *theia moira* da criação bem sucedida, seja na exterioridade casual de sua constituição da obra, seja no favor de nosso sentimento de prazer – é a cenografia da contingência e assim a experiência da singularidade<sup>240</sup>.”

Essas experiências revelam o grau de afetividade que o narrador de *Mayandeuá* possui pelo seu espaço. Daí o ensinamento prático passado em algumas narrativas, principalmente, aquelas em que uma transgressão acontece.

### 3.6. Transgressão nas narrativas.

Denise Paulme, inspirada na obra de Propp, propõe que todos os contos africanos sejam analisados de acordo com sete tipos. Para a etnóloga, esse tipo de análise pode abranger toda forma de narrativa, podendo se tratar de um sonho, de um filme, ou até mesmo dos quadrinhos. Diz a autora:

"Toute structure narrative comporte une série de situations, le passage d'une situation à la suivante étant rendu possible par une modification. (...) La modification (...) est une opération logique portant sur des contenus sémantiques<sup>241</sup>."

O esquema do conto cíclico, do "tipo III", proposto por Denise Paulme, inspirada em Propp, é passível de ser empregado em algumas narrativas em que uma falta é cometida pelo personagem principal, e a seguir o mesmo é penalizado por essa falta, seguindo um esquema circular:

- Situação normal
- Degradação por desobediência;
- Perigo corrido por causa dessa desobediência;
- Perigo superado;
- Situação normalizada, ou mais estável<sup>242</sup>.

Não pretendemos aqui aplicar toda a teoria de Paulme em nosso *Corpus de Análise*, tal demandaria uma outra abordagem do objeto, fixando-nos muito mais na forma das narrativas do que no conteúdo, como vimos fazendo. Mas é válido abrir um parêntese e, como ajuda para a análise, notar como ocorre esse processo cíclico nas narrativas em que uma transgressão acontece.

Dessa forma, na narrativa de no. 17, contada por Tereza Carrilho, ocorre o seguinte processo:

---

<sup>240</sup> WELLBERY, David. *Neo-retórica e desconstrução*, p. 70.

<sup>241</sup> PAULME, Denise. "Morphologie du Conte Africain" in *La Mère Devorante: essai sur la morphologie des contes africains*, p. 23.

<sup>242</sup> Id., *Ibid.*, p. 35.

- Situação normal: a personagem sai para ir buscar lenha com a neta. Encontra um maracá em cima das pedras;
- Desgradação por desobediência: a personagem fica contente e parte levando o maracá;
- Perigo corrido por causa da desobediência: Quase ela morre. Sente dor de cabeça, expele pedras e tem febre.
- Perigo superado: o pajé reza a menina e lhe pede que ela leve o maracá no mesmo lugar;
- Situação normalizada, ou mais estável: fica implícito que ela obedeceu o pajé e “ficou boazinha”.

As narrativas de no. 32, 40, 44, e 55 seguem também esse esquema estrutural e circular. Em seus aspectos conteudísticos, todas elas ensinam o respeito à natureza. A narrativa 32, relatada por Lauro Teixeira, conta também a história de uma moça que achou um maracá. Mas ocorre aí uma doação desse maracá para o pajé. A moça, e não o pajé, passa a ser perseguida pelos encantados. Fica doente e começa a ter visões de seres que lhe pedem para devolver o maracá no lugar que ela havia encontrado. O pajé dificulta a devolução. A moça adoece mais ainda. Até que ele, pressionado, resolve devolver-lhe o maracá. Ela, por sua vez, recoloca o maracá no lugar de origem e consegue ficar, com isso, curada. O que foge aí ao esquema de Paulme é o personagem do pajé que deseja ficar com o maracá. O restante cabe no modo circular da narrativa.

A narrativa de no. 40, contada também por *Seu* Lauro, segue percurso semelhante: dessa vez é um cordão de ouro que é encontrado no fundo do Lago da Princesa. A transgressora leva o cordão, e, como punição, cai doente, mas seu equilíbrio é logo restabelecido depois que ela devolve o cordão ao seu local original.

A narrativa de no. 44, relatada ainda pelo mesmo informante, também é circular; conta um “causo” ocorrido com o próprio narrador e seu irmão. Os dois voltavam de uma festa às quatro da tarde, pela mata. Foi aí que viram um pássaro chamado “Pitelão”. Resolveram apedrejar o pássaro. Mas não conseguiram acertá-lo e desistiram da empresa. Até aí não houve pena para a primeira transgressão. Quando eles estão partindo, o pássaro canta. O irmão do informante resolve imitar o Pitelão. Acontece a punição: “quando ele quis endireitar o

*pescoço, ele não endireitou mais! Ficou duro!*<sup>243</sup>” Não houve jeito: o irmão do narrador teve de recorrer a um pajé: “*olhe, isso é pra ti aprender a não arremedar o Pitelão! E pra que você arremedou?*”. O equilíbrio é retomado. O paciente é curado pelo benzedor.

A narrativa 55 é relatada por Gerônimo Teixeira. Ele e um grupo de amigos resolvem ir à a “Praia do Rei Sabá” emprestar algumas garrafas de cachaça (dos despanhos umbandísticos do Maranhão) para eles tomarem. Até aí a situação é considerada normal, sem nenhum tipo de transgressão porque o informante promete devolver as garrafas no dia seguinte. O problema ocorre quando um deles resolve sentar numa pedra próxima ao despacho. Por alguma razão, o grupo em geral, sabia que nessa pedra não era permitido sentar-se. Um deles começa a ser atacado por um marimbondo e, com isso, resolve se sentar na pedra. Feita a transgressão ele não consegue mais se levantar da pedra, por causa de um tumor surgido naquele momento. O transgressor passa mal à noite e resolve procurar a assistência de um curador, que lhe dá a lição:

“por que foi que você espantou a caba e se sentou-se em cima da pedra? Você não estava vendo que o dono estava lá? Hein? Os outros não foram emprestar a birita lá pra tomar e você abancou o peito se sentar! Então aconteceu isso pra você, você teve muita sorte!”<sup>244</sup>

Nem todas as narrativas seguem esse esquema cíclico. O que ocorre às vezes é que, no cotidiano de trabalho, algo sobrenatural acontece para ajudar o pescador, que é agraciado algumas vezes com mais peixes ou mais caranguejos, dependendo do que ele esteja procurando. Parece-nos que se o narrador se mostra merecedor e respeita a natureza ele é gratificado. Se não, ele é punido. Na narrativa de no. 13, de Francisco Quintino Dias, o pescador segue uma assombração que estava pegando muito peixe, enquanto que ele, nada. Ele vai até o local onde o vulto havia desaparecido e passa a pegar muitos peixes. Ele é premiado, não cometeu nenhuma falta. Não há transgressão também numa narrativa como a de no. 03, relatada por José Costa Teixeira:

“Outra coisa também: tem uma visagem aqui, uma visagem-pessoa mesmo sabe? É só o apelido dele, sabe? Mas uma vez ele estava tirando caranguejo no mangal e veio uma voz pra ele e disse pra ele assim: *“olha, não tira caranguejo aqui nesse*

---

<sup>243</sup> Lauro Teixeira, *Corpus de Análise*.

*local, vai mais aí na frente que tem muito caranguejo, não tira caranguejo aqui".* Ai ele foi, foi mais lá na frente, agarrou, tirou. Foi num local mesmo que tinha bastante caranguejo, metia o braço tirava mesmo, tinha muito caranguejo. Ele disse assim que foi aquela voz sabe? Que disse pra ele, que não era mais...pra ele nunca mais tirar caranguejo lá, ele não tirou mais caranguejo pro lado de lá mesmo, e até hoje ele conta também, ele conta várias histórias".

O personagem da história, de apelido "Visagem" parece respeitar a lei que lhe é imposta. Tanto que não voltou mais a tirar caranguejo no local proibido pela voz misteriosa. A narrativa aí não segue o esquema cíclico. O *événement*, o acaso, faz com que ela se abra em alternativas, saindo dos esquemas propostos, pois não ocorre aí nenhuma transgressão do personagem. O evento, a voz, surge por nada. É certo que muda o comportamento do personagem, que lhe obedece, mas não há realmente um fecho discursivo. Mas o ensinamento prático continua sendo o de ouvir o que a natureza tem a nos dizer. E ela, às vezes, nem sempre é tão generosa. Também condena os excessos:

"Bem, isso aí, então, eu como acabo de di..., foi atrás de pegar uns peixe na pancada né? E lá um senhor foi também, ele me contou, toda noite ele ia tarrapear na pancada, toda noite ele ia tarrapear, ali nas pedras, ali na Ponte de Lourdes, no Farol né? Toda noite ele ia nessa praia pegar [canuto], isso, era costume a gente estar lá, à noite. Ele foi nessa noite, ele foi em outra, ele foi se chegando na beira da praia, ia caindo uma chuva fina. Ele pôs a tarrafa. Ele foi. Ele foi andando na pedra. Ele ouviu uma voz que disse em pé de ouvido: "tu já vem de novo?!" Ele olhou, não enxergou ninguém né? Ai ele ficou com medo né? E disse pra eu...veio embora, só ele né? Tava só ele, aí [um cara peão] e aquela voz disse pra ele: "tu já vem de novo?" Agora ele não sabe quem é né? Eu sei que a voz falava assim, toda dengosa, menina, parecia assim que não dava pra definir né?<sup>245</sup>"

Essa voz reguladora teria desaparecido? Na consciência imaginante de alguns narradores, os encantados, donos das vozes e das assombrações presenciadas no local, teriam partido para outra ilha, que fica imersa nas proximidades. Daí a razão de Mayandeua começar a ficar com um aspecto abandonado. Como enfatizou a mulher de *Seu Lauro*:

---

<sup>244</sup> Gerônimo Teixeira, *Corpus de Análise*.

<sup>245</sup> Lauro Teixeira, *narrativa 31, Corpus de análise*.

“Os encantados estão aonde eles chamam de “Canta Galo”, aí fora, no último canal...no último canal de pedra, é lá que eles moram, assim dizem né? É lá que eles ouvem alguma coisa, e enxergam aquela luz...distante, é pra lá que eles gostam, porque aqui nessa ilha, aí tudo né? No balneário, muitas coisas que eles não gostam sabe? Muitas pessoas, não gostam de movimento, dessa...dessa...do barulho desse povo né? Que eles fazem né? Na praia, tem muitas vezes que não faz nem condições de estar num balneário tomando banho né? Aí eles estão tudo tomando banho né? É isso que eles não gostam sabe? Os encantados estão pra lá, assim, falam! Lá que eles ouvem estas coisas...”<sup>246</sup>

Assim, a lei natural das coisas, a ordem teria se perdido. Os “zeladores”, como diz *Seu Pelé* (narrativa 64) teriam partido e largado a ilha ao caos. A Princesa teria se desencantado e ido embora, como diz Timóteo Teixeira, na narrativa 60. Há, assim, algo de podre nesse paraíso perdido. Valores “tradicionais” e “modernos” seriam realmente negociados de forma tranquila?

### 3.7. Sob o Signo do “*mau tempo*”: tradição *versus* modernidade

Após a interpretação das narrativas, podemos notar que não é tão simples a convivência entre valores ditos “tradicionais” e outros “modernos”. Greenblatt observou que, entre os Balineses, não era preciso grande gasto de energia da comunidade para se assimilar as novidades vindas de fora. Homi Bhabha falou em *negociação*, no que diz respeito à cultura. Sem dúvida que não queremos defender aqui a conservação de culturas puras e perdidas, como se a cultura devesse ser imóvel, até porque essa pureza nunca existiu, o hibridismo sempre foi uma realidade, apenas os puristas querem ver uma realidade organizada e separada, com fronteiras claramente traçadas e intransponíveis. O que queremos dizer é que a inquietude habita o imaginário do narrador de Mayandewa, em relação à chegada do novo. Assim, as posições defendidas por Greenblatt e Bhabha soam como um apaziguamento de ânimos, cheirando a neo-liberalismo. Não podemos ignorar que, historicamente, o encontro entre o velho e o novo-mundo foi recheado de choques, guerras e conflitos. A transformação da

---

<sup>246</sup> D. Coló, narrativa 38, *Corpus de análise*.



cultura não se deu sempre nas vias da “negociação” feliz, como entre os balineses. Se as mudanças são bem-vindas e desejadas pelos mais jovens, entre os mais velhos ela provoca no mínimo uma preocupação. Que impacto as mídias e a modernidade em geral tiveram sobre as comunidades ditas tradicionais?

Walter Benjamin, em seu célebre ensaio “*O Narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov*”, comenta o fim de vários séculos de narrações, afirmando a morte da arte tradicional de se contar histórias. Após a Guerra os homens voltaram mudos dos campos de batalha...tornava-se, assim, cada vez mais difícil encontrar alguém que soubesse narrar alguma coisa direito. Fim da arte de narrar? Para Benjamin, sim. Fim da *Erfahrung*, experiência. Início da *Erlebnis*, a vivência diária dos choques das grandes cidades...

Para este autor da modernidade, há uma “*verdadeira experiência, em oposição àquela que se manifesta na vida normatizada, desnaturada das massas civilizadas.*” A palavra *Erfahrung* - experiência - vem do radical *fahr*, e segundo Gagnebin, intérprete de Walter Benjamin, era usada no alemão antigo “*no sentido de percorrer, atravessar uma região durante uma viagem*”<sup>247</sup>. A experiência “*forma-se*” com “*dados acumulados, e com frequência inconscientes, que afluem a memória*”<sup>248</sup>, segundo Benjamin.

A “Experiência” de Walter Benjamin, torna-se, assim, uma experiência sensorial, ritualística, que aponta para a memória coletiva, a tradição:

“Onde há experiência no sentido estrito do termo, entram em conjugação, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo. Os cultos, com seus cerimoniais, suas festas, produzem reiteradamente a fusão desses dois elementos da memória. Provocavam a rememoração em determinados momentos e davam-lhe pretexto de se reproduzir durante toda a vida”.<sup>249</sup>

Segundo Walter Benjamin, o homem moderno é um homem espoliado em sua experiência. Vive choques diários, que precisam ser sem demora assimilados, possui, assim vivências (*Erlebnis*), e não experiências. A vivência é laica. Já a experiência religa com a história, com a origem. Origem esta, *Ursprung*, que “*quebra a linha do tempo, opera cortes no*

<sup>247</sup> Apud GAGNEBIN. *História e Narração em Walter Benjamin*, p. 65.

<sup>248</sup> Cf. BENJAMIN. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, p.105.

<sup>249</sup> Id., *ibid.*, p.107.

*discurso ronronante e nivelador da historiografia tradicional*”, segundo Gagnebin<sup>250</sup>. Na vivência do choque, ocorre, assim, a “desintegração da aura” de acordo com Benjamin. E, nesta expressão individual, desritualizada da vivência, o homem moderno encontra-se cada vez mais desconectado com o passado. Leandro Konder, resume com eficácia a diferença entre experiência e vivência:

“*Erfahrung* é o conhecimento obtido através de uma experiência que se acumula, que se prolonga, que se desdobra, como numa viagem; o sujeito integrado numa comunidade dispõe de critérios que lhe permitem ir sedimentando as coisas com o tempo. *Erlebnis* é a vivência do indivíduo privado, isolado, e a impressão forte, que precisa ser assimilada às pressas, que produz efeitos imediatos.”<sup>251</sup>

O narrador é este homem que fala da experiência. E, antes de tudo, um observador atento, que sabe dar conselhos e que mantém “a distância certa e o ângulo de visão correto”<sup>252</sup> para ver surgir, num rochedo, “uma cabeça humana ou um corpo de animal”<sup>253</sup>. Ou melhor (em um relato “amazônico”) para *ver* surgir, em círculos de água, o *chamado* irresistível da Sereia, já que há também, segundo Hansen, “um olho que ouve”<sup>254</sup>. Ou seja, o narrador contempla, precisa de tempo para digerir suas experiências, para contemplar/sonhar o que lhe foi narrado, para que tal relato se imprima em seu ser, e tome a feição de um evento (*ereignis*)<sup>255</sup>, fazendo parte, então de sua experiência.

Mas na Modernidade, como não há mais tempo, não há mais aura, não há mais experiência. Assim, Benjamin decreta o fim da narração, pela absoluta incapacidade que os homens ganharam, após a Guerra, de narrar, de trocar experiências. O autor parece então lamentar a perda da plenitude da experiência, e a crescente ruína da civilização moderna.

---

<sup>250</sup> GAGNEBIN. *Op. cit.*, p. 12.

<sup>251</sup> Id., *ibid.*, p.146.

<sup>252</sup> Cf. Benjamin, “O Narrador”, p. 57

<sup>253</sup> Id. *Ibid.*, p.57.

<sup>254</sup> O termo é de João Adolfo Hansen, citado durante uma palestra, no IEL, Semana de Letras, outubro/97, sobre Padre Vieira. O exemplo inspira-se na narrativa E03 CZ pd 25-10-93 -XXVI-084, no seguinte trecho: “...De dentro do lago, a água começou a rodar, sabe? Redemoinho, ela foi embora, quando ela foi ver, aquilo foi chamando ela pra dentro da água! Ela entrou na água, ela passou oito dias desaparecida...” (Valdecy Raiol, informante do IFNOPAP)

<sup>255</sup> Sobre o caráter de evento da fantasia, cf. ISER, W. *O ficção e o Imaginário*, p. 210.

O fato de a experiência ter caído na cotação moderna, evidencia que o ato de contar histórias e de transmiti-las a um público atento, está desaparecendo (ou se transformando?). Segundo Walter Benjamin, o declínio da experiência deu-se primeiramente, com o surgimento do romance, mas o impacto maior sobre ela, foi mesmo a informação. Para o autor, a informação *“mostra ser incompatível com o espírito da narrativa. Se a arte de narrar rareou, então a difusão da informação teve nesse acontecimento uma participação decisiva”*. O autor de “o narrador” comenta ainda o fato de a informação já vir impregnada de explicações, isto é, ela está pronta para consumo, chega até nós “inteligível por si mesma”<sup>256</sup>, não precisa ser interpretada e *“com efeito, já é metade da arte de narrar, liberar uma histórias de explicações à medida que ela é reproduzida”*<sup>257</sup>. Assim, no mundo de hoje, *“o que mais atrai a audiência, agora, já não é a notícia que vem de longe, mas a informação, que oferece um ponto de apoio para o que é mais próximo”* e *“Cada manhã [ela] nos informa sobre as novidades do universo. No entanto somos pobres em histórias notáveis...”*<sup>258</sup>.

O paradigma da modernidade, assim, é visto por Walter Benjamin como em constante ruína. O autor estaria coberto de razão? A primeira vez que pisamos na Ilha de Mayandeuá, em 1994, não tivemos muitas dificuldades em encontrar vários contadores de histórias. Alguns preferiam contar “causos”, outros falavam sobre as crenças da Ilha, inclusive Sr. Lauro Teixeira, um dos mais antigos informantes da Vila de Algodoal – fato que vem nos mostrar o quanto a cultura, na verdade, não perece mas se transforma. Sem dúvida que o filósofo tem razão quando lemos seu ensaio relacionado a um momento histórico, de mudança de enfoque: o tradicional perde seu papel de protagonista da história sendo substituído pelo moderno. Mas, e quanto à transmissão do que ainda nos restava de tradicional, isto é, quanto às narrativas que possuem longevidade e idade extensa, como são as narrativas que se referem à Princesa, teriam sido transmitidas? Hoje, já falecido, a voz de *Seu Laurinho* estaria para sempre perdida? O repertório deste contador teria sido repassado? Sem dúvida que sim. Somos testemunha disso. Os fragmentos sempre retornam, pois o que passou, não passou: retorna com novas qualidades, como já vimos no capítulo anterior.

---

<sup>256</sup> BENJAMIN, “O Narrador”, p. 61.

<sup>257</sup> Id., Ibid., p.61.

<sup>258</sup> Id., Ibid., p. 61.

Mas é impossível esconder: em 1997 voltei à ilha, confesso que não foi sem inquietação que soube da partida natural de vários informantes. E os seus herdeiros? Também contarão os “causos” de Algodual? Nosso estudo, superando o chamado por Sahlins de “pessimismo sentimental”, vem nos provar que sim, as histórias da ilha serão sempre evocadas, mas não da mesma forma, como é natural na invenção da tradição e na transformação da cultura. Ocorre que a convicção dos mais velhos talvez torne-se apenas um motivo estético entre os mais jovens, ou ainda uma ficção do passado.

Paul Zumthor também mostra-se preocupado com a questão da transformação das tradições orais. É interessante citar um trecho dramático da conclusão de seu livro:

“Está-se sempre no fim do mundo (...) Em busca de vozes vivas foi preciso atravessar muitos campos em ruínas. A destruição de velhas culturas veneráveis desnuda a humanidade inteira, despossuída de seu trabalho milenar, de sua memória, de seus mortos; expulsa do aconchego de comunidades em recorte real embora incerto sobre o mundo...enquanto o nosso é certo mas cada vez mais irreal (...) A cada dia que passa, muitas línguas do mundo desaparecem: renegadas, sufocadas, mortas com seu último velho, vozes virgens de escrita, pura memória sem defesa, janelas outrora abertas sobre o real.(...) Cinco mil culturas aniquiladas, maravilhosa floração de humanidade, de hoje fanada, profana, erradicadas de nossos mapas, não podem mais nos importar como tal, mas importa o testemunho que elas inscreveram nesta própria história, em proveito de valores, que preferimos ocultar.”<sup>259</sup>

A mitologia abrange um aspecto da cultura e pode ser que ela realmente desapareça, conforme vimos com Marc Augé, em relação aos *pumés*. Se eles se identificam sob aspectos sociais e culturais e seus interlocutores diminuem, a identidade do grupo corre o risco de ser dizimada, ao menos nesse aspecto. No processo que ocorre entre os contatos culturais, muitos textos se perdem no caminho, textos de extraordinária beleza estética, que nem sempre são transmitidos. Há como se negar isso?<sup>260</sup> Identidade, tradição e cultura são todas dinâmicas,

---

<sup>259</sup> Cf. Paul Zumthor, *Introdução à Poesia Oral*, p. 292-5.

<sup>260</sup> Vicente Salles, no último encontro da ANPOLL, apresentou uma narrativa que tinha como motivo principal um jabuti, disse que suspeitava que essa história teria desaparecido do repertório do paraense, pois nos arquivos

sem dúvida, mas as transformações nem sempre ocorrem de forma que possamos celebrá-las. A chegada de um grande número de turistas em Algodual, se abriu possibilidades de melhores condições de vida para seu habitante, com o surgimento de novos ramos de trabalho, trouxe consigo também a poluição ambiental e as drogas pesadas, como a cocaína. O impacto aí entre o antigo e o “moderno” é grave. Deste embate entre alteridades não temos a resposta. Mas sem dúvida que novos fatos antropológicos podem surgir da interação entre diferentes, novos híbridos e mais estudo.

Diante deste estado de segurança perdida, onde “*tudo que é sólido se desmancha no ar*”, conforme o livro homônimo de Marshall Berman, a voz dos contadores de histórias parece emergir como um movimento de resistência à fragmentação. O próprio Paul Zumthor cita os movimentos regionalistas, e o despertar do Islam, como sintomas, como um apelo à diferença, diante da longa e atual tentativa de homogeneização pela qual passamos.

Boaventura Santos<sup>261</sup>, sociólogo português, observa também, no ar, “sintomas” de reconstrução das subjetividades que vinham sendo dizimadas, com o surgimento dos “Novos Movimentos Sociais” (as inúmeras Ongs). Afirma ainda que o conhecimento “pós-moderno” aspira à proximidade, à comunicação face-a-face, em suma - à oralidade e à performance. Um apelo também para que diferentes vozes se façam ouvir.

Paul Zumthor, em relação às mídias é otimista. Longe de dizimar culturas orais, o medievalista acha que as mídias podem ajudar a conservar essas múltiplas vocalidades. O rádio é um exemplo de como a mídia pode preservar e divulgar inúmeras vozes. Como bem mostra o filme de Woody Allen, “A Era do Rádio”, já tivemos o momento em que a voz era fundamental na vida das pessoas. Diz Zumthor:

“A nova oralidade, mediatizada, não difere da antiga, a não ser por algumas de suas modalidades. Para além dos séculos do livro, a invenção (com que o homem sonhou durante séculos e que realizou por volta de 1850) das máquinas de gravar e reproduzir a voz lhe restitui uma autoridade que ele tinha perdido quase inteiramente, assim como direitos que haviam caído em desuso (...) em vez de

---

do maior acervo de narrativas da região, o Programa de Pesquisa IFNOPAP, não teria encontrado nenhuma narrativa semelhante.

<sup>261</sup> Cf. SANTOS, Boaventura. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*, 1997.

dispersar a coletividade (acusação de que é às vezes vítima) a mídia, pelo menos num primeiro tempo, agrega.”<sup>262</sup>

Mas em relação às vozes de comunidades tradicionais como as da Ilha de Mayandeua, Zumthor admite:

“A precipitação das durações históricas, própria da cultura tecnológica, é nefasta para essas formas de poesia, cuja força e sentido provêm de sua continuidade e de sua idade extensa.”<sup>263</sup>

O mais importante para Zumthor é o restabelecimento de vozes que um dia foram funcionais, ou que continuam sendo, ao invés de se enterrar essas produções sob o nome de *folclore*. Um artista pode, ao recolher um texto sobrevivente, lhe conferir uma nova existência, integrado à cultura viva de seu tempo, pois é impossível deter a corrida do Cavalo-Marinho...

É um fato que tradição e modernidade coexistam e entrem em “negociação”, mesmo que a contragosto. Mas há um descompasso aí, entre a história econômica (tempo da história) e as manifestações culturais e religiosas (tempo do mito). A Amazônia parece “[*respirar*] em ritmos diferentes”<sup>264</sup>. *Os tempos se entrelaçam, e o fim do mundo amazônico* (e já que falamos em Mayandeua) “*não é o fim do tempo, mas fim do espaço, que é paraíso*”,<sup>265</sup> como pudemos perceber em inúmeros relatos, quando o narrador se mostra preocupado com a “saúde” de seu próprio espaço territorial.

O tempo da globalização é de crises e mais crises em todos os setores. Estamos longe aqui (e nem pretendemos) encerrar a discussão. Mas a questão se impõe: narradores à la Walter Benjamin (artesões, pescadores) convivem tranquilamente com as inovações? Embora, por um lado, estejamos conscientes do dinamismo das culturas e das tradições, que se destroem e se reconstróem sempre como as mandalas do budismo, na visão do narrador da ilha há um conflito entre o que podemos nomear de “tradição” – o fabulário local, a “cultura” – hábitos, valores, o cotidiano e a chamada “modernidade” – tudo que chega de novidade ao lugar. Se o estudioso procura superar sua abordagem benjaminiana da cultura (uma leitura que

<sup>262</sup> Cf. Paul Zumthor, *Introdução à Poesia Oral*, pp.28 e 31.

<sup>263</sup> Id., *Ibid.*, p. 75.

<sup>264</sup> VERGOLINO, Anaíza. “História comum, tempos diferentes” in *A Amazônia e a Crise da modernização*, p. 205.

<sup>265</sup> ROSÁRIO apud VERGOLINO, *op.cit.*, p. 205.

vê o mundo como em eterna decadência) em favor de uma visão mais antropológica que considera sem fatalismo as transformações, os narradores entrevistados já não acompanham esse raciocínio. Eles lamentam as perdas, lamentam as ruínas e o caos que percebem chegar ao antigo paraíso. Eles buscam sim e lamentam uma certa pureza perdida. A ilha já não é mais tão bela e limpa: foi invadida. Estudiosos dizem que é natural, pois a cultura “negocia-se”, mas os moradores, principalmente, os mais antigos, descontentam-se.

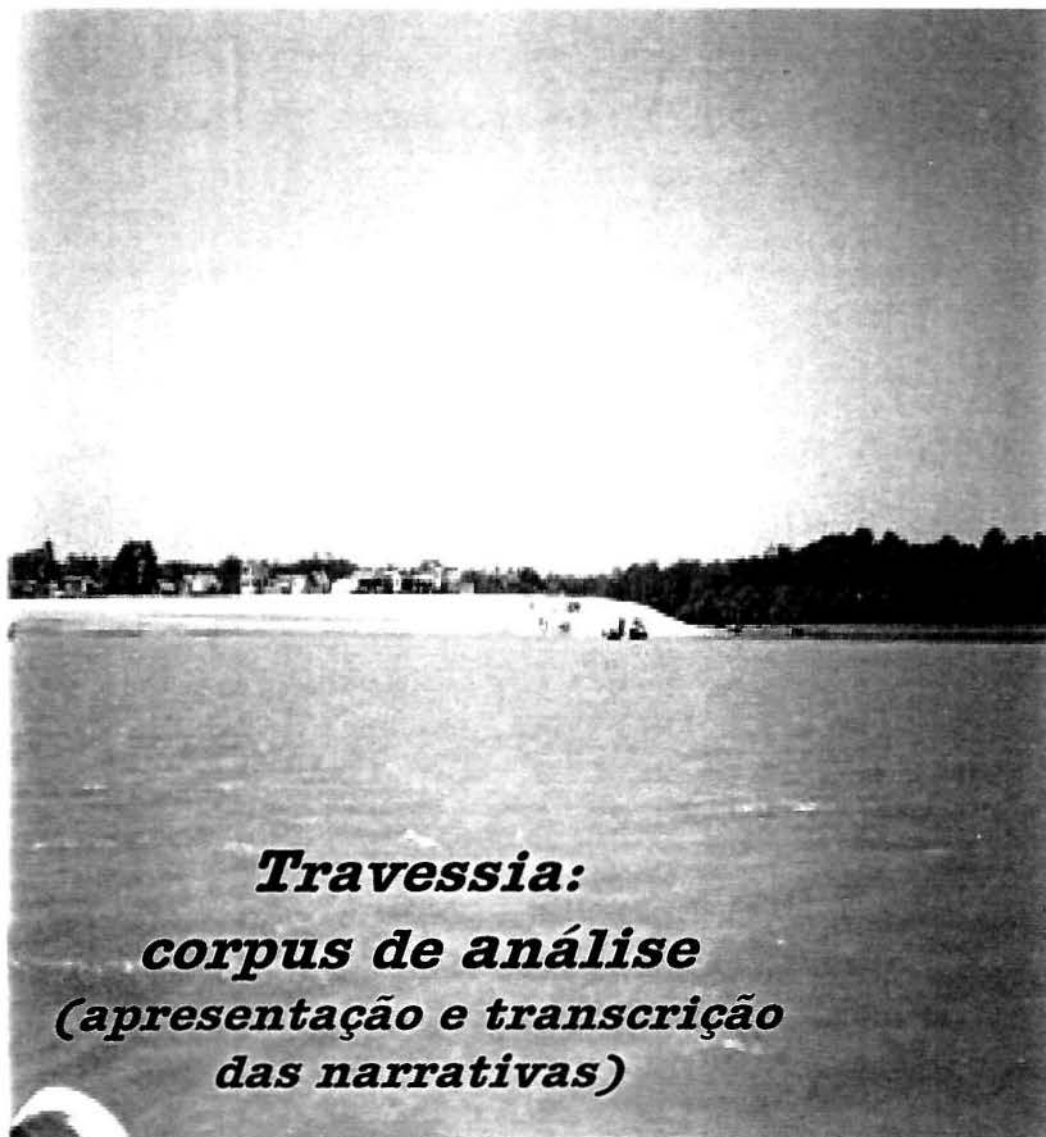
Algodoal, 1994: uma carroça era chamada de táxi pelos nativos. E naquele ritmo lento do cavalgar do cavalo, caminhava também o imaginário da ilha. À noite, um aglomerado de pessoas na frente de uma casa: era uma televisão. Ninguém queria perder o capítulo da novela, e era em torno dela que as conversas prosseguiam depois. Nada de grande esforço para assimilar a novidade. Às proximidades, ouvia-se um batuque: era o *carimbó* feito artesanalmente, com instrumentos fabricados no local. Na rua Magalhães Barata, todos dançavam ao ritmo do *carimbó*, o instrumento principal dessa dança típica. Novo e velho pareciam conviver sem conflitos. “Negociação”?

Algodoal, 1997: nada de aglomerações, o motor da luz chegou à casa da maioria. As carroças agora andam à noite, com suas devidas baterias, para evitar acidentes e iluminar a rua Magalhães Barata. À primeira vista, nada havia se alterado tanto, o ritmo de vida ainda era o mesmo dos giros da roda da carroça. Veículos motorizados ainda não atravessam para a ilha. Alguns moradores querem que isso aconteça; outros não. Também querem luz elétrica; outros não. Água encanada...etc. Ainda uma comunidade formada basicamente de pescadores. Alguns acabaram abrindo uma pousada: lucro garantido nas temporadas. Mas outros pararam de produzir aquele *carimbó* local e espontâneo. O fato é que os bares convidam alguns grupos para se apresentarem à noite, profissionais. Não encontrei mais o *carimbó* artesanal que se realizava de improviso, em noites de lua cheia. Não vi mais também as letras que gravei serem entoadas pelos novos cantores. O que aconteceu? As transformações teriam dizimado com uma poética? O rico imaginário sobre os encantados teria resistido ao contato com outras mentes? Greenblatt poderia responder que todos esses aspectos convivem sem grandes problemas. Será mesmo assim? Sem dúvida, dentre as “modernidades” que chegaram à ilha, a mais terrível foi a das drogas: a noite passou a comportar outros enredos que não a dos contadores de histórias da tradição oral: tráfico e negociações ilícitas, entre estrangeiros,

turistas e até (infelizmente) pescadores. Alguns se viciaram e outros passaram a integrar a rede do tráfico. Não pretendemos nos alongar tanto nessa questão tão grave. Em notícia divulgada ainda nesse ano de 1999, no jornal televisivo local “*O Liberal*” soube-se de uma senhora idosa que teria sido autuada em flagrante na Praia da Princesa por estar à luz do dia vendendo maconha livremente na praia. Ela declarou não saber que tal atividade era proibida. Dessa forma, não podemos ficar tranquilos diante de conceitos acadêmicos que procuram sanar os conflitos que ocorrem entre o novo e o velho. Ainda mais quando os próprios informantes se mostram preocupados com o futuro da ilha de Mayandeuá. Claro, podemos *negociar* a cultura, não há alternativas: pesca de arrasto e investimentos no setor turístico podem afetar o cotidiano do habitante local, obrigando-o a se adaptar às mudanças, para garantir sua sobrevivência. Mas essa auto-transformação, com certeza, não será recebida com tranquilidade, conforme pudemos conferir em inúmeros relatos. Assim, deixamos essa crise em crise, porque as ruínas parecem estar em toda parte...apesar dos conceitos e abordagens que, ignorando dimensões políticas, pretendem nos apaziguar.



## Capítulo 4



Rumo à ilha: o encontro

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	139
<b>José da Costa Teixeira (Zé Mingau)</b> .....	145
1. <i>“A Ilha é encantada mesmo”</i> .....	146
2. <i>“E aqui se vive de pesca também?”</i> .....	146
3. <i>Veio uma voz pra ele e disse”</i> .....	147
4. <i>“Uma vez minha avó foi fazer um parto lá em Fortaleza</i> .....	148
5. <i>“Zeca, essas galinhas são tuas, com esses patos?”</i> .....	148
6. <i>“Ele só viu uma mulher com o cabelo bem louro assim”</i> .....	149
<b>Margarida Menezes (D. Magah)</b> .....	150
7. <i>“Então é encantado! Minha senhora.”</i> .....	151
<b>João da Costa da Silva Filho (Seu Zinho)</b> .....	152
8. <i>Cavalo-Marinho. Morro do Canta-Galo. Menina dos Olhos azuis.</i> .....	153
9. <i>E um farmacêutico que quase enlouquece: é a ilha “encantada”</i> .....	154
10. <i>Mayandeua</i> .....	154
11. <i>Aí ele saiu pro mangal</i> .....	154
12. <i>“E daqui tudo, ali pra terra, era encanto como se via.”</i> .....	155
<b>Francisco Quintino Dias (Seu Chiquinho)</b> .....	157
13. <i>“Eu via o cara jogar a tarrafa.”</i> .....	158
14. <i>“Eu quero ver se aparece visagem mesmo aqui!”</i> .....	158
<b>Margarida Carrilho</b> .....	159
15. <i>“E vinha um cavalo toda noite”</i> .....	160
16. <i>“Entrou uma mulher ...loura”</i> .....	160
<b>Tereza Cristo Carrilho</b> .....	159
17. <i>“Lindo maracá, todo espelhado”</i> .....	161
18. <i>“Pingue-Pongue” com As Senhoras</i> .....	161
<b>Hermínio Alves dos Santos</b> .....	164
19. <i>“Era a volta do Cavalo-Marinho”</i> .....	165
20. <i>“Rezei ele” e “As caruanas”</i> .....	166

21. "Ele tava lá em cima desceu nuzinho lá de cima" .....	166
22. "Lago da Princesa não! Lago dos Paus!" .....	167
23. "O tamanho da ilha" .....	169
24. "Eu tenho devoção com a Curupira do mato" .....	170
<b>Maria de Lourdes Gomes e Silva.....</b>	<b>172</b>
25. "Foi embora, sumiu, uns três dias" .....	173
26. "A do Chico, ele foi embora lá pro mangal!" .....	173
27. "Tinha um carimbó lá na Dona Magah" .....	174
28. "Diz que era um navio, lindo, lindo, lindo, cheio de luz o navio" .....	174
<b>Manoel Rodrigues Teixeira (Seu Manduca).....</b>	<b>175</b>
29. "O navio tava aí ancorado" .....	175
<b>Lauro Teixeira de Souza (Seu Laurinho).....</b>	<b>176</b>
30. "Aí enxergamos um garoto lá" .....	177
31. "Ele ouviu uma voz que disse em pé de ouvido" .....	177
32. "Acharam um maracá, desses que pajé usa!" .....	178
33. "No tempo dos escravos, dos Jesuítas" .....	179
34. "Canta-Galo" .....	181
35. "Cavalo-Marinho" .....	181
36. "Não prestou mais, essa ilha aqui (por D. Coló).....	181
37. "Era o encantado né?" .....	182
38. "Os encantados estão aonde eles chamam de "Canta-Galo" (D. Coló).....	182
39. "Ouviam cantiga no fundo do galo e" .....	183
40. "Ela foi encontrar um cordão de ouro..." .....	183
41. "Então meu filho viu a Princesa..." .....	184
42. "Uma rama de mato na minha perna" .....	185
43. "Cheguei mais adiante...novamente o carro de novo" .....	186
44. "Tinha um Pitelão, fácil." .....	186
<b>Maria de Lourdes Nordeste Carvalhares.....</b>	<b>188</b>
<b>Manuel dos Reis da Costa ( Seu Do Reis) .....</b>	<b>188</b>
45. "A cidade, ainda aparece" .....	189
46. "Nesse tempo não tinha cavalo aqui" .....	189
47. "Aí eu vi um homem" .....	190
48. Diálogos.....	191
49. "A Princesa apareceu" .....	192
<b>Francisco Pereira da Silva.....</b>	<b>194</b>

50. "A mulher saiu da água toda enxuta" .....	195
51. "Era uma mulherona, uma grega!" .....	195
52. "Saiu um bichinho de dentro do mato" .....	196
<b>Gerônimo Rodrigues Teixeira</b> .....	<b>194</b>
53. "Aonde estava uma moça dentro de um prédio, sabe?" .....	197
54. "Aí chegou um estudioso aí" .....	197
55. "A Praia do Rei Sabá era encantada?" .....	198
<b>Orlando Muniz Teixeira</b> .....	<b>200</b>
56. "Aí ela desapareceu" .....	201
57. Carimbó –(I).....	202
58. Carimbó – (II).....	202
59. "Eu fiz uma musiquinha bacana" .....	203
<b>Timóteo Alves Teixeira</b> .....	<b>205</b>
60. "Ela se desencantou e saiu!" .....	206
<b>Filomena Ferreira</b> .....	<b>209</b>
61. "Um cavalo branco, branco, branco!" .....	210
62. "Foi o susto do cavalo" .....	210
63. "Um instrumento, uma banda de música" .....	210
<b>Valdovino Teixeira (Sr. Pelé)</b> .....	<b>212</b>
64. "Porque aqui era uma terra encantada mesmo!" .....	213
<b>Raimundo Cabral Filho</b> .....	<b>215</b>
65. "A Claridade" .....	215
<b>Manuel da Costa Santos (Seu Montana)</b> .....	<b>216</b>
66. Carimbó I.....	217
67. Carimbó II.....	218
68. Carimbó III.....	219
69. Carimbó IV.....	219
<b>Francisco Paulo Braga (Chico Braga)</b> .....	<b>220</b>
70. Carimbó I - .....	221
71. Carimbó II- .....	221
72. Carimbó III-.....	221
73. Carimbó IV- .....	221
<b>Herculana Teixeira (Tia Princesa)</b> .....	<b>222</b>
74. Entrevista.....	223

## Apresentação

*Mayandeua* tem diversas faces em seu imaginário. Dizer que neste breve espaço mostraremos todas as nuances das vozes da ilha é ledão engano. Por motivos de espaço, e pela escolha do tema, preferimos trazer aqui o que mais se destaca na imaginação do narrador habitante da ilha, a saber: a crença na Princesa de Mayandeua e em sua “encantaria do fundo”, que faz com que o próprio lugar - Mayandeua - torne-se, na visão dos nativos, um lugar encantado. Perseguiremos esta representação do imaginário que, sabemos, não é exclusividade desta ilha localizada na Microrregião do Salgado, no Nordeste Paraense. Há outras ilhas na Amazônia consideradas “encantadas” e também outros lugares no País.

Contudo, conforme veremos, no olhar dos narradores da ilha de Mayandeua, o local é singular, único, *Axis mundi*. Uma “cidade” onde, curiosamente, o mundo sagrado abre-se para baixo e não para o alto, isto é, como nos mitos do tipo Atlântida, o sagrado, o paraíso perdido, encontra-se no fundo do mar e, vez por outra, alguém conta ter visitado o local, ter visto a “cidade dos encantados”, ou encontrado com a enigmática e inacessível Princesa.

Acreditamos que esta nuance é a que se destaca com mais força entre as histórias orais da ilha, que inclui, além do tema da “encantaria”, um acervo de narrativas sobre Matintaspereiras, metamorfoses (histórias do tipo “lobisomen”, sendo que as espécies animais variam), e histórias de caçador e de pescador. Vez por outra, uma narrativa de um desses tipos surge no *corpus*, já que elas revelam um pouco mais da identidade do narrador, sobretudo em relação ao seu cotidiano de trabalho. Outra opção realizada no recorte aconteceu com um motivo rico e interessante, o da Matintapereira, que, por ser um tema muito mais ligado ao da bruxaria e da feitiçaria e, por se tratar de todo um outro universo, preferimos nos abster de examiná-lo, é um mito freqüente na Amazônia, merecedor de um estudo à parte, a ser realizado em um próximo trabalho. Assim, o leitor que percorrer estas páginas, notará que a ênfase da seleção fora dada para o mito de “Mayandeua” e de seus encantados.

A versão de mundo de Mayandeua surgiu também em algumas entrevistas que não chegam a prefigurar propriamente uma história com começo, meio e fim, mas porque o tema do “encantamento” surge nessas entrevistas, elas estão presentes no *corpus*. Compreendendo aí a narrativa em sentido amplo, tal como a considera Roland Barthes, foi possível deixá-las na

seleção, observando que elas são reveladoras das crenças dos nativos da ilha. Ou seja, também neste *corpus* a narrativa é entendida em seu sentido amplo. Narrar é viver. Vital. Sheherazade adia a cada dia a morte. Ela enredava, tecia um *mythos* (enredo), uma trama e uma intriga: era a contadeira de histórias por excelência, a sedutora que, com seu fio narrativo, sua teia, enredava o Sultão. Além do mais, afirma Barthes<sup>266</sup>: “A narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade (...) todos os grupos humanos têm suas narrativas”

Outro conceito que nos motivou na seleção foi o de “evento”. O *événement* é algo que ocorre para alguém no sentido de experiência: “para que haja um evento é necessário que esse acontecer eu o sinta como um acontecer para mim” diz Carlo Diano, citado por Alfredo Bosi<sup>267</sup>. O *evento* é que motivará o narrador a contar sua história. É válido ressaltar que a fantasia possui também caráter de evento (*Ereignis*), segundo Wolfgang Iser, pois “modifica o mundo em que se insere”<sup>268</sup>, mas na perspectiva do narrador não se trata aí de fantasia (como nós a consideraríamos) mas de uma verdade, de uma experiência (*Erfahrung*)<sup>269</sup> que lhe provoca *pathos*, ou seja, mexe com o seu equilíbrio pessoal, e depois dessa afecção ele já não é o mesmo. O *événement* é como a pedra jogada no rio que corre: interrompe seu fluxo, provoca reverberações em torno.

A noção pós-estruturalista de “contingência” faz lembrar também do *événement*: ela é, segundo David Wellbery, “o que aparece além de qualquer horizonte de sentido, o que me atinge na singularidade de minha existência”<sup>270</sup>. O fato de a pessoa escolher um termo e não outro para um discurso desejando obter uma significação, é conhecido pelo estruturalismo como *paradigma* e pela teoria fenomenológica como *intencionalidade*. O pós-estruturalismo vem adicionar ao já conhecido conceito de *contingência* a dimensão do *acaso*. O acaso é um evento, uma experiência singular que provoca *pathos*. Introduzir o acaso no modelo tradicional da narratologia significa romper com “a circularidade que move a definição de

<sup>266</sup> BARTHES, Roland. *Análise Estrutural da Narrativa*, p. 19.

<sup>267</sup> BOSI, Alfredo. “A interpretação da obra literária” in *Céu, Inferno: ensaio de crítica literária e ideológica*. 1988.

<sup>268</sup> Cf. ISER. *O fictício e o imaginário*, p. 210.

<sup>269</sup> No sentido de Walter BENJAMIN, “Sobre alguns temas em Baudelaire”, in *Os Pensadores*, Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1980.

<sup>270</sup> Cf. David WELLBERY, “A relevância do conceito de contingência para os estudos literários. Uma glosa sobre a discussão do pós-estruturalismo” in *Neo-Retórica e Desconstrução*, p. 71.

ação e abrir o narrativo para o seu outro: a dimensão do acaso que surge de repente<sup>271</sup>” afirma Wellbery. Nas análises tradicionais de narrativas tudo já está previamente determinado, seja em Roland Barthes ou em Wladimir Propp. Considerar o elemento do acaso na narrativa significa que as narrativas deixam de se ajustar a um modelo de análise, fugindo a regras limitadoras. E tal fato nos parece mais adequado para relatos que continuam em plena efervescência, isto é, que não estão cristalizados como os dos europeus, e que nem sempre conseguem se submeter a um modelo estruturalista de análise.

Assim, com exceção do Carimbó (ritmo musical regional) os títulos foram retirados das próprias narrativas, para que procurassem lembrar o *evento* principal das mesmas, ou apenas o assunto que será tratado.

Este material foi recolhido entre os anos de 1994 -5, quando então fazíamos parte do Programa Integrado de Pesquisa “O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense”, vinculado ao Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará. A pesquisa de campo e a transcrição do material seguiram as regras estipuladas pelo Programa, em reunião entre Coordenadores e bolsistas.

Assim, a transcrição seguiu, via de regra, como se fosse um ditado. Descartamos a transcrição fonética em benefício da transcrição comunitária, já que nosso propósito não é o de se estudar pronúncias. Não houve nenhuma alteração do léxico, nem da sintaxe do informante, assim, o *corpus* apresenta vários desvios em relação à gramática normativa. Embora a realização normal de algumas palavras sejam facilmente identificadas, tais como: “pra” (para); “Vombora” (vamos embora); “rinchar” (relinchar), o que nos permitiria transcrevê-las como consta nos dicionários, preferimos deixá-las tal e qual dito pelo informante. Dúvidas de transcrição, ocasionadas por diversos motivos (fala mal-articulada; gravação ruidosa; etc.) são colocadas entre colchetes, da forma mais próxima à nossa percepção auditiva, usando o sistema gráfico do português<sup>272</sup>, como no trecho “acabava [que não tinha em outro canto]”. Os silêncios repentinos, que não significam um intervalo entre uma e outra narrativa, são grafados por um trecho em branco entre colchetes, de tamanho proporcional à sua duração. Mudanças de ritmo, tom de voz que nos pareçam importantes no momento da performance,

---

<sup>271</sup> WELLBERY. *id.*, *ibid.*, p. 71.

são relatados em notas de rodapé, bem como quaisquer outras informações, que julgarmos necessária. Qualquer termo que se revele desconhecido do habitual, é esclarecido também em notas de rodapé, tal como termos regionais do tipo “ela ficou panema”. Além disso, as falas do pesquisador encontram-se entre parênteses.

Quanto à pesquisa de campo, tínhamos por certo seu caráter de imprevisibilidade, daí que fixamos algumas orientações básicas a serem seguidas durante a recolha, presentes no documento intitulado “achegas para técnicas e ética da coleta”. Nele é enfatizado que o entrevistador tentará ser “discreto, habilidoso, elegante, atento”, procurando deixar o informante à vontade para contar o que lhe aprouver. Falar o mínimo e gravar ao máximo é também ponto importante entre as orientações básicas. A propósito do informante, sua figura não deveria ser discriminada (faixa etária, origem, classe social, profissão ou religião). Deveríamos começar a gravar primeiramente com conhecidos e passar somente depois para os desconhecidos, com informações recolhidas entre pessoas conhecidas e autoridades<sup>273</sup>. O contato com o narrador deveria informar sobre a proposta de trabalho, “com clareza, objetividade, simplicidade e humildade”. Diante disso, é válido dizer que minhas dúvidas sempre foram qual fórmula usar para não intimidar o narrador e como manter a naturalidade da conversa. Identificar-se completamente como pesquisador da Universidade parecia-me constranger o informante. Mas estava lá no documento: “se julgar necessário e oportuno, dar informações mais completas”. Eu julgava que não era necessário dar informações completas, a não ser que o informante solicitasse, como Orlando Muniz Teixeira, narrador de Fortalezinha, que tudo queria saber antes de abrir seu repertório. Observei que enunciar títulos antes de uma entrevista poderia cortar a inspiração, a naturalidade, e influenciar na fala do informante, que, então, passaria a se policiar com suas palavras, porque estava diante de um (a) “doutor (a)”<sup>274</sup>.

---

<sup>272</sup> Conforme o documento “Como transcrever”, do Programa de Pesquisa “O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense”, vinculado ao Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará.

<sup>273</sup> Pessoalmente não segui esta regra, pois, naquele momento, em maio de 1993, não me ocorreu imediatamente nenhum “conhecido” para entrevistar. É claro que havia. Mas, na minha curiosidade, acabei indo diretamente para a Ilha de Mosqueiro, onde, juntamente com a Pesquisadora e professora de Educação Artística, Nélia, gravamos em 15 de maio de 1993 a primeira fita para o Programa, transcrita por mim. O primeiro informante foi, portanto, um vendedor de camarão, Sr. Joaquim Monteiro Nascimento, mais conhecido como “Cuca Legal”, de 59 anos de idade, que alegremente passava pela praia anunciando o seu produto.

<sup>274</sup> A lição de Seu “Cuca Legal” foi inesquecível. Nélia fez as apresentações (formais) diante do possível informante, dizendo que éramos da Universidade e que estávamos fazendo uma pesquisa, tentando coletar qualquer tipo de história, ou até piada que ele pudesse contar. Pela “oralidade” do informante, ou seja, tudo que



Presenciei também este tipo de performance. Mas, felizmente, ao menos em relação à Algodual, notei que dizer que estava fazendo “um trabalho para a escola” funcionava muito mais do que anunciar o título de “universitário”, que poderia constranger alguns entrevistados. Alguns nem se importavam com isso. Queriam mesmo era deixar algo registrado para a posteridade, como o respeitável ancião Sr. Lauro Teixeira, que pareceu ansioso para tudo relatar<sup>275</sup>, como se sentisse a morte que então já estava próxima. Ou Chico Braga, cantor e compositor de Carimbó, que satisfeito por eu ter gravado primeiramente suas informações completas (tais como, nome, idade, profissão, etc.) aceitou entoar algumas músicas de Carimbó, e, questionado sobre a autoria das composições afirmou: “*se falou em Princesa é minha, tudo, ninguém me rouba, ninguém me engana, se falar em Princesa sabem que é minha!*”. Autor? Pode-se dizer que sim. Todos o reconhecem em Algodual como compositor de Carimbó. E, além do mais, naquele momento, sua performance dava um novo tom à melodia que estava jazendo no seio da tradição, e por meio da voz tudo ressurgia. O compositor Chico Braga possui um repertório mais ligado à mitopoética de Mayandeua. Incluímos contudo no *corpus* a canção também entoada por Braga, “*sou pescador e vivo do fruto do mar...*” que alguns dizem ser de autoria de “Mestre Lucindo”, reconhecido e já falecido compositor de carimbó da região do Salgado.

As “achegas” trazem ainda algumas observações quanto ao momento da gravação, seja ele antes, durante ou depois. Era aconselhável que se gravasse inicialmente os dados pessoais do informante e que se anotasse em folha de papel informações que se julgasse relevantes e/ou perguntas para esclarecimento posteriores. O controle do avanço da fita e sua virada em um momento de interrupção demorada é também notado no documento.

Na prática, vimos que tantas observações ao mesmo tempo eram impossíveis. Melhor mesmo era deixar fluir a comunicação e usufruir daquele momento único da performance, deixando, algumas vezes, os detalhes técnicos para mais tarde, em outro momento da conversação. Interromper um narrador ansioso para contar uma história logo ao ligarmos o

---

se lê nos seus gestos e voz, percebi que ele não tinha gostado nada daquela mini-exposição de “quem somos nós”. Por fim, Seu Joaquim, acabou nos recitando um poema que tinha afinal como moral algo como: “você têm informação, mas não sabem nada da vida, eu tenho experiência, e só aprendi a ler e a escrever numa carta de ABC.” Foi o que me ficou nas entrelinhas da narração.

<sup>275</sup> “O relógio está preparado aí tá? O rádio tá pegando?” interrompeu Sr. Lauro, no meio de uma história, preocupado em deixar tudo gravado.

gravador, para detalhes burocráticos? Nem pensar! Algumas vezes a imprescindível “tipologia do informante” era fornecida somente ao final do relato. Em primeiro lugar, era melhor captar aquele momento de pulsão do narrador, de inspiração, de recriação do passado.

O narrador conta por necessidade de deixar marcas, vertígios de sua passagem. Em nosso caso, são narradores marinheiros e artesãos, tal como em Walter Benjamin<sup>276</sup>, mas deslocados de sua importância na modernidade, na era da “reprodutibilidade técnica”<sup>277</sup>. Narrador que precisa se referendar, no próprio discurso, de diversas afirmações, para que o seu público acredite nele também, além da televisão que lhe rouba a cena. Mas, de qualquer forma, trata-se também de um narrador que vê, nos recursos da modernidade, um aliado. Pois será o gravador que registrará sua voz, suas histórias, e uma máquina fotográfica se encarregará de guardar sua imagem.

Inúmeras foram as transformações na história do mundo. Diz-se que ficamos modernos. Mas, enquanto isso, híbridos culturais continuavam a existir, e muitas vezes se proliferavam, longe de “modernos” e “pós-modernos”. Assistimos a passagem do domínio da narrativa, da *Erfahrung*, de autoria e produção coletivas, da comunicação face a face, da retórica, para a solidão do leitor, o princípio de autoria, o domínio do romance, a imprensa, as artes visuais, o cinema, e hoje percebemos que não adiantou ignorar o fato: a realidade se insurgiu em pedaços. As tendências, presentes na modernidade, se radicalizaram, e alguns chamam este processo de “pós-modernidade”. O plural está presente. Há miríades de realidades. A retórica, em forma de retoricidade (a nova retórica, presente em todos os atos discursivos do homem) voltou à cena, em suas múltiplas formas. Enquanto isso, um núcleo de pescadores de uma ilha ao norte do país, continuavam contando sobre uma versão de mundo: Mayandeua, não por resistência, não como sofisma, apenas porque tal ato está enraizado na experiência deles, como memória coletiva e ancestral, como imaginário ativo e como reinvenção constante da cultura e da tradição, tanto no ato performático de contar, quanto no mito/ metáfora sobre Mayandeua. Conforme veremos...

---

<sup>276</sup> BENJAMIN, Walter. “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” in *Magia e Técnica, Arte e Política*, 1985.

<sup>277</sup> BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” in *Os Pensadores*, Abril Cultural, 1980



Barco

*“A ilha é encantada mesmo!”* declarou José da Costa Teixeira (Zé Mingau) 23 anos, Pescador, nascido em Algodual-PA, e residente na ilha. As narrativas a seguir foram gravadas em Algodual-PA, 25/02/94.

## 1. “A Ilha é encantada mesmo”

Agora aqui mesmo, bem na ponta da ilha dessa...do Boiador, Boiador que se diz é aquela pedra que tem lá na porta né? Perto daquelas dunas altonas, lá aparece um navio...sabe? Aparece um navio...um navio muito lindo... (...)

(–Costuma aparecer mais quando?)

–Costuma aparecer mais no...mais assim no verão assim costuma aparecer...

–Lua cheia? (Carlos)

–Normal mesmo. Normal mesmo. Normal mesmo.

(–De dia ou de noite?)

–Antigamente, cara, os pescadores daqui, quando eles iam saindo daqui eles escutavam assim, galo cantar, boi hurrar, sabe? Cavalos rinchar<sup>278</sup> sabe? No fundo assim, no fundo sabe? Que era incrível assim, tu ouvias...não tinha nada lá fora pô! Você ouvia...não...nunca afundou navio aí, eu acho que...isso é que a ilha é encantada assim mesmo...agora...tem todo um mistério...sabe? Tem muita coisa aí...e aí tem até dia de escutar né? Que...vê também ninguém vê! Escutam...aí né? Aí...eles falam que existe né? O... sempre tem gente que vê [     ]

(–Tu moras aqui há muito tempo? Tu és de Algodoal mesmo né? É Mayandeuá aqui ou é Algodoal?)

–Sou nascido aqui. Aqui é Algodoal. Mayandeuá é do outro lado da Ilha. Entendeu? Aqui mesmo é Algodoal.

## 2.E aqui se vive de pesca também?

(–E aqui se vive de pesca também?)

–Antes se vivia da pesca de curral aqui. Pescaria de curral.

(–Como é essa pesca de curral?)

–Bem, aqui...pescaria de curral porque...tira as madeiras todas, faz uma armação, armação de curral é assim né? Aí o peixe vem por ali, a maré vai dando, ele entra e não consegue mais sair...os peixes ficam todos lá. Sabe? Fica preso. Tipo assim, uma tapagem! Tapagem de um igarapé, aí o peixe vem por ali passeando, fica né? Aí...é bacana também...

(–Por que falta tanto peixe na ilha. Hoje em dia ainda pescam muito?)

–Pescam. Tem muito pescador aqui. Tem muita canoa. Tem...eu tenho assim pra mim que tem umas sessenta e poucas canoas assim, e pescador assim...a maioria daqui da Ilha é pescador sabe? Vivem da pescaria. Pescaria dá aqui pra caramba né? Tem época que ela dá mesmo. Tem época que ela falha...tem dia...tem um dia assim...às vezes você vai pescar daqui né? Aí, pôrra, eu cerco bacana no peixe, mato duzentos e poucos quilos de peixe né? Hoje em dia, 200 kg. de peixe você está no mínimo com seus Cem mil<sup>279</sup> no dia né? O peixe tá dando uma grana boa, agora.

(–Mas aí vocês não vendem pro pessoal aqui né? Vocês vendem mais pra quem?)

–Pro marreteiro né? Pro marreteiro, que eles passam pra ver, eles levam, procuram aí, quer dizer, hoje em dia a gente está vivendo...quem quer comprar né? Vai lá na beira e compra! A gente vende peixe a retalho também, sabia? Principalmente pros amigos mesmo daqui, e a gente dá! Vende! Sabe? É assim. Quando dá pra dar dá! Quando não dá ...né?

(–Nestes tempos agora? Tá dando muito peixe?)

–Já tá dando muito peixe, Dourada...Gurijuba...Uritinga...Espardate...

### 3. “Veio uma voz pra ele e disse...”

Outra coisa também: tem uma visagem aqui, uma visagem-pessoa mesmo sabe? É só o apelido dele, sabe? Mas uma vez ele estava tirando caranguejo no mangal e veio uma voz pra ele e disse pra ele assim: “*olha, não tira caranguejo aqui nesse local, vai mais aí na frente que tem muito caranguejo, não tira caranguejo aqui*”. Aí ele foi, foi mais lá na frente, agarrou, tirou. Foi num local mesmo que tinha bastante caranguejo, metia o braço tirava mesmo, tinha muito caranguejo. Ele disse assim que foi aquela voz sabe? Que disse pra ele, que não era mais...pra ele nunca mais tirar caranguejo lá, ele não tirou mais caranguejo pro lado de lá mesmo, e até hoje ele conta também, ele conta várias histórias.

---

<sup>278</sup> O informante quis dizer “relinchar”, ao invés de “rinchar”.

<sup>279</sup> CR\$ 100.000,00 (Cem mil Cruzeiros Reais) em fevereiro de 1994, data da narração, que passou a equivaler, a partir de 1º. de Julho do mesmo ano, a R\$ 100,00 (Cem Reais), quando então implantou-se o Plano Real.

#### 4. “Uma vez minha avó foi fazer um parto lá em Fortaleza...”<sup>280</sup> (I)

Mas agora, eu precisava contar, te mostrar também uma pessoa que morou na Praia da Princesa né? Que sabe muitas histórias da Princesa. Fala várias coisas também daqui da Ilha, aliás ele é aquela pessoa também...ele contando ele também é muito engraçado, ele contando histórias daqui né? Ele tinha um bar lá na praia, ele era uma pessoa, aliás, era uma pessoa que era a pessoa mais rica daqui da ilha! O nome dele é “Gudengo”. É Zeca o nome dele. Mas só chamam de Gudengo pra ele. Aí ele tinha um bar lá na praia que uma vez minha avó foi fazer um parto lá em Fortaleza, aí ela se perdeu na praia e um cachorro grande acompanhou ela, sabe? Um cachorro grande preto assim, aí ela perdida, foi lá pro bar dele né? Aí quando ela estava tomando lá uns refrigerantes que ele deu pra ela, aí, quando ela tava lá, ela olhou assim pra beira da praia e viu assim, um monte de galinha! Sabe? Galinha, Pato! Um monte mesmo! Assim, sabe? Abeirando a pedra assim na praia, andando assim...<sup>281</sup>

#### 5. “Zeca, essas galinhas são tuas, com esses patos?”(II)

Aí...minha avó saiu daqui né? Devia ser umas 7 horas da noite, chegou um rapaz aí, veio buscar ela pra ir fazer o parto da mulher dele, né, aí, veio buscar ela pra ir fazer o parto da mulher dele, né, aí que quando, quando ele saiu né? Quando ela saiu daqui, aí quando ela desceu a praia aí né? O cachorro grande acompanhou ela né? O cachorro grande acompanhou ela, ela disse assim: “égua! Que cachorro bonito!” Não tinha nenhuma mancha branca! Nenhum tipo de mancha, era todo preto! Aí, ela foi embora, ela e uma sobrinha dela, a Nizete, aí quando ela chegou assim na praia, ela se perdeu mesmo, mundiou mesmo assim...ela não sabia até pra onde ela ia, aí quando ela se achou ela olhou assim pra beira da praia, era muita galinha, muito pato, muita criação né? Aí ela perguntou pra ele: “Zeca, essas galinhas são tuas, com esses patos? São teus?” Ele disse assim: “não, mãe, não é meu, isso aí é criação aí da princesa”. Ele falou né? Aí ele ficou assim...quando ele veio olhar né, quando ele veio olhar que ele não viu né? Só ela que viu, que quando ele veio olhar, ele não viu mais nada, entendeu?

---

<sup>280</sup> Essa narrativa acabará se desdobrando em mais duas, que intitulamos com trechos do próprio relato. Os intertítulos servem para relembrar o *evento* principal da narrativa. Há uma continuidade entre as três narrativas, isto é, o relato não se interrompeu.

<sup>281</sup> A narrativa continua na fita seguinte, neste momento, mas ocorre aí outro *evento* marcante.

## 6. “Ele só viu uma mulher com o cabelo bem louro assim...” (III)

Ele só viu uma mulher com o cabelo bem louro assim, bem louro mesmo, que era luar à noite, ele viu aquela mulher ir andando assim, de passo leve, entendeu? E aqui e acolá, ela juntava uma coisa, ele via que ela juntava uma coisa, então ele...ele disse assim: “égua, eu vou ver quem é essa mulher! Nunca vi essa mulher, eu vou ver ela!” E desceu pra ir atrás dela, sabe? Aí ele saiu assim atrás dela, aí ele disse assim que ele saiu atrás dela, ele disse assim que uns 20 metros longe dele assim, ele não se aproximava mais dela, e aqui e acolá ela juntava uma coisa! E ele andando rápido mesmo, ele quase correndo assim atrás dela, e ela assim naquele passo, ele não conseguia se aproximar dela, ele foi quase na ponta da Praia da Princesa, sabe? Ele foi quase na ponta assim da Praia da Princesa sabe? Pra ver se alcançava ela mas não conseguiu. Ele voltou de novo pra lá, chegou lá, disse pra mãe dele que não conseguiu mesmo...se decifrar quem era, mas que era uma mulher muito bonita era! Né? Aí ele ficou assim...ele pensou em dizer que era...e era uma mulher...aí ele não sabia dizer se era a princesa mesmo ou...mas que é uma coisa...tem uma coisa muito importante, ela sabe muitas coisas também! É uma coroa...ela tem...70 e poucos anos, ela está aí, você quer conhecer ela?

(–Ah! Eu quero!)

–Vamos lá!



D. Magah

Margarida Menezes (D. Magah), 67 anos, Parteira, nascida em Algodal-PA.  
Entrevista gravada em Algodal-PA, 25/02/94.



## 7. “Então, é encantado! Minha senhora.”

–Ela sabe mais do que eu... (Zé mingau)

–...Hoje em dia não aparece mais nada, porque já está com muito movimento!

E estas coisas só aparece num caso que seja...o silêncio. É. O silêncio. Aí aparece pra mim...pra pessoa que vier, agora...não apareceu muito! (...)<sup>282</sup>

–(E a Princesa?)

–A Princesa? Ela vive no reino dela. Eu nunca vi. Não. Muitos viam...agora o caso....que a minha mãe contava...que eu sempre ouvia, a Princesa, ela estava mudada, quando se vivia no silêncio...ela estava nos banhos, de madrugada, tomando banho, muito bonita, bonita, que quando ela notava que tinha gente, (gesto), ela se enfiava dentro d’água e não saía mais. É. Sim. Então, é encantado! Minha senhora. O encantado, eu vou lhe dizer, não tem ninguém que diga, isso é da parte...é da parte...é um mistério de Deus que ninguém pode. E agora naquele tempo, mais tempo, ainda estava fácil de descobrir, quem descobrir...esta cidade que está no fundo, está vendo? Belém ia no fundo. Ia ficar funda. A capital ia pro fundo. Porque a melhor cidade que tem é daqui da Ilha de Mayandeu! Praia de Mayandeu! É isto. E quem descobrir será o príncipe. Antigamente aparecia...tem assim uma pedra lá no canto da praia que chamam “Canta Galo”, botaram apelido de “Canta Galo” porque na época, ouvia cachorro latir, eles ouviam galo cantar, eles ouviam vaca mugindo, saracura cantar, tudo eles ouviam. Cantar. Então, botaram apelido de “Canta Galo”. E até hoje, todo mundo conhece por “Canta Galo”, porque lá é encantado (...)<sup>283</sup> Pois é, menina. Agora esse negócio que aparecia, já apareceu há muito tempo, agora não...agora está com muito movimento...olha, a Maria do Dédeu, Déde também, eles é que já têm visto por aí, pode lhe dar uma ajuda. Andam caçando por aí [       ]

---

<sup>282</sup> Segue-se aí um relato furioso contra as Matintaspereiras.

<sup>283</sup> Neste corte, fala-se sobre a diferença entre a “medicina da terra” e a “medicina da intuição.”



S. Zinho

João Costa da Silva Filho (*Seu Zinho*), 79 anos, Pescador aposentado, natural de Marapanim-PA, residente à Rua São Pedro, 24, em Algodual-PA. Os relatos a seguir foram gravados em 25-02-94 e 24-07-94, em Algodual-PA.

## 8. Cavalo-Marinho. Morro do Canta-Galo. Menina dos olhos azuis.

–Ainda falo muito bem, muito direito, ainda tomo minha cervejinha, ainda jogo bola, ainda namoro quando eu posso, nada ainda não passou graças ao bom Deus. Cheguei aqui faz 62 anos que eu moro aqui em Algodual. Dessa enchente que botou as nossas casa ali à proa, [chegou] cinco famílias apenas aqui em Algodual. Mas graças a Deus nessa idade que estou ainda não falo nada errado, ainda não sou caduco, falo tudo direito, porque eu explico, sei explicar minhas palavras, que eu digo, porque tem muita gente mais velho do que eu, que já não sabe mais, tá até pra morrer, coitado do *Seu Lauro*, [ainda tá pensando aí]. Nós quando chegamos aqui pra terra ali era só mata! Tinha hora que quando a gente passava, que quando a gente chegava aqui, tinha um cavalo correndo por cima da praia, que era branco parece um algodão! Que a gente via...[de madrugada] era só aquela carreira!

(–E por que o nome Algodual?)

–Algodual porque de primeiro tinha uns algodões, daquelas árvores, aqueles algodões grandes, a semente assim grande né? Aí começaram a apelidar, apelidar, foi. Aí foram quando deu a enchente aqui, a última casa que caiu foi a nossa! Papai chegou disse assim: “[*meu, filho, o pessoal foram embora*]” A gente vivia tudo com ele, a gente era filho solteiro, ele disse: “[*meu filho essa casa é feita por mão de homem.*]”

“*Conta direito meu pai!*” Porque quando foi umas 9, 10 horas da noite, a enchente veio ali, por São Pedro! Aí pronto, foi arrastando tudo! Fomos se mudando, se mudando. Fomos ali para a Ponta da Praia, que ali tudo era espinhal. Aí eu fiquei aqui, tenho 62 anos na minha mão. Às vezes a gente ia lá pescar, ia por aí, não ia aqui pelo meio, quando chegava assim, pronto, pra gente voltar, a gente via o galo cantar lá na pedra, lá perto do morro. Aí apelidaram, “Canta Galo”! Às vezes, via aquela tão claridade que tinha! Via aquela claridade lá, via que era um navio, quando demora, não era navio, não era nada!

(–O que era?)

–Era o encantado! Tudo isso [de primeiro era encantado] Cansamos de ver aquilo lá pelo Lago da Princesa, menina desse tamanho que só os olhos dela era uma ponta de azul! Que quando olhava não tava mais lá! E muitas coisas, muitas coisas dava pra ver...

(–E dava, não dá mais?)

–Não.

(– A ilha não é mais encantada?)

–O encantado que eu vi era esse, né? [Possivelmente se ela vier agora por ali]

### **9. E um farmacêutico que quase enlouquece: é a ilha encantada.**

olha, chegou aqui um camarada... Francisquinha! Como era o nome daquela farmácia que veio aquela família? O que a gente conversou uma noite?! Uma farmácia...Era João Pinto né? Dono da livraria carioca! Olhe ele chegou quatro da tarde, lá perto do morro, quando foi uma hora da madrugada, ele não quis mais ficar lá! Que era pinto, era barulho, era tudo! Ele ia quase ficando leso!

### **10. Mayandeuá**

(–E ali, a Ilha de Mayandeuá?)

–Não. Pra lá eu não conto, não. [Que eu nunca fui pra lá...]

(–A gente tava na maior dúvida, por que será que era Mayandeuá o nome da ilha?)

–Pois é...Porque aqui, Mayandeuá, é praulá! Acima da Camboinha, que se chama “Igarapé de Mayandeuá”. É lá que é Mayandeuá mesmo!

(–Mas é ali aquela praia da Princesa? É Mayandeuá ali?)

–É, ali é Mayandeuá, de lá daquelas pedras pra lá!

(–O Senhor sabe me dizer porque que se chama “Praia da Princesa?”)

–Não. Eu sei que tudo isso lá era encantado! Era encantado e é por isso!

### **11. “Aí ele saiu pro mangal...”**

(–E enquanto o senhor caça o senhor nunca assim viveu uma experiência...)

–De caça?

(–É...na caça... Curupira...)

–Não, [quem já ouviu] cantar Curupira, meu irmão saíu aqui deste mangal, era...tinha um jogo aqui em Algodão, era [Pena x Max sport]. E ele se mandou-se, ele era o mais velho né? Aí ele saiu, [a torcida dele era menor, era 1x0], aí ele saiu pro mangal, era 2 horas da tarde ele disse: “minha velha eu vou pegar uns caranguejos pra deixar pros nossos filhos comer”. Quando deu 3:30 hs. ela tava gritando, a casa dela é bem ali assim, “menino vá ver meu marido que até agora não voltou!”

“Nós vamos todos pra lá!” Nós fomos tudinho. Ficamos muito tempo procurando, e nada: “ele morreu afogado...”, mas achar ninguém achou. Quando deu 6 horas da tarde, ele se saiu lá da boca daquele curro velho! Lá dentro do morro! Lá do Lago da Princesa! Não apanhou, não arranhou, não esfolou, nadinha! Quer dizer que ele ia pra cá, é pra lá, é pra cá. Ele não acertava sair. Chegou aqui quando deu sete horas ele acertou! É encantada é! Porque no mangal tem Curupira né? Ela encanta a pessoa! Ela mundia a pessoa, a pessoa fica mundiado!

(–Fica...?)

–Fica! Mundiado!

(–Como é “mundiado”?)

–Ela mundia a pessoa. A pessoa roda, roda, e não sabe por onde caminha...pra voltar!

## **12. “E daqui tudo, ali pra terra, era encanto como se via...”**

Olhe, eu vou lhe dizer desde o princípio daqui, pra quando você perguntar pra alguém, o que lhe contarem um pouco do que eu tô contando é mentira! Olhe, deu uma enchente aqui no Algodão...Segunda-Feira Santa. Quando ela findou foi Sexta-feira, à noite. A última casa que caiu na ponta dessa praia aqui foi a do meu pai, foi a do meu pai que caiu, desse daí, Sexta-feira Santa nós começamos a juntar palha, aqui pra fazer uma casa, pra nós morar aqui na ponta dessa praia. Eu já tô com 62 anos morando aqui nessa ponta da praia, dessa enchente que botou, só tem 5 famílias, que ainda conta o rojão. Que eu ainda digo, tudo é verdade, que eu tô com 79 anos de idade, ainda não caduco, tudo que eu digo eu sei explicar minhas palavras, e daqui tudo, ali pra terra, era encanto como se via, como nos cansamos de ver, cavalo! Porque nesse tempo não tinha nada aqui né dessas carroças: “Pi! Pi! Pi! Pi! Pi!” Que a gente olhava que ele era parece que um algodão, branco, branco! De repente, isso desaparecia! Às vezes minha mulher saía, ela tava grávida da primeira filha, quando ela viu uma mulher bem na ponta dessa praia aqui, “olha! Lá está uma mulher! Lá está uma mulher!” Escuro! Mas aquilo era tudo branco, aí eu disse cala, cala, cala, (o informante abaixa o tom de voz) e nós começamos arrepiar! Aí nós colocamos ela pra dentro de casa! Daí seguiu, quando a gente chegava lá no morro, aquilo, você via aquele sugo, lá de onde apelidaram “Canta

Galo”, lá parecia uma pele pra fora, aquilo você via tudo claro! Aquilo diziam que era navio, que nada, aí apelidaram...cantava o galo lá e o galo...aí apelidaram “Canta Galo”!

Uma vez meu sogro topou uma bola de Assis, um cordão que nem o ouro, desse tamanho! (gesto) Num lago. Ele olhava pra um lado, olhava pra outro, topou lá bonito aquilo! Foi se embora, deu uma [racha] assim “vou voltar!” quando chegou lá desapareceu! Não tinha nada lá.

Um camarada agarrou, topou, tava lá, viu aquela mulher tão bonita! Ele já até morreu, era *Seu Liberato*, moça bonita, toda loura! Ele olhou assim, ele tava olhando em cima dela, assim olhou, olhou! Dos pés à cabeça, que quando ele afincou, ela desapareceu! E minha irmã, tudo aqui tinha muitas coisas que era bonita aqui nesse lugar! Hoje em dia não se vê nada, porque tá tudo cheio de casa, né? Hoje desapareceu, porque de primeiro era tudo deserto aqui. Dali do [ancestrador] até pra lá tudo era deserto e portanto o que eu sei é isso.



S. Chiquinho e esposa

Francisco Quintino Dias (*Seu Chiquinho*), 65 anos, Pescador e Carpinteiro, nascido no Ceará, criado em Maracanã-PA, residente à Rua Magalhães Barata, sem número, Algodual-PA. Os relatos a seguir foram gravadas em Algodual-PA, 24/07/94.

### 13. “Eu via o cara jogar a tarrafa...”

(–Quais são as histórias daqui, eu queria que o senhor me contasse, naquele dia o senhor me contou, mas eu não gravei, ali da Princesa, ali do Galo-fantasma...)

–Ah...Do negócio das marmotas que aparecia?

(–Sim, me conte os causos daqui?)

–(Ri) (...)

E outra foi...outra vez que eu vinha lá da praia, tarrafeando de noite [ ] que quando eu cheguei, vinha caminhando aí vi aquele negócio na minha frente: “que diacho é isso meu Deus?” Eu via o cara jogar a tarrafa e não via quando puxava, quando demorava tava lá na minha frente [ ] E andava! Andava pra pegar ele, pra...ver se nós se acompanhava pra nós tarrafeiar junto, mas quando! Não pegava! Um pretão danado! Quando chegou aqui, chegando, quase perto do retângulo da ressaca, ele se sumiu...Eu não tinha pegado nenhum peixe! Eu fui assim quando a maresia deu aquele...quebrou a maresia, aí [joguei-lhe] a tarrafa, foi em cima do gosto de peixe! E arrastei pra terra...só tainha grande! Aí eu fiquei assim, aí tornei a correr assim! Derramei peixe lá assim, da tarrafa, aí derramei lá e voltei! Dei duas tarrafeada! Que eu não pude trazer o peixe, deixei um bocado enterrado lá no muro. Aí vim m’embora. Teve uma carrada de peixe que eu descarrego amanhã. [Vinha trazer peixe pra cá, não pegaram nem maré por perto] , teve muita coisa aí mas agora não.

### 14. “Eu quero ver se aparece visagem mesmo aqui!”

(–E aquela lá da galinha que sumia?)

–A dos pintinhos?

(–Sim!)

–Isso é...ah...tinha essa ponta de praia bem ali. Um cara morava lá, fez a barraca, e disse assim: “eu quero ver se aparece visagem mesmo aqui!”. Aí agarrou, pegou a barraquinha dele lá e...e quando foi uma noite ele estava lá, quando viu um bando de pinto tá piando: “piu, piu, piu!” E não tinha galinha nenhuma! Como é que esses pinto tava piando? Quando ele viu a galinha avoou lá em cima, avoou com mais de mil de lá de cima. Aí a galinha surrando ele! Quando chegou em baixo, ela se cobriu em cima dele surrando! Aí ele saiu, disse : “é!” Foi bater um encontro na maré! Isso foi bem aqui no cantinho ali. Aí...ele acabou com a casa e saiu de lá, que não teve jeito pra ele ficar lá.





As senhoras

Da direita para esquerda: Tereza Cristo Carrilho, 61 anos, dona de casa, nascida em Algodual-PA; Inês de Souza; Margarida Carrilho, 73 anos, dona de casa. Entrevista gravada em Algodual-PA, 25/07/94.



sono! Diz que ela não dormiu quase a noite toda, pensando naquilo né? Aquela mulher ter ido lá, pediu a cerveja, né? Enquanto ela foi lá, ela bebeu e...aí ela ficou olhando! nem pra um lado, aí ela saiu...do bar dela né? “Porra, ela não me pagou a cerveja né? Saiu olhando pra um lado, saiu pra outro, saiu pra outro não viu! Num segun...num minuto ela...(gesto) desapareceu! E ela com medo de...de...de perder o dinheiro da cerveja né? Aí ela mas que depressa desceu! (D. Margarida)

### **17.Lindo maracá, todo espelhado!**

“...Aí ela foi botar lenha com a neta sabes? Então quem vai daqui pra aquela...montão grande né? Então foi quando ela viu aquele negócio tá brilhando né? Lá pra...lá pra cima das pedras, aí moleque! Aí correu pra lá! Chegou lá era um lindo maracá, todo mundo viu aqui em Algodoal! Lindo maracá, todo espelhado! Aí a pequena ficou contente, pegou o maracá, e veio embora conosco! Só que foi ruim pra ela, que quase que matam ela. Era pedra, era dor de cabeça, e febre. Pedra, dor de cabeça e febre. Chega carregavam ela. Aí agarraram, foram buscar um pajé, o pajé rezou e mandou que ela fosse levar o maracá no mesmo lugar, ficou boazinha! Foi mana, foi certo, não foi mentira não, foi certo!

(–E ela pegou o maracá aonde mesmo?)

–Lá na praia do morro, lá em cima das pedras, quem vai daqui não tem aquelas...monte de pedras? [Que a gente tem] que subir por lá? Não tem? Pois foi lá.” (...)

### **18.“Pingue-Pongue” com As Senhoras sobre a paisagem em tempos idos:**

(–Como era o morro daqui?)

–O morro era muito grande, a gente não subia pra ver se (risos) era por trás né? Pra poder...porque pela frente não tinha condições! Agora pra descer tinha de ser pela frente, mas assim, escorregando...não... também não correndo, porque se corresse ia se acabar lá...embaixo né? Até chegar rente o lago da Princesa. Aí lá a gente se jogava...dentro da água, aí tornava a arrodar de novo pra subir por trás de novo, pra descer pela frente, todo tempo escorregando! Todo tempo escorregando pra...porque era muito, muito alto. Alto mesmo!

(–Saía por trás não era?)

---

<sup>284</sup> A informante afirma tal crença em um tom de voz baixo, o que revela o respeito pelo que ela acabou de dizer.

–Era. Tudo lá por trás. Porque ele era assim, aqui, ele era assim por trás, sabe? Ele era empinado, aqui na frente, e por trás ele era deitado, era baixo, mais baixo né? Então a gente não podia subir porque não tinha condições...né? A gente ia por trás dele, pra subir, pra poder descer, então escorregando até embaixo! Pra poder se jogar no lago da Princesa.

(–Ah sim! Lá que era...)

–Lá que era o primeiro Lago da Princesa, depois, o pessoal deram em cima né? Acabaram! Agora mudou. Está lá no lago que era o antigo Lago dos Pau, agora não; trocou! Era o lago da Princesa. Nesse dito lago tinha jacaré, mana. Acabou tudinho. Apareceu mais jacaré. Apareceu nada, o pessoal alimparam tudo né? Esse segundo!

(–Mas era jacaré?)

–Jacaré de a gente comer mesmo!! Jacaré desses criados!! Aí depois começaram a limpar sabe? Aí perseguiram, perseguiram, se mudaram foram embora, caíram na água, foram embora!

(–Ajiru?)

–Tinha! Tinha! A gente subia em cima do morro se jogava assim, carço de ajiru, aparava na flor da água!

(–O Paraíso!)

–Era! Era lindo mana, era muito lindo!

(–Por que que ela se mudou a Princesa?)

–Hein?

(–Por que que ela se mudou...)

–Porque o pessoal deram em cima...

–Ficou muito agitado. (D. Inês)

–...Ficou muito agitado, e começaram...

–É encantado. (D. Inês)

–É encantado! Começou gente a vir aí sem... menstruada né? Coisas assim... e...aí foi acabando né? Foi acabando, perseguiram ela só naquele morro mesmo! Aí foi, foi, foi, foi até...acabou! Até o lago, que a gente tomava banho, que tu olhava assim era uma areia branca!

(-Ah! Era transparente?)

-Era! Sumia rente! Era muito lindo!

(-Esse lago agora que é o lago da Princesa, a água dele é preta!)

-É mas esse daí não, esse era bem alvinho! A gente ia daqui com monte de roupa, pra tomar banho e lavar roupa lá! Só vinha de tarde com a roupa toda enxuta! [Tem jeito] que acomode né?

(-É!)

-Pois é.

(-Obrigada Dona Tereza!)



Os amigos Hermínio e João

À direita, Hermínio Alves dos Santos, não sabe sua idade porque perdeu seus documentos na água; Caçador, pescador, benzedor, trabalhou no almoxarifado da Marinha; nascido em Jambuaçu-CE, criado em Belém; morador de Algodal-PA. À esquerda, Sr. João. Entrevista gravada na vila de Algodal-PA, em 25-07-94.

### 19. “Era a volta do Cavalo-Marinho”.

Sim, e...de lá pra cá, foi que apareceu o Cavalo-Marinho, corria nessa rua, que chamam Bragantino hoje. Aí era só um caminho, capoeira né? O resto não sei, capoeira aí, cotia, tatu, paca, tinha aqui mesmo antes, até o ano passado nós matamos tatu aqui dentro, tem, fussando por debaixo da terra<sup>285</sup>.

(–Taí. Então ele corria...?)

Ele corria de lá, ele ganhava essa rua lá, né? Ele vinha embora correndo. A gente via ele correr, o camarada trepado lá em cima dele, bem no meio do corpo dele, na corcunda, um cavalo né? Passava, aí correndo, descia na praia vinha embora! No corpo dele. Agora...ah! Vindo de lá pra cá, vinha uma brasa que atravessava d’acolé do curral! Atravessava, descia por aí, ia dar numa cuiarana que tem bem ali! No beco da barreira. Lá que essa brasa vinha dar, chega ela peitava na cuiarana: “pah!!!” Era brasa pra todo canto! Era a volta do Cavalo-Marinho. Você já viu falar isso aí? (ri) Viu? A volta dele! De lá ele vinha que nem uma brasa assim! Desse tamanho assim!

(–Mas era Marinho igual àqueles lá do mar mesmo?)

–Não! Era Cavalo-Marinho mas cavalo grande! Animal mesmo! É! Tinha uma pessoa que ia em cima dele! Era um cavalo...

(–Ah sim! Mas era uma pessoa branca?)

–Era sim! Branco, todo vestido de branco! Bonito...

(–Que nem o boto?) (risos)

–Agora ele dava essa carreira. Que quando ele vinha de lá, se formava de lá e vinha né? A gente cansamos de ver quando nós tinha curral aqui pra baixo, que nós tinha curral aqui pra baixo. Eu e o *seu* Cassiano ali, tinha um monte de gente! Que tinha curral lá pra baixo. Aí era hora de ele vir...meia-noite, uma hora, ele vinha de lá pra cá. Quando chegava nessa cuiarana, ele vinha ali certinho! Não escolhia outro lugar! Ele vinha certo no pau! Pau grosso, assim né? Ele vinha de lá pra cá “Ah!...Pei!!” Aí espalhava brasa pra tudo quanto é canto! Aí pronto. Nada. Acabava [que não tinha outro canto] que a brasa não era fogo né? Só era naquela hora até bater na madeira, quando eu corria em cima pra pegar uma brasa, cadê? Não topava nada, acabou-se nessa uma. A virada da praia (riso). Isso era muito bonito,

de primeiro! Agora tu vai no Do Reis ali, talvez ele ainda possa contar alguma coisa, ele tá bem velhinho, sessenta e poucos anos...

(-É?)

-É sim. Talvez ele possa contar ainda. (ri)

## 20. “Rezei ele...” e “As Caruana...”

(-O Senhor já rezou muita gente aqui com quebranto lá da Princesa?)

-De todo jeito! Aqui tem um que.... esses dias ele saiu ali na Praia, só um instantinho que ele saiu na praia com o filho ele apanhou...e o filho não apanhou! Foi só ele. Ele chegou aqui, aí o sogro dele mandou me chamar, aí eu fui lá, rezei ele, foi ali...aquele gordão, filho do Manuelzinho, o homem deu uma desinteria, dor na cabeça, pra sufocar ele! Não queria parar nem água! Chega se vasava! E de repente...né? (ri) Ele não tinha comido nada, passou mais de dois dias sem comer, e foi então que ele mandou me chamar. É assim...

(-Por que foi só ele que pegou quebranto? E o outro não pegou?)

-É porque o outro não tinha que pegar né! Sempre é assim né? É escolhido!  
Quer dizer que o mais fraco é que apanha né?

(-Mas é a Princesa que dá quebranto?)

-Não é as Caruana aí! Começam a olhar...aquele morenã, é as Caruana!

(-Tem o quê?)

-As Caruana dela! As Caruana é uma gente com faro igual a nós. Nós andando aqui, um bando de gente, um grupo né? Tem a fêmea, tem o macho, e tem o chefe né? Que manda. Por exemplo aqui o chefe que manda vem a ser o quê? O delegado né? É o chefe. E os outros são o quê? Os moradores né? Não são nada né? É mesmo assim que eles lá: tem o chefe lá deles, que governa tudo! Aí... mana, é assim que a pessoa apanha aqui, não vou dizer que é um nem dois, aqui é muitos que apanham, todos os anos! Tem nego aí de andar em banda mesmo! Sem sentido, ou seja, quatro ou cinco caboclos aí, não tem força! Ainda tem mais essa! Você com quatro ou cinco homens não tem força, é (ri)

## 21. “Ele tava lá em cima desceu nuzinho lá de cima...”

-...Ele tava lá em cima desceu nuzinho lá de cima...(comenta o amigo de Sr. Hermínio, Sr. João)

---

<sup>285</sup> Neste momento a fita termina. Interrompo a gravação para mudar a fita de lado. E tento prosseguir.



(–Como é que foi?)

–O cunhado do Montana.

(–Seu Montana?)

–Ele desceu nuzinho, arriaram a calça dele até lá embaixo! (risos) é por isso que não pode dormir sozinho lá na praia.

–Arriaram a calça dele lá embaixo! Desceu lá de baixo, chegou lá em baixo tava nuzinho, sem calça, tiraram a calça dele, o coitado pagou quase uma grade de cerveja lá, e se espalhou, desceu lá na beira da água e espalhou pra eles beberem! Eles tavam com sede né? Aqui é encantado né?

(–Qual é seu nome?)

–João [Gabuti].

–Pode abrir uma garrafa que eles bebem. Só abrir que eles bebem.(Sr. Leite)

–Fica a garrafa sequinha. Eu sei. Pode abrir e deixar lá, e...pode reparar! (Sr. Hermínio)

(–Os encantados gostam mais de bebida alcólica é?)

–É! Quanto mais dá eles pedem mais! (Sr. Hermínio)

–É como nós aqui, né sabe lá de quem nós somos Caruanas? Ou quem será nós?! Aí...né? (ri) (Sr. Hermínio.)

## **22. “Lago da Princesa? Não...Lago dos Paus!**

(–E o Sr. e o Seu Do Reis foram pescar juntos?)

–Nós fomos pescar, eu com esse Do Reis, fomos pro lago! Era verão, mês de novembro e esse lago seca que fica baixo né? Então lá, tem uns paus que lá nunca foi Lago da Princesa! Nunca! Eu digo até hoje: nunca foi Lago da Princesa! Lá é Lago dos Pau! Que lá embaixo só é pau! Então ali era Ponta do Mangue seco! Era não; é “Ponta do Mangue seco”, era conhecido, “ponta do mangue seco”. O pessoal hoje chama “lago dos paus” não senhora, “lago das Princesa”? Não senhora: “lago dos paus!” Porque lá foi feito, fomos nós que fizemos! Aquela areia ia, nós puxava de enxada, pra borda, tornava a crescer, nós puxava de enxada pra borda. E até que vedou a água né? Não passava mais! Aí vedou e o lago cresceu, então o Lago da Princesa que era aqui, entremeio desses dois morros do Boiador. Era um morro grande...um mais baixo, e outro mais aqui. E hoje toda a areia é alta né? Esse que era o

Lago da Princesa, que se conheceu, todos nós...novos, conhecemos este lago. As mulheres tomavam banho nesse lago, lavavam roupa, acabou-se o lago! Rápido! Ali, ia ver, entupiu. Acabou-se o lago. Aí o pessoal passaram a chamar o lago. “Lago da Princesa” nunca que foi! Podia dizer que era “Lago Nosso”, devia ser né?

E então, de verão, eu convido o Do Reis, Pirapema ali, dava de 20 kg! Uma! E tem, Pirapema lá! Mas hoje é menor porque o pessoal põe rede né? Mas era de 20 kg! Cada uma tábuas nessa largura, grossa né? Curta, ela era curta, mas era grossa! Digo porque nós matamos 20 kilos! Lá dentro. Quando foi nesse dia eu chamei ele, nós fomos. Chegamos lá e tal, nós... pegava um Jundiá grande assim, mais de 2 kg, cada um, ovado né? E Traíra, cada uma cabeça assim...no leito do rio, [tempo bonito] Aí ele disse: “*olha, vem me ajudar aqui! Pisei em cima de uma Pirapema!*” Aí “*ele se arpoou!*”. Aí eu fui perto do pé dele, tocou o [arco] com a força, né? Deu foi num pau, que entrou, passou da aba do arpão! O arco foi, o pau tava meio mole, uma casca, agora tira pra ver! “Pôrra! Aí rapaz! Isso é um pau. Agora pra arpar...era um pau. Chamam pra esse pau, “mangue de botão”, e o que mais os vizinhos tem desse lado. Aí ele passou a mão assim e disse: “eh rapaz! É uma Sucuriju.” Aí eu fui passar a mão: “não é rapaz, tem uma vala aí, e a bicha é roliça, não tem vala nenhuma, eu tirei até do pau! É. E nós fomos pelejar pra puxar! Pôrra, ninguém puxa, no lago tem é muito desses paus, então é o que eu digo: ali chamam Lago da Princesa? Não...Lago dos Paus!

(–E o que aconteceu com o Lago da Princesa? Sumiu?)

–O Lago da Princesa foi sumindo, que as mulheres acabaram, quem acabou foi as mulheres...

(–E por que foram elas?)

–Porque elas lavavam roupa dentro...e teve um pajé que fez uma macumba, disse que elas urinavam dentro da água aí acabou. Secou. Levou ficou só areia! (Ri) Foi isso que acabou. Foi. A água maravilha mesmo! Chega a ser azul! Agora a derrota foi isso aí! [ ] E depois ficou esse morro...da Princesa que ficou ligado a esse lago! Esse Morro das...das Fogueiras, a gente andando aqui por baixo, o cara assoviava “Psiu!” A gente olhava assim, ele tava lá em cima [ ] A camiseta chega o vento tava abanando lá! Depois a gente tornava a olhar não tinha mais, já tinha sumido! Lá atrás tinha uma cova, assim, atrás desse Morro das Fogueiras, lá latia cachorro, urrava boi, tocava banda de música, cachorro latia, galo cantava,

tudo isso. Agora, depois que aumentou de gente, acabou. O nego anda por aí na praia, não vê nadinha! [Às vezes eles] passam à noite andando aí na Praia e não vê nada, antigamente, eu queria era ver! O nego sair daqui e andar aí nessa praia, não andavam não!”

### 23..“O tamanho da ilha.”

(–Seu Hermínio, qual é o tamanho da Ilha de Mayandeu? É Mayandeu né?)

–É, Mayandeu. É tudo né? A Ilha do Mayandeu é essa inteira tudinho. Agora, aí botaram o nome...botaram o nome aqui, Algodal, aqui como tem algodão né? Botaram Algodal. Botaram a Fortaleza. Botaram a Fortaleza né? Sim, botaram aqui, “Rocinha” foi a primeira de Algodal, “Algodal-Rocinha”, Fortaleza, Mocooca é o fim, o ... Camaleão, Camboinha, tudo é aqui... daqui, tudo é a Ilha.

(–Camaleão, tem também?)

–Camaleão, Camboinha. Tem sim! Tem a Ilha do Camaleão...

–Fica bem perto, passando o rio aqui...

–Tudo tem essas pontas né? Tudo é habitado por gente. Então, isso aí...[colidiram] ele só pra um canto né? Virgem-Maria! Isso cresce né? Então tudo aí é terra que eles deviam trabalhar aí, pra ajudar isso aqui né? Mas é que bota tudo desse tamaninho assim que não dá pra ajudar nada né? Porque é a maior família dessas redondezas tudinho! É só os Teixeira! A maior família né? Entrou algum pelo meio mas isso não é nada! Findou... ficando só numa né? Porque entrou na família do outro ficou só numa né? Que a família dos Teixeira é grande, vem chegando gente de fora e vai entrando só naquela, aí pronto! Vira só uma. Bem, e... nós fizemos essa medição, eu, o sargento e outro soldado, nós três que medimos isso aí, nós gastamos um mês e 10 dias para medir essa ilha, nós três: eu, o outro soldado, e o sargento [Olívio], medimos isso aqui. Medimos de lá da beira do Rio Mocooca, bem ali nessa cuiarana que tem uma tabuletazinha assim lá, não sei se já tiraram mas tinha, a quantidade, e daqui lá no Mocooca por aqui, por fora, e aqui dentro, também nós medimos, daqui na Fortaleza, medimos essa terra aqui, eu sei de tudinho! As medições, e...aí quando foi dessa viagem um ano atrasado, nós conversamos lá e me convidaram lá na casa dele, na casa dele não, na casa de uma mulher lá que eu nem sei, nem conheço a peça, nisso que eu fui lá...me convidaram lá e eu fui...até com aquele Zé Grande, tá velho o Zé Grande! Ele mandou me convidar e eu fui lá, uma vez que eu fui lá aí fizeram umas perguntas pra mim, porque

souberam que eu sabia: *“eh rapaz, eu sei, porque isso aí foi passado pelas minhas mãos, e eu gravei! Porque eu gosto de gravar o que passa pela minha mão, eu fico com ele, que eu não sou doido pra ir soltar né?”* (Ri) Aí então, *“quero que tu diga porque nós moramos aqui, somos filhos daqui, e moramos até hoje, ninguém sabe!”*

*“Vocês não sabem porque não se interessaram né? São besta né? Metido à besta, aí vocês não se interessam de nada, a gente deve se interessar, aonde vive né?”* Aí ele disse: *“quanto?”*. Eu disse: *“olha, daqui, daí da ponta da onde tem aquele coqueiro velho...”* (que já hoje não tem mais, que caiu que a maré cortou né? Esbarrou, botou embaixo) *“...de lá, até naquele pé de cuiarana lá da batata de Algodóal mesmo, lá tem 28 km. Daqui lá! E por dentro são 1 metro pra 12 km. De lá Algodóal à Fortaleza! Agora indo daqui do Mocooca, do Leopoldina, pro Camaleão tem 18, nós medimos! Feito close, pra um lado e pra outro, tá tudo medido! Nós mesmos medimos né? Agora esse terreno aqui completou 325 km, incluiu... 325 km tudo né? Justamente é o que tá no mapa do Estado é esse um. Foi quando nós tiramos foi pra lá. Agora eu fiquei com a minha gravação né? Sempre podendo dar pros outros. *“Mas rapaz eu velho já! Desse jeito e eu não sabia?!”**

Digo: *“pois é, o interesse é de vocês, vocês devem se interessar nisso meu irmão! Quem que somos nós né? Chega uma pessoa...nós não sabe de nada! Mas nós não somos filhos daqui? Por que que vocês não vão saber?”*

Aí o rapaz foi: *“Agora sim!”* Aí tomou nota, apertou minha mão. Pra botar registro...

#### **24. “Eu tenho devoção com a Curupira do mato”**

(–Curupira o Sr. Já viu? Curupira?)

–Rapaz, na minha rede já foi um camarada...o camarada...agora eu não conhecia, não sabia quem era, sei que era uma pessoa...vestida né? Vestida de mulher, ela...ela foi falar comigo né? E então, tem uma coisa que eu tenho devoção com a Curupira do mato. Não sei se é macho ou fêmea, né? Mas eu tenho uma devoção, quando eu entro no mato, assim, eu peço: *“vovó, minha vovó, Curupira do mato vou deixar um cigarro pra ti aqui...”* Em cima duma folha limpa, o tabaco lá. *“...Aqui pra aqui você fumar uma cachimbada, pra me dar uma caça...”*. Meu controle. *“...E me defender dos maus.”* Pronto. É isto. Meu sistema é este um né? Da minha caçada, eu caço, só eu e Deus.

(-Aí o Senhor caça pra caramba?)

-É! Não vejo nada, só a caça...

(-Mas o Senhor nunca chegou a se perder no mato?)

-Não, eu me perdia de primeiro, eu me perdi foi muito! Eu me perdi da gente fazer uma rodinha assim de cipó, faz aquela rodinha e aperta bem, esconde a ponta e joga pra trás: “taí vovó”, foi se embora e saiu... é uma coisa de caçador e é verdade mesmo, se perde à toa, a gente esquece do caminho e não acerta pra sair...



Pôr-do-sol em Algodual

*“Diz que era um navio muito lindo! Cheio de luz o navio!”* exclama Maria de Lourdes Gomes e Silva, 35 anos, trabalhadora do Posto Médico de Algodual-PA; nascida na ilha. Entrevista gravada em 25/07/94 na vila de Algodual-PA.

**25. “Foi embora, sumiu, uns três dias...”**

O do menino? Pois é. O menino ele tava ali no igarapé tomando banho, era meio-dia, ele disse que veio uma menina, uma moça né? Bonita, com uma bandeja assim de fruta, chamando ele. Aí ele pegou foi embora seguindo ela, foi embora, sumiu, uns três dias sumidos, tudo mundo procurando ele, chorando, dizendo que ele tinha morrido afogado, procura, procura, procura, nada. Depois de três dias acharam ele lá pra dentro do mangal, daí o pai dele perguntou aonde ele tava. Ele disse que tinha ido com duas moças bonitas, daí ele chegou lá e diz que tinha um castelo, assim um negócio bonito lá. E... ele ficou lá. Daí ele não se lembra mais de nada, aí trouxeram ele, aí pronto.

**26. “A do Chico ele foi embora lá pro mangal!”**

(-E a do Chico Braga?)

-A do Chico ele foi embora lá pro mangal! Ele tava tomando banho ali no molho. Daí ele disse que tinha duas moças bonitas do lado dele, quando ele viu, elas foram diz que chamando ele assim né? Aí ele pegou foi embora! Sumiu lá pra dentro do mangal! Foi embora mesmo! Sumiu! Daí quando ele queria voltar não dava mais, ele tava já longe, a gente ouvia a voz dele muito longe! O pessoal foram buscar ele lá dentro do mangal, daí ele disse que não vinha, que ele tava com duas moças, que ele...diz que era duas moças bonitas! Ele foi embora pra lá, sumiu! E era gente, gente, gente! Com lamparina, era lanterna! Tudo atrás dele! Daí pegaram ele, puxavam ele assim pelo cabelo dele, vieram trazendo ele! (risonha) E ele dizendo que ele não vinha, que ele tava acompanhado com duas moças...daí só sei que conseguiram, pegaram ele e trouxeram ele pra cá pra terra! Ele não queria vir não [ ].

O *Seu Do Reis* também; o *Seu Do Reis* foi buscar um...foi tirar uns caranguejos, daí...foi...diz ele que foi passando as horas... passando as horas...quanto mais ele andava, o *Seu Do Reis* fazia...vinha embora pra cá, mais ele sumia lá pra dentro do mangal! Mais ele se sumia! E ele disse que ele tava mundiado com negócio de Curupira! Daí ele veio chegando, seis horas da tarde! A hora que ele veio pra cá, pra terra, diz que ele ficou desde 11 horas perdido, até umas 3 da tarde! O *Seu Do Reis* sabe muitas coisas...

**27. “Tinha um Carimbó lá na Dona Magah...”**

(–Pronto.)

–Uma noite nós tava sentado aqui era tarde né? Logo que nós viemos pra cá, n’era Titio? O senhor lembra que a gente viemos pra cá? Daí os meninos foram pro Carimbó, de primeiro não tinha muitas casas aqui. Tinha um Carimbó lá na Dona Magah, daí quando foi assim umas horas veio um cavalo correndo: “*ploct*”. Foi, foi, foi, foi, depois voltou! Quando nós vimos era um rapaz em cima...daí eu peguei, falei: “*mas aqui em Algodual não tem cavalo, como é que veio andar esse cavalo aqui?!*” Branco! Um cavalo todo branco, com um rapaz todo de branco em cima dele, daí foi embora! Chegou por ali sumiu! O cavalo...e eu fiquei admirada porque nesse tempo não tinha cavalo aqui...um cavalo que aparece aqui mesmo, descendo...aqui [     ] Muito tempo [     ].

**28. “Diz que era um navio, lindo, lindo, lindo, cheio de luz o navio!”**

Vinha pro lado deles, eles pescando bem aqui no igarapé, o Arthurzinho, titio, com o *Seu* Bruno, o Sr. lembra? Aí diz que quando ele viu aquele foco né? Que quando chegou bem perto dele, diz que era um navio, lindo, lindo, lindo, cheio de luz o navio! Agora diz que tinha galo cantando, galinha, peru, tudo quanto era bicho cantava dentro daquele navio! Daí diz que eles ficaram olhando assim...que quando eles olharam o navio não tava mais, tinha assim desaparecido aí na frente deles! Daí eles pegaram, olha! Correram, vieram embora com medo! Deixaram rede, deixaram tudo, com medo! Diz que era um navio muito lindo! Lindo, lindo, lindo o navio! Eles contavam. Mas faz muito tempo, muitos anos, não tinha essas casas ainda aqui em Algodual...só era mata!





S.Manduca tecendo a rede e a narrativa

**“O navio tava aí ancorado!”**

“Aí, rapaz, às vezes, tomando banho, tem uma ponta de pedras assim pra fora? Porque ali é uma ponta grande, aonde atraca os navios...e de vez em quando...agora não; que tem movimento, vai se desenvolvendo a Ilha, vai desaparecendo. Mas, antigamente, toda Quarta de madrugada o navio tava aí ancorado! Daí senta aí...tem banda de música, [eles cantam].Tudo isso acontece em Algodual. Tem o Cavalo-marinho...”

**Manoel Rodrigues Teixeira (*Seu Manduca*), 55 anos, Pescador, nascido em Algodual-PA, morador da ilha. Trecho de uma entrevista gravada em 26/07/94 em Algodual-PA.**



S. Lauro e D. Coló

Lauro Teixeira de Souza, 79 anos, Pescador, carpinteiro, pedreiro, lavrador, pintor, etc., nascido em Magalhães Barata-PA, residente em Algodual-PA, e sua mulher D. Coló. Entrevistas gravadas em 25-07-94, em Algodual-PA, com a colaboração da pesquisadora Luísa Lima.

### 30. “Aí enxergamos um garoto lá.”

(–Aí antigamente que acontecia esses casos...)

–Era! Antigamente é que acontecia né? É que acontecia esses casos...[Pois é. Pra mim, antes da estrada de terra né?] Não tem aquela mangueira ali? Ali no canto, não tem?

(–Tem!)

–Pois é. Vinha andando assim, umas horas da noite, normal, vinha eu e um amigo meu, que quando chegamos ali no canto da rua, no meio do caminho, só tinha caminho! Ainda não tinha rua né? Aí enxergamos um garoto lá, moreno, tem um bocado de gente hoje né? Aí nós viemos assim olhando, pra ver quem era né? Aí ele chegou a ficar perto da mangueira né? Encostou-se pra lá, e se sumiu atrás da mangueira...no que ele se escondeu atrás da mangueira...então, o relógio está preparado aí tá? O rádio tá pegando?

(–Tá.)

–Quando ele se escondeu atrás da mangueira, eu chamei minha companhia e disse: “tu vai! [tu me chama lá] Eu vou por isso! Pra mim encontrar ele ali no meio, [da mangueira] a gente pega ele. Aí saí para um lado, ele saiu por outro, chegando lá, nós se encontremos nós dois e nós não vimos ele! Pro galho ter subido, e o galho da mangueira ainda tava baixo né? A mangueira [?] né? Aí mandei o garoto, a minha companhia, subir pra ver se encontrava ele lá. Que nada! Aí eu mandei fogo, ele desceu, viemos embora de lá, ficamos com medo.

### 31. “Ele ouviu uma voz que disse em pé de ouvido.”

Bem, isso aí, então, eu como acabo de di..., foi atrás de pegar uns peixe na pancada né? E lá um senhor foi também, ele me contou, toda noite ele ia tarrafeiar na pancada, toda noite ele ia tarrafeiar, ali nas pedras, ali na Ponte de Lourdes, no Farol né? Toda noite ele ia nessa praia pegar [canuto], isso, era costume a gente estar lá, à noite. Ele foi nessa noite, ele foi em outra, ele foi se chegando na beira da praia, ia caindo uma chuva fina. Ele pôs a tarrafa. Ele foi. Ele foi andando na pedra. Ele ouviu uma voz que disse em pé de ouvido: “tu já vem de novo?!” Ele olhou, não enxergou ninguém né? Aí ele ficou com medo né? E disse pra eu...veio embora, só ele né? Tava só ele, aí [um cara peão] e aquela voz disse pra ele: “tu já vem de novo?” Agora ele não sabe quem é né? Eu sei que a voz falava assim, toda dengosa, menina, parecia assim que não dava pra definir né?”

### 32. “Acharam um maracá, desses que pajé usa!”

“...tem outro negócio aí que vou lhe contar! A senhora quer ouvir né?”

(–Hum! Hum!)

–Morava aqui uma senhora aqui atrás, e ela foi conosco, ela e uma filha dela [lá pra concada] quando chegaram na beira de um lago que tem por lá, acharam um maracá, desses que pajé usa! A senhora já viu?

(– Sei, aquele...)

– Pretinho, pretinho, chega era uma beleza! A senhora já viu montolia de botar em máquina?

(– Já!)

– Já né? Pois era igual a isso, o cabozinho [ ? ] nessa mãozinha que a senhora tá vendo, eu já me lasquei, 9 pontos: 3 branca, 3 vermelha, e 3 preta, nisso é 9, nessa mão eu botei as plantas assim, não diga que é mentira, porque eu foi eu que ajeitei, e depois botei [dentro daqui]. Um curador, soube que ela, vira e mexe, ela tinha achado esse maracá, e veio aqui na praia, chegou aqui: “*moça, achou esse maracá?*” Ela disse: “*eu achei*” .

“*Também é nosso*”. Aí ela veio, e mostrou pra ele, veio embora atrás de mim, ele disse: “*olha, me dê esse maracá! Porque pra senhora não presta*”. E ela disse: “*Ih, leve, não sou pajé!*” E aí deu pra ele [esse maracá]. Quando foi na outra noite, a mulher estava na casa dela quando ela viu né? Duas mulheres na janela, disse: “*olha, vá botar o maracá no lugar que a senhora achou!*”. Quando ela olhou pra janela não tinha mais ninguém, desapareceu! Ela ficou com medo, quando foi à noite, ela tava lá deitada na rede, [o cabelo dela] isso aqui dela no chão, ela caiu doente, aí botaram ela na rede, quando foi na outra noite apareceu uma mulher e um rapaz, na janela: “*olha, se a senhora não me levar o maracá no prazo de 15 dias a senhora vai morrer, eu lhe mato*”. Aí ela manda [] os filhos buscar o maracá na casa do pajé, o pajé acha graça, não quis mandar, não quiseram botar ela na rede, o pajé não quis mandar, não quis mandar! Outra noite botaram ela na rede! Então os filhos delas foram lá buscar o maracá, esse maracá deu pra ela poder levar lá no lugar, lugar adonde ela achou, no fundo da areia, adonde estava o maracá, embaixo tava lá, e era vento, areia voando toda hora né? Mas aquele buraquinho não tapou, aí ela deixou lá. No outro dia ela foi lá tava lá o maracá, no outro dia ela foi, tava lá o maracá. Ela foi 3 dias se despedir tava lá o maracá,

quando foi nos quatro dias, ela foi, não viu mais, já tinham levado o maracá. Então tudo isso, ter se dado nesse lugar, tudo isso ainda fazia pra cá também. [Depois ela foi embora ] o que é o respeito também [ ]

### 33. “No tempo dos escravos, dos jesuítas...”

(– Então, seu Lauro, o Sr. é descendente dos descobridores daqui?)

– Hum?

(– O senhor é descendente dos Teixeira?)

–Sou! Dos Teixeira né?

(–Como é que foi pra eles descobrirem aqui Algodual? O senhor sabe?)

–Não, ich! [Senão tinha contado], é uma ilha aqui. Uma entrada de rio de Marapanim, do lado esquerdo, o Rio de Marapanim é esse aí, o Rio de Maracanã é aquele acolá. Isso aqui, ham!<sup>286</sup> Quando o pessoal vieram, os antigos né? No tempo dos escravos, dos jesuítas, dos...dessas pessoas antigamente isso aqui tudo foi civilizado [por eles], aqui na ponta eles fizeram uma camboa de pedra pra pegar peixe, pra comer, mas a camboa era pequena, eles foram embora daqui pra sempre, mas ali em cima tinha um lugar chamado...“Coruja”! Lá tinha umas freiras bonitas. Lá eles fizeram uma camboa muito bonita, os jesuítas, frades né? Essa gente ativa! Porque, nesse tempo, ainda não tinha como pegar peixe, não tinha curral, não tinha canoa, não tinha pesca, não tinha linha, não tinha anzol, não tinha nada.

(–É daí que vem o nome “Caboinha”?)

–É ali. Dali desse lugar. Aqui [ ] tinha um senhor, Dr. Manoel Martins, que mora no Marapanim, veio aqui, viu essa ilha abandonada, foi na marinha arrendar, ele foi na marinha arrendar, mas como meu pai era, [conhecia certo político aqui] nós morava, ele morava eu não morava, ainda não tinha nascido! Né? Mas ele morava, ele era rapaz novo quando casou, não aqui! Lá na praia! Aqui não morava ninguém! Nessa ilha era mato bruto, aqui não morava ninguém não. E aí como meu pai já morava aqui, veio um telefone...o intendente, nesse tempo não era prefeito, era intendente, de Belém, e o intendente de Maracanã informando só se a ilha, daqui da entrada de verde Marapanim, se não tivesse habitante, era pra telefonar, que o senhor Manoel Martins ia arrendar, o intendente veio aqui na praia né? Lá de onde ele morava, lá que meu pai, meu pai era chefe político aqui. E aí, meu

pai era chefe : “ô seu Murilo, eu vim aqui examinar, perguntar pro Sr. se não tem morador nessa praia, o senhor telefone pra mim, mandando avisar que não tem, que o inten...senhor Manoel Martins vem arrendar”. Meu pai disse: “Não tem!” Lá de onde tirava palha pra cobrir as casas, aqui nessa ilha né? Meu pai disse: “Não tem! Mas nós vamos arrumar!” Aí passou eu já tava com 6 anos de idade, aí dessa vez sim, meu pai me levou aqui em Mayandeua, outra ilha aqui, aí nós fomos bater lá, fomos num lugar chamado Quarenta, Mocooca, por ali. Pegando assinatura né? Aí peguemos, meu pai tirou cinquenta e cinco assinaturas! Aí nós trouxemos pro intendente, pra cá, dormimos ali na praia, quando foi de manhã, meu pai embarcou numa canoa grande, que ia pra Belém, pediu passagem, ele deu. [Ia ] levar meu pai pra Belém, e que ia levar o intendente também, eles foram numa canoa grande chamada “Barbarela”, uma canoa linda da Vigia! Chegemos em Belém, chegemos em Belém, meu pai apresentou 55 assinaturas, né? Aí um chefe da marinha disse assim: “sendo assim, não pode arrendar um lugar desses, uma ilha dessas, quarenta pessoas neste lugar, mas é preciso, Seu Murilo, arrendar essa praia, essa ilha! Não é praia, é ilha! Pra dá habitação, pra dá., [pra fazer o que quiser] Se o Sr. quiser arrendar...” Ele preferiu arrendar pra ele, ele já morava aqui, e disse assim: “Só preciso que o Sr. arrende para o Município de Maracanã”. Assim que foi, aí o intendente lavrou o plano de arrendar, o Ministro da marinha arrendou pra ele, então depois de estar pronto todos os documentos, o capitão da marinha, disse: “Ih! Qual o nome desse lugar? Dessa ilha lá, pra poder ficar registrado? Meu pai disse...tinha muito algodão de seda aqui dentro da praia, sabe? Algodão de seda, a senhora já viu? Algodão de seda?

(–Não!)

–Não conhece?

(–É algodão né?)

–É algodão, mas algodão de seda não é isso!

(–Mas eu nunca vi não!)

–Pois aqui tem, se a senhora quiser ver, amanhã eu lhe mostro, tem uma casa ali que tem! Meu pai se lembrou-se e disse: “Capitão, Algodoal!”

---

<sup>286</sup> O informante conserta a garganta.

–*Tem muito algodão, lá?* Ele disse: “*tem, nasceu lá na praia, lá dentro da praia, muito algodão*” Aí botaram o nome: “Algadoal”, mas é “Algadoal”, não é “Guduá”, o nome não é “Guduá”, é “Algadoal!” né? Um nome claro, um nome alegre, e ficou, aí, tá registrado esse nome “Algadoal”, assim que foi registrado.

### 34. “Canta Galo”

(–E tem uma Ilha pra lá, “Canta galo”, o nome?)

–Lá eu pesquei, adonde que botaram, aonde cantava galo de madrugada, o pescador tava perto lá, porque o galo cantava no fundo, e batizaram: “Canta Galo”, é um pesqueiro, agora ele tá [difícil de ser visto] Aqui tempo de inverno né? Tempo de inverno aqui, quando o tempo tava fechado, aparecia um grande navio aí na praia, bem ali no morro, naviosão, entupido de gente! Clareado que era uma beleza, naviosão aí!

(–Mas ele aparecia em tempo certo assim, no dia certo? Ou lua certa?)

–Não...só fazia tempo, fazia aquele tempo assim, que era chuva, né? Trovão, aí aparecia né? Era pro pessoal não ir ver né? Tempo péssimo, o encantado aí, ninguém podia ver seu nome né?

### 35. “Cavalo-Marinho”

(–E esse do Cavalo-Marinho *seu* Lauro?)

–Passava aí na frente[ ] eu vi, muita gente já viu, não foi só eu não, um cavalinho bonitinho, branco! Bem peludão! Não existe, assim que nem os outros, mas aparece de repente né? Não é difícil pra todo mundo ver, não, é rápido, passa né? Então a senhora vê!

(–Desde quando vocês vieram pra cá é encantado? Sempre foi encantado?)

–No passado?

(–É. Assim, antigamente, no tempo do seu pai, sempre foi encantada a ilha?)

–É aqui nessa ilha, isso é muito tempo, tem muitas almas na ilha, tem muitas almas...esse mundo é velho, é arte do Dilúvio, quatro mil anos passados, o Dilúvio [chega pra acabar] porque tudo que tem princípio tem que ter fim.

### 36. “Não prestou mais, essa ilha aqui...” (por D. Coló)

“Era lago mesmo, não ia quase ninguém, e lá se via muitas coisas, a senhora ouviu? Mas muitas coisas, muito mesmo, agora não, agora não, esse povo que são...é...[ ] Jesses macumbeiros que eu quero dizer, os macumbeiros vieram também. Usar e abusar. Usar,

jogar negócio de vela pra dentro do lago, deixavam muita besteira, pra fazer macumbagem, despacho, emporcalhando lá, viu? E aí foi sumindo isso, o povo não respeita mais, vão jogando lata, tá tudo sujo lá, não presta mais, não prestou mais, essa ilha aqui, essa beira dessa...praia é muito mato, muito sujo, só é limpo lá, só se ganhando água, não é isso? Essa beira daqui, da terra firme, era tudo limpo, não tinha negócio de mato, mato só era mais pra dentro viu, mais aí era tudo mato, ainda tinha um...um...um poste, que um senhor veio fazer da Marinha, que era pro farol viu, e aí não aguentou o...o...lá, a torre que ele fez, é derrubou sabe? Aí disse que foi os encantados que derrubaram sabe? Tiraram, menina, que tava no fundo, aí jogaram pra outro lugar, aí não aguentou mais, aí já vieram fazer lá o farol, aonde está, aí sumiu tudo! (D. Coló)

### **37. “Era o encantado né?” (retoma a fala seu Lauro)**

—Morou uma família lá na ponta da praia, lá na ponta, na porta do igarapé, à noite tinha uma família, quatro moças e dois rapazes né? E uma moça dessa saiu de noite né? [E doente vai, doente ver, meu pai foi lá ver é o curador], o pajé mandou que o procurador procurar o pajé, mandou procurar a menina, aí apareceu lá em casa o pai da menina convidando meu pai pra passar a noite lá na casa dele, que não podiam dormir na sala, na sala de estar da casa dele, porque aqui era muito prego, era muito pau, era muita pedra, que dava na sala, aí nós fomos pra lá né? Meu pai me levou lá, era criança, pequena também, não sabia se o som vinha da beira do mar, da maré é? Ou da sala do homem e nós ia lá na beira da praia não via ninguém, aí meu pai disse que era pra mandar curar a menina, e ele não quis mandar e ela morreu. E era som de fogo, era pau, era o encantado né? Mataram a menina, sabe lá o que era...toda hora tá andando gente aí nessa praia, embora eles queiram se apresentar, mas não pode, porque é muita gente né?

(—Mas eles estão pra onde agora, os encantados?)

—Os encantados...estão aí pra fora...

### **38. “Os encantados estão aonde eles chamam de “Canta Galo” (por D. Coló)**

Os encantados estão aonde eles chamam de “Canta Galo”, aí fora, no último canal...no último canal de pedra, é lá que eles moram, assim dizem né? É lá que eles ouvem alguma coisa, e enxergam aquela luz...distante, é pra lá que eles gostam, porque aqui nessa ilha, aí tudo né? No balneário, muitas coisas que eles não gostam sabe? Muitas pessoas, não



gostam de movimento, dessa...dessa...do barulho desse povo né? Que eles fazem né? Na praia, tem muitas vezes que não faz nem condições de estar num balneário tomando banho né? Aí eles estão tudo tomando banho né? É isso que eles não gostam sabe? Os encantados estão pra lá, assim, falam! Lá que eles ouvem estas coisas, aqui mesmo...isso aqui é uma cidade viu? Mesmo que fosse descoberto isso aqui, isso seria a maior...<sup>287</sup>

### **39.Ouviam cantiga no fundo do galo e...**<sup>288</sup>

(-Tá. Você pode começar a contar... a origem de Algodual, os casos, estória da praia do Lago da Princesa...)

-Vamos começar por aqui. Quando eu cheguei por aqui, encontrei conversa que já tinha sido dado pelos antigos né? Que teve um lugar adonde nós estamos pescando hoje em dia que chamava... chamava-se cantava galo, que botaram o nome desse lugar adonde a gente pescava “canta galo”! Que a mim que o pessoal contavam que ali cantava galo, você entendeu? Ouviam cantiga no fundo, do galo...<sup>289</sup>

### **40.“Ela foi encontrar um cordão de ouro...”**

E na praia no...no Lago da Princesa veio muitas moças pra cá, tomar banho no Lago da Princesa, adonde uma Sra. e umas moças foram tomar banho no lago né? E uma que foi mais esperta, foi pro Lago, na frente deles todos né? Antes das outras chegarem ela chegou no lago, e ela foi encontrar um cordão de ouro, no fundo assim...no lago né? Era pra outras...bom, as outras que estavam com ela não saberem que ela tinha achado, esse cordão de ouro, ela guardou e as outras não viram né? Quando ela foi pra Belém, ela foi almoçar com o pai: “*pai, eu fui tomar banho na Vila de Algodual, no Município de Maracanã, aí eu topei...eu enxerguei um cordão de ouro, tá aqui o cordão.*” A menina mostrando: “*guarda, minha filha. Foi a tua felicidade de guardar esse dinheiro, esse cordão né?*” Ela disse: “*tá.*” Quando foi à noite, pegaram pelo berço da rede dela assim, sacudiram ela no chão! Ela caiu e não souberam quem foi que botou. Ela gritou com a [?] acudiu ela, botou dentro da rede, certo? Na outra noite, fizeram o mesmo, botaram ela da rede pro chão. Aí o pai não pôde, perguntou: “*minha filha, ontem à noite apareceu dois [?] um homem e uma mulher, uma mulher muito bonita! E*

<sup>287</sup> “seria a maior cidade...” A fita estava no final. Não foi possível gravar o restante da frase. Mas um “cida...” chega a ser percebido na gravação.

<sup>288</sup> Essas outras narrativas foram gravadas pela pesquisadora Luísa Lima, na fita 12 de código C, do Programa IFNOPAP.

disse pra ela: “*olha, vai levar o cordão que o sr. achou, lá no Lago do Algodão, que se o Sr. não ir levar, com dois dias, a Sra. vai morrer*”. Ele agarrou o pai, pagou passagem, e mandou deixar o cordão no lago! Esse é o primeiro Lago né? Deixou no Lago.

#### 41. “Então meu filho viu a Princesa...”

Um dia, já era tarde lá na barraca, uma meia-noite é... uma meia-noite papai disse: “*meu filho!*”

“*Senhor!*”

“*Vamos pegar uns peixes pra ti levar na enchente pra tua mãe lá pra Magalhães Barata. Lá pra Cunharana.*” E nós saímos de lá quando nós chegamos naquela praia ali...

(–Qual o nome da praia?)

–Essa aí... da Caixa d’água!

(–Ah sim.)

–Praia da caixa d’água. “*Papai o Senhor vai indo que eu vou fazer aqui uma [piscina] e volto aí!*”

“*Então vai meu filho.*” Aí papai foi embora adiante de mim, eu fiquei, quando eu cheguei bem no meio da praia da caixa d’água, lá vem uma moça né? Ela veio, veio andando, veio andando, veio andando, foi encontrou comigo, ela passou no lado direito... no lado esquerdo meu, e eu passei do lado direito dela, ela vinha pra cá e eu pra lá, ela dobrou-se o rosto pro meu lado e começou a me olhar e achando graça, ainda deu riso né? E eu fiquei também olhando pra ela muito bonita muito aborrecida né? E não pude mais falar o que [eu fiquei olhando ali,] perturbado...[eu comecei a olhar]: “*pai!*” Não me lembrei mais da viagem do meu pai né? Tinha esquecido né? É rapazinho novo né? Tava com oito anos... eram uns seis anos de idade. Esqueci! Quando eu vi o grito do meu pai, grito lá... aí [?] aí eu respondi. Aí eu me achei, aqui perto do papai. Fui me embora. Chegou lá: “*o que você tá fazendo meu filho?*” Eu disse: “*eu tava ali meu pai. Quem é aquela moça? Que eu encontrei?*”

“*Moça?*”

“*Eu encontrei uma moça, bonita, papai, de vestido, muito bonita, tu vistes alguma moça?*”

---

<sup>289</sup> Nesse momento surge outra narrativa, com outro *evento*, que é a seguinte: “e na praia...”, sem interrupções.

“Não vi...”

“Eu tava lá [passeando pela praia] e ela dando sinal de vida pra mim.” E ele me respondeu nessa sentença: “meu filho, é moça que vem do Mayandeua, vem passear aqui na praia! Vamos nós embora não se incomode!” Daí fomos embora, aí viemos embora pra cá, quando nós chegamos na barraca, tinha muita gente, papai perguntou: “alguém chegou a ver uma moça por aqui?” Disse: “não.” Aí o papai disse assim: “então meu filho viu a Princesa. A moça assim, assim...”

“E como é que foi?!” Mas eu...daí pra diante eu não me lembro mais como foi...

(–Não lembra se ela é morena, cabelos compridos, não lembra?)

–É. Batia no...no... aqui nas cadeira dela, né? [as(?) Branca]

(–O cabelo?)

–O cabelo dela né?

(–Era preto ou louro?)

–Não, brilhavam! [?] Sei que brilhava o cabelo dela. Brilhava... dela...

(–Morena?)

–Não, ela era branca, era bonita!

(–Branca, bonita, olhos azuis? Que cor os olhos?)

–Virgem, era uma beleza! Diz o meu pai, né? “você nem chegou a tomar rumo?” Disse: “não!”

“Então meu filho viu a Princesa.” Quando foi de manhã, o pessoal, era mais quem me perguntava: “Lauro, tu viste a Princesa?” Eu disse: “não...eu vi uma moça assim, assim, assim, mas não sei se era ela né? Ela não falou comigo, nem...”

(–Não tinha certeza né?)

–É, não tinha certeza...não falou comigo nem ela falou comigo” E depois disso, eu tenho recebido muito anúncio de brincadeira comigo né? Comigo!

#### **42. “Uma rama de mato na minha perna...”**

Eu vindo de Maracanã, saquei num lugar chamado “Mocooca” e vim me embora pela praia uma meia-noite sozinho, noite de luar! Antes de chegar no igarapé, atrapalhou-se uma rama de mato na minha perna, compreendeu? Vinha com uma sacola na

cabeça, cheia de mercadoria né? Aí eu tirei a rama, deixei no lugar de onde eu me atrapalhei, vim me embora! Antes de chegar num igarapé, tornou-se a juntar a mesma rama! Do mesmo jeito... não sei era a mesma rama mas uma igual né? [Tornou-se a me atrapalhar]. Quando eu já cheguei no igarapé que eu pulei pro outro lado do igarapé, atravessou-se de novo a mesma rama! Aí eu tirei e disse assim, com essas palavras: “*olhe lá! Vocês com as suas brincadeiras, ainda me bote esta trouxa de mercadoria no chão!*” Não vi conversa. Não vi zoada. Não vi nada né? Daí vim me embora!

#### **43. Cheguei mais adiante...novamente o carro de novo!**

Quando eu cheguei, aqui mais adiante, perto do Macdonald's, deu quatro milhões...parece um carro né? Na minha... passou perto de mim: “*thooo!*” Forte, de Bugue, igual um carro mesmo! Não vi zoada de carro. Não vi conversa de ninguém...só aquela claridade! Olhei pra cima pra ver se era alguma estrela né? Não tinha...olhei pra cima não vi. Aí vim embora andando! Não disse nada também. Sozinho né? Cheguei mais adiante...novamente o carro de novo! Aquela claridade. Chega clareava que era uma beleza! Três vezes! Que clareou na minha d'água lá por causa do carro, aí eu falei, disse: “*olha lá, meu patrão, se esse seu carro ainda me bate nas costas!*” Isso eu falando...sem...sem motivo né? Falando sem ter... apoio né? Não sabia o que era, então só falava besteira! Eu vim me embora.

#### **44. “...tinha uma Pitelão, fácil.”**

(–Continuando com o *Seu Lauro*.)

–Eu tenho um irmão, nós fomos pra uma festa, quando chegamos de lá no outro dia, às quatro horas da tarde, nós fomos passando numa rama, adonde tinha uma Pitelão, fácil [ ] o que nós faz? Eu com ele quando a gente era criança, metíamos pedra num saco, fomos...o que é aqui lá? <sup>290</sup>Juntando pedra no saco, e fomos apedrejar o Pitelão! Aí quando a pedra ia pra chegar nele, ele se afastava! Quando a pedra ia pra bater nele, ele voava pra outro galho! E assim, nós acabamos dois sacozinhos de pedra, não pudemos acertar no Pitelão! E na hora da nossa saída eu disse, ia dando seis horas, eu disse pra ele: “*mano vamos embora que o papai está nos esperando!*” Ele disse: “*vamos!*” Aí o Pitelão viu que nós ia saindo, ele voou pra outro galho, da rama, e cantou: “*Piti, Piti, Piti, Pitelão!*” E o meu irmão ergueu o pescoço

assim, e arremedou: “Piti, Piti, Piti, Pitelão!” Fomos embora. Quando ele quis endireitar o pescoço, ele não endireitou mais! Ficou duro. Chegou lá em casa, com o papai chorando! Com a dor no pescoço, ele contou pro papai. Quando foi umas sete horas da noite, foi obrigado nós a atravessar, fomos num lugar chamado “Mayandeua”, que o curandeiro ia chegar. Fomos na mão do curador, meu irmão gritava muito! Aí chegando lá, ele perguntou, o curador benzeu e disse: *“olhe, isso é pra ti aprender a não arremedar o Pitelão! E pra que você arremendou?”* Fez o remédio, e ele veio bom! Por isso, ele arremedava que eu sei, né? É. Ele arremedava que eu sei...

---

<sup>290</sup> Nesse momento ocorre uma breve interrupção na gravação e ruídos.



*Seu Do Reis e sua filha*

**Manuel dos Reis da Costa, 90 anos, Pescador aposentado, nascido em Quatipuru-PA, morou 50 anos em Algodual, e sua filha, Maria de Lourdes Nordeste Carvalhares, 64 anos, dona de casa, nascida em Santarém-PA, de férias na ilha. Entrevista gravada em 26-07-94, em Algodual-PA.**

#### 45. “A cidade, ainda aparece...”

(–Ô seu Do Reis, conta pra gente aqui! Da Princesa, como é que era?)

– Ele não lembra! Ele não lembra mais! (Maria Dolores, a filha)

–(Seu Do Reis ri) Nesse tempo, nesse tempo, aparecia mesmo, a Princesa, vinha passear no cavalo dela, aí passeava tudinho aí, e depois, o Príncipe [?] ainda vi muitas vezes...a Princesa! O Príncipe! Aqui nesse...

A filha, interrompendo bruscamente:

–...Aí começou a dar muita gente aqui, aí eles desapareceram, agora só lá na...naquela de lá, ainda aparece, a cidade, ainda aparece, porque quando eu tinha um bar lá, foi quinta-feira santa, eu...foi...Quinta-feira santa, foi Quinta-feira santa! Estava eu, estava a minha filha, tinha outra senhora lá de Belém e tal, estava sentado aqui, faltava quinze minutos pra meia-noite, aí...nós olhamos lá pra fora, naquela ilha que canta galo, mas era uma cidade! Estava tudo iluminado, tudo! Tudo! Tudo! Tudo! Parece mesmo...cidade mesmo! Aí ...aonde tinha...um príncipe, sentado. Numa cadeira. Muito lindo. Quando... faltava quinze minutos pra uma hora...desapareceu! [ ] Isso....me contavam! Quando eu cheguei aqui me contavam isso, mas eu nunca acreditei, aí quando foi nessa noite eu acreditei porque eu vi com meus olhos que a terra tem que comer! Né?<sup>291</sup>

#### 46. “Nesse tempo não tinha cavalo aqui...”

–Não<sup>292</sup>, era assim, quando nós viemos logo pra cá, numa noite de luar, era muito linda a noite, sabe? Aí eu tinha uma casa bem ali naquele terreno, aí eu vi aquele...tripé de cavalo, “*mas que nada, aqui não tem cavalo!*” Nesse tempo não tinha cavalo aqui, aí eu fui olhar, ele é igualmente assim São Jorge, é todinho São Jorge! Em cima do cavalo dele, o cavalo é branco sabe? Parece o cavalo de São Jorge, muita coisa eu via antes, quando que eu vim pra cá, mas agora não! Agora já...(Ma. Dolores)

–Agora já não aparece! Porque tem muita gente! Mas já apareceu muitas coisas aqui! É...Era cavalo...todo...viajava...o Príncipe vinha aqui sempre por aqui naquele canto ali!  
(Seu Do Reis)

---

<sup>291</sup> Narrativa coletada no momento da abordagem, no espaço doméstico.

<sup>292</sup> D. Maria Dolores queria evitar que seu pai fizesse esforço. Esse “não” pode ser lido como um “pode deixar que eu conto, ele não pode.”

–Lá na Praça! Era lá na Praça que ele dava a volta e...por lá que ele vinha. (Ma. Dolores)

–É. Na Praça...(Seu Do Reis)

(–Hoje em dia já não aparece?)

–Não...aparece, já ninguém vê... (Seu Do Reis)

–Porque é muita zoadada! (Ma. Dolores)

–É muita zoadada, já tem muita zoadada, muito barulho! (Do Reis)

(–Será que eles não se mudaram?)

–Eles se mudaram! Eles estão pra cá, pra uma cidade aqui, tem uma cidade aqui, no meio do rio, é, no “Canta Galo” que chamam! (Do Reis)

–É lá que eu vi a cidade! (Ma. Dolores)

–Lá que...(Do Reis)

–Mas a gente via, daqui, a gente via...(Ma. Dolores)

–Da beira pra lá sabe? A gente vê a cidade, alumiada! (Do Reis)

–Esses morros daqui, pra frente...(Ma. Dolores)

–Alumiado! Todinho! Aí...chega ali, a gente vê, sabe? Pescando ao redor lá das pedras, a gente vê cantar o galo, sabe? Peru, tudo a gente vê cantar! Muito belo! É uma cidade. É uma cidade. Basta dizer que é uma cidade lá! E lá aparece, o navio, aparece tudo...(Do Reis)

–Aparece o navio sim. (Dolores)

(–É uma ilha pra lá é?)

–É uma ilha. É uma ilha no meio do rio. (Do Reis)

–Mas é próximo logo aí. (M. Dolores)

–É próximo, é perto...é perto, daí da praia...(Seu Do Reis)

–Quando a maré tá seca, agora esse tempo, a maré, escoia tudinho lá, aí a gente vê daí. [ ] (Ma. Dolores)

#### **47. “Aí eu vi um homem...”**

Sim, aí nós tinha uma rede na beira da praia, aí isso era umas 11 horas, e nós fomos lá, pro Guarani, sabe? Que quando aí eu não quis entrar na água, aí o “seu menino” e minha nora e ele foi, entrou na água e a minha filha, aí de repente me deu vontade assim de me virar pra trás aí eu vi um homem, mas um homem grande, sabe? Aí como dizem que quando a



gente vê essas visões assim, a gente não tira os olhos de cima, sabe? Pra eles não fazerem mal pra gente, aí eu fiquei, mana, espiando assim, como estou te espiando assim mesmo...sério! Com o homem! Mas o meu corpo tremendo de medo! Aí eu botei fé mesmo! Aí ele foi, foi, foi, foi, diminuindo, diminuindo, diminuindo...até que ele virou num cachorro, quando ele virou um cachorro aí ele foi embora! Pro meio da praia, aí eu gritei pro menino assim: “Ei Por...” Que o apelido do Zé é Porquinho. “*Ei Porquinho, vem cá! Vem depressa aqui*” Mentira que eu tava era com medo!

#### 48. Diálogos...

–Ali, não tem aquela pedra acolá? Passando os bares...não tem...o último...(Ma. Dolores)

(–O último Bar? Sim...)

–Não tem aquela pedra? Não tem aquela pedra? (Ma. Dolores)

(–Sei! Hum ! Hum!)

–De lá sai uma tocha de fogo, toda noite! (Ma. Dolores)

(–Égua!)

–Parece assim com fogo de carro, sabe? Aí aquela luz vai, vai, vai, vai, até...some pro mangal! Não foi só eu que vi, um rapaz que tinha ido pra lá viu, lá aparece, aqui não, aqui não aparece nada! (Ma. Dolores)

(–Pra lá é deserto à noite né?)

–É! É tão bom lá. Eu tinha um bar lá, eu vendi, aliás tinha dois lá, nós morava pra lá, aí eu ficava de noite, à noite eu sentava lá na frente...a gente via tanta coisa...até meu filho que mora pra Belém viu lá? (Ma. Dolores)

(–Seus filhos viam?)

–Acabou! Eles viam: “*Mamãe, mamãe!*”. “*O que é?*”. “*Olha aquele homem ali!*” Aí eu fui ver, disse: “*Ah, meu filho, isso não é nada não! Isso não é vivente, não, isso é caboclo*”. Ele disse: “*tá!*” Ele foi lá ver! Se era mesmo, sabe? Mas não era nada não...era caboclo mesmo. Ali naquelas pedras lá é que aparece muito...

–Lá aparece (concorda *Seu Do Reis*).

(–Lá naquela do último barco?)

–Não, essa daqui logo! (Ma. Dolores)

(–Mas antes de chegar à Praia da Princesa? Ou naquele...)

–Não, meu amor, aqui, não tem essas pedras? Logo no primeiro morro de areia?

Não tem aquelas pedras lá pra orla, aquelas pedronas! (Ma. Dolores)

(–Ah, ahn...)

–Eu quero que tu andes pra lá, é tão bonito lá!

(–Ah eu fui lá um monte de vezes!)

–Pois é. Onde tem assim, parece uma rua, tu já viste, assim, parece assim uma rua? Aquelas pedras vem de lá da água assim né? Tudo aquilo é...encantaria deles...(Ma. Dolores)

–Ali é o morro! Ali tem muita coisa! Graças a Deus! Tem princesa, tem o príncipe, até aqui nesse canto de areia, é...(Seu Do Reis)

#### 49. “A princesa apareceu...”

–Uma vez no [ ] logo que nós chegamos pra cá, diz que a princesa apareceu, diz que ela é linda, linda, linda, aliás, a minha madrasta viu a princesa. (Ma. Dolores)

(–Ela tava aonde?)

–Ela foi buscar caju. Lá, ali na beira do lago, aí ela viu...naquele tempo era tudo deserto, tinha muito peixinho, aí ela comeu ajiru e jogava, aí o peixe vinha e comia aquele ajiru, sabe? Aí ela sentou-se lá, e começou a comer e a jogar pra dentro do lago né? Aí quando foi seis...aí ela veio de lá, veio, quando foi 6 horas da tarde, nós morava ainda ali naquela casa, aí ela tava deitada, e ela foi lá, e disse: “*olha, outra vez que tu for lá, no meu banheiro, sujar, eu vou te matar*” E ela ficou com medo e olha ela morou tantos anos aqui, todo esse tempo, ela não botou mais os pés lá naquele lago, ela ficou com medo, é sim. Porque a princesa era pra estar...mas é que o cara, o rapaz, ela disse que era pra ele desencantar ela, ele não teve coragem, e ela matou o rapaz. (Ma. Dolores)

(–Ela matou ele?)

–Matou! Porque ele não teve coragem. (Ma. Dolores)

–Aqui já teve morador, muitos que já teve aqui, ela andava...em cima de um cavalo, o cavalo dela era branco, branco, branco branco! Andava daqui, dacolá, quando dava fé, ela tava em pé bem aqui, neste canto, neste canto, aí olhando, olhava pra um lado, olhava pra outro, aí ela quando se aborrecia de olhar, ela ia s’embora para o lugar dela, chegava lá,

pegava o barco dela, e olha, (gesto) saía aí pra fora, é...bonita, bonita a princesa, cabelo cumprido, uma beleza, bem loura, alva, rosada, bonita mesmo! Que eu já vi! Com os meus olhos que essa terra tem de comer eu já vi! (*Seu Do Reis*)

(–E ela mora assim onde?)

–Tem a cidade dela, tem a cidade dela lá fora, daí da praia a gente vê, já vi navio, embarcação, pega peixe ali, menina, pega cada uma pescada grande! Que ali é uma beleza, se pega! Eu já vi, graças a Deus.

(–Como foi, o Sr. tava andando pela rua...)

–Era meia-noite! Eu vinha da pesca! Tava pescando, vinha da tarrafeação, tarrafeava...peixe! Aqui, a gente batia o pé assim ó, (gesto) pros peixe se afastar da beira pra...senão levava a tarrafa da gente, era sim! Deus os livre! Eu já fui longe... Eu já fui longe é bom, pra mim é bom. (*Do Reis*)

(–Aí o Sr. foi pescar...?)

(...)<sup>293</sup>

(–E nesse dia que o senhor viu a Princesa? O senhor foi pescar...?)

–Eu fui pescar! Aí subindo vi a Princesa! Fui pescar! (*Do Reis*)

(–Ela apareceu lá no Lago da Princesa?)

–Não! Ela apareceu é aqui nesse canto! Aqui nesse canto, ela andava aqui, era a cidade dela, era e é! Ela ainda não morreu. Era a cidade dela aqui! (*Do Reis*)

---

<sup>293</sup> Meu tema de interesse é desviado para um “causo” de um tubarão, que arrancou a perna de um rapaz, certa vez.



Em Fortalezinha: pescadores tecendo rede

Da direita para a esquerda: Gerônimo Rodrigues Teixeira, 62 anos, Pescador, natural de Fortalezinha-PA; Francisco Pereira da Silva, 67 anos, Pescador, também natural da vila de Fortalezinha-PA; alguém de apelido “Jabutí”; e Roberto Andrade, colono. Entrevistas gravadas em 27/07/94 em Fortalezinha-PA.

**50. “A mulher saiu da água toda enxuta...” (Francisco Pereira da Silva)**

Tinha uma casa lá, que eu dormia lá...sabe? Aí uma noite, eu saí com um rapaz, umas onze horas da noite, tava jogando dominó, aí nós fomos passando...[tinha assim uma casinha...] nós fomos assim aí a mulher foi saindo da água assim, “*rapaz, olha aquilo...*” Aí a mulher saiu da água toda enxuta, uma roupa meia-branca, vestido assim comprido, cabelo assim...grande, passou rumo aí, como tá o Jabuti aí perto de nós, mas não deu a presença pra nós, ninguém [olhou] ela passou de um jeito que não deu a presença, nós só vimos só um lado do ombro dela assim...depois passou...Quando ela percorreu assim uns 10 metros, eu [pulei a carreta], disse...era o Chiquinho, lá de Igarapé-Açu, “*rapaz eu vou já conhecer quem é esta fêmea, vou já saber pelo vestido dela!*” E corro! Quando eu chego lá, desapareceu! Na hora! Na hora! Na hora mesmo desapareceu!

(-E era boto?)

-Não sei... Aí eu contava isso pro Zé lá, ele disse que era mentira quando foi um tempo desses ele viu ela também...Essa mulher saí aí, vai pro rumo de Mocooca, o *Seu* Genésio já viu, não sei quantas pessoas já viram...ela saí, e aí vai embora...

**51. “Era uma mulherona, uma grega!” (Francisco Pereira da Silva)**

-Perigoso que ele chegou da rede, né? Pescar rede...que ele tava fazendo fogo, fazendo café, quando...ele viu, aquela mulher bateu, lá no barraco dele mesmo! Naquele barraco, aí...ele olhou era, era uma mulherona, uma grega! Né? Ele disse: “ei! Ei!” (quem então que será...) ele fez o café, fez né? “Quer tomar café?”. “Não”. Ficou lá conversando...Aí ele assou o peixe, “a Sra. não quer comer?”. Ela disse: “não, não quero...”. Aí, tudo bem...aí terminou, comeu, subiu o jirau lá de peixe né? [Lapa] de pescador. Ele subiu, ela subiu sentou assim, sentou e...aí fez lá um [bom pedaço], ele fumando um cigarro também...e ela por lá, ofereceu pra ela, ela não quis...aí o camarão ia dando preamar...aí ela desceu! Ela desceu a escada assim, aí ele desceu assim aí ficou olhando, quando ele viu, ela só fez pular na água assim: “Tchô!!”. Ele disse: “era uma Bôta!” (riso).

**52. “Saiu um bichinho de dentro do mato...” (Francisco Pereira da Silva)**

Rapaz, eu já vi um negócio aqui, um [negócio] que eu fiquei encabulado!

[ ] Viu? era dessa barraca bem acolá, você sabe aonde é, agarrado mesmo assim, no jirau assim, quebrado, [tinha até ajiru, ali], nesse terreno, aí quando foi uma noite assim, de lua, rapaz, que era bem lua cheia mesmo, [ ] aí rapaz, lá sempre me mexiam, me mexiam, me mexiam de noite, sabe? Batiam no fundo da minha rede...e...aí faziam aquela besteira...eu esculhambava, pensava que era pesadelo, qualquer coisa...aí quando foi um dia, assim noite de luar mesmo assim, noite de lua cheia mesmo, aí eu me sentei assim na escada, era umas 11 horas da noite...e fiquei fumando um cigarro...rapaz, aí, saiu um bichinho de dentro do mato...de dentro dessa mangueira saiu assim, rapaz, eu nunca tinha visto uma coisa tão bonitinha como eu vi esse bicho nesse dia! Deste tamanho assim, com um rabinho fininho...aquilo bem gordinho! Pretinho! Chega brilhava no luar! Sabe? O focinhozinho assim bem fininho, e aquele bicho bem mesmo! Bacanazinho! Que eu fiquei assim olhando...Até [nem consegui] acender o cigarro! Caiu até da mão! Que aquele bicho já tinha me mundiado aquele bicho! Aí passou aqui pra dentro! Aí depois ele voltou, de novo, já mais maiorzinho...viu? Aí depois ele voltou pra cá de novo, já com um outro! Com um outro bichinho já do lado dele! (ri) Rapaz, aí esses dois bicho passaram assim, que eu fiquei assim olhando que quando eles voltaram, todos dois, já todos dois grandão assim, assim do tamanho de um bicho assim, de um bicho [do meu corpo assim], passaram pra cá, eu também já pra cima do jirau, (risos) vou me embora! Que quando eles vierem maior podem quererem me comer! (Risos)

**53. “Aonde estava uma moça dentro de um prédio, sabe?” (Gerônimo Rodrigues Teixeira)**

A história foi que o cara foi pra praia, pescar né? Aí nessa pescaria ele...tira a pescaria aí terminou de pescar aí subiu, quando ele subiu encontrou um grande prédio, muito bem, perfeito! Aonde estava uma moça dentro do prédio, sabe? E aí ele agarrou, olhou, e não teve coragem de chegar perto porque a batente da casa, do prédio, era a cabeça da serpente! sabe? De uma cobra, aí aquela cobra era aquela moça chamava ele, dizia: “venha ao fundo e dê um abraço nela, que ela se desencanta!” sabe? Aí o cara ia na porta assim do prédio, e arrecuava porque a cobra estava com a cabeça feito batente! Isso foi o começo da...já hoje, aquela praia, aqueles morros, as pedras tudo! Desapareceram, está tudo embaixo da terra né? Aí ela falou assim, disse: “é”, ele falou, disse: “espere, que eu vou lá no barraco e vou chamar meu companheiro, e venho pra...pra lhe abraçar!” Não, a moça! Ele disse assim: “fique aqui que eu vou lá!”. E saiu na carreira, ela falou pra trás, disse assim: “redobreste o meu encanto”. Até hoje desapareceu! As coisas que apareciam de grande valor na praia sabe? Você andava daqui pra lá, você encontrava tudo quanto era tipo de objeto! Viu? De valor! Aquilo tudo dourado! Tipo ouro sabe? Agora ninguém podia tocar...naquilo...tinha que ver e deixar ali! Viu?<sup>294</sup>

**54. “Aí...chegou um estudioso aí...” (Gerônimo Rodrigues Teixeira)**

Aí...chegou um estudioso aí...sempre tem no meio né? Disse: *Ah isso aqui é da natureza! Isso foi a natureza que deixou! Então nós temos o direito a levar!*<sup>295</sup> Viu? Agarrou, pegou...umas...louças...de valor né? Das melhores que achou que deveria levar...quando ele chegou na casa dele, meu amigo, deu uma baita dor de cabeça nele, que quase ele vai, aí ele ficou meio...baratinado...aí o pessoal foi...da família né? Isso foi devidamente a esses objetos. Aí foram pro Mentiroso sabe? Daí ele foi olhar, disse: *eh você não deveria ter levado, o que você viu lá na beira da praia...aquilo 'tava na beira do lixo, mas a dona 'tava lá olhando...então você não deveria ter metido no bolso, estes cordão grande que você viu bonito, na beira da praia né?* [ ] E de hoje no presente que nós temos, nós temos lendas assim, desse tipo assim, coisa bem normal, isso aqui de primeiro aqui, era um igarapé, passava embarcação daqui...

---

<sup>294</sup> Há uma continuidade entre uma narrativa e outra que preferimos cortar com um título pois se trata de outro evento.

— O rapaz me contou que isso aqui era uma praia linda...<sup>296</sup>

— Ela emenda com Fortaleza...viu? E ela é uma praia encantada aonde mora uma princesa né? [ ] Aí a resposta: *eu vi, eu vi/ A princesa falar/ Na Ilha de Mayandeua/ Na praia de Algodual...*

- (É sua?)

-É. *A praia de Algodual/ emenda com fortaleza/ É uma praia encantada/ Aonde mora uma princesa.* Aí o povo, o que tão ajudando a cantar, aí responde né? *eu vi, eu vi a princesa falar/ Na Ilha de Mayandeua/ Na praia de Algodual.*

### **55.A Praia do Rei Sabá era encantada? (Gerônimo Rodrigues Teixeira)**

-(A Praia do Rei Sabá era encantada?)

-Porque nós fomos na praia dele, lá do Rei Sabá, aí foi um primo meu na companhia né? aí eu...o companheiro que ‘tava comigo foi aquele Honorato, aí ele disse: “rapaz, vamos lá no Rei Sabá, emprestar umas garrafas de pinga para nós tomar?” Aí...chegamos lá, ‘tava enfeitada a mesa de tudo quanto era bagulho! Era cachaça, era vinho, era cerveja, era tudo! Tudo! Dinheiro, tudo né? Aí nós, eu foi...disse eu, eu vou falar pra ele emprestar a cachaça até amanhã pra nós vir deixar! Lá na Praia do Rei Sabá, lá pra boca dos Pirabas, aí agarremos, peguemos a garrafa, destampemos, começemos a tomar! Lá, a cachaça né [ ] Mas ninguém se sentou assim na pedra! Aí sempre no meio tem um, patioso né? Ele disse: “pô, rapaz, vocês não querem se sentar é?” Um pedras bonitas! Que estavam mesmo aqui, chegavam a espelhar assim, aí...aqui e acolá vinha uma caba<sup>297</sup>! Uma caba, dessas caba de telha sabe? Vinha, se sentava ali, aí ele agarrava, espantava ela pra voar né? “Pô! Sabe que eu vou me sentar em cima dessa pedra?” Aí se sentou-se, não foi nada meu amigo! Ele se sentou-se, mas quando foi pra ele levantar, ele não teve possibilidade de se levantar né, criou um tumor, entremeio assim da coxa né? Que não teve sossego de noite, quando foi à noite nós viemos trazer ele pra cá, aí chegou aí foi bater na mão do curador, aí o curador disse: “por que foi que você espantou a caba e se sentou-se em cima da pedra? Você não estava vendo que o dono estava lá? Hein? Os outros não foram emprestar a biritá lá pra tomar e você abancou o peito se sentar! Então aconteceu isso pra você, você teve muita sorte!” Quase que ele ia! Do

<sup>295</sup> O tom de voz do narrador é extremamente irônico.

<sup>296</sup> Comenta um rapaz que assistia à gravação.



tumor que saía do entremeio da perna dele! Agora ele já se mudou-se de lá, mas a maré quando enche, aquela pedra está dessa alturinha assim né? Rente à perna, areia, aí a maré vai crescendo, aquela pedra também vai flutuando, todo o tempo! Mas é grande a pedra sabe? Agora parece aquela figura da estatura mesmo assim de um desenho de uma pessoa sabe? É importante a pedra!

---

<sup>297</sup> Caba: o mesmo que marimondo.



Vista de Fortalezinha

“A princesa é uma moça / Bonita / E vive sozinha / Ela mora em Mayandeuca / na Praia de Fortalezinha...” cantou Orlando Muniz Teixeira, 27 anos, Pescador, natural de Fortalezinha-PA. As entrevistas foram gravadas em 25/07/94 em Algodal, por Luísa Lima, e em 27/07/94 em Fortalezinha por mim.

## 56. “Aí ela desapareceu...”

Ceguei lá nesse barraco sabe? Aí fiquei sentado na rede, aí acendi um cigarro...Aí fiquei ...fiquei tragando o cigarro. Aí aquilo veio...aí subiu uma mulher sabe? Aí começamos a conversar...Aí no momento em que eu fiz um novo cigarro e acendi, aí ela desapareceu, já tava na hora d’eu ir pra rede e...não encontrei mais ela, nem na praia e nem no barraco mais, desapareceu, e sumiu, a hora que eu fui embora pra rede, quando me vi lá fora, dormi...quando foi de manhã eu fui olhar no rastro, lá no barraquinho mesmo, de novo, aí não encontrei o rastro mais. Nem vi...eu, pra mim, pensei que fosse a Princesa não é? Porque... a ilha é encantada mesmo! Dizem esse pessoal, os antigos né, que ela aparecia por ali, andava...

-(Como é que ela era? Branca?)

-Ela era branca, os cabelos bem compridos, ondulados os cabelos né? Grisalhos os cabelos dela e...e só.

### 57. Carimbó (I)

Lá na Praia do Farol  
Ela é também beleza  
Lá fora tem o Canta-Galo  
Aonde mora a Princesa  
Lá na Praia do Farol  
Ela é também beleza  
Lá fora tem o Canta-Galo  
Aonde mora a Princesa  
Os antigos contavam  
E hoje eu já ouvi contar  
Que viam os navios ancorados  
E ouviam o galo cantar  
Os antigos contavam  
E hoje eu já ouvi contar  
Que viam os navios ancorados  
E ouviam o galo cantar

Lá na Praia do Farol  
Ela é também beleza  
Lá fora tem o Canta-Galo

Aonde mora a Princesa  
Lá na Praia do Farol  
Ela é também beleza  
Lá fora tem o Canta-Galo  
Aonde mora a Princesa

Os antigos contavam  
E hoje eu já ouvi contar  
Que viam os navios ancorados  
E ouviam o galo cantar

Os antigos contavam  
E hoje eu já ouvi contar  
Que viam os navios ancorados  
E ouviam o galo cantar

### 58. Carimbó (II)

Eu tava na beira da praia  
E ouvi uma voz me chamar  
Eu olhei pra todo lado  
E vi a Princesa sentada  
Eu tava na beira da praia  
E ouvi uma voz me chamar  
Eu olhei pra todo lado  
E vi a Princesa sentada

Eu vou embora  
Eu vou pra lá  
Vou sair daqui  
Pode a Princesa me encantar  
Eu vou embora  
Eu vou pra lá  
Vou sair daqui  
Pode a Princesa me encantar

A Princesa é uma moça  
Bonita  
E vive sozinha  
Ela mora em Mayandeua  
Na Praia de Fortalezinha  
A Princesa é uma moça  
Bonita  
E vive sozinha  
Ela mora em Mayandeua  
Na Praia de Fortalezinha<sup>298</sup>

---

<sup>298</sup> A pesquisadora Luísa Lima havia gravado com o Sr. Orlando antes de mim, em um Bar em Algodual, conforme me relatou o próprio informante. Ele disse que havia contado para a pesquisadora como ele havia chegado a essa composição. Disse-me que eu a procurasse e ouvisse o relato. Infelizmente, nos arquivos do Programa de Pesquisa IFNOPAP, há somente o manuscrito da transcrição, não se sabe o que foi feito da fita cassete.

**59. “Eu fiz uma musicazinha bacana...”<sup>299</sup>**

Mas que eu fiz uma musicazinha bacana é e poderei até...é quase idêntico né? Porque a música é o relato mesmo através de uma moradia que eu tive próximo [inverno] numa barraquinha lá no Lupela, onde foi que vocês, eu acho aonde vocês comeram um peixe assado, uma tainhova lá, bacana, e na próxima viagem vocês passaram o pano naquele barraco, foi mesmo?

(–Foi.)

–Pois sim. Foi ali que eu morei desde do mês de fevereiro, março e abril, eu morei lá só, só eu mesmo, eu morei.

Peguei na minha rede não lembro que dono hoje mas quem trabalha e eu a minha responsável durante eu entregar pra ele é minha né? O dono não tem nada a ver né? Quer que trabalhe, conserte, tá no meu poder a rede né? Aí só que não é minha mesmo. É do meu primo, e geralmente aí eu fico à noite e gancho até que geralmente a mulher é que como foi que eu vi, eu encontrei ela, eu encontrei ela, bacana é né? Falei com ela, falei com ela, beleza, aí depois eu eu tive pensando assim “pô, tô aqui fora, essa mulher já veio, falou comigo, eu acho que essa mulher é até a Princesa daqui né? Daqui da Praia de Mayandeuá, e eu fiz uma música e eu...”<sup>300</sup>

(–Me diz uma coisa: tu falas é com a mulher na tua música, mas tu tiveste mesmo esse encontro com essa mulher que aparece na tua música?)

–Olha, essa mulher chegou lá nessa noite, numa noite linda de luar, nas águas grandes, né?

–As águas tavam bem cheia, a maré correu da praia e tinha minha rede lá, colocava lá no...lá fora, nos toco, que eles chamam os tocos né? Os tocos, aí quando eu cheguei lá a maré tava grande, a minha rede tava lá e eu me sentei na minha rede, acendi um cigarro e eu ia passando sobre uma [moderna] né? E quando eu cheguei no barraco, bati a porta, a porta, a porta não tava fechando, deixei tá, eu ia passando assim malmente eu ouvi o barulho lá no assoalho debaixo aí né? Eu levantei aquela mulher, vinha subindo a escada e aí geralmente eu fiquei ali olhando pra ela e ela disse: “sou eu.” Aí pensei assim:

---

<sup>299</sup> A partir daí, os relatos foram gravados por Luísa Lima.

“sou eu...ih, rapaz, será que essa mulher vai me matar na encosta? Ou me encantar?”

Porque geralmente ali havia muito movimento na praia, aliás não é só na praia, como tava o movimento quase em todo canto tá movimento a ...na parte que não tem é, é não tem negócio de pessoas passar ali né? Aguada de pessoas né? Que não possam ali, ali outros tipos ou [mulata] da praia, a gente ver algum barulho que chega pra gente, que a gente ouve assim aqueles chamados, ouve um assobio, ouve uma risada na praia. Que justamente vê na praia e assim mesmo quando vê na praia, vê na mata né? Que se é gente, a gente fica observando aquilo que acontece, aí ela chegou e começou a conversa da seguinte maneira que ela perguntou pra mim o que que eu tava fazendo ali sozinho. E geralmente que tava pescando né? Tava esperando a hora da maré pra pegar a minha rede pra mim pescar e ia quando havia tirado a rede que desse o peixe que desse lá, na rede, eu ia trocar a linha e ia amanhecer ali no barraco, ela perguntou assim pra mim: *“só tu que mora aqui é?”* Eu disse: *“é. Sou eu e Deus né? Só eu e Deus, nas viagens só eu e Deus, lá de Fortalezinha até aqui, daqui eu vou ver a minha rede de pesca e dá preguiça pra voltar, porque já vim de lá e fico cansado, ainda vou lá na rede e volto o peixe que dá eu conserto a rede aqui e pra mim ir aqui de novo pra casa, numa noite escura, ainda mais que não tenho lanterna. Fico aqui que tem uma lamparinazinha, e coloco um palito aqui na caixa e acendo lá, ela fica acesa o resto da madrugada, o resto da noite.”* Ela disse que era bom também evitar isso. Foi por isso que eu mentalizei essa música e geralmente ela não tava muito consentindo ficar ali só eu, não sei se ela ia me encantar ou se ela ia fazer alguma coisa comigo, mas aquela mulher, mas, digo assim, é atiei a minha rede, ia levar pra consertar e passar mais uns dez dias ou quinze dias lá em terra lá no povoado pra depois eu voltar novamente, pra ver se eu esquecia aquilo, aí geralmente eu nunca esqueci aquilo e também não tenho medo também não, ainda não encontrei medo, o dia que eu encontrar medo, é capaz até de fazer, é capaz até de eu mesmo fazer minha [sepultura] e me enterrar.

---

<sup>300</sup> Em seguida, a pesquisadora propõe que ele cante a música. O Carimbó é o mesmo que ele entoou para mim, em Fortalezinha. Portanto, não é necessária a transcrição.



Caminhos de Fortalezinha

Para Timóteo Alves Teixeira, mais conhecido como “Carrão”, a Princesa se desencantou e abandonou a ilha. A entrevista a seguir foi gravada em Fortalezinha-PA (foto) em 27/07/94.

## 60. “Ela se desencantou e saiu!”

-Olha, isso aqui não tinha esse mangal aqui, não tinha nada disso, só tinha aí uns vales aí...aqui era um ramo de areia, só areia! Não tinha lama, não tinha igarapé nenhum! Aqui era parte de Mocooca, Mocooca! Não tinha essa estripulia aqui, a gente ia por aqui por fora, pra praia! Pela praia! Depois, do meio pra cá, que começou a vir esse pessoal, aí...porque todas as praia...todas as praia... tem a mãe, que a minha avó dizia, têm mãe, todas as praias têm mãe! Então, não desfazendo das mulher, que mulher é minha mãe, né? Aí vinham essas mulheres aí pra praia, nas praias fazem isso, aí vem...aqui e acolá, meia doente, aí vão pra maré...aí a mãe, a mãe d'água do território né? Da praia, aí vai ficando com raiva, aí vai mudando, a praia, daí é isso, é essa a firmeza, e isso acontece! Aí vai, vai até a praia acaba! Muda!

(...)<sup>301</sup>

-(Redobrou o encanto...)

-Redobrou agora o encanto, aí foi que aconteceu isso, que hoje em dia a praia é mangal, não é não? Antes aqui era tudo bonito...era só areia...(turista)

-...Quer dizer que aí, ela não redobrou! Quer dizer, pra mim, que sou mais novo do que ele, mas ela não redobrou! Sabe? Ela escondeu a praia! Quer dizer, porque se ela redobrasse ela tinha feito melhor! Não era? Ela tinha feito melhor, mais bonita! Mas ela não redobrou, ela se desencantou e saiu! (Carrão)

-E da praia restou o quê? O mangal...(turista)

-O mangal! É porque ela saiu! Ela não está aí, eu quero dizer que ela não está aí...né? Porque se ela fizesse melhor, ela estaria aí, e a praia tava limpa, tava melhor! Bem aí tinha três pé de pau, bem aí nessa ponta aí, a maré lavava isso até aí, né? Na barreira! A água [dava no prédio da barreira], então aí tinha três pé de pau, era dois fiubas grande e uma tinteira! E aí tinha uma ponte, tinha umas pedras grandes aí no fundo, aqui tem um olho debaixo dessa...perto dessa barraca aí, aí em baixo, ou seja, de perto daquela pedrona, daqui a cem anos está aí no fundo! Se ela ainda não foi daí, tá aí né? Eu também ainda não morri...Estou contando o que eu via! Aí tinha um olho, como ainda tem ainda...Tinha um olho, depois pulou pra aí, aqui e acolá, sempre quando tinha pouca gente,



sempre via uma cobrinha, assim toda vermelhinha sabe? Preta e vermelha, que saía de dentro daquele olho e se encantava alí, amanhecia ali dentro daquele olho, o olho foi pro fundo e aí não vimos mais nada! (Carrão)

-Não viram mais a cobrinha? (Turista)

-Não! Porque isso é... no duro ela se mudou! As árvores morreram, elas ficavam aí na beira do mar, o mar dava nelas, aí espirrava assim: “bah!!!” Lavava a rampa sabe? E ela ficava do mesmo jeito! Aqui e acolá...(Carrão)

-Era uma árvore bonita? (turista)

-Aqui e acolá...Era bonita...é...morreram tudo, aí desapareceu sabe? Aqui e acolá aparecia o vudinho, era assim...tipo um farol sabe? Lá, no pé dela, que ela de várias cores, aí depois foi, foi, ficou! Aí, aquele morro, desse barco, dali, ali tinha um ageiro de pedra...(Carrão)

-A gente pode ver depois com o Sr. lá? (turista)

-Aonde? Ali? Não! Está tudo no fundo! É...chegando lá tá tudo no fundo!  
(Carrão)

-Então quer dizer que as praias que tinha aqui na praia tavam tudo no fundo e hoje em dia tá no fundo o mangal...(Turista)

-A praia era aí, agora o povo saiu aí...(Carrão)

-O mangal cobriu...(Turista)

- Não...a praia, a praia...essa areia aqui cobriu, no duro! (Carrão)

-Virou mangal! Então a lama cobriu tudo!(turista)

-De primeiro, não, a lama não tá nessa pedra, tá essa areia preta aqui que a maré deixou! Porque de primeiro [antes da gente vir ver] ela parece esse barranco lá de fora! Essa praia lá de fora era aqui! Abeirando! Indo por terra [darratinho] (Tem um pedal aí! Tem um pedal aqui!) Por terra tá saindo! Agora depois que isso mudou, que ficou assim! Qualquer praia dessa, eu enxerguei! O lugar eu conheci, lá, naquele...tu sabes onde é aquele bando [de latibúrio?] lá de fora? Ali tem pedra que esse moço aqui nunca conheceu, acho que ainda vai conhecer! Tem pedra que...200 homens não carregam! E pedra que...[?] e não aparecia viu? Não aparecia...Tá tudo no fundo da areia! A areia cobriu! Você já

---

<sup>301</sup> Conversas paralelas e confusas.

conheceu aquela praia que era...aquelas pedras que era da fogueira, pedra chata, não tem pedrão ali? (Carrão)

-Tem pedra é monstro! (*Seu Francisco*)

-Eu não estou dizendo que cabe um homem dentro! Do covão dela, atrás dela! [?Cozia e não fornecia?] (Carrão)

-E sumiu tudo? (Turista)

-Tá tudo no fundo! (Carrão)

-Por trás da Praia do Crispim, tinha um igarapé como esse aqui ó, não era Carrão? A cama grande entrava, vinha de Belém, ficava por lá, saía, vinha por lá, fazia tcha! E vinha batendo em Marudá. (Francisco)

-Direto? (Turista)

-Direto! Vila Choupana! (Francisco)

-E hoje em dia, como é que está? (turista)

-Tudo na linha do mangal. Embaixo da terra, tudinho! (Francisco)

-Sumiu tudo? As praia sumiu? (turista)

-Sumiu! Só lama! (Francisco)

-Caranguejo...(turista)

-Chegava lá, metia a mão, puxava...(Carrão)

(-Por que vocês acham que aconteceu isso?)

-Ah! Deve ser parte da natureza né? A natureza faz, constrói e destrói, né? Porque tem que ser assim né? Agora, para os homens que vem pesquisar isso? Aí quando tu vir, não tem mais isso aqui...(Jabuti)



D. Filomena

Filomena Ferreira, 74 anos, dona de casa, nascida em Magalhães Barata-PA. A entrevista a seguir foi gravada em 27/07/94 em Algodual-PA.

### 61. “Um cavalo branco, branco, branco!”

Me contavam que tinha um Cavalo-Marinho...eu nunca tinha visto. Mas noite clara assim passou um Cavalo-Marinho. Quando foi uma bela noite, o mestre da Dona [Julieta] tava fazendo aquela casa dela, aí quando foi uma noite eu vi, me levantei, não tinha cavalo ainda aqui! Eu vi aquele coisa do...aquelas patadas mesmo: “*Tec! Tec! Tec!*” do cavalo, aí ele rinchou, ele já vinha de volta! O Zé me contou que ele já vinha de volta, só vi uma vez ele rinchar né? O cavalo. E desceu. Noutra hora falaram...que era muito...era muito...é muito lindo o cavalo! Um cavalo branco, branco, branco! Chega brilha! Aquele...cavaleiro de cima dele, parecia um São Jorge. É...

### 62. “Foi o susto do cavalo...”

Uma vez ele<sup>302</sup> tava fazendo uma canoa ali no Porto, era meio-dia! Quando ele tava abaixado assim, encostando o pau, aquele cavalo repunhou: “rum!” Que ele olhou assim, que ele viu, aquele...cavalo todo equipado ali né? Aí ele caiu...se contorceu, caiu, aí a irmã dele foi chamar ele pra vir almoçar, encontrou ele caído, chamou, chamou, nada dele responder. Aí o pai do Facão. Aí ela correu, veio chamar os irmãos, chegou lá pegaram ele, ele veio tornar...umas três horas, por aí assim, ele veio tornar. Aí ele contou: foi o susto do cavalo que ele...muito lindo! Muito lindo o cavalo! Ele desmaiou! Não aguentou, ele desmaiou. Aí nessa noite eu vi o ... a misura do cavalo...rinchar<sup>303</sup>, ele...passando correndo...

### 63. “Um instrumento, uma banda de música!”

Outra vez, uma noite de Carimbó, tavam dançando aí, aí caiu um tempo de chuva. Aí quando chegou o finado Daniel, finado Dos Santos, procurando a Rosa, a Rosa não tava, tava aí pra cima, aí nós vimos aquilo... barulho de instrumento. Mas, menina, um instrumento, uma banda de música! Quando vem aquela música né? Em tempo de festa, aquela banda: “turururum”, menina, parecia que vinha ali, no meio da praça! “*Pois e então, Seu Zinho? Mas que música da Fortaleza, que não tem música nenhuma lá?!*” Né? Aí os meninos foram pro curral, eles andavam, aquela música ia na frente deles! Eles pescaram no curral, vieram, aquela música acompanhando eles, uma hora tava na frente, outra hora

---

<sup>302</sup> Refere-se ao Mestre de Dona [Julieta]

<sup>303</sup> Relinchar.

tava pra trás...aí nós: “o que é? O que é? O que é?” E quando...terminou que o galo cantou e terminou! Aquela zoadeira. O Carimbó encerrava por aí.

E o pessoal da Fortaleza disse que o ... Carimbó veio de lá. Mentira! Que o Carimbó foi daqui pra Fortaleza! Que no tempo que eu cheguei aqui era uma casa aqui e outra lá não-sei-aonde! Não tinha...era difícil ter festa por lá. A maioria das festas era aqui: Carimbó, Carnaval, São João da Roça! Tudo era aqui! Eles vinham de lá pra cá!



Transporte típico na Praia da Princesa

“Porque aqui era uma terra encantada mesmo! Exclamou Valdovino Pinheiro Teixeira mais conhecido como “*Seu Pelé*”, 56 anos, Ex-Pescador, sitiante, *Dj* da Danceteria Macdonald’s, em Algodual, nascido em Viseu-PA. O relato a seguir foi gravado em 27/07/94 em Algodual-PA, (na foto, a Praia da Princesa).

**64. “Porque aqui era uma terra encantada mesmo!”**

–Aqui eu pesco! Eu tenho tudo...eu tenho...canoa de pesca, tinha. Meus filhos todos trabalham, tudo pra casa, sou independente de patrão! Não tenho patrão!

(–Ah! Que bom!)

–Não. Não tenho patrão aqui. Meu patrão é o ...são meus filhos daí, são meus filhos, meus filhos trabalham com coisa de [casa], larguei a pescaria, tô trabalhando na roça com a minha mulher, tenho muita mandioca, farinha eu não compro!

(–Pai d’égua!)

–Quando eu tenho, eu tenho meu arroz, tenho minha melancia, tenho meu milho, tenho minha macaxeira, tenho minha fari...minha mandioca pra fazer minha farinha! Tenho meu forno! Tenho um sítio novo que eu tô fazendo pra lá!

(–Hum!)

– Porque aqui é muita agitação! Sabe? Aqui já tá...já não tá mais como era de primeiro não...Aqui, tinha poucas casas! Aqui, não era...não tinha ruas, aqui tinha só caminho! Pra um lado, pra outro! Aqui nós cansamos de ver...muitas visões! Que não é aqui de nós mesmo não, é outro! Sabe?<sup>304</sup> Aqui era cantiga de galo! Era batida de tambor! Era cavalo! Era navio ali defronte! Tudo nós víamos! Né? A gente andava. Agora a gente conta, eles sempre dizem que é mentira! Mas, eu, com 56 anos, como é? Novo! [ ] Ainda vi muitas coisas, e os velhos, meus pais...meu pai tá com 87 anos aí, conta muita coisa que viu! A valer a gente que não é daqui? A gente conta pra esses novos agora, não...por que é? Por que é que eles não viram mais nada? Por causa da agitação. E muita destruição que acabou com isso! Porque não tem gente que goste! Porque aqui era uma terra encantada mesmo! Aqui era zelado... sem...sem ser habitante como por nós mesmo! Só...tudo limpo! Tudo limpo! Quem era que limpava isso? Quem era que zelava? Só pode ser os donos! Do fundo n’era? Os encantados! Era! Porque tinha tudo!

(–Eles vivem no fundo?)

–Vivia no fundo! Sabe lá né? A gente não enxergava! Agora o navio a gente enxergava de noite! Mas [era no pescador], que de noite sumia, de repente, na beira, na beira do mato mesmo! Aí! Em frente o Boiador! Então...eu já vi uma porção de coisa aqui

também...e hoje em dia, que eu vendo...não é mais aquilo! Lá verde, que tinha de primeiro não...não...acabou tudo, acabou tudo. Mas é isso aí, e daqui a pouco...”

---

<sup>304</sup> O informante afirma isso sorrindo, temeroso com minha reação?





Morro do Canta-Galo, na Praia da Princesa

### **“A Claridade”**

“Sim!<sup>1</sup> Aqui, nós já vimos, aqui na...na...na...aqui fora né? Mas muito lindo! Aparecia assim...aparece a praia assim, e aparecia tudo assim parece casa! Assim, transformado assim...parece uma...a nuvem né? Mas muito lindo! Aparecia assim essas casas. E aparecia assim parece um campo! Assim, por baixo né? Mas muito lindo! Muito claro! E a claridade aparecia aqui na praia daqui, a claridade desse, que nós vimos né? Mas muito lindo! Muito lindo mesmo! Nós tava lá na beira assim...muito lindo! Lindo mesmo!”

**(disse Raimundo Cabral Filho (“Seu Didi”), 78 anos, Pescador aposentado, nascido em Maracanã-PA, residente em Algodual. Trecho de uma entrevista gravada em 27/07/94 em Algodual-PA)**

---

<sup>1</sup> Este “sim” enfático pode ser traduzido por um “lembrei!” vitorioso.



*Seu Montana na janela*

**Manuel da Costa Santos (*Seu Montana*), 73 anos, Pescador, comerciante, e cantor de carimbó, nascido em Santarém-PA. Recolhas gravadas em Algodual-PA, em 26/02/94 e em julho do mesmo ano.**

**66. Carimbó - I**  
(Sr. Montana: )<sup>306</sup>

Quando eu chego em Marudá  
Todo tempo é essa beleza  
Todo mundo me pergunta  
Onde é o Lago da Princesa  
Quando eu chego em Marudá  
Todo tempo é essa beleza  
Todo mundo me pergunta  
Onde é o Lago da Princesa

(Todos: )

Lá vem! Lá vem!  
Em Marudá  
O Lago da Princesa  
É na Praia de Algodóal  
Lá vem! Lá vem!  
Em Marudá  
O Lago da Princesa  
É na Praia de Algodóal

(Sr. Montana e outros: )

Quando eu chego em Marudá  
Todo tempo é essa beleza  
Todo mundo me pergunta  
Onde é o Lago da Princesa  
Quando eu chego em Marudá

---

<sup>306</sup> Nada foi programado: os moradores de Algodóal, neste ano, ainda costumavam fazer festas levadas ao ritmo do Carimbó regional. Alguns informantes me disseram que isso ocorria geralmente às quintas-feiras, sobretudo na Lua Cheia, porque assim a noite de Algodóal ficava mais iluminada do que de costume, já que não havia iluminação na Ilha, à noite, havia somente a luz de um motor que funcionava até às nove horas da noite. Tive a sorte de presenciar e gravar a produção de um destes Carimbós que, hoje, em 1999, ao menos em Algodóal, não acontece mais de forma tão artesanal, isto é, com cantores, compositores e instrumentos fabricados artesanalmente. O Sr. Montana liderava este grupo, *puxando* as músicas.

Todo tempo é essa beleza  
Todo mundo me pergunta  
Onde é o Lago da Princesa<sup>307</sup>  
(Todos: )

Lá vem! Lá vem!  
Em Marudá<sup>308</sup>  
O Lago da Princesa  
É na Praia de Algodóal  
Lá vem! Lá vem!  
Em Marudá  
O Lago da Princesa  
É na Praia de Algodóal

Quando eu chego em Marudá<sup>309</sup>  
Todo tempo é essa beleza  
Todo mundo me pergunta  
Onde é o Lago da princesa  
Quando eu chego em Marudá  
Todo tempo é essa beleza  
Todo mundo me pergunta  
Onde é o Lago da princesa

Lá vem! Lá vem!  
Em Marudá  
O Lago da Princesa  
É na Praia de Algodóal  
Lá vem! Lá vem!  
Em Marudá  
O Lago da Princesa  
É na Praia de Algodóal

Quando eu chego em Marudá  
Todo tempo é essa beleza  
Todo mundo me pergunta  
Onde é o Lago da princesa  
Quando eu chego em Marudá  
Todo tempo é essa beleza

---

<sup>307</sup> Só a voz de Sr. Montana se destaca neste trecho.

<sup>308</sup> Chega um morador com um cavaquinho, e se reúne ao grupo já tocando.

<sup>309</sup> A partir daí a voz grave de Antônio Gato, um outro cantor muito conhecido pela comunidade, passa a predominar na toada. A voz de Sr. Montana se pronuncia somente no coro.

Todo mundo me pergunta  
Onde é o Lago da princesa

(Em coro: )

Lá vem! Lá vem!  
Em Marudá  
O Lago da Princesa  
É na Praia de Algodual  
Lá vem! Lá vem!  
Em Marudá  
O Lago da Princesa  
É na Praia de Algodual

Quando eu chego em Marudá  
Todo tempo é essa beleza  
Todo mundo me pergunta  
Onde é o Lago da princesa  
Quando eu chego em Marudá  
Todo tempo é essa beleza  
Todo mundo me pergunta  
Onde é o Lago da princesa

(Todos: )

Lá vem! Lá vem!  
Em Marudá  
O Lago da Princesa  
É na Praia de Algodual  
Lá vem! Lá vem!  
Em Marudá  
O Lago da Princesa  
É na Praia de Algodual<sup>310</sup>

## 67. Carimbó - II

A praia de Algodual é limpa e tem  
riqueza  
No farol do Mayandeuá  
Aonde mora a Princesa

A praia de Algodual é limpa e tem riqueza  
No farol do Mayandeuá  
Aonde mora a Princesa

Eu já vi a Princesa falar  
Eu já vi a Princesa cantar  
No morro do Mayandeuá  
Na Praia de Algodual  
Eu já vi a Princesa falar  
Eu já vi a Princesa cantar  
No morro do Mayandeuá  
Na Praia de Algodual

A praia de Algodual é limpa e tem riqueza  
No farol do Mayandeuá  
Aonde mora a Princesa  
A praia de Algodual é limpa e tem riqueza  
No farol do Mayandeuá  
Aonde mora a Princesa

Eu já vi a Princesa falar  
Eu já vi a Princesa cantar  
No morro do Mayandeuá  
Na Praia de Algodual  
Eu já vi a Princesa falar  
Eu já vi a Princesa cantar  
No morro do Mayandeuá  
Na Praia de Algodual

A praia de Algodual é limpa e tem beleza  
No farol do Mayandeuá  
Aonde mora a Princesa  
A praia de Algodual é limpa e tem beleza  
No farol do Mayandeuá  
Aonde mora a Princesa

Eu já vi a Princesa falar  
Eu já vi a Princesa cantar  
No morro do Mayandeuá  
Na Praia de Algodual  
Eu já vi a Princesa falar  
Eu já vi a Princesa cantar  
No morro do Mayandeuá  
Na Praia de Algodual  
A praia de Algodual é limpa e tem riqueza

---

<sup>310</sup> Só instrumentos parecem que vão finalizar esta canção e dar uma pausa entre as toadas, mas não; não há pausa e passamos para outra música...

No farol do Mayandeu  
Aonde mora a Princesa  
A praia de Algodoal é limpa e tem  
riqueza  
No farol do Mayandeu  
Aonde mora a Princesa

Eu já vi a Princesa falar  
Eu já vi a Princesa cantar  
No farol do Mayandeu  
Na Praia de Algodoal  
Eu já vi a Princesa falar  
Eu já vi a Princesa cantar  
No farol do Mayandeu  
Na Praia de Algodoal

### 68. Carimbó - III

Eu já fui em Mocooca<sup>311</sup>  
Também em Fortalezinha  
Agora vou conhecer a Ilha da  
Camboinha  
Eu já fui em Mocooca  
Também em Fortalezinha  
Agora vou conhecer a Ilha da  
Camboinha

É na Camboinha!  
Eu já fui pra lá  
Das noites de Mayandeu  
[Nas noites que eu vim passear]  
É na Camboinha!  
Eu já fui pra lá  
Das noites de Mayandeu  
[Nas noites que eu vim passear]

Eu já fui em Mocooca  
Também em Fortalezinha  
Agora vou conhecer a Ilha da  
Camboinha  
Eu já fui em Mocooca

---

<sup>311</sup> Quem canta agora é o jovem Antônio Gato, como é conhecido na Ilha. 22 anos em 26-02-94.

Também em Fortalezinha  
Agora vou conhecer a Ilha da Camboinha

É na Camboinha!  
Eu já fui pra lá  
Das noites de Mayandeu  
[Nas noites que eu vim passear]  
É na Camboinha!  
Eu já fui pra lá  
Das noites de Mayandeu  
[Nas noites que eu vim passear]<sup>312</sup>

### 69. Carimbó -IV

...tá adiantada<sup>313</sup>.

Só falta motor de luz, e um cartório e um  
mercado  
A Vila de Algodoal  
É de andar interrompida  
Porque na Praia de fora  
Que tem o Lago da Princesa  
Porque na Praia de fora  
Que tem o Lago da Princesa  
A Vila de Algodoal  
É de andar interrompida  
Porque na Praia de fora  
Que tem o Lago da Princesa  
A Vila de Algodoal  
Está ficando adiantada  
Só falta motor de luz, e um cartório e um  
mercado  
A Vila de Algodoal  
É de [verdade]  
E tem beleza  
Porque na Praia de fora  
Que tem o Lago da Princesa

---

<sup>312</sup> Esse Carimbó chega a ser cantado várias vezes na mesma noite. Presenciei duas repetições do mesmo.

<sup>313</sup> O narrador entoava a música e batuca no ritmo do Carimbó. Na "boca da noite", por volta das 17 horas, Sr. Montana, em Julho do mesmo ano, propõe-se a gravar conosco. Na gravação, segue-se mais uma toada e depois uma narrativa sobre a Matintapereira.



O cantor e compositor Chico Braga

**Francisco Paulo Braga (“Chico Braga”), 45 anos, Pescador e Compositor de Carimbó, nascido em Magalhães Barata-PA. A recolha a seguir foi gravada em 24/07/94, em Algodual-PA.**

### 70. Carimbó – I

Adeus minha linda Beleza  
da praia de Algodal  
Ainda eu sinto a saudade  
do meu Belém do Pará  
Eu vou embora daqui  
Não sei quando hei de voltar  
Talvez se eu vou feliz  
Breve eu torno a chegar  
Só levarei a saudade  
Dos morros do Mayandeuá  
Daquelas praia tão linda  
Viva o Lago da Princesa  
E dos peixinhos dourado  
Criado pela natureza  
Aqueles praia tão linda  
São limpa e tão sem iguais  
No veraneio preferem  
Praia de Algodal  
No veraneio preferem  
Praia de Algodal

### 71. Carimbó – II

Minha praia é linda  
Tem o cheiro da flor  
Minha praia é linda  
Linda pra fazer amor  
Minha praia é linda  
Tem o cheiro da flor  
Minha praia é linda  
Linda pra fazer amor  
Minha praia é linda  
É de natureza  
Ela é tão linda  
E tem o nome da Princesa  
Minha praia é linda  
É de natureza  
Ela é tão linda  
E tem o nome da Princesa

### 72. Carimbó – III

Eu já fui em Mocooca  
Também em Fortalezinha  
Agora vou conhecer a Ilha da  
Camboinha

Eu já fui em Mocooca  
Também em Fortalezinha  
Agora vou conhecer  
A Ilha da Camboinha  
É da Camboinha  
Eu vou te mostrar  
Da ponte do Mayandeuá  
Os nativos a atravessar  
Eu já falei contigo  
Agora vou te mostrar  
Da ponte da Camboinha  
Os nativos a atravessar

### 73. Carimbó IV

Sou pescador e vivo do fruto do mar  
Vou navegando mar adentro sem parar  
Sou pescador e vivo do fruto do mar<sup>314</sup>  
Vou navegando mar adentro sem parar  
O meu amor  
Ficou em casa a me esperar  
Quem é do mar tem que estar quando eu  
voltar  
O do mar!  
O do mar!  
Meu companheiro vivo nele a navegar  
O do mar!  
O do mar!  
Meu companheiro vivo nele a navegar!  
Chegando à noite  
Filho da Lua é o mar!  
Mas no outro dia o sol volta a reinar!  
Chegando à noite  
Filho da lua é o mar  
Mas no outro dia  
O sol volta a reinar  
(e agora?!)  
O do mar!  
O do mar!  
Meu companheiro vivo nele a navegar  
O do mar! O do mar!  
Meu companheiro vivo nele a navegar!

<sup>314</sup> O cantador, neste momento, principia a batucar na mesa, dando o ritmo do Carimbó.



Lago da Princesa

*“Aqui existe Matintapereira!”* exclamou Herculana Teixeira (“Tia Princesa”), 53 anos, Lavadeira, permite acampamento em seu quintal em troca de cesta básica, nascida em Mayandeuca, mora na Vila de Algodual. Entrevista gravada em 25/02/94, em Algodual-PA, com a colaboração de Carlos França.



## 74. Entrevista

–Vamos agora com a D. Princesa<sup>315</sup>, uma das pessoas mais conhecidas daqui da Ilha de Mayandeuá, que vai conversar com a gente sobre as histórias que ela sabe também sobre Matintapereira. Fala Princesa! (Carlos)

–[        ]Aqui existe Matintapereira! (D. Princesa)

–Aqui? (Carlos)

–Aqui mesmo! (D. Princesa)

(–Como é que ela é?)

–Ela é...uma pessoa, ela se vira um bicho.

–O que tinha nessa casa que a Sra. falava aqui?

–Aqui nessa casa morava...assoviava aí na porta: “*fiti! Matintapereira!*” Só dobrava (gesto de mão) era sim, a gente ia olhar, não tinha nadinha.

–Aquele assovio? Comadre? E a história do tabaco, a Sra. conta que a Matintapereira...

–Não sei! Aí a gente diz assim: “*vem buscar pimenta! Vem buscar tabaco!*” Aí ela aparecia. Uma vez, aí assoviou, quando foi de manhã cedo, eu levantei, uma Sra. chegou no portão disse assim: “*vem buscar pimenta!*” Quando foi de manhã ela apareceu aí, veio ver a pimenta, D. Maria dos Reis! Ih! Ih! Ih! (Risos)

–Quer dizer, a lógica, é que a D. Maria dos Reis seja Matintapereira?

–Ela foi receber, acho que é ela...

–Comadre, deixa eu ver se eu entendi: que do jeito que...quando dá o assovio, a gente diz assim: “*vem buscar café!*” Aí a primeira pessoa que de manhã vir buscar o café que seria a Matintapereira, é isso? (Carlos)

–É, diz que é né? Eu não sei se é verdade. (Ri)

–Que interessante...quer dizer que...que mais que a Sra. sabe?

–Ih! Ih! Ih!

–Mais alguma história? Foi naquela casa antiga?

–É, aí nessa casa aí, que voava.

---

<sup>315</sup> Herculana Teixeira, ou melhor, “Tia Princesa”, como é conhecida na ilha, é branca e tem olhos azuis. Acabou ganhando, por isso, tal apelido.

–E vem cá, a Sra. lembra da história do porco?

–Qual porco?

–Que uma vez o cara falou que viu uma porção. Tinha isso?

–Aqui tinha dois rapazes, três rapazes que vieram pra cá pra casa aí ...saíram à noite, sabe? Eles vieram lá do Mataíra (uma pousada). Mataíra não! Do Mayandeua, aí passaram aí, eles foram pela mangueira, bem debaixo da mangueira, eles chegaram aqui [porção] aí veio em cima deles! Aí eles correram vieram embora quando chegaram aqui, cansados sabe? “*O que foi hein?*”

“*Foi um porco que correu atrás de nós*”. Diz que sempre aparece aí mesmo uns porcos.

–Nunca porquinho?

–Não! Mas diz que tem!

–Comadre, me diz uma coisa: por que que...falam que tem o encantamento da Princesa aí na praia também...mas falam que tem?

–Falam!

–Por que que será que falam?

–Não sei...eles falam aí, agora eu não sei. Agora tem aqueles velhos antigos que sabem...como o *Seu Mimico*, é um velho antigo.

–É?

–Tu não fostes lá? (pergunta-me)

(–Fui. Ele disse: “ah! Faz muito tempo na ilha...”)<sup>316</sup>

–Ele sabe contar né?

(–Ele sabe contar sim.)

–Porque eu sei quando nós...o tempo que eu estudava aqui em Algodual, a gente...entrava Boto nesse lago aí. Esse lago dela não é mesmo ali onde tomam banho, é bem aqui na frente, onde tem aquele...aqueles barquinhos não tem aquele barquinho bem ali? Lá na subida? É ali que era o lago dela. Era bonito mana! Era bonito! Ali aquele lago que só! Muito bonito!

---

<sup>316</sup> Sr. Mimico não quis dar entrevista, pois estava ocupado tecendo uma rede de pesca, e, ainda não se mostrou receptivo para tal.

–Quer dizer que não é aquele?

–Não! Não é não!

–Eh, eh comadre eh, venha cá, esse lago, esse lagozinho aí, tinha entrada pra...

–Tinha! Tinha sim!

(...) (Fim do lado A)

–A gente enxergava lancha né? A gente enxergava é...os faróis lá dentro do lago dela...assim 'tava lá no lago, a gente enxergava anéis, feijão, cordão, era assim, se a gente não fosse levar aí ela...não sei como é, ela envolvia de noite, ela perturbava a noite inteira a pessoa.

–Mas a Sra. achou alguma coisa mesmo?

–Não. Não achei...

–Só contaram né?

–Contavam. Muita gente contava.

–E o que a Sra...

–Tem muita gente aí que sabe contar. Conhece muita história.

–E vem cá, Comadre, alguém conta de ser encantado, alguém falou pra Sra. que é encantado...que ficou encantado pela Princesa, esse tipo de coisa tem?

–Tem! Tem gente que conta isso sim.

–Mas a Sra. conhece alguém que ficou encantado? Não?

–Não. Acho que não. Não conheço.

## Conclusão

"porque tudo o que vive é sagrado"

(William Blake)

Este é o momento em que tudo se termina por enquanto. Por enquanto, porque nos parece que visto o longo caminho percorrido ainda não é chegada a hora de encerrarmos questões polêmicas e também sensíveis, porque tocam no *pathos* e afetos da humanidade, afinal. Desde sempre o homem se pergunta pelos porquês da vida, suas respostas preenchem o vazio da falta de respostas. E, por procurar as chaves e se defrontar com os enigmas, o homem, aqui o narrador de Mayandeuá, segreda o mistério. Não somos oniscientes, isso é claro. Mayandeuá tornou-se uma resposta metafórica às inquietudes do narrador da ilha. Um sem-nome resguardado na simplicidade de seu dia-a-dia, onde a complexidade do mistério é depurada, na forma paradoxal do simples. No cotidiano do narrador, negociações sim, mas também enigma, e respeito pela vida. O "encantado" é seu refúgio, sua esperança, a eufemização do tempo finito e da morte. Uma imagem feliz de eternidade diante das misérias e corrupções profanas. Mas é preciso que retornemos da viagem, pois como disse Eliot: "*o gênero humano não pode suportar muita realidade*". O imaginário, sendo a verdade de outrem, foi aqui abordado da perspectiva de outrem. Mas vimos também que o sentimento do maravilhoso esconde também inquietudes com as constantes transformações porque passa a ilha. A cultura se transforma, mas nem sempre de forma que não deixe um rastro de dor e lamento entre os narradores pelo que se perdeu: uma paisagem, a voz especializada de um contador de histórias...

No primeiro capítulo, foi nossa intenção localizar o leitor, geográfica e historicamente: Mayandeuá não era só uma metáfora, tendo existência real e histórica. Depois, com as histórias sobre a Princesa, os encantados, a rica cidade do fundo do mar, vimos que havia historicidade na tradição recontada, inclusive nas fontes escritas. Após termos construído o chão para caminharmos, passamos a refletir sobre os temas do imaginário, da tradição e da cultura – eles todos conceitos polêmicos e moventes. A partir de Veyne, foi possível trabalhar a interpretação das narrativas do ponto de vista do narrador, isto é, considerando-as como verdadeiras. Contudo, na tentativa de ir à raiz das

consciências imaginantes, fizemos uma incursão ao mundo do simbolismo, para ler com mais profundidade os motivos recorrentes na ilha. Percebemos, assim, que a criação do narrador não se dá a partir do nada, ele se inspira em motivos já pré-existentes em sua tradição oral, nem que sejam apenas fragmentos, e o são, já que a própria memória, mesmo erguendo-se contra a fragmentação, é reconstruída a partir do retalho. E o evento surge aí como algo significativo, pois marca o interior das construções expressivas.

Foi nossa pretensão analisar a relação do narrador de Mayandeuá com seu espaço-tempo. Seus *testemunhos poéticos* acabaram por nos revelar a ânsia de eternidade desses narradores que, em suas criações, mostraram preferir um além no espaço, a um tempo que se consome e se mostra implacável. Além disso, vimos que, por detrás da mitopoética anunciada, os narradores deixavam transparecer uma preocupação ecológica com a preservação do espaço deles e com o manejo dos recursos naturais, sobretudo em narrativas que envolvem transgressões e abusos à natureza.

Recortamos o imaginário de Mayandeuá, explorando-lhes apenas as imagens referentes aos “encantados”, sabemos que há muito mais a ser abarcado. E nossa interpretação não esgota de modo algum a abordagem dessas narrativas. No rico manancial de imagens da comunidade, notamos que sua criação engendra aspectos do texto social que chamamos de cultura, que são textos de vida constituídos em cima da natureza. E textos que, algumas vezes, por si só, já são bastantes ricos: uma casa de farinha; na cozinha, abanos de palha, alguidares, potes, as próprias casas de palhoça e madeira. Inclusive, a impressão que se tem é de que essas casas estão soltas e de repente podem desaparecer, como se fossem moradias descartáveis. Mas as comunidades adaptam-se ao seu ecossistema, obedecendo ao ciclo natural das marés para se alimentarem, por exemplo.

E, no meio dessa vida simples, mas desafiadora, o imaginário surge como algo de avassaladora verdade. Na região do Salgado, em Vigia, um cego contou à geógrafa Graça Santana como ele havia perdido a visão: um dia seus pais ter-lhe-iam dito para não ir pescar nas águas do Mayandeuá, pois isso poderia ser-lhe fatal. Um dia, às cinco horas da tarde, ele resolvera partir rumo à ilha. Mayandeuá foi, então, avistada já à noite, completamente iluminada, mas, com a emoção, o jovem pescador desmaiara, e no momento em que despertara, já em sua casa, descobrira-se cego, por ter desobedecido sua mãe e ido à terra

proibida. O cego contou também conhecer as histórias do cavalo-marinho, que trotava na comunidade de Itapuá, considerada pelos seus nativos também uma terra encantada.

Pode parecer paradoxal em final de milênio, em uma época de crises e de desencanto, falar de encantamentos, Princesas e afins. O fato é que, nesse momento de desorientação geral, pequenas comunidades mostram-se também inquietas com as mudanças, revelando uma necessidade de narrar esses temas como modo de sobreviver às agruras e atendendo à voz do desejo. Um desejo que se quer pleno, ao invés de viver cruamente o caótico e fragmentário real. Por esta eufemização, que já narramos como função da fantástica, nota-se também que o narrador quer a melhoria das suas condições de vida. E sua resposta às provocações do presente é, e sempre foi, uma poética, ou melhor, uma mitopoética, fruto do alumbramento de seu próprio experimentar do espaço.

Mas tudo isso já foi dito. É tempo de terminar e fechar o círculo. Por trás de tantas vozes por hora momentaneamente obrigadas a calarem-se ao cair dessa cortina, achamos que diante de tanta fragmentação, há um movimento em surdina, mas que se torna cada vez mais audível, de retorno às origens, à *arqué* nessa época do pós-colonial. Falar em supra-realidades talvez seja uma forma de coroar a feliz e redentora imaginação bachelardiana, que está no poder definitivamente, mas que, na sua plenitude, luta contra a esquizofrenia reinante. Porém, isso é apenas um “acho” e por isso encerramos por aqui, pois, como disse Noel Rosa, “quem acha vive se perdendo...”

## Bibliografia

- ALGODOAL. *Diário do Pará*, Belém, 26 jul 1998, caderno especial Verão 98, pp. 04-07.
- AMAZÔNIA: UM TESOURO AMEAÇADO. *Revista Veja*, 24 dez 1997, número 1527, 97 páginas.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- A PROVÍNCIA DO PARÁ*. Suplemento especial com a “história dos Municípios do Pará”, Belém, 27 e 28 de março de 1994.
- \_\_\_\_\_. Belém, 22 de janeiro de 1999. Sessão “cidades”.
- AUGÉ, Marc. *A Guerra dos Sonhos: exercícios de etnoficção*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Coleção Travessia do Século, Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Trad. De Myriam Ávila [et. Alii] Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BACHELARD, G. *A Água e os Sonhos*. Trad. Antônio de Pádua Danessi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A Poética do Devaneio*. Martins Fontes, São Paulo, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A Poética do Espaço*. Col. Os Pensadores, abril cultural, 1ª. Ed., fevereiro, 1974, São Paulo.
- BARBIER, René. “Sobre o imaginário” in *Em Aberto*. Brasília, ano 14, no. 61, jan/mar. 1994.
- BARTHES, Roland. *O Prazer do texto*. Lisboa, Ed. 70, 1977.
- \_\_\_\_\_. et alii. *Introdução à Análise Estrutural da Narrativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Fragments de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de Estética*. 3ª. Ed., São Paulo, 1993.

- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Trad. Paulo Neves, São Paulo: Martins fontes, 1999.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa, Portugal: Difel, 1989.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1996.  
 ————. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ática, 1988.
- BURKE, P. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1989.
- CALAMÉ-GRIAULE, Geneviève. *Ethnologie et langage: la parole chez les Dogons*. Paris: Institut d'ethnologie, 1986.
- CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo (Org.) *A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CHALHUB, Samira (org.) *Pós-Moderno: artes plásticas, cultura, literatura, psicanálise, semiótica*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994.
- CHARTIER, Roger. *Culture Écrite et Société*. Paris, édition Albin Michel, 1996.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRAN, Alain. *Dictionnaire des Symboles*. Paris: Robert Lafond, Jupiter, 1982.
- CALVINO, Ítalo. *Seis Propostas para o Próximo Milênio*. Cia das Letras, São Paulo, 1990.  
 ————. *Fábulas Italianas*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo, Cia das Letras, 1992.
- CARVALHO, Pádua de. “Folhetim: lendas e superstições – Mayandeua”. *Diário de notícias*. 14 nov. 1886. Arquivo de microfilmes do Centur, Belém-PA.
- CASTORIADIS, Cornelius. “A Instituição e o Imaginário” in *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Trad. Guy Reinaud, rev. Técnica Luíz Fortes. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.



- CAILLOIS, Roger. *O Homem e o Sagrado*. Trad. Germiniano Cascais Franco. Lisboa: ed. 70, 1988.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio ed./MEC, Brasília: INL, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- CASTILHO, Luís Heleno Montoril Del. "O Boto e a Modernidade" in *Fisiognomia da Cidade dos trópicos: estudo sobre três olhares e um lugar em transformação, a Belém do ciclo da Borracha*. Belém: UFPA, 1997. (Dissertação de Mestrado em Teoria Literária)
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A Cultura no Plural*. Campinas: Papyrus, 1995.
- CIRLOT, Juan Eduardo. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984.
- CRUZ, Benedita Martins da. *Fragments de estórias amazônicas: memória e performance*. Belém: UFPA, 1997. (Dissertação de Mestrado).
- DURAND, Gilbert. "Exploration de l'Imaginaire" in *O Imaginário e a Simbologia da Passagem*. Org. D. P. Rocha Pitta. Trad. Hulmo Passos. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1984.
- \_\_\_\_\_. "Situação atual do Símbolo e do Imaginário" in *A Fé do sapateiro*. Ed. Universidade de Brasília, 1995.
- \_\_\_\_\_. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Trad. Helder Coutinho: São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A Imaginação Simbólica*. Ed. 70/ Perspectivas do Homem, Lisboa, 6ª. Ed., 1993.
- DELUMEAU, Jean. *Mil anos de Felicidade*. Cia das Letras: São Paulo, 1997.
- DUCROT, O. & TODOROV, T. *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Lisboa, Dom Quixote, 1974.

- D'INCAO, Ma. Ângela & SILVEIRA, Isolda Maciel (orgs.) *A Amazônia e a Crise da Modernização*. Col. Eduardo Galvão, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém-PA, 1994.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo, Ed. Da UNESP/ Boitempo Editorial, 1997.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Mito e Realidade*. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1972.
- FARAGE, Nádia. *As Flores da fala: práticas retóricas entre os Wapishana*. São Paulo: USP, 1997. (tese de doutorado em literatura comparada)
- FARES, Josebel Akel. *Imagens da Mitopoética Amazônica: um memorial das Matintas Pereras*. Dissertação de Mestrado. Orientador: Ernani Chaves. Belém: UFPA, 1997.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *A Cidade dos Encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia. A constituição de um campo de estudo - 1870-1950*. Campinas: IFCH-UNICAMP, 1996 (Dissertação de Mestrado).
- GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1955.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. Ed. Da UNICAMP/ FAPESP/ Perspectiva, São Paulo, 1994.
- GREENBLATT, Stephen. *Possessões Maravilhosas: o deslumbramento do novo mundo*. Trad. Gilson Souza, São Paulo: EdUSP, 1996.
- GUSDORF, Georges. *Le Romantisme I*, Paris: Editions Payot & Rivages, 1982.
- GUSMÃO, Clóvis de. "Mayandeua!" in *Revista de Antropofagia*. 2ª denteção. São Paulo, 31 mar 1929.
- HARDMAN, Francisco Foot (org.) *Morte e Progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Trem-fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX*. 2ª. Ed., São Paulo: Cia das Letras, 1997.

- \_\_\_\_\_ & RANGER, Terence(Org.) *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- ISER, Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma Antropologia Literária*. Trad.: Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- IFNOPAP - Programa de Pesquisa: *O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense*, coordenados pelos professores Christophe Golder e Ma. Do P. Socorro Galvão Simões, do Centro de Letras e Artes da UFPA.
- JUNG, C. G. *Psicologia do Inconsciente*. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: Petrópolis/ Vozes, 1987.
- JOLLES, A. *As Formas Simples*. Cultrix, São Paulo, 1976.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos Modernos*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário: razão e imaginário no ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LIXO AMEAÇA BELEZA NATURAL DE ALGODOAL. *A Província do Pará*. 22 Jan 1999, sessão "Cidades", p. 01.
- LÉVI-STRAUSS, C. *O Pensamento Selvagem*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Tristes Trópicos*. Lisboa: Ed. 70, 1986.
- \_\_\_\_\_. "Un Autre Regard", *Revista L'Homme: La Remontée de l'Amazonie, Anthropologie et histoire des sociétés amazoniennes*, avril-décembre 1993, pp. 8-10.
- LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Trad. Manuel ruas. Portugal: Estampa, 1994.
- LIMA, Francisco Assis de Souza. *Conto Popular e Comunidade Narrativa*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1975.
- LOTMAN, Youri. *La Semiosphère*. Traduction Anka Ledenko, Limoges: Pulim, 1999.

- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Ed. Cejup, Belém-PA, 1995.
- \_\_\_\_\_. “Cultura na Amazônia e Colonialismo interno” in *Elementos de Estética*. 2ª. Ed., Cejup, Belém-PA, 1988.
- LOUREIRO, Violeta Refkalefsky [et. Alii] *Inventário Cultural e Turístico do Salgado*. 2ª. Ed., Belém: IDESP, 1987.
- MAUÉS, Raymundo Herald. *Padres, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesiástico – um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia*. Belém: Cejup, 1995.
- MELETINSKI. *Os arquétipos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- MOURA, Lévi Hall de. “Maiandeua” in *Revista da Academia Paraense de Letras*. Vol VII, Agosto, 1955, p. 89.
- MOISÉS, Massaud. *A Criação literária*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- ORICO, Osvaldo. *Mitos Ameríndios e Crendices Amazônicas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975.
- OVERING, J. 1989. “The aesthetics of production: the sense of community among the Cubeo and the Piaroa”. *Dialectical Anthropology*, 14: 159-175.
- \_\_\_\_\_. 1990 “The Shaman as a Maker of Worlds: Nelson Goodman in the Amazon”. *Man*, 25: 602-19.
- PAULME, Denise. *La Mère Devorante: essai sur la morphologie des contes africains*. Paris: Gallimard, 1976.
- PARAÍSO ESPERA POR PRESERVAÇÃO. *O Liberal*, Belém, 21 fev 1999, caderno de atualidades.
- PAIXÃO, Elizel Nascimento da. *Maracanã: meu encanto*. Prefeitura Municipal de Maracanã, Pará, 1994.
- \_\_\_\_\_. “Algodoal de todas as lendas”. *O Liberal*, Belém, 13 jul. 1997, caderno de atualidades.
- PINO, Dino Del. *Espaço e Textualidade: quatro estudos quase-semióticos*. Porto Alegre, mercado Aberto, São Leopoldo RS/ Unisinos, 1998.

- PIRES FERREIRA, Jeruza. *Cavalaria em Cordel: o passo das águas mortas*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- PROPP, Vladimir. *Morphologie du conte*. Paris: Poétique/Seuil, 1970.
- REIS, Carlos & Lopes, Ana C. M. *Dicionário de Narratologia*. Lisboa, Almedina, 1987.
- RICOEUR, Paul [et. Alii.] *As Culturas e o tempo: ensaios reunidos pela UNESCO*. Trad. De Gentil Tilton [et alii]. Petrópolis, Vozes; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.
- RISÉRIO, A. *Textos e Tribos: poéticas extraocidentais nos trópicos brasileiros*. Rio de Janeiro, Ed. Iamago, 1993.
- ROCQUE, Carlos. “Maiandeuá”, “Caruana” in *Grande enciclopédia da Amazônia*. Vol. IV, amel editora Ltda., 1968, p. 1033 e p. 450.
- \_\_\_\_\_. *Antologia da cultura amazônica*. Amazônia Ed. Culturais Ltda. (Amada), 1968.
- ROUANET, Sérgio Paulo. “A verdade e a Ilusão do Pós-Modernismo” in *As Razões do Iluminismo*. Cia das Letras, SP, 1987.
- SALLES, Vicente. *Épocas do Teatro no Grão-Pará: ou apresentação do teatro de época*. Belém: UFPA, 1994. Tomo 1.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Trad. Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Ilhas de História*. Trad. Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990 (1987).
- \_\_\_\_\_. “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção” (parte I e II) in *Revista Mana*, fev. e outubro, 1997.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 4ª. Ed., Cortez ed., Sao Paulo, 1997.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von, org. *Os desafios Contemporâneos da História Oral*. Campinas/Área de Publicações/ CMU/ UNICAMP, 1997.
- SEARLE, J. *Expressão e Significado*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

- SCHOLES, Robert & KELLOGG, R. *A Natureza da Narrativa*. Recife, Mcgraw-Hill, 1977.
- TODOROV, T. *Os Gêneros do Discurso*. Coimbra, Almedina, 1977.
- \_\_\_\_\_. *La Conquête de l'Amérique: La question de l'autre*. Paris: Editions du Seuil, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Nous et les Autres: la reflexion française sur la diversité humaine*. Paris: Editions du Seuil, 1989.
- VEYNE, P. *Acreditavam os gregos em seus mitos?* Trad. Horácio González [et alii] São Paulo: Brasiliense, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A Elegia Erótica Romana: o amor, a poesia e o ocidente* Trad. Milton Meira do Nascimento [et alii] São Paulo: Brasiliense: 1985.
- WELLBERY, David. *Neo-Retórica e Desconstrução*. Org. Luís Costa Lima [et alii]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec/educ, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A Letra e a Voz*. São Paulo, Cia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. *La mesure du monde*. Ed. Du Seuil, Paris, 1993.
- \_\_\_\_\_. "Permanência da voz" in *Revista O Correio*, Unesco, Outubro 1985, ano 13, pp. 05-08.
- \_\_\_\_\_. *Tradição e esquecimento*. São Paulo: Hucitec, 1994.

**CONCERTO  
S  
DO TEMPO:**

**Vozes da Memória**

*“De cacos, de buracos,/de hiatos e de  
vácuos/de elipses, psius/ faz-se, desfaz-se, faz-  
se/Uma incorpórea face/ resumo de existido.”*

**(Carlos Drummond de Andrade)**



## **CONCERTOS DO TEMPO: Vozes da Memória**

Caro leitor, como numa viagem de olhos fechados, adentremos o túnel que leva ao mundo recortado da memória. Infelizmente, não se trata aqui de nenhum Proust, mas de alguém que deseja apenas contar um pouco do que percebeu voluntariamente no escuro lugar de tempos primevos. Queria compreender e atar os fios. Talvez nem todos sejam atados, mas alguns focos serão revelados. Cenas. Sons. Luzes que se jogam na escuridão profunda. Ande para trás. Para trás, sempre na contramão. Caia. Deixe-se abater pela náusea. A gravidade é um trunfo. Não seja senão um espectador passivo. A supra-realidade o toma e aniquila seu ego mortal. Ei-lo então diante da seguinte cena, em Dó menor:

Uma sala escura. Iluminada apenas pela chama de algumas velas. E então...você assiste a um ritual de relembrar. Não interfira. No centro de uma pequena casa de madeira, o assoalho treme a cada pisada, o rumor do vento noturno é escutado. Lua Negra. Uma voz se pronuncia na bruma. O verbo...a palavra se constrói e tece sua armadilha, teia. Urdidura de uma voz que, ora se altera, ora se acalma. Os gestos...as mãos que falam a história. A face já enrugada pelo tempo, sulcos de muitas estradas percorridas. Sinta o medo na platéia. São crianças que, à falta de energia elétrica, correm para a casa de meu tio para ouvirem suas histórias de assombração. A voz que lhe fala também está presente no grupo. Diante de nossos olhos assustados e excitados, posso lhe dizer, desfilavam fantasmas da antiga cidade de Belém: eles se dependuravam pelos bondes, subiam nas mangueiras, moravam no cemitério da Soledade e, às vezes, eram moças e carnavalescos que se materializavam durante o Carnaval ou dentro de um táxi. Sempre acabavam evaporando sem deixar sequer um adeus à vítima. Chegue mais perto. Escute o silêncio, ou o coração. O medo. As palavras surgindo do corpo cansado. Totó foi o primeiro contador de estórias que conheci...Fixe a imagem viva deste narrador. Ele encena seu drama somente na escuridão.

Nada mais que isso. Acompanhe-me e entre em outra alameda. Continue seu passeio pelo bosque do passado. Usufrua da composição. Posso lhe contar que havia também flores violetas. A menina costumava sugar o néctar das flores, e era sempre

alertada por sua mãe para que não tocasse naquelas: eram flores de bruxa. Que Bruxa? Sua bruxa se remetia aos Contos de Grimm, lidos vivamente por sua mãe, que alimentara seu imaginário, contando-lhe também histórias fantásticas de sua terra natal, Parintins, no Amazonas. Então, pela voz melodiosa de sua mãe, a Bruxa européia se misturava ao Curupira, à Matintapereira, ao gigante de um olho só, chamado por aquelas bandas, de *Tapiira-irauara*. Faço este relato baseado no que ouvi da boca de minha mãe. Mas veja com seus próprios olhos:

Mergulhando...mergulhando...a areia do tempo virando a ampulheta, e mergulhamos – é necessário – vejamos mais. Nada temos a perder. Só o tempo, que nos devora a todos. E ele sempre importou. Saturno era importante sim. Apenas melhorar o tempo. Um segundo que fosse poderia me levar ao pódio da vitória. Isso às vezes acontecia, outras vezes não. Era a natação que pareceu me transformar em peixe durante um certo período. Vamos juntos: nade. A melodia do passado chega facilmente aos ouvidos: vá ao som de *Carruagens de Fogo*, de Vangelis. Fique fora do mundo dos conflitos, há apenas a água para vencer e você é seu próprio inimigo, seu corpo, sua mente, sua respiração. Viver é esse não-ser, sendo, ossos inexistentes, maleáveis, jogo de vida e sombra, como num sonho. Faça a virada olímpica. O mundo gira. O que Vangelis anuncia? E como em delírio presencie o encontro com seres que não existem mais: antigos atletas nadam conosco, trajam shorts brancos, como não se vê mais. Cronos está à sua espera e travará o relógio. Você terá melhorado o tempo. O técnico se alegrará com sua performance. Não há medo. Lembre-se: esta é apenas ilusão. Ilusão útil. Imaginação.

Impossível negar: meu corpo mergulha na memória destes tempos. Água primeira. Útero materno. A primeira mamadeira e o tapete azul. O mingau de banana. Viver era apenas sentir uma brisa suave, numa melodia que ia de um doce despertar até o adormecer novamente. Alguns brinquedos. Fantasias. Um peixe escuro e quieto. Mergulhos e mergulhos até o fundo. A lembrança se recorta suavemente. Mas tem cor e cheiro. Azul, amarelo. A vida tem cor. E música.

Meu avô e seu milho sendo assado no quintal. Não gostava que eu assobiasse – era coisa de homem. Ele gostava de sua blusa azul clara. Contava histórias, mas eu me cansava de ouvi-lo, sempre perdia a voz no meio da narração e prosseguia como se nada tivesse

acontecido. Totó sim é que sabia contar! Havia um certo prazer em se ouvir falar de assombrações. Medo e sedução. Ela que sempre foi considerada do mal, do jogo, do artifício. (Você concorda? Baudrillard sim.) Contar não era natural. Era sedução. Construção. De um prédio que sempre parece arruinado, mas que nunca está: ele se chama tradição. Tem altura, intensidade, duração e timbre, tudo ocorrendo a um só tempo. Havia também o verde. Verde e uma queda da árvore de cacau, como essa aqui. Toque-a. Sobrevivi por sorte. Existia um forte e último galho. Mas o sentido das cores era sempre o da liberdade.

Mas tudo passava, ora como a água, ora como um vendaval. Um dia, quando me dei conta já estava na Universidade. *Imaginário*. Canto irresistível. Sempre gostei de fantasmagorias. Bolsista de iniciação científica. Era com um imenso prazer que recebia a todos de volta... todos os seres imaginários... e o tecer passou a reviver outras paragens de sonho e fantasia, a performance dos narradores entremeou-se de outras vozes, vindas de minha própria memória, talvez porque tudo se tratava afinal de *arquê*. Origem. Uma explosão de múltiplas vocalidades. Vida humana. Não esquizofrenia. Apesar da fragmentação. Presencie: o som se incorpora de ritmos variados; os acordes parecem dissonantes, mas, mesmo assim, as ondas tomam corpo (e cor) e acabam vibrando em uma harmonia *plural como o universo*.

Deixe o caos. Suba a escada. Entre agora nesta sala. Veja um grupo em reunião. Estamos estabelecendo alguns princípios básicos que devem ser seguidos na Pesquisa de Campo, bem como algumas “achegas” para a transcrição de fitas. Este é o primeiro grupo do “Imaginário”. Você não entendeu, eu explico: em 1993, criação do Programa de Pesquisa *O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense* vinculado ao Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará, e coordenado pelos professores Christophe Golder, semiótico; e Socorro Simões, profa. de Literatura Portuguesa. Sob a égide da imaginação e dos mitos, e sofrendo ventos e tempestades, resolvem recolher todo tipo de histórias da região, sem limitação quanto a assuntos (contos, “causos”, anedotas, cantigas, poemas, etc.) e com o intuito inicial de formar um grande acervo do imaginário da região amazônica paraense. Logo, logo, o Projeto cresceu e se transformou em Projeto

Integrado em 1995. Fui também no barco. Sempre gostei de viajar. Escute: navegar era preciso e bem vindo.

*Mitologia e Realidade Próxima* — foi o projeto/barco que me inseri junto a Profa. Zélia Amador. Passei então a buscar, na pesquisa de campo, e na teórica, algo diferente do que eu já conhecia: além do fantástico, presente em tantos relatos recolhidos na cidade, o maravilhoso dos mitos. Lévi-Strauss e sua teoria estruturalista com os mitos se contando entre si, como uma partitura de Wagner, embalara muitas viagens pelas narrativas acerca do mito do Boto. Espírito Santo, Florianópolis...Este D. Juan era lançado à platéia sob o fundo musical de Waldemar Henrique, “*Foi Boto, Sinhá.*” Com texto de Antônio Tavernard, de 1953, esta canção sempre encerrava minhas apresentações.

E ainda nesse compasso, na pesquisa de campo, fiz um percurso do urbano para o rural. Do Bairro da Pedreira, para a Ilha de Mosqueiro, e depois para a Região do Salgado: Vigia e Algodoal. Notar nuances, performances e vocalidades diferentes era inevitável. Eram diversos “sistemas passionais” em jogo. O difícil, caro leitor, era não se envolver. Mas sente-se, ouça mais...

Em Belém, muitos contaram (mesmo dizendo que não contavam). Sob o signo da caça, porém, eu queria ‘saber’ as vozes do interior e, assim, saí à procura do que me indicavam os narradores da cidade: “quanto mais longe, melhor”. E era verdade. A cidade misturava sua urbanidade com vozes longínquas vindas da zona rural. O narrador que havia vivido no interior tinha repertório diferente daquele que tinha nascido e crescido na cidade grande. Sua memória corporal era outra. Indo para o interior — concordava minha orientadora — haveria mais chances de se encontrar narrativas míticas do que na vivência de Belém. Fiz assim: procurei notas diferentes da primeira partitura.

Com esses acordes em movimento, partamos. O compasso é dado agora pela dança dos barcos, atracados no Porto, em frente ao Bar “Maré Mansa”, em Marudá. Olhe e perceba: eles se parecem todos. Nuances de vermelho, de laranja. Viajaremos então no Barco chamado “Aurora”, pilotado por alguém conhecido como “Dezenove”. Não chegaremos em momento festivo. Enquanto os turistas partem (o Carnaval está acabando), aportaremos na ilha semi-deserta para a pesquisa. Sinta a travessia: o rumor das ondas do mar ecoam em seus ouvidos.

Respire assim a imensidão azul. Pise a areia quente e branca de Algodual. Saiba: a Ilha de Mayandeuá, surgiu-me, à primeira vista, com toda sua aura, e a canção inocente — mas também sofrida — de seus menestrelis. Mas só à primeira visada. Na segunda, percebi que havia todo um imaginário na ilha, constituído histórica e culturalmente — nada por acaso, portanto, sem inocência. Mas o acaso me levou a várias memórias...

Gravei suas vozes no gravador: conselhos, ensinamentos, receitas, histórias de pescador, de caçador, de seres encantados, de princesas, feitiços — histórias de Vida. Tentei assimilar suas performances. Não satisfeita ainda, registrei a musicalidade deles e fotografei olhos que, em geral, haviam acabado de efetuar um transporte narrativo para o reino da abundância, da harmonia e da felicidade. E é por causa desses inúmeros olhos entrevistados que acabei aportando por aqui. E também por todas minhas pulsões, compreendidas ou não. Veja bem. Ir até o Paraíso não é nada nefasto. Quando começamos a voltar e olhar em torno, vemos que a narrativa de que participamos em sinfonia e conjuntamente ao narrador foi também fuga de uma realidade cruel, de um povo sofrido, mas cheio de esperança. Eles esperam algo de você. Às vezes resoluções políticas que você não pode dar. E isso dói. Não se apaixone, nem sofra. Comece a voltar. Esqueça a música e o batuque que teimam em surgir do fundo do mar, na curva do morro do “Canta Galo”. Venha. Siga as notas uma a uma. E guarde este segredo. *Tem um mistério que bate no coração, força de uma canção, que tem o dom de encantar...*

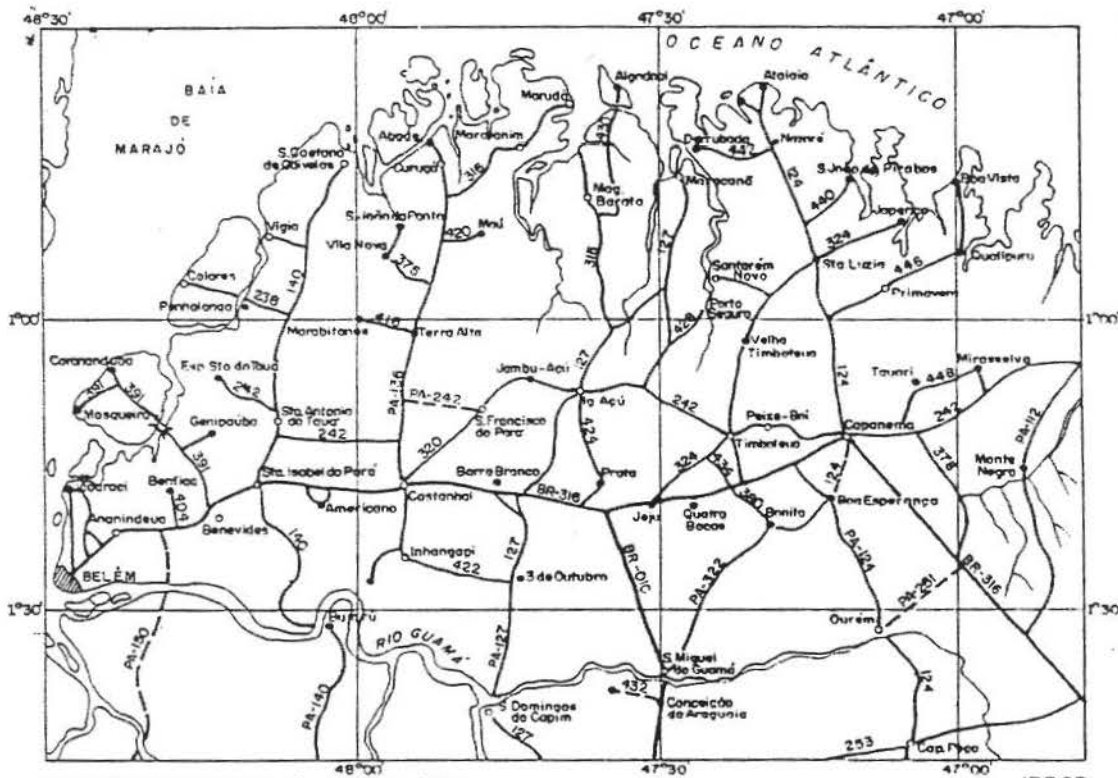
Não se deixe aniquilar pela força poética do mito. Escorregue pelo túnel e, fechando os olhos, mergulhe no sentido do tempo, a favor de Cronos. Ao menos conte o que viu e experimentou. Tente resolver esse paradoxo: felicidade e dor, pois foi assim — acho — que vim tentar desenrolar esses fios do absurdo, neste momento.

Outra coisa, quero deixar registrado: talvez seja o sono. Ou o silêncio. O fato é que, nesta madrugada, na Vila São João, tão parecida com Algodual (por que será? As estrelas?) tudo se enche de poesia. Talvez pela distância das vozes. Tudo vem de tão longe, que, pela nostalgia, ganham um suave sabor de mistério...Algumas vozes até já se extinguiram da vida. Mas não da memória, que as eterniza. Perdão, o recorte chega até mim viciado pelo tempo, a lembrança se tornou ficção. Algumas imagens têm mais cores que outras. Algumas cores se destacam. Outras ficam na penumbra. Convenientemente escondidas. À

espera de que algo as descubra e provoque seu nascimento para a luz. Eu também gosto de Paraíso. Como os que sonham com Mayandeua – a terra de abundância e de mil anos de felicidade. Por isso talvez seja melhor, calar-me como a esfinge, e propor um enigma a vocês, leitores, para que decifrem Mayandeua ou sejam devorados pela leitura<sup>317</sup>. Portanto,

---

<sup>317</sup> Campinas, Barão Geraldo, Vila São João, 11/04/99 01:32:28. Modificado em 19/04/99 01:08:42. E 23/04/99 20:57:31.



MAPA RODOVIÁRIO  
DA MICRORREGIÃO  
DO SALGADO  
DO PARÁ  
MRH - 23

LEGENDA

- Municípios
- Vilas e Povoados
- Rodovias Federais
- Rodovias Estaduais
- - - Rodovias Projetadas

ESC APROX  
1:1.400.000

Fonte: Sistema RodoAeroperuário - DER - Pa. / 1987

## Resumé

*Imaginaire, tradition, culture et modernité* sont des thèmes qui traversent ce travail, pour donner le ton et la perspective d'analyse des récits enregistrés entre des habitants d'une île, appelée *Mayandeua*, localisé dans l'Amazonie, au littoral du Pará. Les récits qui ont été choisis et analysés ont été avant transcrits et font partie d'un *corpus* plus grand de 590 heures d'enregistrement environ. Ils ont été faits entre les gens de cette île pendant les années de 1994-5. On cherche lire la relation que ces narrateurs oraux ont avec son propre environnement et l'espace-temps, et, de la même façon, le sens des motifs plus fréquents dans les récits, comme le motif de la Princesse, avec l'intention de se traduire un aspect de son imaginaire. L'événement, dans cette traduction culturelle, est un élément important pour la lecture de la thématique travaillée: il révèle la présence du merveilleux et de la surprise dans les contenus des récits. Cependant, même avec la présence de l'événement dans l'acte de parole et dans l'intérieur des récits, la création des narrateurs ne se fait pas du rien, elle s'inspire dans les vertiges laissés par la tradition, laquelle est, à tout instant, inventée. L'historicité de cet imaginaire est aussi nuancée: on a décrit la présence de l'île dans les archives écrites en révélant le dialogue entre écrivains et narrateurs oraux depuis une chronique sur l'île de 1886. En plus, lire un aspect de l'imaginaire de *Mayandeua*, c'est-à-dire: le motif de la Princesse et des "enchantés" met en évidence le sens esthétique des narrateurs lié à une éthique: le souci avec la préservation de son espace. Cette inquiétude se révèle dans le regard du narrateur comme une crise entre ce qu'on peut nommer de *tradition* et de *modernité*.

## Abstract

*Vision, tradition, culture, and modernity* are themes that pass through this work, giving the tone and perspective of the analysis of narratives recorded among the inhabitants of the island of *Mayandeua*, located in Amazonia on the coast of the Brazilian state of Pará. The narratives selected and analyzed were earlier transcribed, and form part of a greater corpus of approximately 590 hours of recordings made among the natives of this island during 1994 and 1995. This analysis attempts to interpret the relation that these oral narrators have with their environment and with space-time, and to interpret the sense of the images most frequently found in the narratives, for example that of the Princess, with the intention of translating some aspect of the narrators' vision. The coincidental event, in this cultural translation, is an important element for the interpretation of the theme under consideration: it reveals the presence of the marvelous and of surprise in the content of the narratives. Even with the presence of the coincidental event in the act of narration and in the interior of the narratives, the creation of the narrators is not made out of nothing, but is inspired by the vestiges left of tradition, which is at every instant invented. The historicity of this vision is also nuanced: we describe the presence of the island in written archives, revealing the dialogue between writers and oral narrators ever since a chronicle was written about the island in 1886. Above all, this analysis interprets an aspect of the vision of *Mayandeua*: the recurrent image of the Princess and the "encantados" (spirits) makes evident that the aesthetic sense of the narratives is linked to an ethic, namely, the preoccupation with the preservation of the narrators' space. This inquietude reveals itself in the eyes of the narrator as a crisis between that which we call *tradition* and that which we call *modernity*.